

Revista **Teopraxis**

v. 38, n. 131, Jul./Dez./2021

ISSN on-line: 2763-5201

ESPIRITUALIDADE, COMPROMISSO E MISSÃO



T314

Revista Teopraxis, vol.1, n.1(1984-) / Instituto de Teologia e Pastoral. Passo Fundo: ITEPA, 1984 -v. vol.38
- n°131, Jul.-Dez./2021. Semestral.

ISSN:1677-860X versão impressa (descontinuada)

ISSN:2763-5201 versão eletrônica

1.Teologia -Periódicos I. Instituto de Teologia e Pastoral-ITEPA

Catálogo na fonte: Bibliotecária Valderes de Rezende - CRB 10/2588

EQUIPE EDITORIAL

Diretoria do Itepa

Dr. Pe. Rogério Luiz Zanini - Diretor Executivo
Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero - Vice-Diretor Executivo
Dr. Pe. Clair Favreto - Administrador – Tesoureiro
Ms. Pe. Jair Carlesso – Secretário

Editor chefe

Dr. Pe. Clair Favreto - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Comissão editorial

Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa
Ms. Selina Maria Dal Moro - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa
Dr. Pe. Rogério Luiz Zanini - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa
Dr. Regiano Bregalda - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Conselho Editorial

Dr. Dom Leomar Antônio Brustolin - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS
Dr. Claudio Almir Dalbosco - Universidade de Passo Fundo - UPF
Dr. Edivaldo José Bortoleto - Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Dr. Frei Luis Carlos Susin - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS
Dra. Maristela Dal Moro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Dr. Pe. Leo Konzen - Instituto Missioneiro de Teologia - IMT
Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa
Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa
Ms. Pe. Jair Carlesso - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Revisão de linguagem

Dr. Pe. Clair Favreto
Eunice Maria da Silva

Editoração

Edimar Scopel

Contato

Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa
Rua Senador Pinheiro, 350
Vila Rodrigues, Passo Fundo – RS
CEP: 99070-220
Telefone: (54) 3045 6272
Email: itepafaculdades@gmail.com
Site: <https://itepa.com.br/ojs/index.php/teopraxis>

SUMÁRIO

Editorial.....	4
<i>Rogério L. Zanini</i>	
Espiritualidade Cristã e compromisso social: Um desafio de amor.....	7
Christian Spirituality and social commitment: A love challenge	
<i>Dom Sílvio Guterres Dutra, Elisandro Guindani e Renan Paloschi Zanandréa</i>	
Fundamentos para uma espiritualidade sacerdotal à luz do	
Magistério recente da Igreja.....	17
Foundations for a priestly spirituality in the light of the Church's recent Magistry	
<i>Dom Cleocir Bonetti e Leonardo Fávero</i>	
Paulo e a integração: cultura, religião, corporalidade e espiritualidade.....	39
Paulo and integration: culture, religion, corporeality and spirituality	
<i>Isidoro Mazzarolo</i>	
Francisco de Assis, a paz vem do beijo na face do irmão leproso.....	58
Francis of Assisi, peace comes from kissing the leper brother's face	
<i>Ivanir Antonio Rampon</i>	
O “Permanecer no Amor” (cf. Jo 15,9) para ser missão:	
A autêntica Espiritualidade Cristã é elemento imprescindível para a	
identidade missionária da Igreja e de cada fiel cristão.....	66
To “Stay in Love” (cf. Jn 15:9) to be mission: Authentic Christian Spirituality is an essential element for the missionary identity of the Church and of every Christian believer.	
<i>Daniel Luz Rocchetti</i>	
A santidade laical à luz da Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate:	
uma santidade ordinária, simples e para todos.....	80
The lay sanctity in light of the Gaudete et Exsultate Apostolic Exhortation:	
an ordinary and simple sanctity for all	
<i>Vitoria Bertaso Andreatta De Carli</i>	
Mística e missão de acompanhadores: testemunhas do pertencimento	
à comunidade de fé.....	90
Mystics and followers' mission: witnesses of belonging to the community of faith	
<i>Ariél Philippi Machado, Clelia Peretti e Noêmia Fátima Lopes da Silva Debastiani</i>	
Cuidado, partilha, resiliência: princípio da igualdade e a violência de gênero.....	103
Care, sharing, resilience: principle of equality and gender violence	
<i>Mari Teresinha Maule</i>	
Leitura bíblica sob a ótica da mulher: espiritualidade e	
empoderamento das mulheres.....	114
Bible Reading From The Perspective Of Women: spirituality and women's empowerment	
<i>Simone Furquim Guimarães e Luísa de Lucas</i>	
A espiritualidade no cristianismo: A essência do ser.....	124
Spirituality in christianity: The essence of being	
<i>Luciana Carmona Garcia e Aline Eloisa Da Silva</i>	

* Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, especialista em Metodologia Pastoral pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI. Graduado em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa) e em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Professor do Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa).

E-mail: zaninipastoral@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0001-8771-37991>

EDITORIAL

Rogério L. Zanini*

Organizador

É com satisfação e alegria que apresentamos a edição da revista *Teopraxis* denominada: *Espiritualidade, Compromisso e Missão*. Tema pertinente e necessário em tempos que as compreensões da espiritualidade se proliferam e ganham os diferentes rumos, mas nem sempre manifestando fidelidade ao Espírito do crucificado-resuscitado. Como lembra o Papa Francisco: “a fé católica de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus” (EG 63). Para tal fenômeno, Papa Francisco, indica duas causas. Uma, trata-se do “resultado duma reação humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista”. A outra, fruto de “um aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres” (EG 63). Muito próximo, ou mesmo como consequência imediata da distorção da espiritualidade, está o esfriamento do compromisso e da missão cristã. É o próprio Papa que faz este reconhecimento: “quando mais precisamos dum dinamismo missionário que leve sal e luz ao mundo, muitos leigos temem que alguém os convide a realizar alguma tarefa apostólica e procuram fugir de qualquer compromisso que lhes possa roubar o tempo livre” (EG 81). É no caldo destas questões que se debruçam os textos desta edição da revista *Teopraxis*.

A seção abre com o artigo: *Espiritualidade cristã e compromisso social: Um desafio de amor*. Os autores Dom Sílvio Guterres Dutra, padre Elisandro Guindani e o seminarista Renan Paloschi Zanandréa da Diocese de Vacaria, se debruçam em compreender e defender que a espiritualidade cristã sempre esteve vinculada com o cuidado da vida. Desde os primórdios, partindo da vida de Jesus até os nossos tempos, a compreensão evangélica é de cuidado total com a vida. Contudo, foi com Leão XIII, no século XIX, que o Magistério da Igreja publicou o primeiro documento de cunho social. Os autores destacam que a Igreja na América Latina também contribuiu para a reflexão. Concluem, afirmando que é preciso colocar em prática os princípios evangélicos.

O Bispo da Diocese de Caçador, Dom Cleocir Bonetti, recentemente ordenado, e o diácono Leonardo Fávero, da Diocese de Erechim, refletem sobre *os fundamentos para uma espiritualidade sacerdotal à luz do magistério recente da Igreja*. O artigo tem por objetivo investigar em alguns dos principais documentos do Magistério pós Concílio Vaticano II sobre a espiritualidade sacerdotal, juntamente com algumas manifestações dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Finalizam afirmando que o sacerdote precisa mostrar profundo amor pela Igreja, viver com alegria a pertença eclesial, testemunhando com a vida a comunhão com o Papa, os bispos, com o presbitério e com todos os fiéis leigos.



O biblista Isidoro Mazzarolo investiga *Paulo e a integração: cultura, religião, corporalidade e espiritualidade*. Destaca que Paulo é um homem versátil, aberto e decidido em tudo o que diz e faz. Ele pode ser definido como teólogo, filósofo, político e místico. O autor se propõe a percorrer alguns tópicos de reflexão em torno da importância do pensamento de São Paulo como contributos concretos para a integração da espiritualidade e da sociedade.

Seguindo nosso percurso, o professor Ivanir Antonio Rampon, escreve: *Francisco de Assis, a paz vem do beijo na face do irmão leproso*. Debruçando-se sobre a teologia narrativa, faz uma “leitura histórico-crítica” da vida de Francisco. Sem preocupar-se com as exegeses das fontes franciscanas, narra, brevemente, como surgiu e como se desenvolveu a opção pelos pobres na vida de Francisco e como ele viveu a espiritualidade do seguimento a Jesus Cristo, na *conformidade* com os pobres. Finaliza, afirmando que Francisco de Assis “escutou a voz de Deus, escutou a voz dos pobres, escutou a voz do enfermo, escutou a voz da natureza. E transformou tudo isso num estilo de vida”.

Daniel Luz Rocchetti, assessor da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Missionária da CNBB, brinda-nos com o texto: *O “Permanecer no Amor” (cf. Jo 15,9) para ser missão: A autêntica espiritualidade cristã é elemento imprescindível para a identidade missionária da Igreja e de cada fiel cristão*. O texto parte da reflexão missiológica atual, que apresenta o conceito de missão proveniente do seio do próprio Deus cristão e passa em relevo os documentos missionários do Magistério Pontifício recente e alguns documentos missionários da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Neste itinerário investigativo, Rocchetti realça a importância de ‘permanecer no amor’ de Deus. Conclui, afirmando que é necessário permanecer no Amor do Senhor (Jo 15,9) para se produzir os diversos e numerosos frutos missionários.

A santidade laical à luz da Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate: uma santidade ordinária, simples e para todos é o artigo da doutora, mãe e leiga Vitoria Bertaso Andreatta De Carli. Partindo do significado da santidade para o fiel cristão leigo, identifica alguns dos principais traços da santidade que os fiéis cristãos leigos à luz da Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* são chamados a viver no mundo atual. Termina sua reflexão com as palavras do Papa: o caminho da santidade é para todos e que não tenhamos medo de andar por ele, despertando de fato o desejo da santidade e de compartilharmos uma “felicidade que o mundo não poderá tirar-nos” (GE 177).

Mística e missão de acompanhadores: testemunhas do pertencimento à comunidade de fé, é o texto que investiga os elementos do magistério do Papa Francisco para a atuação do catequista acompanhador, tendo como referência a vida em comunidade. Artigo de três mãos, Ariél Philippi Machado, Clelia Peretti e Noêmia Fátima Lopes da Silva Debastiani apresentam a convicção do caminho da continuidade e da criatividade que o Espírito é capaz de despertar na evangelização através do processo de Iniciação à vida Cristã. Para eles, o ministério do acompanhamento é antigo, se pensarmos nas primeiras comunidades que tinham o costume de ouvir o ensinamento dos apóstolos, partir o pão e socorrer as necessidades dos empobrecidos (At 2,42-47; 4,32-35; 5,11-16).

Mari Teresinha Maule, com seu texto: *Cuidado, partilha, resiliência: princípio da igualdade e a violência de gênero*, tensiona a perspectiva da igualdade de gênero presente inclusive no artigo 5º, da Constituição Federal de 1988. Este princípio traz em seu bojo a interpretação que, pessoas colocadas em situações de vulnerabilidade diferentes, sejam tratadas de forma desigual. Partindo deste princípio constitucional, e utilizando-se do método da revisão bibliográfica, investida como se apresentam as relações interpessoais de gênero na sociedade, expondo o projeto chamado circu(LAR), como experiência inovadora na superação de realidades de violência.

Leitura bíblica sob a ótica da mulher: espiritualidade e empoderamento das mulheres é a contribuição que Simone Furquim Guimarães e Luísa de Lucas trazem para a discussão. Assumem o desafio de refletir sobre a experiência de um curso com a temática Mulheres na Bíblia no Primeiro Testamento, organizado e realizado pela Itepa Faculdades, através da plataforma *Google meet*. O texto partilha impressões constatadas através das manifestações, depoimentos e escritos das mulheres envolvidas no curso, o progressivo processo de empoderamento pessoal e comunitário. Terminam dizendo: “reafirmamos nossa fidelidade a Deus que através da Palavra se fez carne “segundo as Escrituras” para salvar/libertar todas as pessoas que estão nas periferias, no ocultamente, ‘sem palavra’, excluídas da sociedade e que na sua grande maioria, são mulheres sem voz e sem vez”.

O décimo e último artigo reflete: *A espiritualidade no cristianismo: a essência do ser* das autoras Luciana Carmona Garcia e Aline Eloisa Da Silva. A espiritualidade é inerente ao ser humano. O termo surgiu no período renascentista no século XV, baseado em algumas ideias de Platão, filósofo do século IV a.C., que postulava sobre o dualismo corpo-alma, em que a alma estaria aprisionada pelo corpo. Nos textos bíblicos do Novo Testamento, Paulo exorta a comunidade de Coríntios a reconhecer que são templos do Espírito de Deus, que habita toda criatura. As autoras declaram que o artigo visa contribuir com as pesquisas relacionadas à temática, trazendo apontamentos sobre a importância e os benefícios que uma vivência espiritual a partir da ótica cristã, pode proporcionar ao ser humano. Finalizam afirmando que a espiritualidade é nuclear ao cristianismo, uma vez que, por meio da presença do Espírito Santo, o ser humano é capacitado para o Bem e para toda Boa Obra, como a justiça social, a solidariedade, o exercício da cidadania e o amor.

Almejamos que todos e todas que tenham acesso a estes textos encontram substancial aprofundamentos, em especial para que juntos possamos crescer na *espiritualidade do seguimento, no compromisso com a causa dos pobres e na missão* de fecundar comunidades cristãs consequentes com os valores do Reino de Deus e sua justiça, como exigência do Evangelho (Mt 6,33). Fica a provocação do Papa Francisco: “perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT 6).

* Bispo Diocesano de Vacaria/RS. Mestre em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma (2001).

E-mail: sguterresdutra@yahoo.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9909-2704>

** Pároco da paróquia N^a. Sra. da Conceição (Caseiros/RS) e reitor do Seminário Maior N^a. Sra. da Oliveira, Diocese de Vacaria/RS. Professor da disciplina de Metodologia e Prática Pastoral na Itepa Faculdades.

E-mail: eguindani@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-9827-3116>

*** Licenciado em Matemática e bacharel em Filosofia (Universidade de Passo Fundo – UPF); bacharelado em Teologia (Itepa Faculdades). Seminarista do segundo ano da etapa da Configuração, Diocese de Vacaria/RS.

E-mail: renanpaloschizanandrea@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1303-7203>

Recebido em 12/05/21

Aprovado em 22/08/21



ESPIRITUALIDADE CRISTÃ E COMPROMISSO SOCIAL

Um desafio de amor

CHRISTIAN SPIRITUALITY AND SOCIAL COMMITMENT

A love challenge

*Dom Sílvio Guterres Dutra**

*Elisandro Guindani***

*Renan Paloschi Zanandrea****

Resumo: A espiritualidade cristã carrega a marca do cuidado com a vida. Desde os primórdios, partindo da vida de Jesus até os nossos tempos, a compreensão evangélica é de cuidado total com a vida. Contudo, foi com Leão XIII, no século XIX, que o Magistério da Igreja publicou o primeiro documento de cunho social. De lá até nossos dias, os papas mantiveram certa regularidade na publicação desse tipo de documento, enriquecendo o corpus da Doutrina Social. A Igreja na América Latina também contribuiu para a reflexão com outros quatro documentos. Aqui, nos propomos a dar um panorama geral da Doutrina Social da Igreja, refletindo sobre a dignidade da pessoa humana, as diversas formas de ataque à vida e, por fim, chegando à reflexão sobre a caridade, princípio motor de toda a Doutrina Social e propulsora de um real compromisso social a partir da espiritualidade cristã.

Palavras-chave: Espiritualidade. Compromisso Social. Doutrina Social. Caridade.

Abstract: Christian spirituality carries the mark of care with life. From the earliest times, starting with the life of Jesus until our own times, the evangelical understanding is about the total care with life. However, it was with Leo XIII, in the 19th century, that the Church's Magisterium published the first social document. Since then until our days, the popes have maintained a certain regularity in the publication of this type of document, enriching the corpus of Social Doctrine. The Church in Latin America has also contributed to the reflection with four other documents. Here we propose to give an general overview of the Church's Social Doctrine, reflecting about the dignity of the human person, the several manners of attacks on life and, in the end, reaching the reflection about charity, the motor principle of the whole Social Doctrine and propeller of a real social commitment based on Christian spirituality.

Key-words: Spirituality. Social Commitment. Social Doctrine. Charity.

INTRODUÇÃO

O Senhor Jesus, diante do doutor da Lei que quis pô-lo à prova, aponta qual é o primeiro e maior mandamento: “amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento!”¹ (Mt 22,37).

Jesus toma uma expressão veterotestamentária, do conhecido *Shemá Israel* (Dt 6,4-9), antiga e central profissão de fé judaica, e indica o maior mandamento. Desse primeiro e maior mandamento temos um segundo, que está totalmente ligado a ele: “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,39). Aqui se condensa toda a doutrina de Jesus: “como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,34b).

Respondendo a essa exigência do Senhor, os cristãos, desde as primeiras comunidades, carregam a marca do cuidado mútuo. A Igreja, que “[...] é em Cristo como que sacramento isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1), atenta aos sinais dos tempos e unida plenamente a Jesus, desenvolveu a sua Doutrina Social. Ela tem por objetivo orientar os cristãos no cuidado com o próximo, auxiliando na busca pela vivência do mandamento do amor deixado pelo Senhor.

Para compreender melhor a relação entre o compromisso social e a espiritualidade cristã, este trabalho divide-se em três blocos. O primeiro faz um estudo geral e breve sobre a Doutrina Social da Igreja (DSI). O segundo bloco trata do princípio básico da Doutrina Social, que é a dignidade da pessoa humana e ainda aponta algumas formas de ataque à vida. Por fim, o terceiro busca apresentar como que a solução para o problema: a caridade cristã, que brota da espiritualidade e impulsiona para um sincero compromisso social.

1 DE LEÃO XIII A FRANCISCO: O CORPUS DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

Desde as primeiras comunidades a Igreja acumulou um patrimônio de reflexões doutrinárias, que carregam a marca do amor a Deus e do cuidado com o próximo. Partindo da Sagrada Escritura e abraçando os elementos da Tradição, os ensinamentos magisteriais foram se desenvolvendo, tendo sempre como princípio e guia as palavras e atitudes de Jesus. Contudo, foi somente em 1891, com a *Rerum Novarum* (RN), do Papa Leão XIII, que o Magistério da Igreja publicou sua primeira Encíclica Social.

A RN foi escrita, de modo especial, para tratar da questão operária. As situações política, social e cultural do século XIX fizeram com que o Papa Leão XIII respondesse à situação dos operários, que estavam sendo afetados pelos grandes males do conflito “capital x trabalho”, fruto principalmente da revolução industrial. A busca excessiva pelo lucro gerou uma série de problemas para os trabalhadores, surgindo várias tentativas de responder esse problema. Leão XIII tratou essa questão de forma ampla, fazendo com que ela seja “[...] explorada em todas as suas articulações sociais e políticas, para ser adequadamente avaliada à luz dos princípios doutrinários baseados na Revelação, na lei e na moral natural”² (CDSI 89). Na encíclica, o Papa apontou as causas do conflito, excluiu o socialismo como solução, fez apontamentos sobre a propriedade privada, a família, a ação do Estado, a posse e uso das riquezas, a dignidade do trabalho, as obrigações de operários e patrões, o dever de proteger o trabalho dos operários, as mulheres e as crianças e, por fim, indicou a solução definitiva: a caridade. A RN tem como tema central a “[...] instauração de uma ordem social justa, em vista do qual é mister individuar critérios de juízo que ajudem a avaliar os ordenamentos sociopolíticos existentes e formular linhas de ação para uma sua oportuna transformação” (CDSI 89).

1 Todos os textos bíblicos são citados a partir da seguinte referência: *Bíblia Sagrada*: tradução oficial da CNBB. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

2 *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (CDSI).

Essa encíclica abriu caminho para uma vasta produção no campo social. Depois da RN, o Magistério manifestou-se diversas vezes sobre questões de cunho social³. Comemorando os aniversários da RN, temos quatro documentos: Pio XI com a *Quadragesimo anno* (1931), na comemoração dos quarenta anos; no octogésimo aniversário, o Papa Paulo VI publicou a *Octagesima adveniens* (1971); e João Paulo II publicou a *Laborem exercens* (1981), sobre o trabalho, nos noventa anos, e a *Centesimus annus* (1991), nos cem anos. Ainda nessa linha social temos Pio XI, com as encíclicas *Non abbiamo bisogno* (1931), *Mit brennender Sorge* (1937) e *Divini Redemptoris* (1937). João XXIII, dentre outros, escreveu *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in terris* (1963). O Concílio Vaticano II contribuiu com uma série de documentos, dos quais destacamos a Constituição Pastoral *Gaudium et spes* e a declaração *Dignitatis humanae*. Paulo VI com a instituição da Pontifícia Comissão *Iustitia et Pax*, além das encíclicas *Populorum progressio* (1967), *Humanae Vitae* (1968) e *Evangelii Nuntiandi* (1975). Além do já citado anteriormente, João Paulo II publicou a Encíclica *Sollicitudo rei socialis* (1987) e solicitou a elaboração do *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, elaborado pelo Pontifício Conselho *Iustitia et Pax*. Bento XVI, dentre outros documentos, publicou *Deus Caritas Est* (2005) e *Caritas in Veritate* (2009). Por fim, o Papa Francisco também tem contribuído para a reflexão social com documentos magisteriais, dos quais destacamos a encíclica *Laudato Si'* (2015), que trata do cuidado com a Casa Comum, e, recentemente, a encíclica *Fratelli Tutti* (2020), sobre fraternidade e amizade social. A Igreja na América Latina também fez um caminho nesse sentido, com as Conferências-gerais do episcopado Latino-americano e do Caribe. Fruto delas, temos quatro grandes documentos: de Medellín (1968), de Puebla (1979), de Santo Domingo (1992) e de Aparecida (2007).

A função de toda elaboração da Igreja, que resulta num *corpus* doutrinal sólido sobre a questão social é, pois, evangelizar conforme o pedido do Senhor, levando a todos a Palavra da vida que provoca para a mudança, para uma nova compreensão das relações. Sendo assim, “com o seu ensinamento social a Igreja quer anunciar e atualizar o Evangelho na complexa rede de relações sociais” (CDSI 62). O objetivo é a salvação integral do ser humano, primeiro nesta vida terrena, mas já pensando na vida futura, num caráter escatológico. Evangelizar o social significa, nesse sentido, “infundir no coração dos homens a carga de sentido e de libertação do Evangelho, de modo a promover uma sociedade à medida do homem porque à medida de Cristo: é construir uma cidade do homem mais humana, porque mais conforme com o Reino de Deus” (CDSI 63).

A reflexão da DSI carrega a marca da teologia, especificamente a da teologia moral, pois refere-se ao agir humano. Ela reflete sobre três níveis do ensinamento da teologia moral: “o nível *fundante* das motivações; o *diretivo* das normas do viver social; o *deliberativo* das consciências chamadas a mediar as normas objetivas e gerais nas situações sociais concretas e particulares” (CDSI 73, grifo nosso). Além disso, a DSI possui uma dupla função: a de anunciar uma visão global do homem e da sociedade, formando e orientando; e a de denunciar todas as formas de ataque à vida.

O *corpus* doutrinal no quesito social se desenvolveu sobre quatro pilares: *a dignidade da pessoa humana, o bem comum, a subsidiariedade e a solidariedade*⁴. Esses quatro pilares são os princípios fundamentais, que “[...] constituem os verdadeiros e próprios gonzos do ensino social católico” (CDSI 160). Eles são permanentes e brotam da vasta experiência de ação social por parte da Igreja. Os princípios da DSI “[...] têm um caráter geral e fundamental,

3 Tendo em vista o objetivo deste trabalho, somos obrigados a escolher alguns documentos, dentre tantos, que foram publicados pelo Magistério da Igreja.

4 Devido à natureza deste trabalho e a limitação de espaço para publicação, não é objetivo aprofundar os quatro princípios, embora apareçam desdobrados, de uma forma ou outra, ao longo do texto. Mais sobre isso pode ser encontrado em CDSI 105-208.

pois que se referem à realidade social no seu conjunto” (CDSI 161). Assim, esses princípios tratam de todas as relações que envolvem a pessoa humana e suas relações, tanto com o próximo, quanto com as instituições que fazem parte da sociedade.

A DSI indica que esses princípios devem guiar, de forma geral, a reflexão social da Igreja. A partir deles, se fazem as análises de realidade e definem-se os planos de ação. Os quatro princípios devem ser trabalhados sempre como uma unidade, articulados entre si, para que possam, assim, atingir o seu objetivo: ser “[...] aquela primeira articulação da verdade da sociedade, pela qual cada consciência é interpelada e convidada a interagir com as demais, na liberdade, em plena co-responsabilidade [sic.] com todos e em relação a todos” (CDSI 163).

Noutra perspectiva, ao tentar compreender melhor os elementos que constituem a DSI, acompanhando a reflexão do Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS, destacam-se quatro:

- a) exigências éticas derivadas da dimensão social do Evangelho; b) imperativos da realidade sócio-econômica [sic.] e político-cultural do mundo em que vivemos; c) reflexão moral que confronta a mensagem evangélica com a situação histórica; e d) ação ou práxis sócio-transformadora [sic.]⁵.

Esses elementos interagem entre si e adaptam-se conforme o contexto vivido. Isso nos faz compreender que a DSI não é fechada ou acabada. Pelo contrário, ela carrega a marca justamente de adaptar-se às necessidades econômicas, sociais e políticas, contribuindo na reflexão, conforme a necessidade de cada contexto histórico.

Por fim, como nos indica o Papa João Paulo II, a DSI é de caráter interdisciplinar. Para compreender a realidade política, econômica e social, a DSI “[...] entra em diálogo com diversas disciplinas que se ocupam do homem, assumindo em si os contributos que delas provêm, e ajudando-as, por sua vez, a abrir-se numa dimensão mais ampla ao serviço de cada pessoa, conhecida e amada na plenitude da sua vocação” (CA 59).

2 A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA E OS ATAQUES À VIDA

O primeiro e fundamental princípio que norteia a reflexão social da Igreja é a “incomparável” e “inalienável dignidade da pessoa humana” (CDSI 37; 105). Seguindo os princípios da antropologia cristã que se fundamenta, de modo especial, na Sagrada Escritura, o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27), são chamados à “plenitude de vida que se estende muito além das dimensões da existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus” (EV 2). Essa relação direta com Deus faz com que a vida humana possua um valor precioso, desde a vida terrena. É preciso, segundo o Papa Francisco, “dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância” (FT 106). Por isso, toda pessoa tem direito à vida em abundância (cf. Jo 10,10).

O ser humano, formado pela unidade corpo e alma, “é um ser material, ligado a este mundo mediante o seu corpo, e um ser espiritual, aberto à transcendência” (CDSI 129). Essa compreensão nos faz concluir que não se pode desprezar o corpo nem o espírito, mas é preciso trabalhar a partir dessa unidade, tal e qual foi criada por Deus. Por isso, o ser humano é aberto à transcendência. Primeiro, aberto ao infinito, aberto a Deus, pois carrega todas as características necessárias para encontrar a Verdade. Isso ainda aponta para uma segunda característica, em que todo ser humano também é aberto aos outros e ao mundo, mantendo uma relação de comunhão e diálogo (CDSI 130). Na realidade, “o próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos” (EG 178).

5 Alfredo J. GONÇALVES, *Doutrina Social da Igreja: História e Desafios*. Disponível em: <http://www.cefep.org.br/doutrina-social-da-igreja-historia-e-desafios/>. Acesso em: 19 mai. 2021.

Aqui vai-se compreendendo que o ser humano foi criado para as relações. Fica claro que “a vida comunitária é uma característica natural que distingue o homem do resto das criaturas terrenas” (CDSI 149). Essa característica própria do ser humano, marcada pela necessidade de se integrar e de colaborar com os demais, vivendo em comunhão, quando iluminada pela fé, carrega um sentido ainda mais profundo. Compreende-se que, “feita à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26), e constituída no universo visível para viver em sociedade (cf. Gn 2,20.23) e dominar a terra (cf. Gn 1,26.28-30), a pessoa humana é, por isso, desde o princípio chamada à vida social” (CDSI 149). É parte, portanto, da própria natureza humana ser um “ser social”. É “mediante o intercâmbio com os outros, a reciprocidade dos serviços e o diálogo com seus irmãos, [que] o homem desenvolve as próprias virtualidades; responde, assim, à sua vocação” (ClgC 1879).

Buscando o desenvolvimento integral da pessoa, todas as instituições, nas diversas instâncias, devem ter como primado o ser humano. Dessa forma, “a pessoa não pode ser instrumentalizada para projetos de caráter econômico, social e político impostos por qualquer que seja a autoridade” (CDSI 133). Somente quando toda pessoa é reconhecida em sua dignidade, será possível crescer, individual ou comunitariamente.

A *Gaudium et Spes* destaca a importância da igual dignidade de todas as pessoas, o que nos provoca para o cuidado. Ainda que “entre os homens haja justas diferenças, a igual dignidade pessoal postula, no entanto, que se chegue a condições de vida mais humanas e justas” (GS 29). Esta compreensão de que todos possuem direito a vida digna e em abundância nos leva, dentre outras coisas, a compreender a relação intensa que existe entre todos os seres humanos: “único e irrepetível na sua individualidade, todo homem é um ser aberto à relação com os outros na sociedade” (CDSI 61). É na relação com o próximo que cada pessoa busca cumprir o mandamento: “também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,34b). Essas relações se dão entre os indivíduos, nas famílias, nos grupos, no trabalho, em meio às diversas estruturas sociais, como nos campos da economia, da política e da cultura.

Contudo, nos diversos períodos da história, mesmo sendo de um valor inestimável, a vida humana nem sempre foi cuidada e valorizada. Nos tempos hodiernos, diversas são as facetas de ataques à vida, como aponta o *Texto-Base* da Campanha da Fraternidade 2020: eugenia; desigualdade; globalização econômica; aborto; eutanásia; suicídio e suicídio assistido; crianças que perdem suas famílias; desemprego; ansiedade; stress; acidentes de trânsito; desatenção aos povos indígenas, às mulheres e aos pequenos agricultores; tráfico de drogas, de pessoas, de órgãos; individualismo; mau uso das redes sociais e abuso dos meios de comunicação. O Papa Francisco também faz apontamentos sobre as sombras no mundo atual que ameaçam a vida, destacando “o medo, a falta de atenção às minorias, a cultura do descarte, a globalização e a não atenção aos direitos humanos”⁶. Antes ainda, no Concílio Vaticano II, a Igreja já condenava tudo que pudesse destruir a vida. Esses ataques corrompem a civilização, desonram os que os praticam e ofendem a Deus. A GS considera

infames as seguintes coisas: tudo quanto se opõe à vida, como seja toda a espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis (27).

6 Elisandro GUINDANI e Renan P. ZANANDRÉA, *Fratelli Tutti: algumas palavras iniciais*. Disponível em: <https://www.diocesecavaria.com.br/fratelli-tutti-algumas-palavras-iniciais/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

João Paulo II por sua vez, também aponta problemas que afetam e violam a vida, chegando a algo que pode ser considerado como “estrutura de pecado”, cuja marca é a “imposição de uma cultura anti-solidária [sic.], que em muitos casos se configura como verdadeira ‘cultura de morte’” (EV 12). Esta cultura é promovida por correntes políticas, culturais e econômicas, que carregam a marca de ser basicamente “eficientista”. Assim, continua o Papa, “a vida que requereria mais acolhimento, amor e cuidado, é reputada inútil ou considerada como um peso insuportável, e, conseqüentemente [sic.], rejeitada sob múltiplas formas” (EV 12).

É aqui que entra, podemos dizer, a necessidade de uma verdadeira e profunda espiritualidade. É por meio dela que “[...] o homem supera a totalidade das coisas e penetra na estrutura espiritual mais profunda da realidade” (CDSI 128). É da vida de oração que o cristão é chamado à ação. Ela é “o eco constante de seu compromisso apostólico em sua consciência espiritual”⁷. É somente à luz da fé, por meio da oração, e de modo especial pela meditação da Palavra, que será “[...] possível, sempre e em toda parte, reconhecer Deus [...], procurar a sua vontade em todo o acontecimento, ver Cristo em todos os homens, [...], ter um conceito exato do verdadeiro significado e do valor das coisas temporais, em si mesmos e em ordem ao fim do homem” (AA 4).

O contato com Jesus, que se dá pela proximidade com as pessoas e por uma profunda e autêntica espiritualidade, impulsiona para o anúncio nas situações concretas da vida, para que todos sejam iluminados pela fé. Esse anúncio não se limita “[...] a encontrar soluções, mas torna humanamente aceitáveis inclusive as situações de sofrimento, de modo que nelas o homem não se perca nem esqueça a sua dignidade e vocação” (CA 59).

3 A CARIDADE COMO PROPULSORA DO COMPROMISSO SOCIAL

Com o Papa Francisco iniciamos a última parte deste trabalho: “tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais” (EG 180). E mais: O amor (*caritas*) “ao outro por ser quem é impele-nos a procurar o melhor para sua vida” (FT 94). Quem faz a experiência com Cristo é impelido a cuidar da vida, a provocar mudanças sociais.

Já o Documento de Aparecida (DAp) falava do encontro com Cristo, que se dá, de modo especial, na Igreja (246). Se dá também na Sagrada Escritura, lida na Igreja (247-249), e na Sagrada Liturgia (250), sendo a Eucaristia o lugar privilegiado (251-253). Ainda, o encontro pessoal com Cristo se dá pelo sacramento da reconciliação (254) e por meio da oração pessoal e comunitária (255). Jesus se faz presente em cada comunidade que vive a fé, a fraternidade, o amor. Também naqueles que lutam pela paz, o bem comum e a justiça, nos pobres, aflitos e enfermos (256-257).

É preciso que todo o apostolado tenha a caridade como fonte, origem e força. Seguindo Cristo, que se fez Ele “objeto de caridade”, é preciso amar e cuidar, levando Cristo ao próximo. Bernard apresenta quatro formas de caridade, ampliando as noções sobre o que, de fato, é a caridade: 1) a invisível, que é praticada pela oferta e pela oração; 2) a intelectual, “quando se ilumina o próximo com a palavra, o exemplo, os escritos; 3) a coletiva, onde se busca tratar das condições de vida de cada ser humano; 4) a interpessoal, “da qual jamais podemos nos esquivar, porque é a manifestação mais concreta e imediata do amor”⁸.

O cuidado com os mais necessitados, especialmente pobres e enfermos, mulheres e crianças, precisa ser a manifestação do encontro pessoal com Jesus Cristo. Essas são obras que emergem da caridade de Cristo. Ainda neste sentido, o decreto AA segue indicando que,

7 Charles A. BERNARD, *Introdução à Teologia Espiritual*, p.110.

8 Charles A. BERNARD, *Introdução à Teologia Espiritual*, p.132.

atualmente, com os meios de comunicação mais rápidos, de algum modo vencida a distância entre os homens e feitos membros como de uma só família os habitantes de todo o mundo, estas atividades e obras tornam-se mais urgentes e universais. Hoje, a ação caritativa pode e deve abranger todos os homens sem exceção, assim como todas as necessidades. Onde quer que se encontrem necessitados de comida e de bebida, de vestuário e de habitação, de medicamentos, de trabalho, de instrução, dos indispensáveis meios para levarem uma vida verdadeiramente humana, onde quer que haja atormentados por tribulações e pela doença ou quem sofrer o exílio ou a prisão, aí mesmo a caridade cristã os deve procurar e encontrar, confortá-los com desvelado carinho e ajudá-los com os necessários recursos (4).

O Evangelho nos faz compreender que existe uma “conexão íntima” entre evangelização e promoção humana (EG 178). Nos lembra o Papa Francisco que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Assim, o ser humano responde à intenção de Deus sempre que age no mundo, trabalha nele e o transforma. O objetivo é “formar um universo no qual todas as coisas encontrem seu cumprimento e seu significado no homem, que é capaz de participar conscientemente do prolongamento da atividade criadora de Deus”⁹. Isso provoca, também, para o cuidado com a Casa Comum. É preciso, para que os homens cresçam, amadureçam e santifiquem-se, a constante abertura a Deus, aos irmãos e a toda criação. Nesse sentido, destaca o Papa Francisco, “tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade” (LS 240). O Papa Bento XVI também fala da preocupação da Igreja com a criação e indica a necessidade de uma “ecologia do homem”. Para ele, “o sistema ecológico se rege pelo respeito de um projeto que se refere tanto à sã convivência em sociedade como ao bom relacionamento com a natureza” (CV 51).

O configurar-se a Cristo, vivendo conforme o Evangelho, nos coloca diante de uma nova hierarquia de valores, que provoca para um olhar mais profundo sobre a vida espiritual e moral. Segundo Bernard, “todos os valores confluem para a caridade, mas a caridade faz com que o homem saia de si mesmo e leva ao sacrifício”¹⁰. A caridade, portanto, leva ao sacrifício de doar-se aos outros, como o próprio Cristo o fez na Cruz. É o amor (*caritas*) que revela, segundo o Papa Francisco, a estatura espiritual da vida humana (FT 92). Sem a caridade, as virtudes correm o risco de serem mera aparência, não construindo de fato uma vida em comum. Alerta o Papa: “há pessoas que creem que pensam que a sua grandeza está na imposição de suas ideologias aos outros, ou na defesa violenta da verdade, ou em grandes demonstrações de força”. Contudo, continua, “em primeiro lugar está o amor, o amor nunca deve ser colocado em risco” (FT 92).

O amor de Deus por nós e o conhecimento cada vez mais profundo do espírito do Evangelho, “[...] provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros” (EG 178). Trata-se não apenas de uma relação pessoal com Deus, mas sim de ter um contato próximo com nossos irmãos, dando a resposta de amor a Deus por meio do compromisso de amor para com o próximo: “um exige tão estreitamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar” (DCE 16).

Falando da espiritualidade dos leigos em ordem ao apostolado, o decreto AA aponta a caridade como meio pelo qual se pratica o bem para com todos os seres humanos, especialmente para com os que praticam a mesma fé. É a caridade que “torna os leigos [e todos os cristãos] capazes de exprimirem na sua vida, realmente, o espírito das bem-aventuranças” (AA 4). É preciso levar a todos o primeiro anúncio, o *querigma*, que carrega

⁹ Charles A. BERNARD, *Introdução à Teologia Espiritual*, p.105.

¹⁰ Charles A. BERNARD, *Introdução à Teologia Espiritual*, p.87.

uma marca, segundo o Papa Francisco, “inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG 177).

Um questionamento é o de se é possível viver isso realmente ou é apenas uma utopia? Para tentar responder a essa questão, podemos olhar para a história e identificar inúmeros cristãos que viveram conforme o Evangelho, viveram a santidade, testemunhando Cristo e “tornando o Reino de Deus presente no mundo”. Figuras como São Francisco de Assis, Santa Tereza de Calcutá, Santa Dulce dos Pobres e Santo Oscar Romero são exemplos de pessoas que viveram a caridade cristã. Dentre tantos, fazemos menção aqui ao cearense Dom Hélder Camara¹¹, que “estava sempre cercado pelos pobres, pelos excluídos. Nada fazia sem consultar o seu maior Amigo. Emprestava seus olhos, ouvidos, boca, coração a Jesus”¹². O Arcebispo de Olinda e Recife “tinha consciência de que sua ação e sua palavra eram expressão da sua união mística com Cristo. Vivía a sua vida na presença do amor e da misericórdia do Pai e aberto às inspirações do Espírito Santo”¹³.

O modelo de Dom Hélder e dos demais santos nos faz lembrar que “rezar e servir, amar e contemplar, são realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo” (DGAE 102). Além disso, “sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã” (DGAE 102). Somente vivendo uma profunda vida espiritual é possível perceber Deus nas coisas simples e nos que mais precisam. É a caridade que nos impele a sair de nosso comodismo e ir ao encontro, promovendo uma cultura de paz, amor, fraternidade e solidariedade.

A *Lumen Gentium* é clara em dizer: “o dom principal e mais necessário é a caridade” (42). Ela é o meio pelo qual podemos chegar a Deus ao servir o próximo. Contudo,

para a caridade crescer e frutificar na alma como boa semente, todo fiel deve ouvir de bom grado a palavra de Deus e cumprir nas obras a sua vontade, deve, frequentemente [sic.], com o auxílio da sua graça, aproximar-se dos sacramentos sobretudo da eucaristia, e tomar parte nos atos de culto; deve aplicar-se constantemente à oração, à abnegação de si mesmo e ao serviço dedicado dos seus irmãos, e ao exercício constante de todas as virtudes (LG 42).

Todos os fiéis são chamados à vivência da caridade. Ela é “o sinal do verdadeiro discípulo de Cristo” (LG 42). É preciso optar preferencialmente pelo pobre e necessitado. Apenas com o olhar da caridade, “levando à percepção da dignidade do outro, é que os pobres são reconhecidos e apreciados em sua dignidade imensa, respeitados no seu estilo próprio e cultura e, por conseguinte, verdadeiramente integrados na sociedade” (FT 187). Nosso serviço e configuração a Jesus se dá por meio “[...] da ajuda prestada ao faminto, ao sedento, ao estrangeiro, ao nu, ao doente, ao encarcerado – como também à criança ainda não nascida, ao idoso que está doente ou perto da morte” (EV 87). Esse é o caminho da salvação, o caminho para uma vida digna e em abundância para todos.

11 Dom Hélder Pessoa Camara nasceu no Ceará em 1909. Foi destaque entre seus colegas de estudo, chegando a ser Secretário de Educação do Estado do Ceará, o que o fez ser expulso do Estado, ingressando na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Foi ordenado bispo auxiliar desta Arquidiocese em 1952. Em 1964 foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife por Paulo VI, seu amigo espiritual. Dom Hélder participou do Concílio Vaticano II e atuou nas Conferências de Medellín e Puebla. É conhecido como “Dom da Paz” por sua atuação especial como defensor dos direitos humanos, dos pobres e marginalizados. Mais dados podem ser obtidos em: Ivanir A. RAMPON, *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013.

12 Ivanir A. RAMPON, Dom Helder Camara: dom de Deus para os pobres. In: *Convergência*, Ano LI, Nº 494, p.589-598, Brasília: CRB, set. 2016. Disponível em: http://www.crbnacional.org.br/site/wpcontent/uploads/2017/12/CONVERGENCIA_494.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021. p.596.

13 http://www.crbnacional.org.br/site/wpcontent/uploads/2017/12/CONVERGENCIA_494.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021. p.596.

Por fim, retomemos as expressões de Leão XIII: a solução definitiva para o problema social, na época a questão operária, hoje as mais diversas já citadas ao longo do texto, é a caridade. É preciso que todos “alimentem em si e acendam nos outros, nos grandes e nos pequenos, a caridade, senhora e rainha de todas as virtudes”. Somente a caridade, “que compendia em si todo o Evangelho, e que sempre pronta a sacrificar-se pelo próximo, é o antídoto mais seguro contra o orgulho e o egoísmo do século” (RN 37).

CONCLUSÃO

O ser cristão carrega a marca do compromisso social. A Igreja, desde os primórdios, cuidou e defendeu a vida. É evidente que muitas vezes e de muitos modos os membros da Igreja também foram agentes de ataque e desvalorização da vida, atitudes que jamais encontraram respaldo na legítima Doutrina e muito menos no Evangelho. A Doutrina da Igreja, por sua vez, sempre esteve próxima e preocupada com todos.

Contudo, de Leão XIII até os dias de hoje, encontramos uma série de documentos que tratam sobre aspectos da Doutrina Social, aprofundando a reflexão e fazendo apontamentos específicos sobre a ação social da Igreja, tendo como base a inalienável e inegociável dignidade da pessoa humana e a caridade como meio para se chegar a uma vida digna e em abundância para todos.

A espiritualidade cristã precisa produzir mudanças sociais. Não se pode compreender o ser cristão sem uma mudança real de vida. Nos tempos atuais, diante de uma cultura de morte, da falta de cuidado com o ser humano e com toda criação, todos os seres humanos, e de modo especial os cristãos, são chamados a cuidar da vida. Temos o dever, seguindo a ideia primitiva do Criador, de sermos cocriadores, auxiliando Deus em sua obra, vivendo o amor verdadeiro, aquele que faz *ser para os outros*. Esse amor nos permite transcender nosso pequeno círculo familiar ou de amigos, para chegar a todos, sem exceção.

O desafio está, portanto, em sair do discurso. É preciso ir além e colocar em prática os princípios evangélicos. Fica a provocação do Papa Francisco: “perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT 6).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (CV). 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*: o amor cristão. Brasília: Ed. CNBB, 2007.
- BERNARD, Charles A. *Introdução à Teologia Espiritual*. Trad. Pier Luigi Cabra. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*: tradução oficial da CNBB. Brasília: Ed. CNBB, 2018.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIGC). São Paulo: Loyola, 2000.
- CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2020: Texto-Base*. Brasília: Ed. CNBB, 2019.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*: sobre o apostolado dos leigos (AA). In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano*. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997, p.369-409.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje (GS). In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano*. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997, p.539-661.

- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano*. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997, p.101-197.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (DGAE). Brasília: Ed. CNBB, 2019.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 3.ed. Brasília: Ed. CNBB, 2007.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Evangelii Gaudium*. São Paulo: Loyola, 2013.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 15 mar. 2021.
- GONÇALVES, Alfredo J. *Doutrina Social da Igreja: História e Desafios*. Disponível em: <http://www.cefep.org.br/doutrina-social-da-igreja-historia-e-desafios/>. Acesso em: 19 mai. 2021.
- GUINDANI, Elisandro; ZANANDRÉA, Renan P. Fratelli Tutti: algumas palavras iniciais. Disponível em: <https://www.diocesevacaria.com.br/fratelli-tutti-algumas-palavras-iniciais/>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Centesimus Annus* (CA). Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 15 mar. 2021.
- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana (EV). 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- LEÃO XIII. *Carta Encíclica Rerum Novarum*: sobre a condição dos operários (RN). Trad. Manuel Alves da Silva, S.J. São Paulo: Paulinas, 2009.
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (CDSI). Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 7.ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- RAMPON, Ivanir A. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- RAMPON, Ivanir A. Dom Helder Camara: dom de Deus para os pobres. In: *Convergência*, Ano LI, Nº 494, p. 589-598, Brasília: CRB, set. 2016. Disponível em: http://www.crbnacional.org.br/site/wpcontent/uploads/2017/12/CONVERGENCIA_494.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

* Bispo da Diocese de Caçador/SC. Graduado em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Imaculada Conceição, em Viamão (FAFIMC) e em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa), em Passo Fundo. Pós-graduado em Psicopedagogia pela Faculdade Nossa Senhora Imaculada Conceição. Mestrado em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

<https://orcid.org/0000-0002-5514-8569>



** Diácono da Diocese de Erechim. Acadêmico do 8º Semestre do Curso de Bacharelado em Teologia pela Itepa Faculdades. Formado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (Ifibe).

E-mail: leonardo.favero@live.com

<https://orcid.org/0000-0001-7084-8590>



Recebido em 15/07/21

Aprovado em 22/09/21

FUNDAMENTOS PARA UMA ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL À LUZ DO MAGISTÉRIO RECENTE DA IGREJA

FOUNDATIONS FOR A PRIESTLY SPIRITUALITY IN THE LIGHT OF THE CHURCH'S RECENT MAGISTRY

*Dom Cleocir Bonetti**

*Leonardo Fávero***

Resumo: Este artigo intitulado de Fundamentos para uma espiritualidade sacerdotal à luz do Magistério recente da Igreja tem por objetivo investigar alguns dos principais documentos do Magistério pós Concílio Vaticano II a respeito da espiritualidade sacerdotal, juntamente com algumas manifestações dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco. O texto, portanto, se divide em três partes: inicialmente, dá um enfoque à vida de oração essencial do presbítero; em seguida, direciona a reflexão ao exercício da caridade, da pregação e da celebração dos sacramentos; para finalmente, fundamentar o valor da obediência e do espírito sacerdotal de pobreza como um estilo de vida sacerdotal/presbiteral.

Palavras-chave: Espiritualidade sacerdotal. Presbíteros. Magistério. Papa Francisco. Oração.

Abstract: This article, entitled Fundamentals for a priestly spirituality in the light of the recent Magisterium of the Church, wants to investigate some of the main documents of the Magisterium after the Second Vatican Council on priestly spirituality, along with some manifestations of the Popes John Paul II, Benedict XVI and Francisco. The text, therefore, is divided into three parts: initially, it focuses on the essential prayer life of the priest; then, it directs the reflection to the exercise of charity, preaching and the celebration of the sacraments; to finally ground the value of obedience and the priestly spirit of poverty as a priestly lifestyle.

Keywords: Priestly Spirituality. Priests. Magisterium. Pope Francis. Prayer.



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O magistério da Igreja diz muito sobre a espiritualidade sacerdotal. E o faz sobretudo com o *Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos sacerdotes* do Concílio Vaticano II; com o *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros* da Congregação para o Clero e com a *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* do Papa Francisco; além de algumas homilias, mensagens e discursos dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Importa conhecermos o que o magistério nos pede atualmente, especialmente com relação aos presbíteros, que em nosso contexto recebem a missão de zelar, em colaboração com os bispos, pelo povo de Deus com cuidados de pastor (cf. Is 40,11) a exemplo do Bom Pastor (Jo 10,14), Jesus Cristo.

O magistério recente insiste que a espiritualidade do sacerdote consiste na profunda relação de amizade com Cristo. Por isso, no século XXI, a Igreja reconhece que

Cada sacerdote age num contexto histórico particular, com os seus vários desafios e exigências. Exatamente por isto, a garantia de fecundidade do ministério radica numa profunda vida interior. Se o sacerdote não conta com o primado da graça, não poderá responder aos desafios dos tempos, e cada plano pastoral, por mais elaborado que possa ser, estaria destinado à falência¹.

Assim como no passado, a Igreja soube interpretar os sinais do seu tempo e atuou quase que em todos os setores da sociedade daquela época. Ela hoje está atenta a tudo aquilo que envolve o ser humano em suas diversas dimensões. Por isso, solenemente declara na *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*: “[...] as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). Isso significa que nada do que é humano é estranho à Igreja².

Dentre os discípulos de Cristo, os sacerdotes se revestem de uma particular relevância³ e ocupam na Igreja uma função especial, “[...] como participantes da missão dos apóstolos, servidores do Evangelho, é dada por Deus a graça de serem ministros de Cristo Jesus junto a todos os povos, para que o culto prestado a Deus por todos seja aceito e santificado pelo Espírito Santo” (PO 2). E para dar cumprimento a essa missão, lhes “[...] são muito importantes as virtudes a que se dá, com razão, muito valor, como a bondade do coração, a sinceridade, a força de ânimo e a constância, o senso de justiça, a afabilidade no trato”⁴ e a busca da “[...] sempre maior santidade, com os meios recomendados pela Igreja, a fim de se tornarem instrumentos cada dia mais aptos ao serviço de todo o povo de Deus”⁵.

Assim, a Igreja reconhece que os sacerdotes,

[...] estão hoje empenhados nos diversos campos de apostolado que requerem generosidade e dedicação completa, preparação intelectual e, sobretudo, uma vida espiritual amadurecida e profunda, enraizada na caridade pastoral, que é a sua via específica para a santidade e que constitui também um autêntico serviço aos fiéis no ministério pastoral.⁶

Por isso, buscaremos compreender os fundamentos da espiritualidade sacerdotal em três aspectos: na vida de oração; no exercício da caridade, da pregação e da celebração dos sacramentos; e na obediência e no espírito sacerdotal de pobreza.

11 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.89.

2 PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da doutrina social da igreja*, n.455.

3 Cf. FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para do 53º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

4 FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para do 53º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*, n.3.

5 FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para do 53º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*, n.12.

6 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.90-91.

2 UMA VIDA DE ORAÇÃO

A Igreja está atenta às tensões hodiernas que fazem aumentar o risco do exercício do ministério se tornar menos eficaz. Por isso, os Padres Conciliares reconheceram que,

No mundo de hoje há tanta coisa a fazer e tantos são os problemas a resolver com rapidez, que ninguém pode se ocupar com tudo sem se atrapalhar. Os padres, no meio das múltiplas obrigações de ofício e tendo que atender a tantas coisas diferentes, tornam-se frequentemente ansiosos, com dificuldades para levar uma vida interior razoável, no meio de tão diversas atividades dentro de certa harmonia e unidade (PO 14).

Perante o desafio de harmonizar a sua vida interior com a sua ação exterior é preciso não deixar de reservar o primado da vida espiritual que se dá “[...] ao estar sempre com Cristo e ao viver com generosidade a caridade pastoral, intensificando a comunhão com todos”⁷.

Ao reconhecermos que foi na oração de Jesus ao Pai pelos seus apóstolos que o sacerdócio da Nova Aliança foi concebido (Cf. Jo 17,15-20), reconhecemos que toda a sua atividade quotidiana derivava da oração⁸ e o sacerdote é chamado, a exemplo de Jesus, a encontrar tempo para rezar. O diálogo pessoal com Cristo, “[...] é uma prioridade pastoral fundamental, é condição para o nosso trabalho para os outros! E a oração não é algo marginal: a ‘profissão’ do sacerdote é precisamente rezar, também como representante do povo que não sabe [...] ou não encontra tempo para fazê-lo”⁹, afirma o Papa Bento XVI. Então, precisamos ter sempre presente que “[...] o primeiro de todos os auxílios espirituais é a dupla mesa da Sagrada Escritura e da eucaristia” (PO 18), afinal, é justamente porque, quando “[...] guiados pela fé e alimentados pela leitura divina, os padres se tornam capazes de identificar os sinais da vontade de Deus e os impulsos da graça em todos os acontecimentos, tornando-se cada dia mais dóceis ao Espírito Santo, no cumprimento de sua missão” (PO 18).

É nessa perspectiva as exortações proferidas pelos bispos nas ordenações:

Por isso, fazendo da Palavra o objeto da tua contínua reflexão, crê sempre no que lês, ensina o que crês, realiza na vida o que ensinas. Deste modo, enquanto com a doutrina darás alimento ao Povo de Deus e com o bom testemunho da vida lhe servirás de conforto e sustento, tornar-te-ás construtor do templo de Deus, que é a Igreja”. [...] “Sê, portanto, consciente do que fazes, imita o que realizas e dado que celebras o mistério da morte e da ressurreição do Senhor, leva a morte de Cristo no teu corpo e caminha na novidade de vida”. E, enfim, em relação à guia pastoral do Povo de Deus para conduzi-lo até o Pai: “Por isso não deixes nunca de ter o olhar fixo em Cristo, bom Pastor, que veio, não para ser servido, mas para servir e para procurar e salvar os que estavam perdidos”¹⁰.

Sendo assim, sem fazer do estudo, da contemplação e do conhecimento da Escritura algo essencial na sua vida e no seu ministério, o presbítero verá seu ministério pastoral se tornar frágil, porque o alicerce que usou é a areia e não a rocha (Cf. Mt 7,21.24-27). Além disso, a Palavra de Deus assume na vida do presbítero um “carro-chefe”: ela é para ser crida, ensinada, vivida e testemunhada.

Ademais, o presbítero precisa ter a consciência de que, ao ser ministro de Cristo, ele associa a si, em sua carne, o mistério da morte e ressurreição do Senhor. Esse é o caminho

7 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.96.

8 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.103.

9 BENTO XVI, *Vigília por ocasião da conclusão do Ano Sacerdotal (10 de junho de 2010)*.

10 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.105.

para desenvolver a harmonia entre a vida interior e a vida exterior. Para o Papa Bento XVI, uma vez que, “[...] o sacerdócio se tornou algo de novo: já não é uma questão de descendência, mas um encontrar-se no mistério de Jesus”¹¹, é justamente nele, que o sacerdote deve integrar sua vida, em todas as dimensões, e alicerçar seu ministério. Desse modo, “[...] entramos numa comunhão existencial com Ele, que o seu e o nosso ser confluem, se compenetraram reciprocamente”¹².

Portanto, a Igreja insiste que,

Tal vida espiritual deve ser encarnada na existência de cada presbítero mediante a liturgia, a oração pessoal, o estilo de vida e a prática das virtudes cristãs que contribuem para a fecundidade da ação ministerial. A própria conformação a Cristo exige que o sacerdote cultive um clima de amizade e de encontro pessoal com o Senhor Jesus, fazendo experiência de um encontro pessoal com ele, e de colocar-se a serviço da Igreja, seu Corpo, à qual o sacerdote demonstrará amar pelo cumprimento fiel e incansável dos deveres próprios do seu ministério pastoral¹³.

Desse modo, a fim de cultivar a vida espiritual, nunca deve faltar ao presbítero: a celebração eucarística cotidiana¹⁴ centro da vida espiritual, fonte e alimento do ministério pastoral¹⁵; a reconciliação frequente¹⁶, que favorece uma contínua conversão do coração ao projeto de Jesus; a direção espiritual¹⁷ para discernir a vontade de Deus; a recitação da liturgia das horas¹⁸, o exame de consciência¹⁹, a *lectio divina*²⁰, os retiros espirituais²¹, a devoção mariana²², aspecto particularmente significativo para o crescimento espiritual e ministerial de todo cristão; a vida austera, pois o ministério ordenado exige renúncias e sacrifícios que somente uma sã e equilibrada pedagogia ascética pode favorecer²³; e outros meios que possam fazê-lo crescer espiritualmente, vocacionalmente, ministerialmente.

Quanto aos sacramentos da Eucaristia e Reconciliação, abordaremos adiante. Mas, dentre esses outros modos de cultivar a espiritualidade, destacamos a *lectio divina*, que “[...] consiste em permanecer prolongadamente sobre um texto bíblico, lendo-o e relendo-o, quase ‘ruminando-o’, como dizem os Padres, e espremendo, por assim dizer, todo o seu ‘sumo’, para que alimente como linfa a vida concreta”²⁴.

O Papa Francisco sintetiza com maestria o método da *lectio divina* e nos mostra sua finalidade e seus frutos. Para ele,

11 BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (13 de abril de 2006)*.

12 BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2007)*.

13 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.98-99.

14 Cf. PO, 5; 18; PDV, 23; 26,38,46,48; CDC, cân.246,1; 276,2,2º.

15 Na *Mensagem do Papa João Paulo II para o 37º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*, no ano de 2000, o Papa João Paulo II afirmou que “[...] a Eucaristia constitui o momento culminante no qual Jesus, no seu Corpo doado e no seu Sangue derramado pela nossa salvação, desvela o mistério da sua identidade e indica o sentido da vocação de toda pessoa de fé”, que consiste no “fazer-se dom para os outros”, à exemplo do que fez Jesus ao doar seu Corpo e Sangue; e nisso cita Santo Agostinho: “Sede aquilo que recebeis e recebei aquilo que sois” (*Discurso 271 1: Nella Pentecoste*) indicando que o “fiel que se nutre daquele Corpo entregue e daquele Sangue derramado recebe a força de transformar-se também em dom”.

16 Cf. PO, 5;18; CDC, cân. 246, 4; 276,2,5º; PDV, 26; 48.

17 Cf. PO, 18; CDC, cân. 239; PDV, n.40; 50; 81.

18 Cf. PO, 18; CDC, cân. 246, 2; 276,2,3º; PDV, 26; 72; CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Respostas Celebratio integra* acerca de algumas questões sobre a obrigatoriedade da recitação da Liturgia das Horas (15 de novembro de 2000).

19 Cf. PO, 18; PDV, n.26; 47; 51; 53; 72.

20 Cf. PO, 4; 13; 18; PDV, 26; 47; 53; 70; 72.

21 Cf. PO, 18; PDV, 80.

22 Cf. PO, 18; PDV, 36; 38; 45; 82.

23 Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem do Papa João Paulo II para o 27º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

24 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.121.

Há uma modalidade concreta para escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito: designamo-la por “*lectio divina*”. Consiste na leitura da Palavra de Deus num tempo de oração, para lhe permitir que nos ilumine e renove. Esta leitura orante da Bíblia não está separada do estudo que o pregador realiza para individuar a mensagem central do texto; antes, pelo contrário, é dela que deve partir para procurar descobrir aquilo que essa mesma mensagem tem a dizer à sua própria vida. A leitura espiritual de um texto deve partir do seu sentido literal. Caso contrário, uma pessoa facilmente fará o texto dizer o que lhe convém, o que serve para confirmar suas próprias decisões, o que se adapta aos seus próprios esquemas mentais. E isto seria, em última análise, usar o sagrado para proveito próprio e passar esta confusão para o povo de Deus (EG 152).

Desse modo, no contato com a Palavra de Deus, o Espírito penetra no coração do presbítero. Ao se tornar íntimo da Palavra, o presbítero descobrirá o que ela lhe diz, primeiro, pela literalidade, depois pelo estudo exegético. O presbítero deve resistir à tentação de adaptar a Escritura aos seus interesses, mas sim mergulhar no mistério de Deus que se revela mediante o texto bíblico. Assim, em espírito de contemplação, o presbítero encontrará alimento na Palavra e a anunciará ao povo de Deus, cujo cuidado lhe é confiado.

Outro modo de cultivar a espiritualidade é a recitação da liturgia das horas. O Concílio Vaticano II afirma que aqueles “[...] que rezam assim, cumprem, por um lado, a obrigação própria da Igreja, e, por outro, participam da imensa honra da Esposa de Cristo, porque estão em nome da Igreja diante do trono de Deus, a louvar o Senhor” (SC 85). Ela é a “[...] oração que Cristo, unido aos seu Corpo, eleva ao Pai” (SC 84) e por isso, é uma “obrigação de amor”²⁵.

Assim sendo, para ser fonte de espiritualidade, ao rezar a liturgia das horas,

[...] é necessário interiorizar a Palavra divina, estar atentos ao que o Senhor “me” diz nesta Palavra, escutar o comentário dos Padres da Igreja ou também do Concílio Ecumênico Vaticano II, aprofundar na vida dos Santos e também no discurso dos Papas, na segunda Leitura do Ofício das Leituras, e rezar com esta grande invocação que são os Salmos, com os quais somos inseridos na oração da Igreja²⁶.

Há uma riqueza espiritual neste ofício, que fornece, inclusive, um método de oração herdado dos mosteiros. Ao entrar no profundo mistério da oração, recordando as ordens monásticas, Bento XVI afirmava que,

Os pensamentos não devem vaguear aqui e ali por detrás das preocupações e das expectativas da vida quotidiana; os sentidos não devem ser atraídos pelo que ali, no interior da Igreja, casualmente os olhos e os ouvidos gostariam de captar. O meu coração deve abrir-se docilmente à palavra de Deus e estar recolhido na oração da Igreja, para que o meu pensamento receba a sua orientação das palavras do anúncio e da oração. E o olhar do meu coração deve estar dirigido para o Senhor que está no meio de nós: eis o que significa *ars celebrandi* o justo modo de celebrar. Se eu estou com o Senhor, então com o meu ouvir, falar e agir atraio também o povo dentro da comunhão com Ele²⁷.

Assim, ao trazer para a centralidade do encontro com o Senhor na oração as dificuldades e os acontecimentos cotidianos, o sacerdote não as exclui nem as combate, mas as integra e oferece ao Pai. O cotidiano é confrontado e iluminado pela Palavra no silêncio da oração do sacerdote que “[...] deve ser alguém que vigia. Deve estar alerta diante dos poderes

25 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.150.

26 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.151.

27 BENTO XVI, *Homília do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2007)*.

ameaçadores do mal. Deve manter o mundo desperto para Deus. Deve ser alguém que está em pé: firme diante das correntes do tempo. Firme na verdade. Firme no compromisso do bem”²⁸.

Ligado à vigilância está a escuta do povo. Para o Papa Francisco,

O pregador deve também pôr-se à escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo. Dessa forma descobre “as aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano”, prestando atenção “ao povo concreto com os seus sinais e símbolos e respondendo aos problemas que apresenta” (EG 154).

Desse modo, através da oração constante, o presbítero encontra maneiras de discernir como relativizar as adversidades e temer os sucessos. O modo de fazer isso é olhando para a prática de Jesus, como anteriormente afirmamos, mas isso é realizado com e na oração. Isso pode ser intuído na oração do salmista: nossos olhos estão fitos no Senhor (Cf. Sl 122(123), 2). Ter os olhos fixos no Senhor significa contemplar com toda a existência a pessoa e a prática do Filho. Fazendo isso, ele terá condições de enfrentar as adversidades e não se deixar desviar pelos sucessos, permanecendo firme no caminho da missão assumida. Na prática, trata-se da “[...] sensibilidade espiritual para saber ler nos acontecimentos a mensagem de Deus, e isto é muito mais do que encontrar algo interessante para dizer. Procura-se descobrir o que o Senhor tem a dizer nessas circunstâncias” (EG 154).

Portanto, a firmeza do sacerdote não é para si, mas para o rebanho, para o Povo fiel de Deus que lhe é confiado. Nesse sentido, afirma o Papa Francisco,

As pessoas agradecem-nos porque sentem que rezámos a partir das realidades da sua vida de todos os dias, as suas penas e alegrias, as suas angústias e esperanças. E, quando sentem que, através de nós, lhes chega o perfume do Ungido, de Cristo, animam-se a confiar-nos tudo o que elas querem que chegue ao Senhor: “Reze por mim, padre, porque tenho este problema”, “abençoe-me, padre”, “reze para mim”... Estas confidências são o sinal de que a unção chegou à orla do manto, porque é transformada em súplica – súplica do Povo de Deus²⁹.

E ao tomar consciência disso, o sacerdote encontra sua profunda identidade de ser ministro de Cristo, chamado a estar próximo D’Ele e do povo de Deus. Então, outra vez ecoa com sabedoria o discurso do Papa São João Paulo II pelo 30º aniversário do *Decreto Presbyterorum Ordinis*:

A identidade sacerdotal é uma questão de fidelidade a Cristo e ao povo de Deus, ao qual somos mandados. A consciência sacerdotal não se limita a algo de pessoal. É uma realidade continuamente examinada e sentida pelos homens, porque o sacerdote é “tomado” dentre os homens e estabelecido para intervir nas suas relações com Deus. [...] Assim como o sacerdote é um mediador entre Deus e os homens, muitas pessoas se dirigem a ele pedindo as suas orações. A oração, num certo sentido, “cria” o sacerdote, especialmente como pastor. Ao mesmo tempo, cada sacerdote “cria-se a si mesmo” graças à oração³⁰.

Por isso, entendemos que a Igreja, sabiamente, insiste na identidade sacerdotal dos presbíteros, para que tenham uma consciente e constante vida de oração. Consciente porque ela é despertada pelos condicionamentos da realidade histórica que exigem do presbítero uma resposta evangélica discernida à luz da Palavra e do Espírito. Constante

28 BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (20 de março de 2008)*.

29 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (28 de março de 2013)*.

30 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.153.

porque sempre mais o presbítero é chamado para estar em comunhão com o Senhor, a ser íntimo d'Ele através do encontro com Cristo na oração pessoal e comunitária. Para tanto mais ser fiel à *persona christi*, tanto mais deve, através da oração, se deixar preencher pelo seu Espírito que lhe foi confiado com a unção.

Entretanto, o Papa Francisco reconhece que existe ainda hoje,

[...] uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. São três males que se alimentam entre si” (EG 78).

O individualismo, a crise de identidade e o declínio do fervor, sobretudo missionário, são riscos frequentes que os presbíteros estão sujeitos. Se eles não forem enfrentados e discernidos à luz da Palavra, os presbíteros acabam por desenvolver um complexo de inferioridade e já “[...] não se sentem felizes com o que são nem com o que fazem, não se sentem identificados com a missão evangelizadora. Acabam por sufocar a alegria da missão numa espécie de obsessão por serem como todos os outros e terem o que possuem os demais” (EG 79). Essa situação os leva a perder sua identidade presbiteral e cristã e, ademais, “[...] a tarefa da evangelização torna-se forçada e dedica-se-lhe pouco esforço e um tempo muito limitado” (EG 79).

O Papa Francisco faz diversos alertas, dentre eles, quanto à acédia egoísta e paralisadora (EG 8), camuflada de uma tristeza adocicada³¹; à tristeza sem esperança (EG 83); ao pessimismo estéril e sufocante (EG 85); e à desertificação espiritual (EG 86). Tudo isso é confrontado com uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Afinal, afirma:

Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom (EG 92).

O percurso que o Papa Francisco sugere como via de solução destes riscos e tentações é a fraternidade. Ela é “[...] a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (FT 215), com todos, também com as periferias do mundo porque “[...] de todos se pode aprender alguma coisa: ninguém é inútil, ninguém é supérfluo” (FT 215). Além disso, propõe que se dê “[...] à nossa capacidade de amar uma dimensão universal” (FT 83) que favoreça a cultura do encontro (FT 30), uma Igreja em saída (EG 24) e a conversão pastoral (EG 25).

Por isso, “[...] o compromisso missionário não é algo que vem acrescentar-se à vida cristã como se fosse um ornamento, mas, pelo contrário, situa-se no âmago da própria fé: a relação com o Senhor, implica ser enviados ao mundo como profetas da sua palavra e testemunhas do seu amor”³². Desse modo, afirma o Papa Francisco,

31 FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para o 57^a Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

32 FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para o 54^a Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão. Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário! (EG 80).

Por isso, apesar de todas as dificuldades a serem enfrentadas, algumas assumidas e outras carregadas, o estilo de vida do presbítero é semelhante ao de São José. O seu silêncio, em comparação ao silêncio orante do presbítero

[...] não manifesta um vazio interior, mas, ao contrário, a plenitude de fé que ele traz no coração, e que orienta todos os seus pensamentos e todas as suas ações. Um silêncio que, como o do santo Patriarca, conserva a Palavra de Deus, conhecida através das Sagradas Escrituras, comparando-a continuamente com os acontecimentos da vida de Jesus; um silêncio impregnado de oração constante, de oração de bênção do Senhor, de adoração da sua santa vontade e de confiança sem reservas na sua providência³³.

Portanto, no silêncio do coração, na aparente solidão, o presbítero estabelece a comunhão com o Senhor. Ao lado d'Ele, encontrará a força e os meios para reaproximar as pessoas a Deus, para acender a chama da fé, para suscitar o compromisso da vivência da fé e a partilha em favor do bem comum. E essa sensibilidade espiritual cultivada na oração se manifesta pastoralmente no exercício da caridade, na pregação da Palavra e na celebração dos sacramentos.

3 O EXERCÍCIO DA CARIDADE, DA PREGAÇÃO E DA CELEBRAÇÃO DOS SACRAMENTOS

A harmonia de vida do ministério pastoral, sem ser alheia à espiritualidade, mas com as suas atividades cotidianas, sejam ordinárias ou extraordinárias, expressam “[...] a caridade pastoral, intimamente conexa à Eucaristia, que constitui o princípio interior e dinâmico capaz de unificar as múltiplas e diversas atividades pastorais do presbítero e conduzir os homens à vida da Graça”³⁴. Assim sendo, toda e qualquer atividade, realizada com um espírito de doação de si, “[...] deve ser uma manifestação da caridade de Cristo, da qual o presbítero saberá exprimir atitudes e comportamentos, até a doação total de si em benefício do rebanho que lhe foi confiado”³⁵.

Isso porque, o presbítero é configurado a Jesus Cristo que é a Cabeça da Igreja. Segundo o Papa João Paulo II,

É "Cabeça" no sentido novo e original de ser "servo", segundo as suas próprias palavras: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida em resgate por todos" (Mc 10,45). O serviço de Jesus atinge a plenitude com a morte na cruz, ou seja, com o dom total de si mesmo, na humildade e no amor: "Despojou-se a si próprio, assumindo a condição de servo e tornando-se igual aos homens; aparecendo em forma humana, humilhou-se a si mesmo fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz" (Fil 2,7-8). A autoridade de Jesus Cristo Cabeça coincide, portanto, com o seu serviço, o seu dom, a sua entrega total, humilde e amorosa pela Igreja. E tudo isto em perfeita obediência ao Pai: Ele é o único verdadeiro servo sofredor, conjuntamente Sacerdote e Vítima (PDV 21).

Ao fazer-se, a exemplo de Cristo o, sacerdote e vítima, com o exercício do seu ministério, o presbítero deverá ser próximo dos sofredores, dos pequenos, daqueles em dificuldades, dos marginalizados e, sobretudo, dos pobres e dos doentes, e todos aqueles que

33 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.104.

34 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.106.

35 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.107.

muitas vezes são desprezados e esquecidos. Afinal, como afirma o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, “[...] hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG 48).

Por isso, “[...] para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. [...] Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos.” (EG 198). Sem a compreensão teológica dessa opção, o significado profundo da caridade pastoral corre o risco de ser esvaziado pela lógica do “funcionalismo”. E, nessa perspectiva, o sacerdócio acaba reduzido apenas aos seus aspectos funcionais, de modo que “[...] ser padre consistiria em realizar alguns serviços e garantir algumas prestações de trabalho”³⁶. Essa mentalidade faz do sacerdócio não mais uma vocação à qual o homem respondeu com seu “sim”, e se torna uma “profissão eclesial” como qualquer outra. A Igreja não é mais uma expressão do mistério do amor de Deus, o sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano como proclamou o Concílio Vaticano II. Mas uma empresa meramente humana, frequentemente submissa à economia, que sustenta um profissional do sagrado, ou então, submissa à política. Como afirma o Papa Francisco, “[...] é verdade que os ministros da religião não devem fazer política partidária, própria dos leigos, mas mesmo eles não podem renunciar à dimensão política da existência que implica uma atenção constante ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral” (FT 276).

Um alerta nos é dado pelo Papa Bento XVI quando afirma,

[...] enquanto sacerdotes de Jesus Cristo, fazemo-lo com zelo. As pessoas não devem jamais ter a sensação de que o nosso horário de trabalho cumprimos-lo conscienciosamente, mas antes e depois pertencemo-nos apenas a nós mesmos. Um sacerdote nunca se pertence a si mesmo. As pessoas devem notar o nosso zelo, através do qual testemunhamos de modo credível o Evangelho de Jesus Cristo³⁷.

Pelo próprio fato do anúncio e do testemunho do Evangelho perpassarem o todo do ministério, “[...] o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável de sua própria essência. Assim como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva com o próximo” (EG 179). E, por isso, “[...] a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja” (EG 198).

Contudo, Francisco alerta que

Ao mesmo tempo, há que rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação. Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se nalguma falsa espiritualidade (EG 262).

E o antídoto para essa tentação e esse risco, como aponta o Papa Francisco, é o testemunho dos primeiros cristãos e de tantos irmãos ao longo da história que se mantiveram “[...] transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa. [...] temos de reconhecer que o contexto do Império Romano não era favorável ao anúncio do Evangelho, nem à luta pela justiça, nem à defesa da dignidade humana” (EG 263).

36 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.108.

37 BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2012)*.

Em tudo isso, o presbítero é chamado a doar-se a si mesmo. O dom de si é, ao mesmo tempo, uma tarefa e uma resposta livre e responsável do sacerdote. Para o Papa João Paulo II,

O conteúdo essencial da caridade pastoral é o dom de si, o total dom de si mesmo à Igreja, à imagem e com o sentido de partilha do dom de Cristo. “A caridade pastoral é aquela virtude pela qual nós imitamos Cristo na entrega de si mesmo e no seu serviço. Não é apenas aquilo que fazemos, mas o dom de nós mesmos que manifesta o amor de Cristo pelo seu rebanho. A caridade pastoral determina o nosso modo de pensar e de agir, o modo de nos relacionarmos com as pessoas. E não deixa de ser particularmente exigente para nós” (PDV 23).

O zelo pastoral pelo anúncio do Evangelho pode levar muitos sacerdotes ao cansaço e à exaustão. Contudo, o Papa Francisco nos faz perceber que “[...] uma chave da fecundidade sacerdotal reside na forma como repousamos e como sentimos que o Senhor cuida do nosso cansaço”³⁸. Afinal,

Pode acontecer também que, ao sentir o peso do trabalho pastoral, nos venha a tentação de descansarmos de um modo qualquer, como se o repouso não fosse uma coisa de Deus. Não caíamos nesta tentação! A nossa fadiga é preciosa aos olhos de Jesus, que nos acolhe e faz levantar o ânimo: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos” (Mt 11,28). Se uma pessoa sabe que, morta de cansaço, pode prostrar-se em adoração e dizer: “Senhor, por hoje basta!”, rendendo-se ao Pai, sabe também que, ao fazê-lo, não cai, mas renova-se, pois o Senhor que ungiu com o óleo da alegria o povo fiel de Deus, também a unge a ela: “Muda a sua cinza em coroa, o seu semblante triste em perfume de festa e o seu abatimento em cantos de festa” (cf. Is 61,3)³⁹.

Desse modo, o Papa Francisco nos faz perceber que o cansaço pastoral, fruto de dedicação ao povo de Deus, do consumir-se em favor do rebanho, é um cansaço santo, um cansaço que se torna uma fonte de espiritualidade, de novidade e “[...] uma graça que está ao alcance de todos nós, sacerdotes”⁴⁰. E, ademais, “[...] o povo fiel não nos deixa sem atividade direta, a não ser que alguém se esconda num escritório ou passe pela cidade com vidros escuros. E este cansaço é bom, é um cansaço saudável. É o cansaço do sacerdote com o cheiro de ovelhas”⁴¹.

Contudo, é preciso estar alerta que nem todo cansaço é assim. Há aquele que podemos chamar de o cansaço dos inimigos: “[...] o diabo e os seus sectários não dormem. [...] Aqui o cansaço de enfrentá-los é mais árduo. Não se trata apenas de fazer o bem, com toda a fadiga que isso implica, mas é preciso também defender o rebanho e defender-se a si mesmo do mal”⁴². E, além desse, há o cansaço de nós próprios, que, segundo Francisco, “[...] este cansaço é o mais autorreferencial: é a desilusão com nós mesmos. [...] Trata-se do cansaço que resulta do ‘querer e não querer’, [...] de jogar com a ilusão de sermos outra coisa qualquer”⁴³. Nesse sentido, o cansaço pastoral deve também ser discernido na oração e assumido como uma graça que o Senhor concede ao seu ministro com cheiro de ovelha, anunciador do Evangelho.

Portanto, nesse conjunto de atividades que fazem parte da missão presbiteral, o Papa João Paulo II afirma que a caridade pastoral,

38 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

39 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

40 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

41 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

42 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

43 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

[...] constitui o princípio interior e dinâmico capaz de unificar as múltiplas e diferentes atividades do sacerdote. Graças a ela, pode encontrar resposta a exigência permanente e essencial de unidade entre a vida interior e tantas atividades e responsabilidades do ministério, exigência sempre mais urgente num contexto sociocultural e eclesial fortemente assinalado pela complexidade, desagregação e dispersão. Somente a concentração de cada instante e de cada gesto à volta da opção fundamental e qualificante de “dar a vida pelo rebanho” pode garantir esta unidade vital, indispensável para a harmonia e para o equilíbrio espiritual do sacerdote: “A unidade de vida - recorda o Concílio - pode ser conseguida pelos presbíteros seguindo, no desempenho do próprio ministério, o exemplo de Cristo Senhor, cujo alimento era o cumprimento da vontade d'Aquele que o tinha enviado a realizar a sua obra (...) Assim, representando o Bom Pastor, no mesmo exercício pastoral da caridade, encontrarão o vínculo da perfeição sacerdotal que tornará efetiva a unidade entre a sua vida e atividade” (PDV 23).

A atividade pastoral do ministro de Cristo implica na pregação, e esta exige fidelidade à Palavra. Uma vez que, “Cristo confiou aos Apóstolos e à Igreja a missão de pregar a Boa Nova a todos os homens, transmitir a fé é preparar um povo para o Senhor, revelar, anunciar e aprofundar a vocação cristã; isto é, a chamada que Deus dirige a cada homem”⁴⁴.

O caráter missionário da transmissão da fé e a exigência de autenticidade e de conformidade com a fé da Igreja se fazem indispensáveis. Afinal, o Magistério compreende que o “[...] ministério da palavra não pode ser abstrato ou distante da vida das pessoas; ao contrário, ele deve referir-se diretamente ao sentido da vida do homem, de cada homem, e, portanto, deverá entrar nas questões mais vivas que se colocam à consciência humana”⁴⁵. Esse cuidado com os destinatários do Evangelho e com a fidelidade à Palavra é sinal do caráter missionário da pregação, que rompe as fronteiras geográficas e existenciais ou condicionantes, de modo que, para cada pessoa humana, há uma palavra de vida nova e eterna. E, inclusive, “[...] deve ser feito com sentido de extrema responsabilidade, consciente de que se trata de uma questão de máxima importância, enquanto está em jogo a vida do homem e o sentido da sua existência”⁴⁶.

Sendo assim, hoje, “[...] o presbítero deve dar o primado ao testemunho de vida, que faz descobrir a potência do amor de Deus e torna persuasiva a sua palavra”⁴⁷. Isso significa que não “[...] descuidará da pregação explícita do mistério de Cristo aos crentes, aos não crentes e aos não crentes; da catequese, que é a exposição ordenada e orgânica da doutrina da Igreja; e da aplicação da verdade revelada à solução dos casos concretos”⁴⁸. Isso porque “[...] a fé depende da pregação e a pregação, por sua vez, se atua pela Palavra de Cristo” (Rm 10,17), o que exige que os presbíteros sejam “[...] não só as testemunhas, mas também os anunciadores e transmissores da fé”⁴⁹.

Por isso, o Papa Bento XVI afirma que,

Consequentemente, as suas palavras, as suas opções e atitudes devem ser cada vez mais uma transparência, um anúncio e um testemunho do Evangelho; só ‘permanecendo’ na Palavra, é que o presbítero se tornará perfeito discípulo do Senhor, conhecerá a verdade e será realmente livre (VD 102).

Ou seja, a pregação não pode ser reduzida à mera comunicação de ideias e pensamentos próprios ou manifestações de experiências pessoais, nem às explicações

44 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.119.

45 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.120.

46 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.120.

47 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.120.

48 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.20-121.

49 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.122.

simplicistas de acento psicológico, sociológico, filantrópico ou ideológico. Por isso, o *Diretório* afirma que para ser “eficaz e credível, é importante que o presbítero [...] conheça, com um sentido crítico construtivo, as ideologias, a linguagem, os laços culturais, as tipologias difundidas pelos meios de comunicação e que, em grande parte, condicionam as mentalidades”⁵⁰. E, além disso, o presbítero deve evitar a excessiva retórica, típica da comunicação de massa. Desse modo, é indispensável ao presbítero a consciência da missão própria do anunciador do Evangelho, como instrumento de Cristo e do Espírito, que pastoralmente ele desenvolve e concretiza seu ministério.

O anúncio da Boa-Nova está intimamente ligado, na pastoral cotidiana, à catequese. Por isso, “[...] é importante que ele [o presbítero] saiba integrar tal atividade num projeto orgânico de evangelização, garantindo, antes de tudo, a comunhão da catequese da própria comunidade com a pessoa do Bispo, com a Igreja particular e com a Igreja universal”⁵¹. Desse modo, “[...] o sacerdote deverá ser o catequista dos catequistas, formando com eles uma verdadeira comunidade de discípulos do Senhor, que sirva como ponto de referência para os catequizandos”⁵².

Se o serviço da Palavra é o elemento fundamental do ministério presbiteral, o seu coração é, sem dúvida, a Eucaristia, que é, sobretudo, a presença real, no tempo, do único e eterno sacrifício de Cristo. Ela “[...] é princípio, meio e fim do ministério sacerdotal”⁵³.

Jesus, afirma o Papa Francisco, “[...] nos deixa a Eucaristia como memória cotidiana da Igreja, que nos introduz cada vez mais na Páscoa (cf. Lc 22,19). A alegria evangelizadora refulge sempre no horizonte da memória agradecida” (EG 13). E, justamente por isso, ela, “[...] embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (EG 47). E isso implica radicalmente na ação pastoral do presbítero, porque não é controlador da graça, mas facilitador para o seu acesso.

Apresentamos aqui o apelo do Papa Francisco aos sacerdotes e leigos de Buenos Aires: “[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). O caminho é a missão, vivida com compaixão, com amor e misericórdia. E não uma vida fechada e focada nos bens, nas seguranças das estruturas do mundo.

O Concílio Vaticano II afirma que, há uma profunda e íntima “[...] conexão entre a centralidade da Eucaristia, a caridade pastoral e a unidade de vida do presbítero”⁵⁴. Por isso, justamente pelo fato do mistério do sacerdócio o vincular mais propriamente ao Verbo encarnado, “[...] o presbítero empresta a Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, a inteligência, a vontade, a voz e as mãos para, mediante o seu ministério, poder oferecer ao Pai o sacrifício sacramental da redenção, deverá fazer próprias as disposições do Mestre e viver, como Ele, sendo *dom*, para os seus irmãos”⁵⁵. E mais, é seu dever e obrigação “[...] aprender a unir-se intimamente à oferta, colocando sobre o altar do sacrifício toda a sua vida como sinal manifestativo do amor gratuito proveniente de Deus”⁵⁶.

E, ainda que “[...] o sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que Se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão, mas pode tornar-

50 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.124.

51 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.127.

52 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.128.

53 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.130.

54 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.130.

55 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.131.

56 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.131.

se particularmente controversa se se identifica demasiado a potestade sacramental com o poder” (EG 104). De modo que “[...] a configuração do sacerdote com Cristo Cabeça – isto é, com a fonte principal da graça – não comporta uma exaltação que o coloque por cima dos demais” (EG 104).

Por isso, o mistério da unidade entre Eucaristia e ministério sacerdotal é tão estreito e forte que a celebração eucarística tem um valor insubstituível na vida do presbítero. Ela é “fonte e ápice” (Cf. LG 11; SC 10; PO 18) de toda ação litúrgica e, mesmo que a liturgia não seja sua única atividade (SC 9), ela deve ser celebrada cotidianamente, como antes afirmamos. Inclusive, e esse é um ponto de tensão especialmente no contexto da pandemia do coronavírus, que a orientação para celebração cotidiana é tão forte que ela supera o impedimento de o presbítero celebrar mesmo sem a presença de algum fiel⁵⁷.

A celebração eucarística deve ser vivida como momento central do dia e do ministério cotidiano, “[...] fruto dum desejo sincero e ocasião de encontro profundo e eficaz com Cristo. Na Eucaristia, o sacerdote aprende a doar-se a cada dia, não apenas nos momentos de grande dificuldade, mas também nas pequenas contrariedades diárias”⁵⁸, sem se descuidar de que ela “[...] é, antes de tudo, celebrada para a glória de Deus e em ação de graças pela salvação da humanidade”⁵⁹.

Segundo o Papa Francisco,

O encontro com Jesus na Escritura conduz-nos à Eucaristia, onde a própria Palavra atinge a sua eficácia máxima, porque é a presença real d’Aquele que é a Palavra viva. Ali, o único Absoluto recebe a maior adoração que pode ser dada a ele neste mundo, porque é o próprio Cristo quem se oferece. E quando o recebemos em comunhão, renovamos a nossa aliança com ele e lhe permitimos realizar cada vez mais a sua ação transformadora (GeE 157).

O presbítero é chamado a desenvolver uma profunda espiritualidade eucarística, capaz de torná-lo consciente de que, através da sua ação litúrgica-sacramental, o memorial do mistério da entrega do Senhor se repete no tempo e se torna acessível aos homens e mulheres de hoje. Assim, reconhecemos que há dons de Deus que são sempre atuais e contêm “[...] uma força que transcende todos os tempos e as circunstâncias: a Palavra do Senhor sempre viva e eficaz, a presença de Cristo na Eucaristia que nos alimenta e o Sacramento do Perdão que nos liberta e fortalece” (ChV 229).

Os presbíteros são, também, ministros da reconciliação. Os sacerdotes são “[...] por vontade de Cristo, os únicos ministros do sacramento da reconciliação [...] enviados a chamar os pecadores à conversão e a reconduzi-los ao Pai mediante o julgamento da misericórdia”⁶⁰. Através deles é restabelecida “[...] a amizade com Deus Pai e com todos os seus filhos na sua família que é a Igreja”⁶¹. Se, com a pregação catequética, o pastor exorta os fiéis à consciência da ortodoxia e, com o testemunho, à ortopraxis, no nível sacramental, ele deve estimular a dor pelo pecado e a confiança na graça, superando qualquer redução da reconciliação a uma atividade psicológica ou meramente formalística⁶².

Por isso, “[...] ele é o primeiro a saber que a prática deste sacramento o fortalece na fé e na caridade para com Deus e para com os irmãos”⁶³, porque na confissão frequente ele aprende a compreender os outros, e é estimulado a “[...] colocá-lo no centro das

57 Cf. CDC, cân. 904; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.132.

58 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.132.

59 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.138.

60 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.142-143.

61 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.143.

62 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.147.

63 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.147.

preocupações pastorais”⁶⁴, como o fez o Santo Cura D’Ars.

Segundo o Papa Francisco, “[...] a verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua Encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG, n. 88). E como um modo próprio para experimentar a ternura do amor de Deus, Francisco, ainda, recorda que, “[...] com convicção, ponhamos novamente no centro o sacramento da Reconciliação, porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia” (MV 17). Afinal, no sacramento da Reconciliação, “Deus perdoa os pecados, que são verdadeiramente apagados; mas o cunho negativo que os pecados deixaram nos nossos comportamentos e pensamentos permanece. A misericórdia de Deus, porém, é mais forte também do que isso” (MV 22).

Para o Papa Francisco,

A Igreja tem a missão de anunciara misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser repropósito com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiá-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia (MV 12).

Ao irradiar com sua vida e ministério a misericórdia do Pai, o presbítero cumpre mais fielmente a missão que lhe foi confiada e, mais ainda, revela que “[...] a misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar” (MV 21).

E, ademais, paralelamente à Reconciliação, o presbítero deve exercer o ministério da direção espiritual, sendo eles mesmos assíduos a ela e “[...] com a ajuda do acompanhamento ou conselho espiritual [...] é mais fácil discernir a ação do Espírito Santo na vida de cada indivíduo”⁶⁵.

Para o Papa Francisco,

Embora possa soar óbvio, o acompanhamento espiritual deve conduzir cada vez mais para Deus, em quem podemos alcançar a verdadeira liberdade. Alguns crêem-se livres quando caminham à margem de Deus, sem se dar conta que ficam existencialmente órfãos, desamparados, sem um lar para onde possam sempre voltar. Deixam de ser peregrinos para se transformarem em errantes, que giram indefinidamente ao redor de si mesmos, sem chegar a lado nenhum. O acompanhamento seria contraproducente, caso se tornasse uma espécie de terapia que incentive esta reclusão das pessoas na sua imanência e deixe de ser uma peregrinação com Cristo para o Pai (EG 170).

O presbítero deve se exercitar na arte de escutar o outro, de ir ao seu encontro e estabelecer com ele uma relação de proximidade, de amizade, de fraternidade. Assim, ele será capaz de fazer despertar o anseio de corresponder aos apelos que Deus faz na vida de todas as pessoas. Então, de errantes, animados pelo Espírito, nos tornamos todos peregrinos com Cristo rumo ao Pai.

Portanto, segundo o Papa Francisco,

64 BENTO XVI, *Carta de proclamação do Ano Sacerdotal por ocasião do 150º aniversário do “Dies natalis” de João Maria Vianney (16 de junho de 2009)*.

65 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.149.

Quem acompanha sabe reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida em graça são um mistério que ninguém pode conhecer plenamente a partir do exterior. O Evangelho propõe-nos que se corrija e ajude a crescer uma pessoa a partir do reconhecimento da maldade objetiva das suas ações (cf. Mt 18,15), mas sem proferir juízos sobre a sua responsabilidade e culpabilidade (cf. Mt 7,1; Lc 6,37). Seja como for, um válido acompanhante não transige com os fatalismos nem com a pusilanimidade. Sempre convida a querer curar-se, a pegar no catre (cf. Mt 9,6), a abraçar a cruz, a deixar tudo e partir sem cessar para anunciar o Evangelho. A experiência pessoal de nos deixarmos acompanhar e curar, conseguindo exprimir com plena sinceridade a nossa vida a quem nos acompanha, ensina-nos a ser pacientes e compreensivos com os outros e habilita-nos a encontrar as formas para despertar neles a confiança, a abertura e a vontade de crescer (EG 172).

Sendo assim, os presbíteros devem ser companheiros e zelar pela justiça, devem conhecer o povo de Deus que está sob seus cuidados e caminhar com ele. Ao zelar pela justiça, saberá como orientar de volta ao caminho quando se desviarem, denunciando sem dúvida o erro, mas o fazendo sempre com misericórdia. Afinal, como afirma o Papa, “o acompanhamento espiritual autêntico começa sempre e prossegue no âmbito do serviço à missão evangelizadora” (EG 173).

4 A OBEDIÊNCIA E O ESPÍRITO SACERDOTAL DE POBREZA

A obediência é uma virtude indispensável ao presbítero. Sua raiz última e sentido profundo se encontra no mistério de entrega do próprio Cristo na Cruz, que revela o valor salvífico da obediência e da fidelidade à vontade do Pai. São Paulo escrevia aos Filipenses que Cristo “[...] foi obediente até a morte e morte de cruz” (Fl 2,8) e a Carta aos Hebreus atesta que Jesus “[...] aprendeu por experiência a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5,8). Percebemos “[...] que a obediência ao Pai está no próprio coração do Sacerdócio de Cristo”⁶⁶ e que a obediência está estreitamente unida à caridade. Na caridade pastoral, como afirmava São Paulo VI, se supera a relação de obediência jurídica, a fim de que ela seja voluntária, leal e segura⁶⁷.

Por isso, consideramos que,

Como para Cristo, assim também para o presbítero, a obediência exprime a total e alegre disponibilidade de se cumprir a vontade de Deus. Por isso, o sacerdote reconhece que esta vontade é manifestada também pelas indicações dos legítimos superiores. Esta disponibilidade deve ser entendida como uma verdadeira realização da liberdade pessoal, consequência duma escolha amadurecida constantemente diante de Deus na oração. A virtude da obediência, requerida intrinsecamente pelo sacramento e pela hierarquia da Igreja, é claramente prometida pelo clérigo, primeiro no rito da ordenação diaconal e, depois, no da ordenação presbiteral. Mediante ela, o presbítero fortalece a sua vontade de comunhão, entrando, assim, na dinâmica da obediência de Cristo, feito Servo obediente até a morte de Cruz (cf. Fl 2,7-8)⁶⁸.

O amadurecimento e o discernimento da obediência fazem com que o presbítero se doe a si mesmo, de modo que a sua vontade pessoal se torna aquilo que o Espírito lhe pede na Igreja. Não é possível ser servo sem obediência. Um serviço rebelde, no sentido negativo do termo, rompe com o mistério eclesiológico e a fraternidade cristã, que são fundamentais para sua identidade. O *Decreto Presbyterorum Ordinis*, sobre o mistério da Igreja afirma que

66 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.109.

67 PAULO VI, *Carta Encíclica Sacerdotalis caelibatus*, n.93.

68 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.109.

“[...] o ministério sacerdotal, porém, sendo ministério da própria Igreja, só em comunhão hierárquica com todo o corpo se pode desempenhar” (PO 15). E, ainda, sobre a fraternidade afirma:

[...] a caridade pastoral instiga que os presbíteros, agindo nesta comunhão, entreguem a sua vontade por obediência ao serviço de Deus e dos seus irmãos, recebendo com espírito de fé e executando o que lhes é preceituado ou recomendado pelo Sumo Pontífice, pelo próprio Bispo e outros superiores, entregando-se e “super-entregando-se”, de todo o coração, a qualquer cargo, ainda que humilde e pobre, que lhes seja confiado (PO 15).

Nesse sentido, a obediência do sacerdote é uma obediência libertadora das vontades meramente pessoais e de outras “potestades”. Além disso, a obediência é fundamental para a realização da vocação. Uma vez que é um chamado de Deus, ela expressa a vontade D’Ele para o sujeito. Sem obediência a esse chamado, que é discernido pela Igreja e sacramentado na ordenação, a vocação sacerdotal se torna um projeto humano e não aquele dom “[...] conferido por Deus no coração de alguns homens, [que] exige da Igreja propor-lhes um sério caminho de formação” (RFIS 1). Caminho este, que conduz a “[...] uma especial obrigação de respeito e obediência ao Sumo Pontífice e ao Ordinário próprio”⁶⁹. Isso porque “[...] o presbítero está agregado ao serviço duma Igreja particular, cujo princípio e fundamento de unidade é o Bispo, que tem sobre ela todo o poder ordinário, próprio e imediato, necessário para o exercício do seu múnus pastoral”⁷⁰ e do qual é colaborador nas obrigações pastorais e na ação evangelizadora.

E em segundo lugar, a obediência à hierarquia eclesial liberta da obediência a quaisquer outros poderes. Pelo fato de que “[...] a obrigação de adesão ao Magistério em matéria de fé e de moral está intrinsecamente ligada a todas as funções que o sacerdote deve desenvolver na Igreja”⁷¹, a obediência deve ser compreendida pelo sacerdote, como uma recusa à submissão a qualquer outra força que possa afastá-lo da unidade com Cristo, com a Igreja, com o Bispo, com o povo de Deus ao qual é enviado como pastor e cuidador. Podemos considerar, nesse momento, que há uma ruptura com essa perspectiva quando a espiritualidade do mercado conquista o coração do presbítero e ele não mais é pastor das ovelhas, mas um mercenário que foge ao sinal do perigo ou se beneficia das próprias ovelhas (Cf. Jo 10,12-13).

Podemos considerar que, assim como as partes do corpo estão sujeitas à cabeça, na Igreja, corpo de Cristo cabeça, o ordenamento hierárquico e as normas “[...] servem para proteger adequadamente os dons do Espírito Santo confiados à Igreja”⁷². Por isso, o presbítero “[...] assume generosamente o empenho de observar fielmente todas e cada uma das normas, evitando aquelas formas de adesão parcial, segundo critérios subjetivos, que criam divisão e se repercutem, com notável dano pastoral, também sobre os fiéis leigos e sobre a opinião pública”⁷³. E, além disso, a adesão ao estatuto canônico “[...] é fonte de liberdade, enquanto não impede, mas estimula a espontaneidade amadurecida do presbítero, que saberá assumir uma atitude pastoral serena e equilibrada, em relação ao que está estabelecido, criando a harmonia”⁷⁴ necessária na vida e no ministério do presbítero, do sacerdote, do pastor.

69 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.111.

70 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.111-112.

71 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.112.

72 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.113.

73 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.113.

74 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.114.

Outro elemento que é essencial para o presbítero é o espírito sacerdotal de pobreza. O seu sentido profundo é “[...] a pobreza de Jesus [que] tem uma finalidade salvífica. Cristo, sendo rico, fez-se pobre por nós, para que nos tornássemos ricos pela sua pobreza (2Cor 8,9)”⁷⁵. Sobretudo o exemplo do esvaziamento, que São Paulo chama de *Kenosis*, “[...] deve levar o presbítero a conformar-se com Ele, na liberdade interior, em relação a todos os bens e riquezas do mundo”⁷⁶.

Segundo o Papa Francisco, o sacerdote foi ungido “[...] em Cristo com óleo da alegria, e esta unção convida-nos a acolher e cuidar deste grande dom: a alegria, o júbilo sacerdotal. A alegria do sacerdote é um bem precioso tanto para si mesmo como para o povo fiel de Deus”⁷⁷. A alegria que é impregnada no sacerdote pela unção do Espírito traz consigo o desejo de seguir o Senhor por toda a vida e, ao contemplar a *Kenosis* de Cristo, se reconhece pequeno diante da “[...] grandeza incomensurável do dom que nos é dado para o ministério relega-nos entre os menores dos homens”⁷⁸.

Para Francisco,

O sacerdote é o mais pobre dos homens, se Jesus não o enriquece com a sua pobreza; é o servo mais inútil, se Jesus não o trata como amigo; é o mais louco dos homens, se Jesus não o instrui pacientemente como fez com Pedro; o mais indefeso dos cristãos, se o Bom Pastor não o fortifica no meio do rebanho. Não há ninguém menor que um sacerdote deixado meramente às suas forças; por isso, a nossa oração de defesa contra toda a cilada do Maligno é a oração da nossa Mãe: sou sacerdote, porque Ele olhou com bondade para a minha pequenez (cf. Lc 1,48). E, a partir desta pequenez, recebemos a nossa alegria. Alegria na nossa pequenez⁷⁹.

Alegria na pequenez é a alegria na *Kenosis*, no seguimento sincero e radical a Jesus Cristo animado pelo Espírito. Nesse sentido, o Magistério reconhece que “[...] na verdade, dificilmente o sacerdote se tornará verdadeiramente servo e ministro dos seus fiéis, se estiver excessivamente preocupado com as suas comodidades e com um excessivo bem estar”⁸⁰. Então, ecoa a pergunta: “[...] que aproveita o homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a sua alma? E que coisa poderia o homem dar em troca da sua alma?” (Mc 8,36-37). Desse modo, “[...] cada sacerdote é chamado a viver a virtude da pobreza, que consiste essencialmente em entregar o coração a Cristo, que é o verdadeiro tesouro, e não às riquezas materiais”⁸¹.

Ao viver a virtude da pobreza o presbítero encontrará uma profunda alegria no sacerdócio. Isso porque, segundo o Papa Francisco, trata-se de “[...] uma alegria que nos unge. Quer dizer, penetrou no íntimo do nosso coração, configurou-o e fortificou-o sacramentalmente”⁸². Essa alegria também é “[...] uma alegria incorruptível. A integridade do Dom – ninguém lhe pode tirar nem acrescentar nada – é fonte incessante de alegria [...] a propósito da qual prometeu o Senhor que ninguém no-la poderá tirar”⁸³. E, ainda, “[...] a alegria do sacerdote está intimamente relacionada com o povo fiel e santo de Deus, porque se trata de uma alegria eminentemente missionária”⁸⁴.

O sacerdote é pobre de alegrias meramente humanas porque ele faz muitas renúncias para encontrar e assumir sua identidade presbiteral. Para o Papa Francisco,

75 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.169.

76 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.170.

77 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

78 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

79 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

80 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.170.

81 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.170.

82 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

83 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

84 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

O sacerdote que pretende encontrar a identidade sacerdotal indagando introspectivamente na própria interioridade, talvez não encontre nada mais senão sinais que dizem “saída”: sai de ti mesmo, sai em busca de Deus na adoração, sai e dá ao teu povo aquilo que te foi confiado, e o teu povo terá o cuidado de fazer-te sentir e experimentar quem és, como te chamas, qual é a tua identidade e fazer-te-á rejubilar com aquele cem por um que o Senhor prometeu aos seus servos. Se não saís de ti mesmo, o óleo torna-se rançoso e a unção não pode ser fecunda. Sair de si mesmo requer despojar-se de si, comporta pobreza⁸⁵.

É, portanto, o compromisso missionário assumido no sacramento da Ordem que faz com que aquele óleo perfumado da unção produza frutos no ministério do presbítero. E, além disso, há a fidelidade, chave para a fecundidade, cujos “[...] filhos espirituais que o Senhor dá a cada sacerdote, [...] todos eles são esta ‘Esposa’ que o sacerdote se sente feliz em tratar como sua predileta e única amada e ser-lhe fiel sem cessar. É a Igreja viva”⁸⁶. E, por isso, há “[...] a obediência à Igreja no serviço: disponibilidade e prontidão para servir a todos, sempre e da melhor maneira”⁸⁷. Essa disponibilidade, fruto da obediência, “[...] faz da Igreja a Casa das portas abertas, refúgio para os pecadores, lar para aqueles que vivem na rua, casa de cura para os doentes, acampamento para os jovens, sessão de catequese para as crianças”⁸⁸.

É com esse espírito que o presbítero deverá administrar os bens que lhe são confiados. Nesse sentido, o Magistério deixa claro que,

O sacerdote, cuja parte de herança é o Senhor (cf. Nm 18,20), sabe que a sua missão, como a da Igreja, se realiza no seio do mundo e que os bens criados são necessários para o desenvolvimento pessoal do homem. Porém, ele usará tais bens com espírito de responsabilidade, moderação, reta intenção e distância, próprio de quem tem o seu tesouro nos céus e sabe que tudo deve ser usado para a edificação do reino de Deus (Lc 10,7; Mt 10,9.10; 1Cor 9,14 Gl 6,6)⁸⁹.

E mais,

[...] que o presbítero evite dar motivos, até a mais leve insinuação, relativos ao fato de que possa conceber o próprio ministério como uma oportunidade para obter benefícios, favorecer os seus ou buscar posições privilegiadas. Ele, ao contrário, deve estar em meio aos homens para servir os outros sem medida, seguindo o exemplo de Cristo, o Bom Pastor (cf. Jo 10,10). Recordando, além disso, que o dom que recebeu é gratuito, esteja disposto a dar gratuitamente (Mt 10,8; At 8,18-25) e a empregar para o bem da Igreja e para obras de caridade o que recebe por ocasião do exercício do seu múnus, depois de ter providenciado à sua honesta sustentação e ao cumprimento dos deveres próprios do estado⁹⁰.

Isso nos mostra que o sonho de uma Igreja pobre para os pobres (EG 198) recebe novo impulso com o pontificado de Francisco. O presbítero “[...] é obrigado levar uma vida simples e a abster-se de tudo o que pode ter sabor de vaidade, abraçando assim a pobreza voluntária, para seguir mais de perto a Cristo”⁹¹. E, por isso, “[...] em tudo (habitação, meios de transporte, férias, etc.), o presbítero elimine todo o tipo de requinte e de luxo. [...] deve lutar diariamente para não cair no consumismo e numa vida mole, que hoje invade a sociedade”⁹².

85 FRANCISCO, *Homília do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

86 FRANCISCO, *Homília do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

87 FRANCISCO, *Homília do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

88 FRANCISCO, *Homília do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

89 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.170-171.

90 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.171.

91 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.171-172.

92 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.172.

É, portanto, pelo testemunho da pobreza evangélica que a credibilidade da sua pregação e a eficácia do seu apostolado se realizam. O presbítero,

Amigo dos mais pobres, reservará para eles as mais delicadas atenções da sua caridade pastoral, com a opção preferencial por todas as pobreza, velhas e novas, tragicamente presentes no mundo, recordando sempre que a primeira miséria de que deve ser libertado o homem é o pecado, raiz última de todo o mal⁹³.

A opção pelos pobres, exigência do espírito sacerdotal de pobreza, exige que, antes de mais nada, o sacerdote se reconheça amigo dos pobres, e por isso a sua relação com eles deve ser pautada por aquele amor que emana do coração do próprio Deus e se sentir corresponsável pela condição na qual eles se encontram. A exemplo de Cristo que se fez pobre entre os pobres, o sacerdote é chamado para estar junto daqueles obrigados à margem do caminho, e, movido pelo mesmo amor que fez o samaritano socorrer o caído, se fazer próximo e derramar vinho e óleo nas feridas profundas da existência humana, material e espiritual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No exercício do seu ministério, os presbíteros deverão manifestar o desprendimento, o desapego e uma profunda experiência de fé e de encontro com Jesus Cristo. Eles devem ter a consciência de que, pelo fato de serem ministros de Cristo pelo sacramento da Ordem, associam a si o mistério da morte e ressurreição do Senhor. E para sustentar a vontade contínua de doar-se com alegria às responsabilidades do ministério, carecem de uma fé firme, cujas convicções são maduras, livres e generosas.

Isso significa que o presbítero, ao oferecer a sua vida a serviço do Evangelho, deve buscar tornar credível seu anúncio, através das diversas formas de caridade e do testemunho da santidade cristã, manifestadas num estilo de vida sóbrio, simples, obediente e humilde. E, em vista disso, faz a opção por aqueles que têm a sua dignidade ferida: os pobres e marginalizados, os migrantes e os que fazem da rua seu lar, os humildes, os doentes e idosos. Assim, a vivência de um espírito sacerdotal de pobreza faz renunciar à arrogância, à indiferença, ao desprezo e à intolerância, às tentações do carreirismo, do poder, dos likes e da mídia; da vida fútil e vazia.

Essas renúncias poderiam causar desânimo e desvio por caminhos aparentemente mais cômodos. Contudo, assim como os dons de Deus se multiplicam justamente onde há fé, oração e caridade, o espírito sacerdotal de pobreza se torna vínculo de união entre o presbítero e Cristo, ressignificando as dificuldades e o cansaço pastoral. Por isso, não pode haver fidelidade vocacional nem espírito de pobreza fora de um caminho espiritual vigoroso. Desse modo, o estilo de vida de um presbítero exige um constante cuidado da vida divina recebida no Batismo, com todos os meios que favoreçam seu desenvolvimento, tais como: a celebração eucarística cotidiana que é centro da vida espiritual, fonte e sustento do ministério pastoral; a reconciliação frequente, que favorece uma contínua conversão; a direção espiritual, a fim de discernir a vontade de Deus; a recitação da liturgia das horas, o exame de consciência, a *lectio divina*, os retiros espirituais; a devoção mariana; a vida austera, pois o ministério ordenado exige renúncias e sacrifícios que somente uma sã e equilibrada pedagogia ascética pode favorecer; e outros meios que possam fazê-lo crescer espiritualmente, vocacionalmente, ministerialmente.

93 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.172.

Então, reconhecemos que a espiritualidade sacerdotal – alicerçada na vida de oração, no exercício da caridade, da pregação, da celebração dos sacramentos e, ainda, as virtudes da obediência e do espírito de pobreza – é fundamental para que o presbítero seja um verdadeiro pastor da comunidade que lhe é confiada. Ele, à imagem de Cristo, Bom Pastor, oferece a sua vida por toda a Igreja, comunidade que reúne o Povo de Deus. Por isso, “[...] o sacerdote existe e vive para ela; por ela reza, estuda, trabalha e se sacrifica; por ela está disposto a dar a vida, amando-a como Cristo, dirigindo para ela todo o seu amor e a sua estima”⁹⁴.

Assim, sua vida como pastor será dedicada a todos e cada um dos membros da sua comunidade, “[...] esclarecendo as suas consciências com a luz da verdade revelada, defendendo a autenticidade evangélica da vida cristã com autoridade, corrigindo os erros, perdoando, sanando as feridas, consolando as aflições, promovendo a fraternidade”⁹⁵.

Obviamente, isso não será isento de possíveis conflitos eclesiológicos, políticos e de outras ordens. Contudo, para ser bom guia do seu povo, o presbítero precisa estar sempre atento aos sinais dos tempos: a respeito da Igreja universal, da história humana, da realidade concreta da sua comunidade. Para ter melhores condições de discernir esses sinais, ele deve se atualizar constantemente “[...] no estudo das ciências sacras e dos diversos problemas teológicos e pastorais, e o exercício duma sábia reflexão sobre os dados sociais, culturais e científicos que caracterizam nosso tempo”⁹⁶.

Finalmente, ele precisa mostrar profundo amor pela Igreja, que é sua mãe e mestra, e viver com alegria a pertença eclesial, testemunhando com a vida a comunhão com o Papa, os bispos, com o presbitério e com todos os fiéis leigos. O presbítero é um homem chamado por Deus e enviado pela Igreja para ser sinal de comunhão na comunidade de fiéis que lhes são confiados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. *Carta de proclamação do Ano Sacerdotal por ocasião do 150º aniversário do “Dies natalis” de João Maria Vianney (16 de junho de 2009)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2009/documents/hf_ben-xvi_let_20090616_anno-sacerdotale.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011. 218 p.

BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (13 de abril de 2006)*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060413_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2007)*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070405_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (20 de março de 2008)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080320_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2012)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120405_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

94 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.154.

95 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.154.

96 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.155.

- BENTO XVI. *Vigília por ocasião da conclusão do Ano Sacerdotal (10 de junho de 2010)*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20100610_concl-anno-sac.html>. Acesso em 12 de janeiro de 2021.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. 2206 p.
- Código de Direito Canônico* (1983). São Paulo: Loyola, 2017.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. Brasília: Edições CNBB, 2013. 232 p.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral – Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: Edições CNBB, 2017. 143 p.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Respostas *Celebratio integra* acerca de algumas questões sobre a obrigatoriedade da recitação da Liturgia das Horas (15 de novembro de 2000). Disponível em <<https://www.presbiteros.org.br/respostas-sobre-a-obrigatoriedade-da-recitacao-da-liturgia-das-horas/>>. Acesso em 25 de janeiro de 2021.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. In.: VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-244.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In.: VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 470-549.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto Presbyterorum ordinis sobre o ministério e a vida sacerdotal. In.: VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 440-469.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia. In.: VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 141-184.
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011. 528 p.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020. 149 p.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Brasília: Edições CNBB, 2018. 126 p.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Gaudete et Exultate sobre o chamado à santidade no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2018. 79 p.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. 165 p.
- FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (28 de março de 2013)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.
- FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140417_omelia-crisma.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.
- FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150402_omelia-crisma.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.
- FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para do 53º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20151129_53-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>. Acesso em 15 de janeiro de 2020.
- FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 54º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20161127_54-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 57ª Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20200308_57-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

FRANCISCO. *Misericordiae Vultus – Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia*. Brasília: Edições CNBB, 2015. 35 p.

JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes*. São Paulo: Paulinas, 1992. 220 p.

JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II para o 27ª Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_04101989_world-day-for-vocations.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2020.

JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II para o 37ª Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf_jpii_mes_30091999_xxxvii-voc-2000.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

PAULO VI. *Carta Encíclica Sacerdotalis caelibatus sobre o celibato sacerdotal*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_24061967_sacerdotalis.html>. Acesso em 15 de maio de 2021.

* Possui bacharelado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do RS (1980), mestrado em Exegese do Antigo Testamento - Pontifício Instituto Bíblico de Roma (1986) e doutorado em Textos seletos dos evangelhos sinóticos pela Pontifícia Universidade Católica - Rio (1992). Pós-doutor pela École Biblique et Archéologique Française de Jerusalém (Israel), 1996. É membro da ABIB (Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica), parecerista científico de diversos periódicos nacionais de teologia e membro da Comissão do INEP que elabora o processo do ENAD, em teologia. Atualmente é professor de exegese bíblica na PUCRS (PUC de Porto Alegre) e assessor de cursos bíblicos a nível nacional.

Email: mazzarolo.isidoro@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9620-1517>

Recebido em 11/03/21

Aprovado em 23/07/21

PAULO E A INTEGRAÇÃO

cultura, religião, corporalidade
e espiritualidade

PAULO AND INTEGRATION

culture, religion, corporeality
and spirituality

*Isidoro Mazzarolo**

Resumo: Paulo é um homem versátil, aberto e decidido em tudo o que diz e faz. Ele pode ser definido como teólogo, filósofo, político e místico. Neste artigo propomos alguns tópicos de reflexão em torno da importância do seu pensamento como contributos concretos na integração da espiritualidade e da sociedade.

Palavras-chave: Paulo. Religião. Cultura. Espiritualidade. Integração.

Abstract: Paul is a versatile man, open and decisive in everything he says and does. He can be defined as theologian, philosopher, politician and mystic. In this article we propose some topics for reflection on the importance of his thinking as concrete contributions to the integration of spirituality and Society.

Key words: Paul. Religion. Culture. Spirituality. Integration.



INTRODUÇÃO

Depois de Alexandre, o Grande, o mundo ocidental não foi mais o mesmo. O helenismo, com seus princípios da arte, da filosofia, do belo e da integração de povos e culturas possibilitou a superação de muitos paradigmas excludentes, séculos anteriores.

O helenismo não é uma religião, mas pode ser chamado de uma *teosofia*. É nesse quadro de grandes mestres que nosso Apóstolo vive a sua infância, mesmo sendo de cultura judaica, em Tarso. A navegação em três mares concomitantes, isto é, a religiosidade judaica, a cultura grega e o domínio político romano, permitem a Paulo uma visão e compreensão de mundo e espiritualidade para além da cultura judaica.

Ao conhecer o cristianismo, Paulo adapta, cria, inova e insere nesses mundos aquilo que ele conheceu por revelação, no caminho para Damasco (At 9,1-19).

A INFLUÊNCIA DO HELENISMO E A MUDANÇA DE PARADIGMAS

A disciplina é a espontaneidade ligada à reação da responsabilidade e, ambas estão relacionadas com a disciplina e a compaixão¹. Paulo uniu a ternura ao vigor porque soube formar uma consciência interior de alto nível espiritual. Ele sabia viver na abundância, sem escandalizar, e na indigência sem se desesperar:

¹¹ Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação.

¹² Tanto sei estar humilhado como também ser elogiado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de necessidade;

¹³ tudo posso naquele que me fortalece.

¹⁴ Todavia, fizestes bem, associando-vos na minha tribulação.

¹⁵ E sabeis também vós, ó filipenses, que, no início do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se associou comigo no tocante a dar e receber, senão unicamente vós outros;

¹⁶ porque até para Tessalônica mandastes não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades (Fl 4,10-16).

O caminho do conhecimento proporciona o desenvolvimento das capacidades de auto superação, de transcender a dor e a formação de solidez de caráter. Nisto, como ele descreve aos Filipenses, no seu intento de agradecer os donativos recebidos, que sabia viver em situações adversas e extremas. Essas experiências práticas contribuíram para a formação da consciência livre e madura, no diálogo com as culturas diferentes.

Falar de influência helenística no pensamento paulino pode provocar algumas reações compreensíveis.² Há autores que justificam todo o comportamento de Paulo a partir das estruturas judaicas e com *alguns* argumentos corretos negam qualquer peso da cultura grega na teologia do Apóstolo. Essa posição, no entanto, não abarca a totalidade do raciocínio e da teologia de Paulo. Não reconhecer a presença das ideias de liberdade, de justiça e de ética helenística na estrutura mental de Paulo é desconhecer a própria teologia do Apóstolo. Um judeu seria incapaz de fazer a passagem do *singular* (cultura judaica) para o *plural* (culturas,

1 Danah ZOHAR, e Ian MARSHALL, *QS Inteligência Espiritual*, p.223.

2 Romano PENNA, Paulo e os componentes gregos do seu pensamento. In: *Atualidade Teológica*, (2009), p.55. Penna refere no seu artigo que Albert Schweitzer, em 1930, o qual afirmou que quem quer encontrar traços helenísticos no pensamento paulino pode ser comparado a quem quer transportar a longa distância água em uma cesta. Certamente Schweitzer tinha outras intenções quando fez essa afirmação, pois o mais simples dos exegetas percebe que na pedagogia de Jesus e na de Paulo estão traços indelévels que não são encontrados nas tradições veterotestamentárias e tão pouco no pensamento judaico pós-cristão.

raças e gênero) que compõem de modo axial o pensamento e a universalidade do método de evangelização paulino.

A cultura e a filosofia helenística tinham como princípios a liberdade e os direitos sociais das pessoas em sociedade. Tanto na vida do dia a dia como nas instituições, o helenismo moldava os hábitos dos povos estrangeiros que tinham contato com eles. Os judeus que viviam em ambientes helenísticos, muitas vezes participavam de atividades nos teatros e outros eventos cívicos dos gregos e isso gerava uma grande diferença entre os judeus helenistas e os judeus da Palestina, onde as normas sociais eram muito mais rígidas no contato com os pagãos³.

Como jovem, na cidade de Tarso, muito helenizada, certamente como judeu de caráter ortodoxo, influenciado pelos seus pais, Paulo aprendeu de seus professores de escolas primárias que a *injustiça é perversidade de caráter e testemunho da ignorância*. Essa era um dos princípios éticos da filosofia platônica que ensinava que o justo é sábio e o injusto é um idiota⁴. Algumas vezes Paulo perdoa, mas outras vezes ele é severo e não aceita a injustiça como ingenuidade ou idiotice (Gl 1,6-10; 3,1-3). Ele, de modo magistral e insuspeitável, segue as pegadas de Jesus passo a passo (Mt 5,20) e insiste na retidão de caráter que era a base do cristianismo, mas também o fundamento da ética helenística.

Podemos suspeitar que Jesus tenha conhecido esses princípios helenísticos da justiça acima e antes da religião, mas Paulo, seu primeiro e mais forte amigo, o patenteia em todas as suas pegadas missionárias e em cada letra de seus escritos. O helenismo não era uma religião ou uma filosofia unívoca, mas tinha como princípios éticos a justiça e a retidão de caráter como caminhos para a felicidade escatológica⁵.

O helenismo não influenciou apenas Paulo, mas toda a teologia cristã dos primeiros séculos. Enquanto os grandes filósofos desapareciam, surgiam as escolas como a Didascalica e a Neoplatônica de Amônio Sacas e da Alexandria de Orígenes e Plotino que se tornaram os primeiros grandes ambientes de helenistas convertidos ao cristianismo⁶. Ao penetrar nas esferas do mundo greco-romano, o cristianismo, especialmente com Paulo e seus companheiros adotaram o método dos *ὁδοὶ/καὶ* (ensinamentos) que eram experiências já curtidas pelos mais vividos e transmitidas aos inexperientes⁷. Paulo insiste muito com os cristãos da Galácia dizendo que quando eram “infantos” ou “menores” (*νηπίοι*) na fé e dependentes das coisas rudimentares do mundo (*στοίχει,α του/ κοσμου/*), não tinham o conhecimento necessário para distinguir as verdades fundamentais da fé, da justiça e da liberdade em Cristo (Gl 4,3).

O contexto dessa referência de Paulo está na dinâmica da paternidade divina. Os Gálatas que viviam sob uma forte influência helenística, tinham como pai Zeus, a grande divindade grega. Paulo usa um esquema jurídico para justificar a nova filiação em Deus, a partir de Jesus Cristo. Antes de Jesus Cristo todos estavam sob a lei (os judeus) e sem lei (os pagãos), por isso, dependentes ou escravos dos rudimentos do mundo. No entanto, agora chegou a redenção e a verdadeira filiação divina, onde todos podem, sob a impulsão do Espírito Santo, invocar o mesmo Deus como *Abbá* (Pai, Gl 4,1-7)⁸. O *Abbá* grego era o pai dos deuses que se chamava de Zeus e tinha um filho chamado Hermes, que também tinha

3 P. BORGES, *Early Christianity and Hellenistic Judaism*, p.1-44. Nesse capítulo o autor discute a relação e a influência do helenismo sobre o judaísmo da diáspora. Citando diversas vezes Filon, afirma que os judeus participavam com relativa frequência nos teatros, banquetes e cerimônias com os “pagãos”.

4 PLATÃO, *A República*, p.32-33.

5 I. MAZZAROLO, *O Apóstolo Paulo, o Grego, o Judeu e o Cristão*, p.70.

6 M. SPINELLI, *Helenização e recriação de sentidos*, p.14.

7 W. JAEGER, *Paideia, A formação do homem grego*, p.239.

8 I. MAZZAROLO, *Carta de Paulo aos Gálatas*, p.117.

visitado os humanos com bondade e compaixão, mas não se encarnou, não comungou da experiência humana e exerceu a solidariedade e o amor. Hermes continuou como um mito.

O helenismo tinha como meta principal, através do adestramento, do exercício, dos jogos e da ascese tornar as pessoas livres, capazes e, eticamente, responsáveis pelos seus atos, pois o homem livre era aquele perfeito na sua moralidade, ainda que essa perfeição fosse relativa, mas esse era o objetivo⁹. Paulo fala da perfeição através da aproximação de Jesus e da redenção alcançada pela sua “embaixada” no mundo. Estar atrelado aos mitos, credences, legalismos e outros aspectos vinculados diretamente ao mundo, para Paulo, era ser escravizado por coisas pequenas e revelava infantilidades, por isso ele insistia na maturidade da fé, da justiça e do amor. Vencer as tentações do mundo era tornar-se maior do que elas, era ser “maior” ou “adulto” na ética, na justiça e na verdade (Rm 12,1-5).

Nessa perspectiva, Paulo exorta os cristãos de Roma a uma mudança de paradigmas e à não conformação com esquemas caducos do passado. Paulo pede uma nova “forma mentis”, um novo jeito de pensar sobre a realidade e as situações e não ter conceitos errados a respeito da realidade. Cada um deve medir-se com a estatura que tem diante de Deus e essa estatura do amor na direção do próximo¹⁰. O helenismo ajudou muito o cristianismo na superação de fronteiras excludentes oriundas do judaísmo, de modo especial no que tange ao gênero e aos conceitos de eleição e circuncisão (cf. Rm 10,12; Gl 3,28; Cl 3,11). Paulo pensa sempre num horizonte *pneumatológico* para superar o aprisionamento das coisas elementares do mundo (Gl 4,3; Cl 2,8). A seu exemplo, mais tarde, Clemente Romano escrevendo aos Coríntios insiste de que o *pneuma* permeia todas as partes do organismo humano, uma ideia que provém da medicina grega¹¹.

Uma forte herança do helenismo sobre Paulo foi a liberdade religiosa pagã que lhe permitiu fazer uma leitura comparativa com o judaísmo. Todo o contexto posterior à revelação no caminho para Damasco provocou uma reflexão teológica, sociológica e ética em Paulo entre o judaísmo e o helenismo.

O helenismo se caracterizou muito pela sua agregação à cidade (pólis). As cartas de Paulo, exceto Filemon e as pastorais, são dirigidas aos cristãos das cidades, congregados ao redor de centros de poder. Desta forma o cristianismo paulino é um cristianismo da pólis e não do campo ou rural. Eram as cidades que possuíam teatros, ginásios, academias filosóficas e centros de administração e poder. As cidades facilitavam a comunicação “universal” do grego em contraste com as vilas do campo que possuíam seus próprios idiomas ou dialetos. As cidades favoreciam os próprios casamentos entre cidadãos e visitantes ou novos habitantes que se naturalizavam nelas¹².

O judaísmo se caracterizava por ser uma religião absolutamente fechada, reducionista e excludente enquanto o helenismo se caracterizava por posições quase ao contrário, isto é, includentes. Os gregos não tinham preconceitos de culturas, línguas ou costumes estrangeiros, porque faziam apenas uma distinção na estratificação social: livres ou escravos. Livres eram todos aqueles que possuíam conhecimento, formação e instrução mental e escravos eram os sem formação, prisioneiros de guerras e pessoas vendidas como mercadorias.

A religião no mundo greco-romano era uma questão de escolha individual. Havia deuses principais e secundários, mas não havia uma monolatria e muito menos um monoteísmo. O judaísmo, como uma religião fechada, negava qualquer opção diferente e

9 I. MAZZAROLO, *O Apóstolo Paulo, o Grego, o Judeu e o Cristão*, p.89.

10 I. MAZZAROLO, *Carta e Paulo aos Romanos, Educar para a maturidade e o amor*, p.149.

11 W. JAEGER, *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*, p.32.

12 R. WALLACE, e W. WYNNE, *The Three Worlds of Paul of Tarsus*, p.95.

por isso perseguia todos os que oferecessem qualquer alternativa de culto ou prática. Paulo (Saulo), como judeu conservador se distinguia na perseguição aos cristãos dando demonstração das fortes convicções de que não podia haver nenhum culto ou prática fora do judaísmo (At 8,1-3). Na carta aos Gálatas ele testemunha essa conduta nos tempos da juventude em Jerusalém: “Ouvistes, certamente, da minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus e progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas” (Gl 1,13). De modo análogo é o testemunho do Apóstolo diante dos judeus de Jerusalém, segundo o relato de Lucas:

“Eu sou judeu, nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância exata da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus, como vós, todos no dia de hoje. Persegui de morte este Caminho, prendendo e lançando na prisão homens e mulheres como o podem testemunhar o sumo sacerdote e todos os anciãos. Deles cheguei a receber cartas de recomendação para os irmãos em Damasco e para lá me dirigi, a fim de trazer algemados para Jerusalém os que lá estivessem para serem aqui punidos” (At 22,3-5).

A religião era um fator de condenação e isso diferenciava radicalmente dos costumes pagãos. Após o encontro com o Senhor no caminho de Damasco, Paulo recupera tudo o que aprendeu na sua infância em Tarso e ele reconhece que a sua fase da juventude no judaísmo tinha sido um desastre. No discurso de Jerusalém, na sua fase final de missão (At 22,3-5), Paulo faz uma confissão de reconhecimento do pecado e também evidencia que essa prática de perseguição e morte feria a lei máxima do Decálogo: “Não matarás” (Ex 20,13). Os pagãos não matavam por questões de religião e Paulo reencontra o princípio do Decálogo, mesmo que todas as justificativas de pena de morte tenham sido um código tardio, mas incorporado às tradições mosaicas. Os rabinos acrescentaram ao Decálogo um código de doze casos de pena de morte (Lv 20,8-27), mas todos eles eram contrários ao Decálogo que interditava qualquer forma de morte.

O pensamento de Paulo, depois de Damasco, foi sendo estruturado por uma simbiose das duas culturas, a judaica e a helenística sob a ótica do cristianismo. Nesse aspecto, o cristianismo paulino, as cartas, o estilo e as formas literárias se tornam devedoras da cultura helênica. Hock afirma que Paulo aprendeu o grego como qualquer criança de sua idade, soletrando sílabas breves e longas, depois aprendiam listas de palavras. Essas listas de palavras continham também um conjunto especial de nomes próprios:

- a. *Divindades*: Zeus, Ammon, Atlas;
- b. *Heróis homéricos*: Aquiles, Agamenon, Ajax;
- c. *Filósofos*: Tales, Zenão, Xenofonte;
- d. *Escritores*: Homero, Lísias, Menandro;
- e. *Personagens nas comédias de Menandro*: Demeas, Moschion, Sikon.

Depois de lerem essas listas de palavras os estudantes já começavam a ler mais e iniciar os exercícios de conversação.¹³ Paulo transitava tão bem na língua grega que quando foi dar depoimento aos judeus de Jerusalém, eles ficaram estupefatos ao ouvi-lo falar em hebraico (At 22,2). De modo semelhante, no início de sua missão apostólica na Antioquia (At 11,20-26), ele foi trazido de Tarso, onde ainda não era muito aceito, para a Antioquia a fim de pregar aos helenistas e aos próprios gregos, dada sua eloquência e capacidade de raciocínio.

Paulo, como judeu helenizado, cultivava a religião de seus ancestrais, mas vivia em um ambiente muito eclético e transitava tranquilamente entre judeus conservadores,

13 R. F. HOCK, *Paulo e a educação greco-romana*, p.175.

helenistas ou pagãos adoradores de deuses. No mundo greco-romano, mas especialmente entre os gregos, havia diferentes categorias de adoradores: uns eram *sárkikoi* ou *sarkinói* (materialistas ou carnisais, 1Cor 3,1-3), outros *psychikoi* (naturais, psicológicos, 1Cor 15,44.46) e outros *pneumátikoi* (espirituais, 1Cor 2,13; 9,11; 14,1; 15,44). Os *sárikói* ou carnisais eram o que podiam ser considerados os “ateus” da época, os quais eram diferenciados dos espirituais (1Cor 3,1)¹⁴. Os carnisais estavam em contraposição com os espirituais e longe da possibilidade de receber os mistérios de Cristo em virtude de sua imaturidade no conhecimento de Cristo¹⁵. Os *nh,piói* (infantos) ou, na verdade, imaturos na fé e na virtude, não eram considerados maus ou perversos, mas ingênuos como crianças que necessitavam de leite ou de ensinamentos básicos como a papinha para crianças e depois ensinamentos mais radicais e discernentes como é o alimento sólido para um adulto. A analogia dos estágios da vida com os estágios da maturidade da fé tem uma finalidade catequética muito importante, pois não é possível transpor etapas na vida, visto que cada etapa tem os seus tempos e momentos.

Crossam afirma, a partir das inscrições de nomes encontrados numa coluna de mármore pertencente à sinagoga em Afrodísia, que essa sinagoga era frequentada por judeus, prosélitos e pagãos adoradores de Deus¹⁶. Essa inscrição pode revelar que o judaísmo na diáspora não era tão fechado quanto o da Palestina.

O ambiente helenístico na Acaia, especialmente em Atenas e Corinto era muito forte nas especulações das religiões místicas, na gnôsis e na sabedoria e filosofias esotéricas. O demiurgo (*Archon*) era o centro do mistério da sabedoria divina¹⁷. Esse ambiente filosófico, místico, esotérico, crente e pagão favoreceu e influenciou muito o cristianismo primitivo, não só nas ideias, mas também no estilo, nos conceitos e na confrontação dos símbolos do credo cristão com os mitos “pagãos”.

Diversos Autores classificam Paulo como gnóstico, mas eles próprios desconhecem a pedagogia do Apóstolo:

²⁰ Proceði, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. ²¹ Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei.

²² Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. ²³ Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele. ²⁴ Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. ²⁵ Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. ²⁶ Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. ²⁷ Mas castigo o meu corpo e o subjugo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado” (1Cor 9,20-27).

Paulo tinha a consciência clara da necessidade da enculturação. Por causa de sua elevada consciência espiritual ele sabia onde estava e também tinha clareza de onde estava o centro de suas motivações. Ele sabia que para chegar a Cristo era possível partir de caminhos diversos. O Evangelho não era uma proposta exclusiva para uma cultura ou nação, mas uma mensagem de libertação, de vida nova, de justiça e de amor para todos os

14 I. MAZZAROLO, *Primeira Carta aos Coríntios*, p.70: enquanto os estoicos estavam mais próximos do espiritualismo, os filósofos se alocavam em um racionalismo puro e os cínicos se classificavam como materialistas ou ateus.

15 E. PAGELS, *The Gnostic Paul*, p.59.

16 J.D. CROSSAN, e J.L. REED, *Em busca de Paulo*, p.32-33.

17 E. PAGELS, *The Gnostic Paul*, p.58.

povos. A inserção do Evangelho necessita, antes, da inserção do Evangelizador, ele precisa, antes de tudo, conhecer o ambiente onde vai anunciar. O Evangelizador é como um Semeador. Se o Semeador conhece o terreno, sabe a forma de semear, o tempo da preparação da terra e a semente adequada. A formação do Evangelizador é fundamental no êxito do anúncio do Evangelho. Paulo, o homem das três culturas sabia navegar em mares calmos e em mares revoltos, pois se assim podemos comparar a Igreja de Filipos com as Igrejas de Corinto e da Galácia. A Igreja de Filipos é uma comunidade que ama, que sofre e que assume a pedagogia do Evangelho, enquanto as Igrejas de Corinto e da Galácia formam grupos de resistência e traição à Boa Nova levada pelo Apóstolo.

O helenismo era uma cultura aberta, não tinha preconceitos de raça, língua ou religião. O fundamental para os gregos era que a pessoa tivesse um desenvolvimento intelectual e fosse possuidor daquilo que eles chamavam de “gnôsis” ou conhecimento. Os gregos amavam a perfeição total e ela dependia de uma flexibilidade corporal: cabeça, tronco e membros, por isso os exercícios físicos faziam parte para a flexibilidade mental e a abertura espiritual através da “arête” ou virtude. A Virtude era o aperfeiçoamento do indivíduo na sua parte motora ou física, na sua flexibilidade mental e na sua eticidade.

A moral intelectual dos estoicos passa a ser uma moral religiosa, ainda que seus princípios fossem mais filosóficos que religiosos. O eixo central da ética estoica é o *homem bom, que significa ser perfeito na sua moralidade*. A perfeição moral decorre de uma vivência concomitante de quatro virtudes principais:

- a. *Inteligência;*
- b. *Fortaleza;*
- c. *Circunspeção;*
- d. *Justiça*¹⁸.

No estilo epistolar, Paulo é devedor dos grandes clássicos gregos, tanto nas cartas parenéticas quanto as querigmáticas. Na carta da alforria de Onésimo, Paulo escreve a Filemon não em tom jurídico, mas com um argumento de autoridade moral, fazendo valer os princípios de primazia ou paternidade espiritual. Barbaglio compara a carta de Paulo a Filemon com as cartas de Plínio a seu amigo Sabiniano¹⁹. Na mesma direção via o comentário de Vielhauer, afirmando que Paulo usa em suas cartas o estilo dos grandes escritores como Cícero. Cícero afirmava que uma forma é escrever quando se pressupõe que o único leitor é o indicado na introdução e outro é quando se pressupõe que a carta seja lida por muitos leitores. Nesse raciocínio é possível fazer uma comparação com as cartas paulinas, pois algumas como Gálatas, Romanos e Coríntios foram escritas para muitos leitores, enquanto Filemon (e as pastorais 1,2Tm e Tt) tem um leitor único como pressuposto²⁰.

O helenismo representava uma cultura e uma religiosidade mistas. Depois do surgimento do magno império helenístico com Alexandre, o Grande, a cultura helênica se voltou para o Oriente e muitos aspectos das culturas e religiões do Oriente assumiram características gregas. Por sua vez, a cultura grega assimilou muitos aspectos das divindades orientais, tornando-se uma síntese entre Oriente e Ocidente. Mais tarde, quando os romanos conquistaram todas as bordas do mar Mediterrâneo copiaram muitos modelos culturais e religiosos dos povos conquistados. O Partenon de Atenas e o Panteon de Roma representavam, ao menos em parte, essa simbiose de culturas e religiosidades.

O estilo apologético do tipo de diatribes está presente em muitos textos paulinos. Em Rm 7,1-6, Paulo faz uma introdução e determina explicitamente quem são seus adversários:

18 I. MAZZAROLO, *O Apóstolo Paulo, o Grego, o Judeu e o Cristão*, p.89.

19 G. BARBAGLIO, *As cartas de Paulo II*, p.416, citando STUHLMACHER, *Philemon*, p.22-23.

20 P. VIELHAUER, *História da literatura cristã primitiva*, p.90.

são os conhecedores da lei, quer sejam judeus, quer sejam romanos. Depois (Rm 7,7-8) ele enfoca o objeto da disputa que é a lei.

Paulo tinha consciência dos conflitos, dos opositores e também de tantos que o acolhiam e recebiam. O Evangelho não caía sempre em terreno fértil, muitas vezes caía no meio de espinhos. Tudo isso gerava uma tensão, mas também uma dinâmica (Gl 1,6-10; 3,1-3) de modo análogo que as teorias da física quântica na tensão das células em rede. Muitas vezes os conflitos eram externos, com adversários e opositores, outras, eram internos, com os próprios colegas de serviço, como com Pedro e Apolo (1Cor 1,10-16) ou com Pedro, João e Tiago (At 15,1-23).

Na ótica do Evangelho estava o caminho da fraternidade universal. A fraternidade é o conceito quântico da alma universal. A terra e todos os seres são um organismo vivo. O contrário é a miopia de alguém ver-se sozinho sem acreditar em si mesmo. A justiça significa agir para que todos tenham seus direitos e a fraternidade esteja com todos os homens e mulheres.²¹

A LIBERTAÇÃO DE PARADIGMAS ARCAICOS

A força da mente que produz conhecimento é mecânica quântica. A ação de conhecer, produzir ciência, buscar a liberdade, a paz e a justiça são manifestações da energia quântica da consciência.

A libertação ou a liberdade não é sinônimo de anarquia ou simples desprezo pelas coisas do passado, mas o seguimento ao novo estado de vida e missão à luz e assistência do Espírito Santo (Gl 5,13-26). Jesus foi o grande Mestre da libertação mostrando na palavra e no gesto a necessidade de superação de paradigmas culturais. No Evangelho de Marcos (1,21-2,12), logo após chamar os primeiros quatro discípulos, mostrou de modo claro e patente a pedagogia do Reinado de Deus curando endemoninhados, doentes, a sogra de Pedro, um leproso e um paralisado. Em seguida chamou Levi, um cobrador de impostos, para integrar o grupo dos discípulos. Levi, pela sua profissão, estaria sempre no estado de impureza. E, para acentuar o perfil integrador de sua missão, Jesus, participou da *despedida* de Levi dos seus amigos, os quais eram todos pecadores, justamente para criticar as formas arcaicas do judaísmo da época (Mc 2,13-17).

A libertação, na perspectiva do *discurso*, é patenteada no Sermão da Montanha (Mt 5-7). Iniciando pelas bem-aventuranças (Mt 5,1-12), Jesus coloca os alicerces do Reino do Céus os quais contrastam com os alicerces do mundo, dos poderosos e dos mafiosos. De modo enfático, Jesus afirma que veio para dar pleno cumprimento à Lei e aos Profetas (Mt 5,17-20) e, repassando os principais tópicos das tradições antigas de Israel, começou dizendo: "Ouvistes o que foi dito aos antigos...? Eu, porém, vos digo..." (Mt 5,21-48)!

O Reinado de Deus estava sendo anunciado pela Palavra e pelos gestos. O que havia sido dito aos antigos, de agora em diante, perdia a validade. Era a nova Economia da Salvação e, era mister, inserir na História, a pedagogia do Messias. Assim, na abertura do Evangelho de Lucas, Jesus, lendo o livro de Isaías na sinagoga de Nazaré, pronunciou:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19; cf. Is 61,1-2).

21 D. ZOHAR e I. MARSHALL, *QS Inteligência Espiritual*, p.262.

Nessa citação do profeta Isaías, Jesus não pediu emprestados cristérios judaicos tradicionais de interpretação das Escrituras, mas colocou os novos paradigmas na missão de evangelizar os pobres, libertar os presos e restaurar a vista dos cegos. Alargando os horizontes, Jesus foi mostrando na dimensão antropológica a profundidade das mudanças a serem impressas na mente e no coração dos seus discípulos, especialmente no confronto com os pecadores, as mulheres e os estrangeiros.

É na schia de Jesus que Paulo, depois de sua conversão, encontra respaldo seguro de caminhar e, para isso, teve que enfrentar a oposição de Cefas e Tiago (At 15,7b-21; Gl 2,1-14). Paulo absorve de Jesus o caminho de libertação, de tal forma que, quando teve a *visão e a missão* no caminho para Damasco, não voltou a Jerusalém para saber de Cefas e os outros o que deveria fazer, mas depois do encontro com Ananias, partiu para a Arábia anunciando o Evangelho:

Quando, porém, Aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem, revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne, nem sangue, nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia e de lá voltei a Damasco (Gl 1,15-17).

Paulo não é movido pela nostalgia, pelo saudosismo ou complexos do passado. Retroativamente ele vê uma história que precisa ser superada e pouca coisa deve ser levada adiante. Ele se desprende do passado de modo inigualável. Aquilo que era o máximo (a Lei), agora tem um perfume de estrume (Fl 3,8), em outras palavras, sabe seguir o ensinamento de Jesus como exigência do discipulado: deixar pai, mãe, irmãos e outros pinduricalhos da vida para abraçar de modo integral a nova missão: evangelizar o mundo. O passado não pesa muito, o que vai contar agora é o futuro: um olhar para a nova etapa da vida, assumida com audácia, coragem e firmeza. Para tanto, Paulo soube adaptar-se e transformar-se no caminho da missão. Ele realizou a própria transformação e a integração da sua pessoa como uma integração transpessoal.²²

Paulo mudou muito, pois de judeu tradicionalista passou a “judeu em Cristo”.²³ Ele passou de perseguidor a arauto incomparável e imbatível de Jesus Cristo ressuscitado. Tudo isso, no entanto, não teria sido possível sem a libertação dos paradigmas dos antepassados e o assumir de um novo olhar do ser humano, da fé e do amor como síntese e ápice de toda a lei.

A física quântica é considerada a física das possibilidades por acreditar nas capacidades criativas. No âmbito da liberdade há paralelos entre o funcionamento da nossa mente e as teorias quânticas.²⁴ Paulo foi um homem superdotado que acreditou nas possibilidades de formar, educar e integrar culturas e povos diferentes dentro de uma mesma perspectiva: a pedagogia de Jesus. Por isso, não fazia distinção de judeu ou pagão, homem ou mulher... (Gl 3,28; Cl 3,11; Rm 10,12). Ele rompeu com todos os dogmas das tradições para propor uma nova “forma mentis” que é capaz de ver qualquer espaço como lugar para propor o evangelho e qualquer coração como terreno fértil para implantar o amor e a solidariedade.

A lei, como letra fria da sentença e do juízo, muitas vezes sem coração, não redime e não transforma, por isso, a amor não é dogmático. Era preciso recriar espaços de calor humano para a abertura de novos paradigmas, como a circuncisão:

Porém judeu é aquele que o é interiormente e a verdadeira circuncisão é a do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus (Rm 2,29).

22 D. ZOHAR e I. MARSHALL, *QS Inteligência Espiritual*, p.255.

23 J. D. G. DUNN, *Jesus, Paulo e os Evangelhos*, p.187.

24 F. CAPRA, *O ponto de mutação*, p.72.

A letra, como preceito puro, mata e, não contribui para o perdão, a graça e a integração do diferente (2Cor 3,6).

Quem crê na física das possibilidades crê na promessa de Abraão e na justiça de Deus (Rm 4,1-3), pois ninguém é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo (Gl 2,16) e, por isso, transpõe barreiras culturais e religiosas para viver de modo radical o amor.

E para a liberdade que Cristo nos libertou, Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo sob o jugo da escravidão (Gl 5,1).

A comunidade da Galácia originou uma crise sem precedentes na missão de Paulo. Presos a estruturas antigas, muitos cristãos, depois de serem evangelizados pelo Apóstolo, não só voltavam atrás, mas persuadiam outros a fazer o mesmo ameaçando os resultados da implantação do Evangelho no centro da Ásia Menor. A circuncisão, as prescrições alimentares, as separações nas assembleias e outras prescrições, segundo esses *neohereges* (novos hereges de cada época), deveriam ser impostas também aos pagãos.

Paulo e Barnabé tinham feito um acordo com Pedro, João e Tiago, em Jerusalém (At 15,1-29). O primeiro Concílio ecumênico surgiu exatamente pela influência de fofoqueiros de Jerusalém que foram até a Antioquia espiar a liberdade dos cristãos que não seguiam as tradições dos judeus, mas simplesmente o Evangelho. Eles ensinavam que, caso os cristãos não praticassem a circuncisão e com ela os outros preceitos culturais judaicos, não poderiam se salvar (At 15,1.5). O conflito foi tão acentuado, que a Igreja da Antioquia decidiu enviar Paulo e Barnabé para Jerusalém a fim de elucidar a questão. A assembleia foi tensa, mas teve um final feliz.

Paulo discursou e apresentou as razões da nova metodologia pastoral no processo de evangelização dos pagãos. Pedro, em seu discurso afirmou que Deus aprovou enviar o Espírito Santo aos gentios do mesmo modo que ao de origem judaica e que não deveria ser imposto a eles um jugo quem mesmo os discípulos podiam suportar (At 15,8-10). Tiago, que a essa altura dos acontecimentos já estava na dianteira da Igreja de Jerusalém, concluiu que Paulo e Barnabé poderiam continuar a evangelizar os pagãos sem exigir deles os princípios dos costumes judaicos. Tiago propõe quatro tópicos como exigências a serem observadas pelos pagãos que assumiam o cristianismo:

- a. Abster-se das carnes contaminadas dos ídolos;
- b. Afastar-se das prostituições;
- c. Não comer carnes sufocadas (com sangue);
- d. Não comer alimentos que contivessem sangue (At 15,20).

As conclusões conciliares, passadas a limpo no papel, eram muito felizes e prometiam acabar com as tarefas dos fofoqueiros e maldosos que semeavam discórdias e falsas acusações por onde passavam. Na prática, no entanto, elas não eram assim digeríveis. Paulo, na Carta aos Gálatas, lamenta que tivesse sido necessária tanta teimosia para defender os pagãos e que houvesse tanta deslealdade da parte dos irmãos de origem judaica (Gl 2,1-10).

O Concílio de Jerusalém abriu as fronteiras da liberdade e a criatividade, ainda que com muitas resistências, dificuldades e conflitos entre os seus primeiros protagonistas, como foi o caso típico da Galácia, mas também em Corinto com a formação de grupos e correntes diferentes entre Cefas e Apolo com Paulo (1Cor 1,10-16). Contudo, o aperto de mão entre Tiago e Paulo permitiu, desde cedo, o surgir de *duas eclesiologias*, uma voltada para os cristãos de origem judaica e outra direcionada para o mundo greco-romano. Para todos aqueles que estavam envolvidos no universo dos preceitos da circuncisão e quisessem abraçar a fé cristã, não haveria nenhum conflito se desajassem continuar praticando os

preceitos dos alimentos, mas eles deveriam abrir-se para a acolhida daqueles que, culturalmente, vinham de outros ambientes e povos. Para os que ingressavam nas comunidades de fé, vindos do paganismo, necessitavam abdicar de muitos ritos pagãos e práticas que eram consideradas contrárias aos princípios do Evangelho. Jesus Cristo era um só, *ontem, hoje e sempre* (Hb 13,8)²⁵.

Os primeiros cristãos tinham bastante clareza da centralidade da fé em Jesus Cristo, mesmo tendo conflitos bastante acirrados com discípulos teimosos e conservadores:

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, 2 com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros no amor, 3 esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; 4 há um só Corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só Esperança da vossa Vocação; 5 há um só Senhor, uma só Fé, um só Batismo; 6 um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos (Ef 4,1-6).

A centralidade da Nova Aliança passava pela consciência de um só Senhor e um só Deus, mas as formas para chegar a Deus e as expressões de fé poderiam ter matizes diversos entre os diferentes grupos. As fórmulas de orações e os ritos podem ser diversificados, mas a fé deve estar alicerçada no mesmo Cristo. Para que essa unidade na diversidade fosse alcançada era mister que cada um fizesse a sua caminhada própria de mudança e não se deixasse iludir por questões que não tinham importância para a fé:

Ninguém vos julgue por questões de comida e bebida, ou a respeito de festas anuais ou de lua nova e sábados, que são apenas sombra de coisas que haviam de vir, mas a realidade é o corpo de Cristo (Cl 2,16).

O apego ao passado, com ritos, fórmulas, festanças e tradições dificultava o abraçar da fé e a vivência da novidade cristã. A comunidade da Galácia foi, nos tempos de Paulo, um paradigma desse apego, os quais acreditavam que a prática da circuncisão e regimes de alimentos e práticas sociais, asseguravam a salvação (cf. Gl 5,1-12). Esse tema se constituía em um nó porque os judaizantes acreditavam que eram o povo da promessa e a salvação era uma herança e não uma conquista que exigia renúncias de arquétipos velhos e assumir paradigmas novos²⁶. Barbaglio afirma que os judaizantes pressionavam Paulo e os seus colaboradores. Paulo, no entanto, reage afirmando que readmitir a circuncisão em ambientes cristãos era negar o papel salvífico e exclusivo de Jesus Cristo morto e ressuscitado²⁷. Paulo conhecia bem as práticas judaicas “embutidas” no rótulo da circuncisão e por isso enfrentava Cefas e os outros judaizantes (Gl 2,11-14). A tradição dos Evangelhos, que Paulo deve ter conhecidos entre frases escritas e tradição oral dos discípulos não reporta uma única linha ou informação sobre a circuncisão e por isso que a escravidão da lei e a liberdade da fé em Jesus Cristo eram absolutamente incompatíveis.

Aos fracos (apegados à lei e tradições) cabia compreensão, mas não havia nada a imitar nele (Rm 14,1-9). Os fracos eram os cristãos que vinham do judaísmo, mas não conseguiam superar as suas tradições para alcançar a liberdade da fé em Jesus Cristo. Por isso, nos ensinamentos de Jesus estava clara a exigência:

Se alguém vem a mim e não odeia o próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida não pode ser meu discípulo (Lc 14,26).

25 I. MAZZAROLO, *Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p.199-200.

26 I. MAZZAROLO, *Carta de Paulo aos Gálatas*, p.136-137. Na teologia e antropologia paulina, a circuncisão era um retorno ao Sinai e uma negação à dinâmica cristã.

27 G. BARBAGLIO, *As Cartas de Paulo II*, p.95.

A libertação dos paradigmas arcaicos exigia uma separação das coisas antigas. Não se trata de odiar os familiares e parentes, mas separar-se de todos os elementos que podem significar vínculo com um passado superado. As tradições são a memória que qualquer um carrega, mas a sua grande maioria pertence ao mundo da saudade. Muitas vezes seria como renunciar a um avião e optar por um jumento para percorrer longas distâncias. A saudade é um sentimento nobre, mas não move o presente.

A parênese é clara: "... ficai firmes a fim de que nos vos deixeis prender outra vez sob o jugo da escravidão" (Gl 5,1). Essa escravidão era aquela das tradições antes do evento Jesus Cristo, mas os Gálatas tinham caído no engodo da "vaca fria" e tinham sido "enfeitados" por maus operários (Gl 3,1). Agora recebem nova advertência dos perigos de retornar ao passado, depois de terem recebido a revelação de Jesus Cristo através do Espírito.

A prática da lei era a anulação da Cruz de Cristo (1Cor 1,17). Nessa perspectiva, era preciso abandonar muita coisa do passado, libertando-se de preconceitos culturais que impediam a beleza do Evangelho, tais como, as diferenças entre judeus e gregos, livres e escravos e homens e mulheres (Gl 3,28; Cl 3,11).

A liberdade é a maturidade de discernimento, a capacidade de distinguir e optar. Tanto a dependência cega dos princípios rabínicos atribuídos a Moisés na Torah, quanto a prática obcecada dos ritos idolátricos geravam regimes de escravidão e submissão quer religiosa, quer social. A liberdade, no entanto, exigia uma maior maturidade e gerava uma responsabilidade sócio-econômica-religiosa com maior grau de comprometimento.

Paulo sabia quanto era pesado o jugo das leis rabínicas (os 636 preceitos) e o que eles geravam. Em nome desses preceitos os judeus conservadores matavam os que não cumpriam essas leis acreditando estar purificando os costumes, no entanto, estavam transgredindo o Decálogo. Era mister libertar o ser humano das amarras de costumes e práticas arcaicas a fim de conferir maior liberdade, autonomia e dignidade as pessoas. A contribuição do helenismo, sob essa ótica, foi fundamental na vida de Paulo. A liberdade era, em alguns casos, exagerada no mundo greco-romano, por isso Paulo advertia que a liberdade não poderia servir de pretexto para a libertinagem ou os abusos do individualismo e a absolutismo, considerados os desejos da carne (Gl 5,13). Na exortação paulina estava explícito o ensinamento do aperfeiçoamento do amor à luz da assistência do Espírito Santo, pois há um antagonismo entre as obras da carne (libertinagem ou escravidão) e as obras do Espírito:

¹⁶ Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. ¹⁷ Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. ¹⁸ Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei. ¹⁹ Ora, **as obras da carne** são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, ²⁰ idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, partidarismos, ²¹ invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam. ²² Mas **o fruto do Espírito** é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, ²³ mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. ²⁴ E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. ²⁵ Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. ²⁶ Não nos deixemos possuir de vã glória²⁸, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros (Gl 5,16-26, grifos do autor).

As *obras da carne* estão em conflito com os *frutos do Espírito*. As obras da carne dominam a pessoa e ela pratica atos contrários ao seu próximo e ofendem a Deus. O pecado desqualifica o ser humano e ele deixa de espelhar a beleza divina da sua criação, por isso

²⁸ A expressão grega *kenodoxia* significa, literalmente, a glória vazia, a glória fútil e inútil. A tradução *vã glória* traduz melhor o grego, pois o lexema português vanglória pode significar mais o orgulho ou ambição.

Jesus crucificou as paixões vencendo as tentações e realizando as obras juntamente com Seu Pai.

Paulo trabalha com muita precisão a tensão dialética dos opostos que, não raro, alguns ingênuos o acusam de dualista. A libertação tem duas dimensões: a. ética, sociológica, antropológica, econômica e política; b. mental, espiritual, da razão e da consciência. A liberdade era um tema muito caro a Paulo e ele vinculava a liberdade à capacidade de amar profundamente a exemplo de Jesus Cristo. A liberdade e o amor superavam as diferenças entre circuncisos e incircuncisos ou entre pagãos e judeus, pois Deus não faz acepção de pessoas (Dt 10,17). Dunn afirma que, no substrato teológico do Apóstolo, estava a libertação da corrupção, da escravidão, pois é uma prerrogativa dos filhos de Deus²⁹.

A liberdade, se mal interpretada e assumida, pode servir de pretexto para a licenciosidade e libertinagem. Disso Paulo estava absolutamente consciente, mas também sabia que sem liberdade não poderia haver maturidade. Nas discussões parenéticas com os cristãos de Corinto (cf. 1Cor 1-3) ele conhecia bem os caminhos tortuosos das imaturidades, mesmo dentro das comunidades mais instruídas, especialmente quando começavam a fazer partidos e divisões por causa dos evangelizadores: uns eram simpatizantes de Cefas, outros de Apolo, outros de Paulo e outros se declaravam independentes. Tudo isso, ainda que de modo livre, não era um caminho para a construção de comunidades sólidas arraigadas em Jesus Cristo e não nos evangelizadores (1Cor 1,10-16).

A lei do Espírito é a libertação do pecado e da morte (Rm 8,2). Portanto, alcançar a liberdade era e é conhecer de modo profundo e real a verdadeira missão diante do evangelho. Quem vive segundo a carne, pode confundir a verdade com as tradições e não raro, caducas, por isso é mister conhecer a dimensão do Espírito. A letra mata, mas o Espírito vivifica (2Cor 3,6). E se estabelecem duas vias distintas, pois quem segue a letra da lei procede segundo a carne e se preocupa com as coisas da carne, mas quem segue a lei do Espírito constrói sua caminhada à luz da inspiração e da dinâmica da conversão (Rm 8,5-11).

Depois da visão no caminho para Damasco, Paulo se preocupou em escutar o Espírito e foi libertando-se da lei mosaica e das tradições antigas. Não voltou a Jerusalém para consultar os que eram apóstolos antes dele, nem consultou a carne ou o sangue, isto é, tradições e representantes do passado (Gl 1,15-16), mas dirigiu-se a judeus e pagãos de Damasco e depois ficou três anos evangelizando no deserto da Arábia. Paulo testemunha a força do Espírito o qual não pede para voltar ao passado, mas libertando-se das coisas antigas, impulsiona para frente, para o futuro carregando apenas o exemplo e o testemunho sapiencial e profético da história.

A lei da circuncisão também era uma forma de escravidão, pois embutida na circuncisão estava a observância estrita de muitos outros preceitos do passado de tal forma que Paulo critica abertamente a intromissão da sua liberdade entre os pagãos por parte dos que eram considerados notáveis na liderança da igreja primitiva (Gl 2,1-10). Depois de sua conversão, Paulo considerava a circuncisão como uma escravidão cultural e religiosa e esta não contribuía para a caridade e a misericórdia em prol dos desfavorecidos. A privação ou os preconceitos com alimentos, bebidas e ritos de pureza serviam muito mais para excluir pessoas do que para aproximar.

A liberdade é o princípio divino da dignidade do ser humano. A liberdade é responsabilidade, é compromisso, é a expressão verdadeira da maturidade antropológica e ética. Quem não tem maturidade corre o risco de justificar a libertação para praticar a anarquia e a desobediência. Paulo exorta para assumir a liberdade com maturidade (Gl 5,13-15), pois

29 J. D. G. DUNN, *A teologia do Apóstolo Paulo*, p.741.

30 I. MAZZAROLO, *Carta de Paulo aos Gálatas*, p.143.

a liberdade é transformação, criatividade, construção de novos paradigmas e novas formas de viver a justiça e o amor³⁰. A essência da lei é o amor, isto é, uma única palavra (Gl 5,15).

A liberdade é alcançada numa batalha em duas direções: a. Uma interna – vencer-se a si mesmo. “Não faço o bem que eu quero, mas o mal que não desejo” (Rm 7,19); b. Outra externa – os adversários e inimigos externos, como os que enfeitavam os cristãos na Galácia (Gl 3,1). Em Éfeso, na prisão, Paulo teve que lutar com os animais peçonhentos em virtude do acúmulo de sujeira que havia no ambiente (1Cor 15,32), ainda que alguns autores interpretem esse depoimento como metáfora, ou seja, os animais seriam os inimigos que ele tinha nessa cidade e que o condenaram.

Portanto, a liberdade exige uma consciência clara dos objetivos e metas, é uma verdadeira luta e, sem dúvida, um exemplo de coragem e discernimento (Fl 1,30; Cl 2,1; 1Tm 6,12). A expressão usada por Paulo e *avgw,n* que significa luta, combate ou peleja aguerrida e, como dissemos acima, pode ser interna para alcançar a própria liberdade e também externa, para promover a harmonia e a paz.

O COSMOPOLITISMO GREGO NA TEOLOGIA DE PAULO

As metrópoles gregas eram distintas de muitas outras cidades pelo seu caráter cosmopolita. Do grego *polis* é cidade e *politês* se entende cidadão. O latim traduz esse termo por *urbs* (cidade). O cosmopolitismo grego tinha um diferencial no tratamento das pessoas comparado com os outros povos. A compreensão da cidadania ou da vida na *polis* (cidade) helênica assumia muitos aspectos específicos no tratamento dos seus habitantes. Os gregos não tinham preconceitos entre si e também na relação com outros povos. Platão já se preocupava com a vida nas cidades e discutia formas de convivência sem discriminações. O surgimento de Felipe II e depois seu filho, Alexandre, o grande, deram ao mundo antigo uma nova compreensão de cidadania. Os paradigmas gregos compreendiam os cidadãos dentro de duas categorias: a. os livres; b. os escravos. Normalmente, a distinção dessas duas categorias era pautada na questão do conhecimento (*gnôsis*). Aqueles(as) que possuísem boa instrução e formação eram considerados cidadãos livres, mesmo sendo estrangeiros, visitantes ou imigrantes. As pessoas instruídas assimilavam melhor os costumes dos povos que visitavam ou nos lugares novos de estabelecimento. A liberdade dependia muito da formação, pois esta conferia autonomia, maturidade e responsabilidade. Vemos muito claramente essa compreensão na obra a República de Platão.

Paulo sabe fazer isso depois de sua conversão. Ele assimila todos os valores importantes do helenismo e os incorpora na simbiose cristã, como veremos abaixo.

Os bárbaros, para os gregos, eram pessoas sem instrução e usavam a força brutal para submeter e massacrar os outros. A barbárie é sinônimo de ignorância e perversão, por isso, uma pessoa instruída e educada está mais longe dessas práticas. O cosmopolita pode ser aquele que viaja pelo mundo todo, mas pode ser aquele que não viaja, mas valoriza o que de belo e bom existe em cada cultura, em cada rito e mesmo em cada filosofia de vida.

Os judeus tinham um princípio *cosmopolita* que era uma máxima das tradições dos antepassados: “Deus não faz acepção de pessoas” (Dt 10,17). No entanto, outros preceitos culturais foram abandonando essa máxima e, através dos conceitos de puro e impuro, homem e mulher, bárbaro e cita a aproximação se enfraqueceu e aumentou o distanciamento para com as outras culturas.

Jesus, na sua pedagogia da inclusão quebrou todos esses paradigmas de exclusão e aproximou de si e dos seus discípulos ricos e pobres, adultos e crianças, santos e pecadores, homens e mulheres. Jesus convida para ser seu discípulo um cobrador de impostos (fiscal da

Receita) considerado permanentemente impuro porque trabalhava seis dias com “dinheiro sujo” e pessoas impuras (Mt 9,9). Os fariseus recebiam o dinheiro dos cobradores de taxas, multas e impostos, mas não depois de receber o dinheiro não se misturavam com eles. Jesus convida um destes a fazer parte do seu grupo seletivo.

Jesus também aceita um convite gerador de conflitos quando Simão, o fariseu, o convida para uma refeição em sua casa e, de modo surpreendente, surge uma mulher de má reputação. Ao conversar com essa mulher, Jesus não está preterindo o fariseu, mas acolhendo a mulher. Jesus não despreza o fariseu escravo dos seus esquemas puritanos, por isso aceita o convite de visitá-lo mas ele, ao ver o tratamento dispensado por Jesus à mulher prostituta, se exclui da possibilidade de inclusão (Lc 7,36-50).

Um fato diferente acontece na passagem de Jesus por Jericó (Lc 19,1-10). Quando Jesus se convidou para a visita na casa dele, um rico corrupto e ladrão, Zaqueu recebeu Jesus com alegria, fez festa e é provável que ele tenha convidado seus amigos corruptos para esse encontro no qual ele fez a confissão de sua conversão.

Essa pedagogia de Jesus foi absorvida de maneira magistral por Paulo. A sua infância foi vivida em ambientes muito abertos, livres e acolhedores e, desta forma, associou a liberdade helenística à pedagogia de Jesus, onde não podia haver diferenças entre judeu e grego, livre e escravo, homem e mulher e bárbaro e cita (Rm 10,12; Gl 3,28; Cl 3,11).

O cosmopolitismo grego já tinha alguns princípios quânticos em sua filosofia e antropologia política que gerava sentido de pertença e responsabilidade. O cristianismo acentuou muito a consciência de pertença ao Universo e ligação interpessoal na rede humana como filiação divina.

Uma forma não diferente, mas esquecida que fará lembrar que a realidade possui inúmeras possibilidades de ter, ser ou estar sendo constituída neste exato e ínfimo instante de tempo, por inúmeras formas ou maneiras, do ponto onde sua vida está para trás ao infinito, e do ponto onde sua vida está para frente ao infinito, em eventos igualmente incontáveis e inúmeras conexões sendo que a maior de todas elas é a conexão com a Criação. Pois tudo, mas tudo é campo e energia no campo, e energia pode ser aumentada, diminuída, compensada, trocada, e finalmente direcionada dentro deste campo que a tudo e a todos conecta no infinito Universo³¹.

O câncer do mundo é a iniquidade e a corrupção que patrocinam as guerras, a fome e as injustiças. A energia quântica é a consciência dessas conexões que são a vida, a esperança e a alegria no Cosmos. Isso exige uma consciência de uma pátria celeste, uma pátria comum onde todos se sentirão irmãos, células de um mesmo corpo (Fl 3,20).

O ser humano não apenas é apenas parte do universo, mas ele é o universo em movimento, em formação e criação. À medida que ele vai tendo consciência dessa pertença, também vai criando o próprio universo quântico³².

A INCLUSÃO DA MULHER NA TEOLOGIA E NAS IGREJAS DE PAULO

Antes de estudarmos a situação da mulher nas igrejas de Paulo, vamos fazer uma caminhada rápida em torno da compreensão e tratamento dispensado pela cultura oriental.

A mulher no antigo Egito

Os textos referentes à situação da mulher egípcia não são unívocos, mesmo porque a

31 J. TEIXEIRA JUNIOR, *A Era do raciocínio quântico*, p.37.

32 Deepack CHOPRA, *Você é o universo*, p.24-25.

história deste povo é das mais longas e complexas. Segundo alguns egiptólogos antigos e outros recentes, a mulher, na sociedade egípcia, gozava da melhor posição em relação à mulher de qualquer outro povo. A civilização egípcia baseava sua legislação pública sobre a igualdade dos sexos. “É no Egito que a condição da mulher é mais favorecida. Ela tem, praticamente, os mesmos direitos que o homem, o mesmo poder jurídico. Esta condição é singular e não existe além ou fora do Egito antigo, onde o solo pertence ao rei e às classes superiores. Para as questões particulares de propriedade fundiária é apenas uma questão de usufruto. Para efeitos de propriedade privada, a mulher guarda seus direitos e dignidade de pessoa. Ela pode casar-se livremente e, se quiser, pode recasar-se a seu gosto”³³.

Isto deve ser tão verdade que causa uma reação fora, especialmente na Grécia. “Sólon diz a Aristóteles que está indignado com os costumes egípcios, que o escandalizam. Heródoto, por sua vez, surpreende-se ao saber que no Egito as mulheres gerenciam os negócios enquanto os seus maridos ficam em casa, ocupados com a tecelagem (Herodoto, II,35)³⁴. Esta observação de Heródoto é desconcertante para o espírito dos gregos de seu tempo: a liberdade da mulher, no Império dos Faraós, contrapõe-se aos costumes helenísticos, de modo especial no período aristotélico. Nesse período, o poder, no Egito, estava nas mãos da mulher.

No Novo Egito, de 1580 a 660, a partir da invasão dos Hicsos, a mulher egípcia experiencia outra realidade. Na XVIII dinastia o rei (faraó) Amosis está empenhado em libertar o reino do domínio Hicso e, então, ele passa o poder à esposa Ahmose-Nefertari. Neste período, as mulheres do Egito desempenham política e socialmente um papel muito importante. E Amosis vai pedir à esposa um monumento à sua mãe, à sua avó e à bisavó, numa homenagem ascendente à mulher. Depois dela, uma série de rainhas ocuparam o poder egípcio, numa longa sucessão feminina, na política, todas elas, contudo, emparentadas pela linha de consanguinidade³⁵.

Nas cosmogonias semíticas, a mulher é colocada num lugar inferior devido às justificações religiosas: *Deus criou o homem, em seguida a mulher* (Gn 2,7.18-24). Nada disso está nos sistemas teológicos do Egito. Há diferentes sistemas elaborados pelos teólogos egípcios antigos para explicar a criação do mundo. O deus primordial saiu do caos inicial e tendo criado diferentes casais divinos, então decide criar a humanidade, esta comportando dois sexos sem que haja superioridade ou anterioridade de um sobre o outro. Esta igualdade dos sexos está explícita no texto mitológico do deus Rê, criador do Universo. Da mesma forma podem ser abordados os diferentes sistemas teológicos que reportam à criação, a partir de um deus primordial único e depois os casais divinos. Assim, em Heliópolis, o deus Atum procria por si próprio o primeiro casal divino; *Shu*, o princípio masculino e *Tefnout*, o princípio feminino. Por sua vez, eles procriam outro casal: *Nout*, o céu, masculino e *Geb*, a terra, feminino. Depois são gerados outros dois casais: *Isis - Osiris* e *Nephtys - Seth*. Nos textos egípcios, referentes aos nomes ou províncias ou deuses o nome feminino normalmente aparece antes, talvez pelo fato da divindade feminina ser mais considerada³⁶.

A mulher na cultura judaica

Na cultura judaica os preconceitos contra a mulher começavam no dia do nascimento, pois as mulheres que dessem à luz um menino ficavam impuras durante sete dias e no oitavo era realizada a circuncisão do menino, depois ela continuava por mais trinta e três

33 L-R. NOUGIER, *La femme*, 63; citando Simone de Beauvoir, *Le deuxième sexe*, 139-40.

34 L-R. NOUGIER, *La femme*, 63; citando Simone de Beauvoir, *Le deuxième sexe*, 139-40.

35 NOUGIER, *La femme*, 123-4

36 NOUGIER, *La femme*, 125.

dias impura. Quando dessem à luz a uma menina ficavam impuras durante duas semanas e, depois, mais sessenta e seis dias (Lv 12,2-5). O tempo da impureza simplesmente duplicava no nascimento de meninas e isto pode demonstrar que as mulheres eram prejudicadas desde o dia em que abriam os olhos para a vida.

Na sociedade israelita, a mulher ocupava um espaço semelhante ao do pagão, do estrangeiro, do publicano e da criança³⁷. O Evangelho de Mateus nos reporta essa realidade ao narrar as duas multiplicações dos pães de Jesus. Os que se alimentaram eram em número de cinco mil, *sem contar as mulheres e crianças* (Mt 14,21) e de, aproximadamente, quatro mil, *sem contar as mulheres e crianças* (Mt 15,38).

As mulheres dificilmente ou quase nunca alcançavam a maturidade. Se fossem solteiras eram as “filhas de fulano” e se fossem casadas eram as “esposas de beltrano”³⁸. O homem é o verdadeiro proprietário da mulher que comprou (Ex 20,17). O marido é o dono “*bá'al*” da esposa, do mesmo modo que é proprietário de um animal, de uma casa ou campo (Ex 21,3.22; 2Sam 11,26; Pr 12,4). Ainda que a fidelidade consanguínea viesse através da mulher, quem, realmente, mandava era o homem.

O texto do Cântico dos Cânticos é uma denúncia clara de protesto contra essa sociedade machista de domínio e apropriação da mulher. No início do primeiro poema, a Amada denuncia o regime de escravidão diante dos seus irmãos ou possuidores de tal forma que ela não pode cuidar da “própria vinha”, isto é, da sua dignidade e identidade (Ct 1,5-6). Na conclusão do livro ela rejeita o dinheiro ou dote que Salomão pagaria pela sua compra e afirma que ela é a dona de si própria e de sua vinha (Ct 8,12). Podemos considerar o texto dos Cânticos como um primeiro sinal de protesto contra a exploração da mulher e, por extensão, da exploração dos camponeses, dos pobres e das pessoas humildes. É um Cântico de libertação a favor da dignidade da vida, do matrimônio como aliança de amor, da superação das questões de racismo, gênero e restauração das relações antropológicas, começando pela família³⁹.

A mulher na cultura helênica

O judaísmo, no período helenístico, resistiu ferrenhamente aos princípios de liberdade e de autonomia das mulheres. O judaísmo rejeitava todos os costumes gregos e com eles também a convivência com a mulher na sociedade, na vida pública e cultural. No helenismo muitas mulheres ocupavam cargos destacados na vida pública e religiosa. As sacerdotisas, as pitonisas e outros cargos eram muito importantes para a cultura grega e depois romana. Vale lembrar as divindades femininas no mundo helenístico como Diana, Vênus, Afrodite e muitas outras.

Essa segregação da mulher, segundo Capra se deve a concepções antigas das culturas orientais quando distinguiram o *yin* e o *yang*. O *yin* é o feminino, conservador, intuitivo e receptivo; o *yang* é o masculino, exigente, agressivo e racional. Nessa compreensão houve uma supervalorização do *racional* e nele se desenvolveu o androcentrismo com desprezo à mulher⁴⁰.

A Paideia grega era a maior virtude para um homem ou mulher grega. “Segundo Diógenes, a educação é a graça para o jovem, consolo para o ancião, abundância para o

37 I. MAZZAROLO, *O Apóstolo Paulo: o Grego, o Judeu e o Cristão*, p.93, citando D. BALCH, *Let the Wives be submissive; The Domestic Code i IPeter*, Michigan, Scholars Press, 1981.

38 R. DE VAUX, *Le Instituzioni dell' Antico Testamento*, p.36.

39 I. MAZZAROLO, *Cântico dos Cânticos; Uma leitura política do amor*, p.233-242.

40 F. CAPRA, *O Ponto de Mutação*, p.36-38.

41 Cf. I. MAZZAROLO, *O apóstolo Paulo*, p. 64, citando BARCLAY, W., *Hellenistic Thought in the New Testament Times*, 373, o qual aporta Laertius DIOGENES, vi,68.

42 W. JAEGER, *Paideia, A formação do homem grego*, p.4.

pobre e ornamento para o rico”⁴¹. “A educação não era uma propriedade individual, mas pertencia por essência à comunidade. O ser humano é um *zwon politikou*”⁴² (animal político) e deveria preparar-se para a convivência na cidade, na sociedade e na comunidade. Na sua abertura para a comunidade universal os gregos também tinham alguns princípios sociais ou mandamentos: *honrar os deuses, honrar pai e mãe, respeitar os estrangeiros* entre outros⁴³.

Na administração doméstica, os gregos não destacavam claramente a quem cabia a responsabilidade maior. A *oikosnomía* era uma questão de autossuficiência. No estoicismo e platonismo, a mulher era a dona da casa. Na estruturação familiar, Platão entendia que a mulher tinha dotes mais adequados para a educação e cuidados com as crianças e também a arrumação da casa enquanto o homem estava mais preparado para os trabalhos do campo. Desta forma, havia alguns cuidados para proteger a condição da mulher, mesmo que isso não fosse a solução total para uma condição ideal na vida cotidiana⁴⁴.

A busca por uma ética que preservasse as condições dos homens livres estava pautada na justiça: “Assim como a saúde é o bem supremo do corpo, a justiça é o bem supremo da alma. A justiça é o bem supremo da alma sempre que concebemos a mesma como valor moral da personalidade”⁴⁵.

A cultura grega, especialmente com Platão, investe na formação integral da pessoa e, no contexto da sociedade ideal que era a República, as mulheres e as crianças deveriam ser educadas de modo semelhante aos homens, pois elas deveriam ser as futuras esposas dos “guardiães” e essa tarefa se tornaria mais próspera quando elas próprias pudessem assumir a função de “guardiães”⁴⁶.

No início do cristianismo os grandes filósofos estavam em decadência, mas as suas filosofias não. O platonismo, o estoicismo e o epicureísmo continuavam muito vivos e eles conviveram e rivalizaram com o cristianismo nascente, como analisa o filósofo Spinelli:

No caso do Estoicismo e do Epicurismo, eles exerciam tanta força persuasiva nos indivíduos, a ponto de se tornarem os movimentos rivais da expansão do Cristianismo. O livro dos Atos dos Apóstolos, escrito com a finalidade de transmitir a ação apostólica para os novos pregadores, apresenta-os como se fossem um obstáculo: ‘Quando Paulo estava em Atenas [...], certos filósofos epicureus e estoicos discutiam com ele e alguns diziam – *O que ainda quer ensinar esse charlatão?* E outros: *Parece que é o anunciador de uma divindade estranha.* Por isso convidaram Paulo ao Areópago, onde lhe perguntaram: *Podemos então saber qual é essa nova doutrina que estás pregando? Coisas estranhas chegam aos nossos ouvidos, por isso queremos saber do que se trata*’ (At 17,16-21, grifo do autor)⁴⁷.

A cultura grega era uma civilização aberta e para todos os que possuíssem conhecimento, a formação esperada e a gnôsis os caminhos estavam abertos. Vale dizer que também havia escravos, excluídos e marginalizados por uma série de outras razões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo II: Gálatas, Romanos, Filipenses e Filemon*. São Paulo: Loyola, 1991.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- CROSSAN, J. D., REED, J. L. *Em busca de Paulo; Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

43 W. JAEGER, *Paideia, A formação do homem grego*, p.23.

44 I. MAZZAROLO, *O apóstolo Paulo*, p.72.

45 PLATÃO, *A república*, p.444.

46 W. JAEGER, *Paideia, A formação do homem grego*, p.814.

47 M. SPINELLI, *Helenização e Recriação de Sentidos*, p.15.

- DE VAUX, Roland. *Le Istituzioni dell' Antico Testamento*. Torino: Marietti, 1977.
- DUNN, J. D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- HOCK, R. F. Paulo e a educação greco-romana, in: SAMPLEY, J. P. (org), *Paulo no mundo greco-romano, um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2008, pp.171-196.
- JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Santo André: Academia Cristã, 2014.
- JAEGER, Werner. *Paideia, a Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JEREMIAS, Joaquim. *Estudos no Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2015.
- MAZZAROLO, I. *O Apóstolo Paulo; o grego, o judeu e o cristão*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2.ed., 2011.
- MAZZAROLO, I. *Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2014.
- MAZZAROLO, I. *Filemon, a Carta da Alforria*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011.
- MAZZAROLO, I. *Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, exegese e comentário*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2.ed., 2013.
- MAZZAROLO, I. *Cântico dos Cânticos, Uma leitura política do Amor*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2.ed., 2015.
- MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Gálatas, Da libertação da Lei à filiação em Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2013.
- MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Romanos; Educar para a maturidade e o amor*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2014.
- NOUGIERE, Louis-René. *La fame dans la préhistoire*. Paris: Cerf, 1974.
- PAGELS, Elaine. *The Gnostic Paul, Gnostic Exegeses of the Pauline Letters*. Pennsylvania: Trinity Press International, 1992.
- PENNA, Romano. Paulo de Tarso e os componentes gregos do seu pensamento. In: *Atualidade Teológica*, 31(2009), 55-91.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- SANDERS, E. P. *Paulo, a Lei e o Povo Judeu*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- SPINELLI, M. *Helenização e recriação de sentidos: a filosofia na época da expansão do Cristianismo – séculos II, III e IV*. Caxias do Sul: Educs, 2015 (edição revista e ampliada).
- PHILHAUER, Philip. *História da Literatura Cristã Primitiva, Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. São Paulo: Academia Cristã, 2005.
- WALLACE, R.; WILLIAMS, W. *The Three Worlds of Paul of Tarsus*. London/ New York: Routledge, 1998.

* Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1996), em Teologia pela Itepa Faculdades (2000), mestrado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2004), doutorado em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (2011). É professor da Itepa Faculdades.

Email: iarampon@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2882-440X>

Recebido em 14/03/21

Aprovado em 12/06/21

FRANCISCO DE ASSIS, A PAZ VEM DO BEIJO NA FACE DO IRMÃO LEPROSO¹

FRANCIS OF ASSISI, PEACE COMES FROM KISSING THE LEPER BROTHER'S FACE

*Pe. Ivanir Antonio Rampon**

Resumo: Neste breve texto de teologia narrativa, faremos uma “leitura histórico-crítica” da vida de Francisco. Embora esteja pressuposto, não iremos apresentar um estudo exegético das fontes franciscanianas. Nosso objetivo é mais humilde: narrar, brevemente, como surgiu e como se desenvolveu a opção pelos pobres na vida de Francisco e como ele viveu a espiritualidade do seguimento a Jesus Cristo, na *conformidade* com os pobres.

Palavras-chave: Francisco. Alegria. Paz. Ecologia. Pobres.

Abstract: In this brief text on narrative theology, we will make a “historical-critical reading” of the life of Francis. Although presupposed, we will not present an exegetical study of Franciscan sources. Our objective is more humble: to narrate, briefly, how the option for the poor emerged and developed in Francis' life and how he lived the spirituality of following Jesus Christ, in conformity with the poor.

Keywords: Francis. Joy. Peace. Ecology. Poor.



¹ Este texto foi elaborado a partir da dissertação de mestrado do autor intitulada “A opção pelos pobres em São Francisco de Assis” (2005).

São Francisco de Assis, ainda muito jovem e cheio de sonhos, ouviu a chamada de Jesus para ser pobre como Ele e restaurar a Igreja com o seu testemunho. A tudo renunciou com alegria e é o santo da fraternidade universal, o irmão de todos, que louvava o Senhor pelas suas criaturas (CV 52).

Francisco de Assis, ainda hoje, exerce forte atração, inclusive fora da esfera cristã. São inúmeras as pessoas devotas do santo, as apaixonadas pelo profeta, as admiradoras da sua ternura às criaturas, as maravilhadas pelo seu espírito pacifista, as extasiadas pelo seu vigor na defesa de um grande ideal de vida e as fascinadas pela sua opção radical pelos pobres.

Francisco não tinha um belo corpo, nem grande ciência e títulos de nobreza. Faltava tudo o que poderia fazê-lo figurar entre os homens ilustres da cristandade, embora tenha sido escolhido, em 1999, pela revista “Times”, o “homem do milênio”.

A força de Francisco estava em querer viver o Evangelho... Quando a Igreja queria ser a senhora do mundo, ele quis ser o menor de todos; quando a burguesia queria muito dinheiro, ele quis ser o mais pobre entre os pobres; quando se faziam “guerras santas” e cruzadas contra os muçulmanos, ele quis dialogar com o sultão do Egito; quando o machismo impedia uma maior atuação das mulheres, ele valorizava Clara e outras. Desde modo, Francisco encontrou um rosto de Deus diferente daquele do senhorio da Igreja e das “guerras santas”. Seu Deus estava ligado ao que havia de mais fraco e menor no mundo.

Neste breve texto, vamos expor alguns pontos teológicos-espirituais, fazendo uma “leitura histórico-crítica” da vida de Francisco. É provável que o leitor ou a leitora intuirá a sintonia espiritual existente entre Francisco de Assis e o Francisco de Roma; entre o Francisco da *Perfeita Alegria e o da Alegria do Evangelho*. Intuirá que ambos cantam e nos convidam a cantar *Laudato Sí mio Signor*; buscam e nos convidam a construir um mundo de *Fratelli Tutti*. No dizer do próprio Papa:

Tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma. Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. (...) Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior (LS 10).

1 UM TÍPICO JOVEM BURGUESES

Francisco de Bernardone nasceu por volta de 1182, filho de Joana e Pedro². Seu pai era um dos homens mais ricos de Assis, pertencente à classe dos burgueses. Estes detinham o poder econômico, mas não o político. Pedro sonhava que através de seu filho *Francesco* conseguiria a ascensão social e política.

A infância de Francisco foi marcada pelos tumultos de guerras entre papado e império, entre nobres e burgueses. O adolescente frequentou a escola e a catequese na Igreja de São Jorge, onde aprendeu a fazer cálculos – algo necessário para a sua classe social. Com

2 Fazemos uma leitura crítica das Legendas (textos hagiográficos), no sentido, de através das coincidências, diferenças e até contradições existentes nelas, apresentar os dados históricos mais aceitáveis pelos estudiosos do franciscanismo. Quem é versado naqueles estudos, sabe, por exemplo, que o mesmo autor, Frei Celano, escreveu duas Legendas com diferenças bem notáveis entre elas e com fins diferentes. Neste breve artigo, não vamos nos deter na análise histórica-exegética dos textos e contextos franciscanos, tendo, no entanto, a análise por pressuposta. Por ser um *texto-resumo*, não colocaremos a bibliografia.

quinze anos ajudava seu pai na loja, mas não gostava tanto de ser comerciante. Preferia sair com os amigos para as festas e cantorias, fazer gracejos e ser o centro das atenções. Distinguiu-se pela voz melodiosa, estilo alegre e elegante e esbanjamento de dinheiro. Por isso, logo se tornou o líder da juventude mais rica de Assis.

Em 1198, aproveitando uma brecha do Conde Conrado, os burgueses expulsam seus rivais, os nobres, de Assis e proclamam a independência comunal. Como outros jovens burgueses, Francisco deve ter vibrado com os ares de liberdade. Entre os expulsos estava uma menina de cinco anos, chamada Clara de Favarone. Mas os nobres logo se aliaram com os cidadãos de Perusa, cidade inimiga de Assis. Francisco, com 20 anos, participou da guerra. Perusa venceu e Francisco foi feito prisioneiro.

Por um ano, o jovem sentiu na carne os sofrimentos da prisão superlotada, os maus tratos, os rigores do inverno, a alimentação deficiente, as doenças. Por pouco não morreu! Resgatado pelo pai, demorou quase um ano para se recuperar das doenças e da depressão. Recuperado, preparou-se para participar de mais uma guerra com um famoso cavaleiro. A vitória daria a sua família o título de nobreza. Enfim, *Francesco* iria realizar o sonho do pai. Durante a ida para a guerra, no entanto, decidiu abandonar as armas para o desencanto do pai. Ao mesmo tempo, a loja foi se tornando insuportável. Francisco preferia ir para os vales da Úmbria rezar e ficar junto aos mais pobres, os leprosos.

2 A FORÇA DE UM BEIJO NO IRMÃO POBRE

Na verdade, tudo começou a mudar quando certa vez lhe apareceu um leproso com o rosto deforme, de carnes purulentas, com mãos apodrecidas à espera de esmolas. Francisco sentiu repugnância e até raiva por causa daquela aproximação. A primeira reação foi a de desviar aquele rosto. Dando meia volta com o seu cavalo, tentou fugir. Mas percebendo a sua covardia, desceu do cavalo e correu até o leproso deixando-lhe o calor de um beijo. O leproso ficou atônico.

Francisco sentiu uma grande felicidade. Sentiu uma doçura no corpo e na alma! O beijo o fez sentir o corpo e a alma do irmão pobre e infeliz; fez abandonar famílias e riquezas. Pouco tempo depois irá morar entre os leprosos, pobre entre os pobres! Será o mais novo sem-teto e sem fortuna, no entanto, feliz.

3 RECONSTRUINDO A IGREJA DOS POBRES

Depois do beijo no leproso, o amor a Deus crescera em Francisco. Por isso, ele procurava locais solitários para ficar com o Senhor. Certo dia, foi até a Igreja de São Damião. Nela havia um crucifixo bizantino que, do ponto de vista estético, não era considerado belo. Em uma manhã de janeiro, ele estava rezando com os olhos fixos naquele crucifixo quando, segundo as fontes franciscanianas, percebeu o crucifixo convidando-o para restaurar a Igreja:

“Francisco, não vês que minha casa está destruída? Vai, portanto, e restaura-a para mim”. Tremendo e admirando-se, ele diz: “Fá-lo-ei de boa vontade, Senhor”. Ele entendeu que lhe fora dito daquela Igreja, que por causa da extrema antiguidade, ameaçava uma ruína próxima. Por causa desta palavra que lhe foi dita, ficou repleto de tanto júbilo e iluminado de tanta luz que na sua alma sentiu verdadeiramente que fora o Cristo Crucificado quem lhe falara.

Foi então até a loja de seu pai, pegou alguns brocados dirigindo-se, em seguida, a cavalo, até a feira de Foligno. Vendeu as roupas e até o animal, e entregou o dinheiro ao

sacerdote de São Damião para que este procurasse reconstruir a Igreja e sustentar os pobres. Mas o padre não aceitou porque tinha medo da reação de Pedro Bernardone. Frustrado, Francisco jogou o dinheiro fora. De fato, não era o dinheiro que iria reformar a Igreja, mas a solidária opção pelos pobres.

4 TIRANDO AS ROUPAS BURGUESAS

Refletindo sobre seu modo de proceder, Francisco intuiu que teria um conflito com o pai. Cheio de medo, foi se esconder, sendo visitado por um amigo que lhe levava alimentos. No esconderijo, sentiu uma confusão sentimental. Por um lado, estava alegre – aquele beijo transformara a sua vida – e, por outro, estava com medo da reação dos familiares, dos amigos, da cidade. Suas angústias eram explicitadas na constante oração. Aos poucos, seu espírito foi sentido serenidade. Depois de um mês, regressou a Assis decidido a apresentar as razões de sua opção e enfrentar as consequências. Acusado pelo pai de mau uso do dinheiro, em público tirou as roupas e disse:

quero restituir-lhe com espírito alegre não somente o dinheiro que é proveniente de seus bens, mas também as vestes. Agora direi livremente: Pai nosso que estais nos céus, não pai Pedro Bernardone, a quem devolvo - eis aqui - não somente o dinheiro, mas entrego também todas as vestes.

Após renunciar à herança diante do bispo da cidade, Francisco viajou para Gubbio, levando uma vida de oração e de serviço aos leprosos. Mas, o desejo de reconstruir a igreja de São Damião não lhe saía da cabeça. Por isso, retornou a Assis e iniciou a reconstrução sentindo nas mãos os calos de pedreiro. Ele peregrinava pelas ruas mendigando pedras para reconstruir a casa do amigo Jesus e dos amigos pobres. De fato, a igreja de São Damião era periférica e sem importância. Lá os pobres se encontravam para rezar.

Enquanto, reconstruía igreja, o padre, seu amigo, resolveu repartir a comida com o pedreiro, mas este não concordou com tal privilégio pois o diferenciava da maioria dos pobres. Então, resolveu ir mendigar seu próprio alimento. Lágrimas rolaram de seu rosto e o estômago se revoltou diante do “mexidão” considerado comida de cães. Ele, que antes presidira banquetes de ricos, alimentava-se, agora, da comida de mendigos e leprosos.

Francisco, no entanto, ainda não compreendia que mais do que reconstruir as paredes, era preciso reconstruir a “Igreja dos pobres”. Aos poucos, compreendera a profundidade de seu chamado vocacional: reconstruir a casa do amigo, buscando a irmandade na paz e na solidariedade com os pobres, justamente, quando a instituição eclesial, estava mergulhada em guerras e na busca de domínios.

5 FAZENDO NOVAS AMIZADES

O *Poverello* fez várias amizades com esmoleres de Assis com quem repartia os alimentos recolhidos e, vários deles, devem tê-lo ajudado a reconstruir a Igreja, transportando pedras e levantando muros. Perto de São Damião estava o leprosário de São Salvador. Lá, com seus novos amigos, Francisco ficava horas e até semanas. Seus gestos eram de carinho, atenção, acolhida, cuidado. Com eles rezava, cantava, brincava, aprendia, chorava, enfim, vivia! Desde modo reconstruía a Igreja de pedra, mas também a Igreja de seu coração com as “pedras” das novas amizades. Se por um lado, havia pedras que machucavam, havia outras que ajudavam a construir a Igreja dos pobres de Jesus Cristo.

6 A IRMÃ CLARA

Aos poucos, a radicalidade de Francisco começou despertar admiração em outros jovens. Alguns fizeram gestos ousados, abandonando a nobreza e a burguesia para viverem, com ele, a pobreza e a irmandade. Entre as jovens, estava Clara de Favarone Offreduccio, uma bela moça de treze anos, de família nobre. Ela teria dado esmolas, às escondidas dos familiares, para que Francisco comprasse pedras usadas na reforma da igreja de São Damião, não imaginando que seria, posteriormente, uma das “pedras” mais preciosas da igreja dos pobres. O rosto iluminado de Francisco lhe parecia autêntico, verdadeiro, sem formalismos cortesões, sem gestos ensaiados, sem enganos sociais. Era tudo diferente do que via em sua própria casa, entre nobres...

Francisco tocara o coração de Clara, mas também fora tocado pelo dela a ponto de ir procurá-la para os “secretos encontros”. O detalhe mencionado é importante, pois destaca a mediação do *Poverello* na vida de Clara, mas também a busca de Clara, uma vez que depois os Offreduccio tentaram culpá-lo pela “loucura” dela... No Testamento, a Poverella enfatiza que a decisão de deixar tudo para seguir a Jesus na pobreza e humildade foi pessoal e livre. Para ela, a iniciativa foi de Deus e o Caminho é Jesus Cristo: “o Filho de Deus fez-se para nós o Caminho (cf. Jo 14,6; 1Tm 4,12), que nosso bem-aventurado pai Francisco, que o amou e seguiu de verdade, nos mostrou e ensinou por palavra e exemplo”. Francisco não é o caminho, mas Jesus é o caminho de ambos. Portanto, Clara percebia o *Poverello* como parceiro exemplar de caminhada.

7 A PREGAÇÃO DA PAZ

Francisco e seus primeiros companheiros descobriram que reconstruir a casa do Crucificado não era somente colocar pedra sobre pedra, mas retornar ao Evangelho da pobreza e da missão. Era dirigir-se ao encontro dos homens e mulheres, sem ouro nem prata, sem nenhum poder de senhorio, sem garantias deste mundo, mas impulsionado pelo sopro de humildade que havia levado o Filho de Deus a vir até nós, caminhando humilde e pobre nos caminhos do mundo para anunciar a Boa Notícia.

Começaram a andar pelas ruas, povoados e cidades desejando a paz e convidando as pessoas para ouvirem a pregação numa das praças. Iniciavam a pregação desejando a paz, pois sabiam que os corações eram alimentados por guerras, cobiças, ganâncias, egoísmos, paixão pelo dinheiro. Em seguida convidavam para a mudança de vida, ou seja, para que buscassem viver com mais coerência a mensagem de Jesus.

Conseguiram penetrar no íntimo de muitos de seus ouvintes, despertando admirações. O carisma franciscano contagiou e continua contagiando milhares de pessoas que partem pelo mundo anunciando a paz, com as mãos e corações desarmados... Neste sentido, a paz não é algo intimista e nem se limita a acordos políticos estratégicos, mas é renovação de si e da sociedade. A paz anda de mãos dadas com a irmandade e tem caráter pessoal, social e cósmico.

O novo movimento religioso e popular contrastava com a situação hegemônica eclesial. Abades e bispados eram verdadeiros senhores feudais e suas grandes preocupações giravam em torno da arrecadação de impostos, preparação de pompas e guerras. Conforme Leclerc, mais que reflexo evangélico, a Igreja era uma grande potência do mundo, longe do Evangelho³. Estava instalada numa cristandade sólida em que o Evangelho não soava bem. Francisco recusa-se a instalações fixas e pomposas e sua preocupação era anunciar, como pobre, o Evangelho da Paz.

3 Eloi LECLERC, *Francisco de Assis: o retorno ao Evangelho*, p.45.

No século XIII, as moedas de ouro e prata passaram a ser mais apreciadas e desejadas. Porém, onde elas aumentavam também aumentava a falta de irmandade. Francisco e seus primeiros irmãos ao dirigirem-se às cidades – locais onde moravam comerciantes, cambistas, artesões... e pobres – renunciavam o pacto com o ídolo. Perceberam que a pessoa anunciadora da Boa Nova da Paz não poderia concorrer na busca de riquezas e poder. Somente a pobreza era caminho verdadeiro de irmandade.

8 LUTANDO PARA SALVAR O IDEAL

Em menos de dez anos, milhares de jovens juntaram-se a eles, renunciando riquezas e vivendo a minoridade entre os pobres. No entanto, com o crescimento do grupo, houve conflitos, pois, havia os que defendiam a necessidade de abandonar a vida entre os pobres e morar nos palácios, buscando o sucesso da “Fraternidade” (do grupo). As buscas de fama, glória, honras os afastavam do mundo dos pobres e os devolviam para o *mundo* que Francisco renunciara após o beijo recebido de um leproso. O Fratello lutou contra isto até morrer. A luta para salvar o ideal lhe custou muitas dores, acusações, desrespeitos.

9 FAZENDO A PAZ COM OS IRMÃOS MUÇULMANOS

O ano de 1219 é histórico para as pessoas que sonham com a paz e o diálogo inter-religioso. Francisco e Iluminado foram até os cruzados e mantiveram contato com Melek-el-Kamel, o sultão do Egito. O *Poverello*, então, deparou-se com uma poderosa cristandade sedenta de guerra ao passo que ele era um pobre cristão com sede de paz. O seu bom relacionamento com o sultão e outros muçulmanos o fez entender que a problemática estava na “submissão” dos sarracenos aos interesses impostos pela cristandade sequiosa de glória, poder e dinheiro. Ao proclamar a paz, Francisco rompia com o esquema de opressão. Se a opção pelos pobres tivesse sido a opção da Igreja naquele momento, a paz teria sido possível.

10 FIDELIDADE AO DEUS-CRUCIFICADO

Em 1223, Francisco celebra com intensidade o Natal do Menino pobre e indefeso nascido em Belém. No mundo em que o dinheiro falava mais alto, e clérigos e frades buscavam honrarias e grandezas, era preciso redescobrir a pobreza e a humildade de Deus.

No ano seguinte, Francisco e alguns dos primeiros companheiros dirigiram-se ao Monte Alverne, a fim de meditar durante a Quaresma de São Miguel. Na metade de setembro de 1224, Francisco, sentindo-se um vil verme e inútil servo, em prantos, suspirava a Deus pois, meditava sobre o seu fracasso em todos os empreendimentos. Foi, então, que compreendeu profundamente que o seu Deus era o *Jesus crucificado*. Assim, morreria sem sucesso, a saber, sem ver os muçulmanos convertidos, o sultão batizado, a Igreja sendo mais sinal do Evangelho, o mundo mais fraterno e pacífico, a Ordem vivendo a opção pelos pobres em *conformidade* com os pobres. Até na morte seria um autêntico *seguidor* de Cristo pobre e crucificado.

Depois do retiro no Alverne, Francisco continuou sua missão de *pobre pregador da paz* e de servidor dos leprosos. Queria recomeçar tudo e até voltar a ser desprezado como antigamente.

11 O CÂNTICO AO IRMÃO SOL

No inverno de 1225, todo o vigor do corpo de Francisco se enfraqueceu. A carne estava consumida e a pele aderida aos ossos. Estava sendo doloroso suportar a cegueira e as outras enfermidades. Assim, ele quis retornar a São Damião para ficar com Clara e as outras irmãs. Depois de uma noite de grandes tormentos, mas também de certeza de que participaria da plenitude do Reino de Deus, compôs um novo louvor ao Senhor que recebeu, posteriormente, dois complementos, um sobre o perdão e a paz e outro referente à “irmã morte”.

É impressionante as coincidências das conclusões dos novos estudos sobre ecologia e as profundas intuições que Francisco poetizou no Cântico ao Irmão Sol. O Fratello percebeu a transparência de Deus nas criaturas e o rosto de Cristo nos pobres. Ele não uniformizou todos os seres, mas também não admitia que o ser humano fosse o monarca das outras espécies. A sua busca da irmandade cósmica encontrava fundamento espiritual na opção pelos pobres.

12 A IGREJA MAIS AMADA É A “PEQUENINA DOS PEQUENOS” ...

Em setembro de 1226, chegando a hora do “trânsito”, vários irmãos se dirigiram a Assis para se despedirem e receberem a bênção do *Poverello*. Francisco, que nesta ocasião estava hospedado no Palácio do bispo, quis ir até a Porciúncula, a pequenina casa de Deus e dos pobres, a *igreja* – segundo ele – mais amada pela Virgem Maria, local onde Clara e outras pessoas abraçaram a opção pelos pobres. O *Poverello* desejava que aquela igreja fosse a cabeça, o coração e o símbolo do movimento religioso e popular minorítico.

Enfim, o *Poverello* ditou o seu *Testamento* recordando que vivia em pecados, mas o Senhor o conduziu entre os leprosos; que, em seguida, deixou o mundo da burguesia e “engajou-se” na opção pelos pobres. Depois o Senhor lhe deu irmãos com quem vivia a alegre identificação com os pobres. O *Testamento* recorda que nos primeiros tempos viviam a pobreza, a alegria e oração devota, mas que as *inovações* trouxeram dificuldades para a vivência da *forma vitae*. Finaliza desejando bênção aos irmãos que observarem, sem glosas, a *Regra Bulada* e o *Testamento*.

13 A IRMÃ-MORTE

Nas primeiras horas do dia 3 de outubro de 1226, Francisco pediu que lhe lessem o relato da paixão de Jesus, segundo João. No final do relato, mesmo não sendo sacerdote, pediu um pão, invocou a bênção, o partiu e distribuiu, repetindo o gesto de Jesus na Santa Ceia. Quis dizer algo, mas não conseguiu falar. Houve um profundo silêncio interrompido pelo Cântico ao Irmão Sol que se estendeu pelo bosque.

Às cinco da tarde, o *Poverello* quis que o desnudassem e o colocassem sobre a terra. Após resistências iniciais, os irmãos atenderam o último pedido. Então disse: “... felizes os que perseverarem nas coisas que começaram...” e, iniciou a recitação do Salmo 142, sendo acompanhado pelos demais irmãos. Foi a última vez que ficou nu antes de renascer para a eternidade. As irmãs cotovias esvoaçaram e cantaram sobre a cabana. Durante a noite, houve muitas preces na região da Úmbria. Chorava-se a ausência de Francisco e proclamava-se o Santo de Assis.

Portanto, Francisco de Assis “escutou a voz de Deus, escutou a voz dos pobres, escutou a voz do enfermo, escutou a voz da natureza. E transformou tudo isso num estilo de vida. Desejo que a semente de São Francisco cresça em tantos corações”³.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

RAMPON, Ivanir Antonio. *A opção pelos pobres em São Francisco de Assis*. Belo Horizonte: Instituto Santo Inácio (FAJE). Dissertação de Mestrado sob a orientação do Prof. Dr. João Batista Libanio, 2004.

4 Do filme de Wim Wenders *O Papa Francisco – Um homem de palavra. A esperança é uma mensagem universal* (2018) = FRANCISCO, *Carta Encíclica Fratelli Tutti – sobre a fraternidade e a amizade social*, n.48.

* Sacerdote Palotino (Sociedade do Apostolado Católico); Bacharel em Filosofia pelo Instituto Teológico do Mosteiro de São Bento/RJ (1999); Bacharel em Teologia pelo Instituto Teológico do Mosteiro de São Bento/RJ (nível eclesiástico – 2003, convalidação – 2015); Bacharel em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana – Roma/Itália (2008); Mestre em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana – Roma/Itália (2010); Doutor em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana – Roma/Itália (2015); Assessor da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB.

Email: danielrocchetti@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1247-1171>

Recebido em 26/06/21

Aprovado em 16/08/21



O “PERMANECER NO AMOR” (CF. Jo 15,9) PARA SER MISSÃO

A autêntica Espiritualidade Cristã é elemento imprescindível para a identidade missionária da Igreja e de cada fiel cristão

TO “STAY IN LOVE” (CF. JN 15:9) TO BE MISSION

Authentic Christian Spirituality is an essential element for the missionary identity of the Church and of every Christian believer.

*Daniel Luz Rocchetti**

Resumo: O artigo se propõe apresentar a missão como fruto mais autêntico de uma espiritualidade cristã. Partindo da reflexão missiologia atual que apresenta o conceito de *Missio Dei*, no qual reconhece-se em Deus a fonte da missão e essa um atributo da divindade. Neste transbordamento divino sobre a criação e a humanidade, Jesus Cristo é o ápice da missão de Deus. E é a partir d'Ele que Igreja e cada fiel torna-se um colaborador da e na *Missio Dei*. Assim para o fiel em particular, é a partir do encontro com Jesus Cristo, que se decide como seu discípulo, busca-se configurar-se a Ele para que Ele mesmo continue a Sua missão. Percorrendo os documentos missionários do Magistério Pontifício recente e alguns documentos missionários da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, descobre-se a importância de ‘permanecer no amor’ de Deus, isto é, em comunhão e fidelidade a Ele para ser um missionário, seja doando a vida, rezando pelas missões ou contribuindo com elas.

Palavras-chave: Espiritualidade Missionária. *Missio Dei*. Magistério Missionário. Identidade.

Abstract: The article proposes to present the mission as the most authentic fruit of a Christian spirituality. Starting from the current missiology reflection that presents the concept of *Missio Dei*, in which the source of the mission is recognized in God, and the mission, an attribute of divinity. In this divine overflow on creation and humanity, Jesus Christ is the culmination of God's mission. And it is from him that the Church and every believer becomes a collaborator of and in *Missio Dei*. Thus, for the faithful, it is from the encounter with Jesus Christ himself, which one decides to follow as his disciple, seeking to configure himself to him so that He himself may continue His mission. Through the missionary documents of the recent Pontifical Magisterium and some missionary documents of the National Conference of Bishops of Brazil, one discovers the importance of 'remaining in the love' of God, that is, in communion and fidelity to Him to be a missionary, whether donating life, praying for missions or contributing to them.

Keywords: Missionary Spirituality. *Missio Dei*. Missionary Magisterium. Identity.

INTRODUÇÃO

Três personagens importantes e singulares na história da Igreja nos inspiram ao escrevermos este texto. São já conhecidos dos meios e ambientes missionários, porque já colocados sobre os altares como padroeiros das missões: São Francisco Xavier, Santa Teresinha do Menino Jesus e a Venerável Pauline Jaricot.

Suas vidas já nos são conhecidas, e sua ligação com a Igreja missionária também. Sabemos que Francisco Xavier, com sua disponibilidade em ir, serve de inspiração e exemplo a quem deseja doar-se à missão, comprometendo toda a vida por esta causa, a ponto de ir a fronteiras longínquas, despojando-se das seguranças que o próprio lugar, a própria cultura e os próprios laços poderiam oferecer.

Já Santa Teresinha apresenta-se como modelo missionário de outro tipo, tão importante quanto aquele acima relatado. Ela, dando-se a Deus exclusivamente, consagrou a sua vida em uma clausura carmelitana e direcionou esta entrega pela Igreja e a sua fecundidade missionária, dando suporte oracional a quem, fora dos muros do convento e no mundo de fronteiras desconhecidas, pudesse testemunhar a fé. A oração, como a Pequena Flor do Carmelo ensina, é já missão!

E ainda, a Venerável Pauline Jaricot, sendo alcançada pelas notícias de missionários franceses em longínquas terras e sabendo das realidades que enfrentavam para anunciar a Boa Nova do Evangelho, além de mobilizar as amigas para rezarem por tais missionários, compreenderam que poderiam ser missionárias contribuindo com as missões. As doações faziam a missão acontecer e, ainda hoje, são através delas que a Providência Divina se faz presente nos lugares mais pobres e simples onde a Igreja se faz presente.

Mas porque recordamos destas três pessoas – e poderiam ser tantas mais aqui listadas? Porque se tornaram oficialmente padroeiros



ou inspiradores da Missão? Não! Isto seria pouco. Apesar de tantos exemplos concretos que cada um nos deixou, há um algo especial e fecundo que alimenta as suas vidas. Há um algo que une Francisco Xavier, Teresa do Menino Jesus e Pauline Jaricot que poderíamos identificar em sua espiritualidade... uma espiritualidade missionária.

É bem verdade que hoje, na atualidade do Magistério de Papa Francisco e no seguimento da vivência e das opções teológicas do Magistério Episcopal Latino Americano, a realidade da periferia, do eixo-fora do centro, se tornou um lugar teológico. É, de fato, como que um ponto de partida para a reflexão teológica e a missão. Assim explica o autor Adroaldo Palaoro, jesuíta: “Na vivência à missão, devemos ter sempre diante dos nossos olhos a pessoa de Jesus Cristo. Com sua vida e sua palavra, Ele descentraliza o mundo a partir da periferia, terra privilegiada, de onde podemos contemplar a história e a própria humanidade. Cada passo na direção das periferias do mundo também é um passo contemplativo em busca do encontro com o Senhor da História, que nos chama de ‘baixo’ e de ‘fora’”¹!

No entanto, o presente artigo se propõe mesmo acessar aquela mentalidade comum e muito atual, identificada a partir da observação do autor, que postula apenas ser suficiente uma relação com o Divino, com Jesus Cristo através dos momentos litúrgico, sacramentais e oracionais, sem que estes transbordem necessariamente em um compromisso ministerial, pastoral e missionária. A partir desta realidade tão comum encontrada em nossas paróquias e comunidades e recorrendo aos exemplos dos três personagens apenas citados, por este artigo pretende-se ajudar a refletir que uma madura relação discipular com Jesus Cristo, partindo do centro ou partindo da periferia, sempre precisará transbordar na missão.

1 ACOLHER UM DEUS QUE VEM, SEGUIR UM DEUS QUE VAI

Quando estamos à margem de um rio caudaloso, vemos um movimento de águas constantes. O rio desce e segue seu trajeto rumo ao oceano. Um pedaço de madeira ali lançado segue o mesmo destino. Se lançarmos um barco, ele seguirá a corrente... Se mergulharmos naquelas águas, também nós sairemos lá em baixo: a corrente das águas nos levará. Teremos entrado, seremos levados, sairemos de cena e o rio corrente continuará o seu percurso.

Relata os Atos dos Apóstolos que Paulo e Timóteo chegaram à Macedônia, instalando-se em Filipos, que era uma colônia romana. Diz-se que passaram ali alguns pares de dias. Em um sábado, ambos saíram pela porta da cidade em direção a um rio, onde pensavam que se pudesse fazer oração (Cf. At 16,13). Em alguma outra tradução, diz-se que buscavam um lugar onde encontrar oração. À margem de um rio! Ali, inspirados por aquela paisagem poderiam se retirar, refletir, meditar, salmodiar e levantar louvores a Deus. E, porque não, inspirados pelo movimento daquelas águas, pensarem-se alcançados pela graça de Deus, abraçados e carregados por Ele? Afinal, assim com um rio, Deus vem ao nosso encontro, acolhe-nos e nos carrega, levando-nos e enviando-nos.

1 Adroaldo PALAORO, *A Paixão pela missão nas periferias*, Acesso em <https://www.centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/espiritualidade/335-a-paixao-pela-missao-nas-periferias>.

1.1 Nosso Deus é Amor que vem!

Sabemos que a Igreja é, por sua natureza, missionária (AG 2). Este foi o desejo expresso de Nosso Senhor Jesus Cristo quando Ele, Ressuscitado, enviou a Igreja em missão: “Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19; cf. Mc 16,16). Mas, sendo essencialmente missionária, é interessante descobrir que não é a Igreja que tem uma missão, senão que é a missão quem tem uma Igreja.

De fato, “a origem da natureza missionária da Igreja encontra-se no amor fontal de Deus, na caridade de Deus”². A origem da missão é Deus. Ela brota do coração da Trindade, como Amor Fontal. Deus atua para fora de si criando, redimindo e santificando. Desde sempre, portanto, Deus sai de si, buscando realizar o Seu projeto de vida, e vida comunicada³. A Trindade é a fonte e a causa da missão:

A Igreja das origens, que vive muito da missão e se sente arrastada por uma dinâmica missionária, não conhece qualquer definição missionária puramente pastoral. Utiliza, pelo contrário, o conceito de ‘missiones’ para exprimir como a Trindade se abre, a partir de dentro, ao mundo, com o envio do Filho e do Espírito⁴.

Karl Barth, teólogo protestante, empenhou-se bastante em demonstrar que a origem da missão está ligada à essência mais profunda de Deus, que é Amor (cf. 1Jo 4,8). Karl Barth conclui, então, que a missão não é obra humana, mas divina. É até mesmo um atributo divino: Deus é um Deus missionário⁵.

David Bosch, uma referência importantíssima na Missiologia Atual, ensina que missão

designa primordialmente a *missio Dei* (missão de Deus), isto é, a autorrevelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e a atividade de Deus, que compreende tanto a igreja quanto o mundo, e das quais a igreja tem o privilégio de participar. *Missio Dei* enuncia a boa nova de que Deus é um Deus-para/pelas-pessoas⁶.

A missão como revelação de Deus e de sua realidade mais profunda foi demonstrada de forma mais eminente e plena no envio do Filho para a salvação do mundo (cf. Jo 3,16). Jesus Cristo, o Filho de Deus, Sumo Sacerdote e Apóstolo do Pai (cf. Hb 3,1) se tornou o arquétipo e modelo de qualquer missão⁷. Ele, enviado do Pai, para revelar Deus, que é Amor. “Tudo o que podemos conhecer de Deus, aprendemo-lo graças à revelação de Cristo e à obra do seu Espírito em nós. Ele foi mandado ao mundo pelo Pai para salvar o mundo”⁸.

Panazzolo repercute que Jesus é o Único mediador, o revelador do mistério divino no mundo, ou seja, revelador do grande plano do amor divino, a missão de Deus – a *Missio Dei!* E como tal, o autor debruça-se sobre a pessoa de Jesus e vai lançando luzes sobre Ele: Jesus é o enviado do Pai, na força do Espírito Santo; Jesus fala do Pai; Jesus reza; Jesus ensina a rezar; Jesus promete e envia o Espírito Santo; Jesus chama e envia em missão⁹.

2 CNBB, *Programa Missionário Nacional*, p.29.

3 Cf. João PANAZZOLO, *Missão para todos. Introdução à Missiologia*, p.13.

4 Giampetro DAL TOSO, *A missão na Trindade, origem da missio da Igreja*, p.58.

5 Cf. David BOSCH, *Missão Transformadora – Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, p.466-470.

6 David BOSCH, *Missão Transformadora – Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, p.28.

7 David BOSCH, *Missão Transformadora – Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, p.59.

8 Giampetro DAL TOSO, *A missão na Trindade, origem da missio da Igreja*, p.61.

9 Cf. João PANAZZOLO, *Missão para todos. Introdução à Missiologia*, p.35-50.

De tudo isso se conclui que a grande paixão de Jesus foi o Pai e que, portanto, a nossa grande paixão também deve ser Ele: o Pai no mais íntimo de nosso coração. A intimidade de Jesus com o Pai é modelo de nossa relação de confiança filial, de ternura e carinho com Ele. “Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos céus” (Mt 18,3), isto é, se do fundo do nosso coração não soubermos chamar a Deus de Pai não entraremos no Reino dos Céus.

Foi a partir dessa intimidade que Jesus nos manifestou o plano do Pai, o plano salvífico do Pai. E qual é esse plano? Que o Pai seja tudo em todos. Só assim todos seremos felizes como o Pai é feliz. É isso que constitui de fato o Reino de Deus: Deus Pai tudo em todos (cf. 1Cor 15,28). E o quanto necessitamos de um Pai... de um Pai que também é Mãe (cf. Is 49,15)¹⁰!

O encontro com Jesus Cristo, então, é algo essencial para a vida cristã. É a condição imprescindível para se descortinar ao homem, seja no coletivo e como no singular, todo aquele plano divino: “De tal modo Deus amou o mundo, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Deus não faz acepção de pessoas; Ele é para todos, sem exclusão alguma (cf. At 10,34-35; Rm 2,11; Tg 2,1): todos são convidados a estarem com Ele, entrarem em Sua intimidade, permanecerem em Seu Amor (cf. Jo 9,15).

1.2 Jesus, Revelador do Amor do Pai

Foi o Papa Bento XVI quem escreveu, de forma tão clara, o que já compreendíamos sobre o início e toda a vida cristã. Disse ele:

Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo (DCE 1).

Em ambiente latino americano, os Bispos reunidos em Assembleia Episcopal em Aparecida reafirmaram esta realidade e foram ainda mais incisivos, pois atrelaram à experiência do encontro com Jesus à decisão de anuncia-Lo; a compasso daquela mesma opção encontrada no Senhor, de um cuidado particularmente especial para com os pobres e marginalizados, em tensão libertadora¹¹:

Necessitamos de um novo Pentecostes! Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de sentido, de verdade e de amor, de alegria e de esperança! Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas é urgente ir a todas as direções, para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertos e salvos pela vitória pascal do Senhor na história, que Ele nos convoca em igreja e quer multiplicar o número de seus discípulos na construção do seu reino em nosso Continente (DAp 548)!

Partir de Cristo. Partir do encontro com Ele. Re-partir d'Ele. Há aqui uma centralidade sublinhada na qual não se pode ignorar: a vida cristã gira em torno de Jesus Cristo e acontece a partir d'Ele. “A fé cristã é, primeiramente, acolhimento do amor de Deus revelado em Jesus Cristo, adesão sincera à sua pessoa e uma livre decisão de caminhar em seu seguimento”¹².

¹⁰ João PANAZZOLO, *Missão para todos. Introdução à Missiologia*, p.50.

¹¹ Faz-se, aqui, referência a toda a caminhada da Igreja Latino-Americana com suas Conferências Episcopais (Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo) e seus profetas e mártires.

¹² PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n.18.

Este encontro com Jesus Cristo somente é possível porque o Seu Espírito, derramado sobre a Igreja desde lá em Pentecostes e hoje e continuamente, o permite e o promove. O Papa Paulo VI vem ensinar que não seria possível haver evangelização senão sob a ação do Espírito Santo, que desceu sobre Jesus de Nazaré, conduzindo-O em todo o Seu caminhar e no anunciar do Seu Reino; quando ia ao encontro dos pecadores, dos pobres e de todas as pessoas, naquelas periferias geográficas e existenciais; e também ali, na Cruz, quando se cumpriam as Escrituras. Ali o Espírito de Cristo foi derramado sobre a Humanidade. Mais tarde, segundo o Papa, este mesmo Espírito manifestou-se entre os discípulos e os apóstolos, enchendo-os de coragem para partirem em todas as partes do mundo (EN 75).

Ele é a alma desta mesma Igreja. E ele que faz com que os fiéis possam entender os ensinamentos de Jesus e o seu mistério. Ele é aquele que, hoje ainda, como nos inícios da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que ele sozinho não poderia encontrar, ao mesmo tempo que predispõe a alma daqueles que escutam afim de a tornar aberta e acolhedora para a Boa Nova e para o reino anunciado (EN 75).

Sendo o protagonista principal da evangelização, o Espírito Santo é aquele que impele a anunciar o Evangelho e também é aquele que prepara o íntimo das pessoas para acolher esta Palavra (EN 75); e não só como Palavra, mas como Pessoa, Jesus Cristo, Ressuscitado, como ensinou Papa Bento XVI.

É o Espírito quem nos faz reconhecer em Jesus de Nazaré o Senhor (cf. 1Cor 12,3), que faz ouvir o chamado ao seu seguimento e nos identifica com Ele: ‘Se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo’ (Rm 8,9). É Ele quem, fazendo-nos filhos no Filho, testemunha a paternidade de Deus, faz-nos conscientes da nossa filiação e nos concede a audácia de chamá-lo ‘Abá, ó Pai’ (Rm 8,15). É Ele quem infunde o amor e gera a comunhão.

A missão de Deus, a *Missio Dei*, qual um rio, na plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4) manifestou-se na Encarnação, Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo e na vida da Igreja, que é seu Corpo. Ele é, na ação do Espírito Santo, a fonte que nasce e manifesta água pura, vida em plenitude para que todos que se aproximam e matam sua sede. E esta notícia deve se espalhar.

2 A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ É, POR ELA MESMA, ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA

O Papa João Paulo II ensina que a espiritualidade missionária se refere diretamente a Jesus Cristo. Quer dizer, portanto, que a espiritualidade missionária é a espiritualidade cristã: experiência cristã e ardor missionário são, portanto, relativos um ao outro e devem ser praticamente compreendidos como sinônimos (RM 88). Por sua vez, o Papa Francisco ensina que a vida é missão (EG 15) e por isso, o que toca à vida cristã, toca também à consciência e espiritualidade missionárias.

A espiritualidade que deve alimentar cada fiel é a do seguimento à pessoa de Jesus Cristo. E por espiritualidade entende-se uma vida animada pelo Espírito, a partir daquele encontro com Jesus que é decisivo. Deste encontro com Ele descortina-se um convite de discipulado, de configuração e de missionariedade (PMN p.36). “Nota essencial da espiritualidade missionária é a comunhão íntima com Cristo: não é possível compreender e viver a missão, senão na referência a Cristo, como Aquele que foi enviado para evangelizar” (RM 88).

2.1 Encontrar-se com Cristo, ser seu Discípulo e configurar-se a Ele

Já foi dito que o início da vida cristã está no encontro com Jesus Cristo vivo, ressuscitado, presente no mundo através de sua Igreja. Este encontro dá novo sentido à vida de cada homem e de cada mulher.

Este encontro vem acompanhado de um convite de seguimento: Vem e segue-me (cf. Mt 19,21). O Vinde e Vede (cf. Jo 1,38) que Nosso Senhor fala àquele que lhe perguntara onde habitava, é um mesmo convite feito a cada um que foi encontrado por Ele. Vinde e vede. Começa aí um caminho de seguimento que poderia ser chamado de discipulado ou de iniciação à Vida Cristã, já que assim vai se buscando aprender sobre a fé e a viver conforme os ditames desta mesma fé.

A evangelização é um processo eclesial, inspirado e sustentado pelo Espírito Santo, por meio do qual o Evangelho é anunciado e se espalha pelo mundo. No processo de evangelização, a Igreja:

- Impulsionada pela caridade, impregna e transforma toda a ordem temporal, assumindo as culturas e oferecendo a contribuição do Evangelho para que possam ser renovadas a partir de seu interior;
- Aproxima-se de todos com atitude de solidariedade, coparticipação e diálogo, assim dando testemunho da novidade da vida cristã, para aqueles que os encontram possam ser provocados a se interrogar sobre o significado da existência e sobre as razões de sua fraternidade e esperança.
- Anuncia explicitamente o Evangelho por meio do primeiro anúncio, chamando à conversão;
- Inicia à fé e à vida cristã, mediante o itinerário catecumenal (catequeses, sacramentos, testemunho de caridade, experiência fraternal), aqueles que se convertem a Jesus Cristo, ou aqueles que retomam o caminho de seu seguimento, incorporando alguns e reduzindo outros à comunidade cristã;
- Mediante a educação permanente da fé, a celebração dos sacramentos e o exercício da caridade, alimenta nos fiéis o dom da comunhão e suscita a missão, enviando todos os discípulos de Cristo para anunciar o Evangelho no mundo, com obras e palavras¹³.

O culmine deste caminho discipular é a missão, que compreendida em termos de *Missio Dei*, é a colaboração da Igreja e de cada fiel ao agir missionário mesmo de Deus. O discípulo, a compasso dos ensinamentos de Nosso Senhor e aberto à ação do Espírito Santo vai se tornando configurado a Cristo, esvaziado de si tal como Ele, escolhendo os encontros com os pobres e mais pobres e pecadores, e para que Ele enfim, continue Sua missão. Esta é, segundo o Papa João Paulo II, o elemento mais característico da Espiritualidade Missionária.

Tal espiritualidade exprime-se, antes de mais, no viver em plena docilidade ao Espírito, e em deixar-se plasmar interiormente por Ele, para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar a Sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito. A docilidade ao Espírito permitirá acolher os dons da fortaleza e do discernimento, que são traços essenciais da espiritualidade missionária (RM 87).

O Papa Francisco, em uma recente catequese sobre os sacramentos, ensinou que “o batismo permite que Cristo viva em nós e a nós que vivamos unidos a Ele, para colaborar na Igreja, cada um segundo a própria condição, para a transformação do mundo”. Ao ser batizado, então, torna-se um missionário. E mais, ele ainda explicou que “o Batismo

13 DIRETÓRIO PARA A CATEQUESE, n.31.

‘cristifica-nos’, quem recebeu o Batismo e é ‘cristificado’ assemelha-se a Cristo, transforma-se em Cristo, tornando-se deveras outro Cristo”¹⁴.

2.2 A Espiritualidade Missionária no recente Magistério Pontifício

Mesmo sendo claro que a espiritualidade cristã se refere à uma espiritualidade missionária, no sentido de que, ao alimentar a fé e a relação com Cristo Jesus, torna-se Seu discípulo e vai assumindo os Seus mesmos sentimentos (cf. Fl 2,5-8), ‘cristificando-se’, ‘tornando-se outro Cristo’ e por isso, sendo missão. Mesmo assim, há algo que poderíamos identificar como característicos de uma espiritualidade missionária.

O Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja, ao reconhecer que a caridade de Deus Pai, Princípio sem Princípio, é a fonte da missão já ancora em realidades espirituais o próprio agir missionário (AG 2). O próprio Deus Trinitário flui para o mundo, a fim de nos abrir o caminho da salvação¹⁵. Sendo assim, o missionário tem a que ver com uma espiritualidade autêntica, honesta e fecunda, no sentido de cultivo mesmo de intimidade. Pois, “o enviado entra, portanto, na vida e missão d’Aquele que ‘a si mesmo se aniquilou tomando a forma de servo’ (Fl 2,7). Por conseguinte, deve estar pronto a perseverar toda a vida na vocação, a renunciar a si e a todas as suas coisas, e a fazer-se tudo para todos” (AG 24). Para tanto, a vida espiritual deverá ser terreno fértil para o cultivo das características e qualidades do missionário e ser alimentada e promovida missionariamente já desde o tempo da formação. “Cheio de fé viva e esperança indefectível, o missionário seja homem de oração” (AG 25).

Algum tempo depois do evento conciliar, o Papa Paulo VI convoca um Sínodo dos Bispos sobre o tema da Evangelização. As reflexões dos padres sinodais deram-lhe elementos importantes para que ele escrevesse a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. E nela, além de profundas reflexões e direcionamentos, abordou a temática do Espírito da Evangelização, no capítulo VII do documento. E dentre os primeiros elementos desta dimensão, o Paulo VI sublinha a precedência ativa do Espírito Santo na atividade missionária. “Nunca será possível haver evangelização sem ação do Espírito Santo” (EN 75). Desde Sua ação sobre a pessoa de Jesus Cristo em todo o correr da vida encarnada do Filho, até à Epifania do Espírito no Cenáculo e Seu preenchimento na vida da Igreja, o Espírito Santo agiu e age. “Ele é alma desta Igreja” (EN 75). E assim, Paulo VI ensina que será Ele a fazer entender os ensinamentos de Jesus, agindo através da Igreja, conduzindo missionários e missões, encontros e aberturas. O Sumo Pontífice vem ainda exortar que “as técnicas de evangelização são boas, obviamente; mas, ainda as mais aperfeiçoadas não poderiam substituir a ação discreta do Espírito Santo” (EN 75).

Desde este ensino explícito de que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização, Paulo VI lança um olhar sobre os missionários e missionários, convidando-os à uma abertura a este Espírito para tornarem-se testemunhas autênticas (EN 76), artífices da unidade (EN 77), servidores da verdade (EN 78), animados pelo amor (EN 79) e seguindo os exemplos fervorosos dos santos (EN 80).

Ouve-se repetir, com frequência hoje em dia, que este nosso século tem sede de autenticidade. A propósito dos jovens, sobretudo, afirma-se que eles têm horror ao fictício, aquilo que é falso e que procuram, acima de tudo, a verdade e a transparência.

¹⁴ FRANCISCO, Audiência Geral, 11 de abril de 2018. Acesso em: www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2018/documents/papa-francesco_20180411_udienza-generale.html

¹⁵ Giampetro DAL TOSO, *A missio na Trindade, origem da missio da Igreja*, p.60.

Estes ‘sinais dos tempos’ deveriam encontrar-nos vigilantes. Tacitamente ou com grandes brados, sempre porém, com grande vigor, eles fazem-nos a pergunta: Acreditais verdadeiramente naquilo que anunciais? Viveis aquilo em que acreditais? Pregais vós verdadeiramente aquilo que viveis?

Mais do que nunca, portanto, o testemunho da vida tornou-se uma condição essencial para a eficácia profunda da pregação. Sob este ângulo, somos, até certo ponto, responsáveis pelo avanço do Evangelho que nós proclamamos (EN 76).

Celebrando os 25 anos do Decreto Conciliar *Ad Gentes* e os 15 anos da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o Papa João Paulo II escreveu outro importante documento missionário: a Carta Encíclica *Redemptoris Missio*. Assim como Paulo VI, João Paulo II dedicou um capítulo inteiro para abordar os temas específicos acerca da Espiritualidade Missionária. E ele, por sua vez, confirma o protagonismo do Espírito Santo mas atribui-Lhe uma responsabilidade e obra até então não explorada: o missionário “deveria viver em plena docilidade ao Espírito, deixando-se plasmar interiormente por Ele, para se tornar mais semelhante a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar a Sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito. A docilidade ao Espírito permitirá acolher os dons da fortaleza e do discernimento, que são traços essenciais da espiritualidade missionária” (RM 87). Para o Papa João Paulo II, o missionário deveria viver o mistério de Cristo enviado de tal forma que encarnasse as características apostólicas d Ele (RM 88), amando a Igreja e os homens como Ele amou (RM 89) e buscando uma santidade de vida que fosse eloquente por ela mesma, pois mesmo que não houvesse possibilidade de pregar o Evangelho e mesmo fadado ao silêncio, a vida do missionário evangelizaria por si (RM 90).

O Papa Bento XVI não dedicou um documento especificadamente à questão missionária, mas deu importantes contribuições para esta reflexão através de outros documentos, das Mensagens para o Dia Mundial das Missões e através das suas Catequeses. Porém, de forma tão especial e próxima a V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe, em Aparecida – Brasil, no ano de 2017 se tornou ocasião para importantes reflexões. Por causa do teor tão missionário desta V Conferência, o Papa Bento XVI apontou diversos pontos, ressaltando sempre a primazia do encontro com Jesus como início de vida cristã – o que ele já havia apontado em sua primeira Encíclica *Deus Caritas Est*, e da importância de compreender a identidade missionária da Igreja, já que a missão é paradigma de toda atividade eclesial¹⁶. Na homilia de abertura para a V Conferência, ele ensinou que a Igreja é discípula e missionária do Amor revelado por Cristo, missionário do Pai e que a Igreja não faz proselitismo, mas cresce por atração, pois está associada a Cristo que atrai para si com a força de Seu amor¹⁷. Indispensável para uma vida cristã missionária fecunda, o Pontífice defende que “é necessário educar o povo para a leitura e a meditação da Palavra de Deus: que ela se transforme no seu alimento para que, pela sua própria experiência, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (cf. Jo 6,63). Caso contrário, como poderão anunciar uma mensagem, cujo conteúdo e espírito não conhecem profundamente? Temos que fundamentar o nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus”¹⁸. Para ele, o cultivo de uma

16 Cf. BENTO XVI, Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2012. Acesso em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/missions/documents/hf_ben-xvi_mes_20120106_world-mission-day-2012.html

17 Cf. BENTO XVI, Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, 2007. Acesso em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070513_conference-brazil.html

18 BENTO XVI, Discurso na Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência, 2007. Acesso em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html

espiritualidade que evidencie a centralidade de Jesus Cristo, do início ao fim da vida de um fiel, através da Liturgia e dos Sacramentos, do contato com a Palavra de Deus, da vivência comunitária e a serviço dos necessitados é essencial para que a missão aconteça.

O Papa Francisco, por sua vez, iniciou o seu pontificado colocando balizas e chaves missionárias bem claras e evidentes. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* abordou acerca do anúncio do Evangelho no mundo atual e evidenciou a urgência da Igreja compreender-se em saída, em movimento e em missão. “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG 1). Também neste documento há um capítulo, o Capítulo V, no qual ele aborda elementos de uma espiritualidade missionária. Segundo ele, os evangelizadores devem se abrir sem medo à ação do Espírito Santo, pois foi assim que Ele, como protagonista da missão, sempre atuou na vida da Igreja desde os inícios.

o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente. Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus (EG 259).

Confirmando a atuação protagonista e prioritária do Espírito Santo, o Papa Francisco arguiu, tal qual Bento XVI, que o encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva é a primeira grande motivação missionária (EG 264) e é o que preenche de alegria e brilho a vida do missionário (EG 2-3). Para isso, o exercício de uma vida de oração sincera, colocando-se diante de Nosso Senhor, em contato com os Sacramentos e a Sua Palavra, encontrada nas Sagradas Escrituras, nos eventos da História, e entre os pobres. Também, o Santo Padre indica que outra fonte desta espiritualidade missionária é o reconhecer-se povo, estando em meio a ele, fazendo-se um com ele, tendo prazer espiritual em ser povo (EG 271). É, segundo ele, uma aproximação às chagas do Senhor, tocando-as porque ainda estão abertas, quando tocamos a miséria humana (EG 270). Para tal, para tocar as misérias do humano e não se prejudicar por elas, mas servir e transformá-las, curando-as, o missionário professa uma fé na sutil naquela ação silenciosa e misteriosa do Ressuscitado e do Seu Espírito. Segundo ele, “a Ressurreição não é algo do passado, mas tem uma força de vida que penetrou no mundo (...). É uma força sem igual” (EG 276). Enfim, completa a sua exposição sobre temas referentes à uma Espiritualidade Missionária referindo-se a São Paulo como grande intercessor, além de missionário e pregador. Segundo ele e o exemplo do Apóstolo, a intercessão é uma das formas de oração que não distancia da realidade, mas ao contrário, faz o missionário emergir ainda mais naquela situação para ‘fazê-la crescer’ aos olhos e no coração de Deus, pois “a intercessão é como ‘fermento’ no seio da Trindade” (EG 283).

2.3 A Espiritualidade Missionária nas atuais Diretrizes Gerais para Ação Missionária da Igreja do Brasil 2019-2023 e no Programa Missionário Nacional 2019-2023

As atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 são de grande teor missionário. O seu objetivo geral é marcadamente missionário, pois aponta à evangelização neste país cada vez mais urbano, pelo anúncio da palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Nosso Senhor, formando comunidades eclesiais missionárias, coerentes com a opção evangélica pelos mais pobres, no cuidado da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus (DGAE 2019-2023 p.13), “que não é comida e bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo (cf. Rm 14,17).

As Comunidades Eclesiais Missionárias, objetivo concreto das DGAE 2019-2023 e contrastantes nesta atual realidade individualista, foram propostas a partir da imagem da Casa, para promover um ambiente de lar, propício como é a relacionamentos saudáveis e vitais. Esta Igreja nas Casas, tendo a casa como ilustração “é a imagem de maior proximidade às pessoas, o lugar onde vivem, mesmo àquelas que só têm a rua como casa. Ela indica a proximidade relacional entre as pessoas que ali convivem. Indica igualmente a necessidade da Igreja se fazer cada vez mais presente nos locais onde as pessoas estão, seja onde for” (DGAE 2019-2023, 6). Assim, a imagem de uma casa com suas colunas foi então apresentada para ilustrar este objetivo eclesial: o pilar da Palavra, contemplando a iniciação à vida eclesial e a animação bíblica da vida e da pastoral; o pilar do Pão, apresentando a liturgia e a espiritualidade como espaço de fortalecimento; o pilar da Caridade, a serviço à vida plena e o pilar da Ação Missionária, entendendo que a Igreja precisa se autocompreender em estado permanente de missão.

No tocante ao pilar do Pão, onde frizam-se a liturgia e a espiritualidade como espaços de restauração e fortalecimento, identifica-se a necessidade de o fiel cristão missionário acessar constantemente esta força provinda do encontro e da unidade com Jesus Cristo e o Espírito Santo, através da vida eucarística, sacramental e comunitária (DGAE 2019-2023, 93). A Palavra de Deus com sua centralidade vai normatizando a vida da comunidade, pois apresenta Jesus Cristo como o orante por excelente e a Sua oração como paradigma de toda oração (DGAE 2019-2023, 95). Esta oração é iluminadora para a vida da Igreja, pois da contemplação parte-se à ação, como Jesus ensinou; no entanto

na pastoral, é preciso superar a ideia de que o agir já é uma forma de oração. Quando confundimos agir com rezar, chegamos a abreviar ou dispensar os tempos de oração e de contemplação. Quando reduzimos tudo ao fazer, corremos o risco de nos contentar apenas com reuniões, planejamentos e eventos. Estes são importantes no cotidiano pastoral, mas não substituem a vida de oração. Ao contrário, devem decorrer dela e a ela conduzir (DGAE 2019-2023, 97).

Esta espiritualidade de seguimento a Jesus, que vive da intimidade com Ele e a partir d'Ele, inspira missão, cuidado e compaixão é a que se pode identificar no rol dos santos e beatos desta Igreja do Brasil: São José de Anchieta, no encontro com os indígenas; Santa Dulce dos Pobres, a serviço dos mais necessitados; Santa Paulina, cuidadora dos escravos libertos e deixados à própria sorte; Beata Nhá Chica, intercessora e catequista de tantas pessoas (DGAE 2019-2023, 98)... Todos partem de uma profunda experiência de fé e de comunidade cristã e transbordam em uma “saída efetiva do seu lugar ao lugar onde o outro se encontra” (DGAE 2019-2023, 99).

O Programa Missionário Nacional 2019-2023 (PMN), documento que nasceu ao lado das DGAE 2019-2023 e a ela está intimamente ligado, contempla algumas de suas páginas ao tema da Espiritualidade Missionária. Mais especificadamente, o PMN une a reflexão missiológica à espiritualidade para iluminar, lançando luzes sobre as realidades e os desafios que se apresentam à Igreja e para propor prioridades, atividades e ações missionárias. Naquelas páginas, o PMN confirma que espiritualidade é vida animada pelo Espírito e que desde o encontro com Jesus, decisivo, dão-se passos de discipulado, configuração a Cristo e envio ao mundo. E ensina, reassumindo e sintetizando tudo o que foi dito até agora pelo Magistério Missionário Pontifício e pela Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil, isto é, que a espiritualidade missionária alimenta-se da escuta da Palavra de Deus, da docilidade ao impulso do Espírito Santo, da vida sacramental, da vivência eucarística em comunidade, da caridade apostólica, do testemunho profético – inspirado em quem ofereceu sua vida, da santidade de vida, da abertura à universalidade da missão e da fidelidade a Deus, a exemplo de Maria (PMN p.36-41).

CONCLUSÃO

O Papa Francisco, em uma de suas mensagens para o Dia Mundial das Missões, foi cirúrgico e direto: “A missão é uma paixão por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, uma paixão pelas pessoas”. E completou:

Quando nos detemos em oração diante de Jesus crucificado, reconhecemos a grandeza do seu amor, que nos dignifica e sustenta e, simultaneamente, apercebemo-nos de que aquele amor, saído do seu coração trespassado, estende-se a todo o povo de Deus e à humanidade inteira; e, precisamente deste modo, sentimos também que Ele quer servir-Se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado e de todos aqueles que O procuram de coração sincero. Na ordem de Jesus – ‘Ide’ –, estão contidos os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja. Nesta, todos são chamados a anunciar o Evangelho pelo testemunho da vida¹⁹.

Há, nitidamente uma importância singular da vida espiritual para que a Missão de Deus, a *Missio Dei*, que é Amor que transborda sobre a humanidade, se realize alcançando as pessoas e a humanidade inteira através de quem se dispõe a acolher este transbordamento. A espiritualidade é como seiva de vida que norteia a existência do cristão. E este, apaixonando-se por quem lhe amou por primeiro (cf. Rm 8,5), acaba por testemunhar a fé cristã, com obras e com palavras, partilhando a vida para gerar mais vida.

Esta dinâmica da missão que nasce do Amor Infinito e Incondicional de Deus, que envia, irradia, expande, dilata, transborda e se difunde, alcança as pessoas e as convida à Sua intimidade, ao Seu seguimento e à Sua colaboração. Todos são envolvidos neste movimento de Amor que é recebido, vivido e compartilhado. E cada um o faz a seu modo, seguindo sua vocação e estado de vida.

Quando este artigo começava a ser escrito, três personagens foram recordados: São Francisco Xavier, Santa Teresinha do Menino Jesus e a Venerável Pauline Jaricot. Sem dúvida alguma, todos os três fizeram a mesma e única experiência, própria de uma honesta espiritualidade cristã e missionária: desde um encontro com Jesus, a decisão de empreender um caminho de discipulado, cuja abertura ao Espírito configurasse o fiel a Nosso Senhor e por fim, ocorresse o envio. Mas cada um dos apenas citados, foi missionando a seu modo, segundo o próprio estado de vida que abraçou. Todos, no

¹⁹ FRANCISCO, Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2015. Acesso em: www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20150524_giornata-missionaria2015.html

entanto, missionários... porém cada um a seu modo!

Assim, podemos ver São Francisco Xavier doando a sua vida em fronteiras geográficas e existenciais no território asiático; e encontramos Santa Teresinha enclausurando-se num Carmelo e oferecendo suas orações pela Igreja Missionária; por fim, vemos outra jovem francesa, Pauline Jaricot, reunindo suas amigas para rezarem, oferecerem sacrifícios e recolherem doações para os missionários em terras distantes. Assim, a vida doada, as orações feitas e as doações entregues são três formas diferentes de colaboração missionária que expressam, por sua vez, a única e mesma identidade missionária.

Conclui-se, portanto, que é permanecendo no Amor do Senhor (cf. Jo 15,9) que se produzem os diversos e numerosos frutos missionários. E foi o que disse Jesus, afirmando que “quem crê em mim. Conforme diz a Escritura: do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7,38). E Ele ainda completa: “quem crê em mim, fará as obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas” (Jo 14,12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI. Discurso na Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência, 2007. Acesso em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Visto em 18 de setembro de 2021.
- BENTO XVI. Encíclica *Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BENTO XVI. Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, 2007. Acesso em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070513_conference-brazil.html Visto em 09 de setembro de 2021.
- BENTO XVI Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2012. Acesso em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/missions/documents/hf_ben-xvi_mes_20120106_world-mission-day-2012.html Visto em 15 de setembro de 2021.
- BOSCH, DAVID. *Missão Transformadora – Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 2002.
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CNBB. *Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: Ed CNBB, 2019.
- CNBB. *Programa Missionário Nacional*. Brasília: Ed. CNBB, 2019.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus-Paulinas, 2008.
- DAL TOSO, Giampetro. *A missio na Trindade, origem da missio da Igreja, Batizados e Enviados – A Igreja de Cristo em missão no mundo*. Milano: San Paolo, 2019.
- FRANCISCO. Audiência Geral, 11 de abril de 2018. Acesso em: www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180411_udienza-generale.html Visto em 16 de setembro de 2021.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO. Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2015. Acesso em: www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20150524_giornata-missionaria2015.html Visto em 10 de setembro de 2021.
- João Paulo II. Carta Encíclica *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- PALAURO, Adroaldo. *A Paixão pela missão nas periferias*, 2013. Acesso em <https://www.centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/espiritualidade/335-a-paixao-pela-missao-nas-periferias> Visto em 15 de novembro de 2021.

PANAZZOLO, João. *Missão para todos. Introdução à Missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.

PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 201122.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2020.

A SANTIDADE LAICAL À LUZ DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA

GAUDETE ET EXSULTATE

uma santidade ordinária, simples e para todos

THE LAY SANCTITY IN LIGHT OF THE *GAUDETE ET EXSULTATE* APOSTOLIC EXHORTATION

an ordinary and simple sanctity for all

Vitoria Bertaso Andreatta De Carli*

Resumo: O presente artigo tem como ponto de partida a pergunta: *O que significa para o fiel cristão leigo ser santo?* O texto pretende identificar alguns dos principais traços da santidade a que estão chamados os fiéis cristãos leigos à luz da Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual, assim como, trazer luz a mensagem que o Pontífice quer lançar hoje para a Igreja no que tange ao verdadeiro significado da vida cristã. A Exortação, na esteira do Vaticano II, procede à revalorização da vocação cristã com uma adequada compreensão do carácter teológico da secularidade, tornando a mensagem cristã significativa e com real incidência na vida dos fiéis cristãos e em especial, dos leigos que encontram na sua relação com o mundo (secularidade) a característica própria e específica no Povo de Deus. O método proposto neste trabalho será o bibliográfico-analítico.

Palavras-chave: Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*. Laicato. Santidade. Secularidade. Vocação.

Abstract: This article has as a starting point the question: *What does it mean for the faithful lay Christian to be holy?* The text intends to identify some of the main features of sanctity to which the faithful lay Christian are called in light of the Apostolic Exhortation *Gaudete et Exsultate* on Paul Francis' call to holiness in today's world, as well as to shed light on the message that the Pontiff wants to send out today for the Church with regard to the true meaning of the Christian life. The Exhortation, in the wake of Vatican II, proceeds with the revaluation of the Christian vocation with an adequate understanding of the theological character of secularity, utilizing words that have a practical impact and making the Christian message meaningful and with a real incidence on the lives of the Christian faithful and in particular of the lay people who find in their relationship with the world (secularity) the proper and specific characteristic in the People of God. The method proposed in this work will be bibliographic-analytical.

Keywords: Apostolic Exhortation *Gaudete et Exsultate*. Laity. Sanctity. Secularity. Vocation.



INTRODUÇÃO

A exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* do Papa Francisco de 19 de março de 2018 sobre o chamado à santidade no mundo contemporâneo, tem como objetivo promover a santidade comum e ordinária de todos os crentes em Cristo, reafirmando ao mesmo tempo a atualidade do chamamento à santidade no mundo de hoje.

Mundo com certeza muito diferente em relação a 1964, ano da promulgação da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* cujo quinto capítulo é consagrado à chamada universal à santidade na Igreja, um dos principais temas do Concílio Vaticano II. Mundo, também, que não considera a santidade como um de seus pilares, pouco se ouve falar sobre a mesma. Possivelmente por essa razão que o Santo Padre quis refletir sobre o tema.

O assunto reveste-se de relevância também para a comunidade eclesial, tendo em vista que a vocação universal à santidade não foi uma temática que a teologia pós-conciliar aprofundou como se esperava. Será apresentada a estrutura da *Gaudete et Exsultate*, a figura do fiél cristão leigo e logo algumas respostas que o documento traz ao homem e suas profundas aspirações como caminho da santidade laical.

1 UMA APROXIMAÇÃO A GAUDETE ET EXULTATE: ALEGRAI-VOS E EXULTAI (MT 5,12)

A linguagem do documento é simples e compreensível, quase familiar, íntima, sem que isso signifique superficialidade com relação aos conteúdos e em constante referência à espiritualidade inaciana. Dirige-se ao leitor com a segunda pessoa do singular ('tu'), o que ajuda a criar um clima de intimidade e de diálogo, quer deixar consequências no interlocutor. Para o teólogo português Miguel de Salis Amaral "É como se um pai, numa conversa de fim de refeição, ou num momento de intimidade familiar junto à lareira, nos estivesse a contar o sentido da vida"¹.

O documento é a terceira Exortação Apostólica² escrita por Francisco. Como diz no subtítulo tem como tema "O chamado à santidade no mundo atual." Logo no início interpela o leitor ao afirmar que "Deus quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa..." (GE 1). Com essas palavras demonstra que a santidade não é uma opção, mas um convite de Deus que irrompe na vida de cada cristão (GE 2).

A Exortação tem como objetivo promover a santidade comum e ordinária de todos. É fruto maduro de uma reflexão de Francisco que dirige-se a todos os cristãos ao se referir à "grande viagem da vida cristã, com suas lutas, suas provas, seus momentos fáceis e difíceis"³.

Para o papa Francisco a santidade não se identifica somente com as mulheres e homens beatificados e canonizados pois "O Espírito Santo derrama a santidade por toda a parte, no santo povo fiel de Deus"(GE 6). Prossegue lembrando que "estamos rodeados de testemunhos que nos encorajam a não parar no caminho, nos estimulam a seguir caminhando em direção à meta"(GE 3). Logo, os santos nunca são indivíduos isolados da Igreja, mas pertencem inteiramente ao Corpo Místico de Cristo. Essa é a dimensão comunitária da santidade.

O documento se divide em cinco capítulos. É um texto para refletir, para ajudar a examinar a própria vida à luz de Deus. A Exortação define de forma esplêndida a espiritualidade da vida cotidiana. No primeiro capítulo (*O chamado à santidade*) descreve os inúmeros aspectos da santidade e as diferentes maneiras de alcançá-la por parte de todos os homens batizados, porque o Senhor chama todos à santidade (GE 10).

1 Miguel de Salis AMARAL, *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*, p.3.

2 As duas primeiras foram a *Evangelium Gaudium* (24/11/2013) e *Amoris Laetitia* (19/03/2016).

3 Miguel de Salis AMARAL, *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*, p.3.

No segundo (*Dois inimigos sutis da santidade*) fala sobre duas falsas formas de santidade que poderiam desviar o cristão de seu caminho, a saber: o gnosticismo e o pelagianismo. (GE 35). No terceiro capítulo, *à luz do mestre*, faz um longo comentário sobre as Bem-aventuranças como a passagem em que Jesus explicou, com toda a simplicidade, o que significa ser santo (GE 63). No quarto (*Algumas características da santidade no mundo atual*) expõe algumas das características indispensáveis para compreender o estilo de vida ao qual o Senhor chama, alguns aspectos que manifestam o amor a Deus e ao próximo como a suportação, a paciência e a mansidão (GE 112-121); a alegria e o senso de humor (GE 122-128); a ousadia e o ardor (GE 129-139); a vida em comunidade (GE 140-146) e a importância da oração constante (GE 147-157).

No último capítulo (*Luta, vigilância e discernimento*) lembra que a vida cristã é uma luta permanente (GE 158) e que exige vigilância e o dom divino do discernimento. Finaliza com um ponto consagrado a Virgem Maria “porque ela viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus” (GE 176) e exortando que toda a Igreja promova o desejo de santidade.

A Exortação é dirigida a todos, todos são chamados à santidade que já está presente desde o Batismo e que vai acontecendo não exclusivamente com fórmulas, não só com ideias e esquemas, mas com uma familiaridade e intimidade com Deus que nos abre aos outros. É uma realidade na qual se progride e se cresce, não é apenas uma realidade a que se chega⁴. Apesar do texto ser dirigido a todo Povo de Deus parece ter em primeiro plano os cristãos que se ocupam preferencialmente das coisas do mundo, ou seja, do secular (o mundo criado por Deus como dom). Mas quem são os fiéis cristãos leigos?

2 FIÉIS CRISTÃOS LEIGOS: VÓIS SOIS O SAL DA TERRA. [...] VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO (MT 5,13-14)

Os fiéis leigos são todos os cristãos, exceto os membros de ordem sacra e do estado religioso.⁵ Os leigos “pelo Batismo foram incorporados a Cristo, constituídos no Povo de Deus e a seu modo participantes do múnus (missão) sacerdotal, profético e régio de Cristo,” tornando-se, assim, também co-responsáveis pela missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo (cf. LG 31). A missão dos leigos é originária do próprio Jesus Cristo.

Toda a Igreja tem responsabilidade com o secular (mundo, espaço-tempo), mas é o fiel leigo quem deve se ocupar preferencialmente do mesmo. A *índole secular* é o que caracteriza o no Povo de Deus (cf. LG 31). Como ensina Álvaro del Portillo, a consideração da índole secular, como nota específica do laicato, pressupõe considerar o mundo não só como o âmbito em que vive, mas como realidade relacionada a uma ordem que tem Cristo no seu centro, isto é, a relação com o mundo não poderia entrar na definição do fiel leigo – do cristão corrente, como membro do Povo de Deus – se o mundo não tivesse relação com a missão da Igreja⁶.

A compreensão da realidade de que toda a Igreja tem uma dimensão secular, isto é uma responsabilidade sobre o mundo, implica dizer que seja realizada de modos distintos por sacerdotes, religiosos e leigos⁷. Os leigos têm uma missão na Igreja e no

4 Para José Luis Illanes a santidade constitui uma plenitude, segundo o uso linguístico e eclesial. Não deve ser considerada apenas como uma realidade a que se chega, mas que, partindo do renascer do Batismo, é vista como uma realidade na qual se progride e se cresce: o que denomina como “dinamismo da santidade” (José Luis ILLANES, *Tratado de Teologia Espiritual*, p.136).

5 Conforme a descrição do fiel cristão leigo contida na Constituição *Lumen Gentium*: “Pelo nome leigos aqui são compreendidos todos os cristãos, exceto os membros da ordem sacra e do estado religioso aprovado na Igreja. [...] (LG 31).

6 Álvaro del PORTILLO, *Fieles y laicos en la Iglesia*, p.199-200.

7 O Concílio Vaticano II não chegou a discernir os modos distintos de como se configura a relação do cristão com o mundo, segundo a diversidade de vocações, ministérios e carismas na Igreja. Segundo Ramiro Pellitero, a doutrina do Concílio Vaticano II é incompleta nesse sentido (cf. Ramiro PELLITERO, *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p.495).

mundo⁸ que não pode ser entendida em oposição. Realizando sua missão no mundo, realizam sua missão na Igreja e não porque o mundo e a Igreja se identifiquem. É que a Igreja vive no mundo e é formada por homens que são do mundo, ainda que não sejam mundanizados. É precisamente no lugar que ocupam no mundo que devem exercitar a participação que lhes é própria nos *tria munera Christi* (múnus sacerdotal, profético e régio).

A vocação laical redescoberta com o Concílio Vaticano II, como possibilidade de seguir de perto a Cristo em meio às tarefas humanas no mundo, concebe a missão da Igreja em dois âmbitos: “anunciar a mensagem de Cristo e de sua graça aos homens” e “impregnar e aperfeiçoar toda a ordem temporal com o Espírito evangélico” (AA 5). O trabalho santo e santificador dos leigos, para restaurar a ordem temporal, tem caráter teologal e eclesial e, por essa razão, constitui uma verdadeira vocação.⁹ O fiel leigo deve procurar viver um equilíbrio entre as tarefas seculares e as tarefas eclesiais.

Entretanto, transcorridos mais de 50 anos do CVII, a vivência da condição laical com sentido vocacional, que significa viver a existência tal como ela é e como realização da vocação à santidade, é ainda pouco frequente. É preciso superar a noção restrita de vocação. Nesse ponto se encontra a importância da *Gaudete et Exsultate* do Papa Francisco que enfrenta a questão de que todos estão chamados à santidade no mundo atual dando dois passos: a) superando o conceito restrito de vocação e b) sublinhando o sentido vocacional de toda a existência cristã.

3 SANTIDADE LAICAL SEGUNDO A *GAUDETE ET EXSULTATE*: BUSCAR E ENCONTRAR DEUS EM TODAS AS COISAS

Partindo da máxima *sapienti est distinguere*, oportuno investigar a relação e a distinção entre as palavras santidade, espiritualidade, vocação e missão para melhor compreendê-las no contexto dos ensinamentos da *Gaudete et Exsultate*. Por serem realidades intimamente relacionadas, se interpenetram sendo, por vezes, compreendidas como termos unívocos (sinônimos), o que causa certa confusão¹⁰.

A palavra *santidade*, de modo geral, na Teologia, é considerada como a plenitude da vida cristã (o ideal cristão), isto é, a santidade cristã é o fim a que se dirige, progressivamente, toda a vida espiritual rumo à plenitude do amor a Deus e ao próximo¹¹. O motor para a santidade é a graça do Batismo. Por isso, o cristão não deve fazer nada além de frutificar o que o Espírito Santo plantou em sua vida e a Igreja fornece os meios essenciais para a mesma, ou seja, a Palavra, os Sacramentos, os santuários, a vida nas comunidades, o testemunho dos santos e uma incontável beleza que deriva do amor do Senhor¹².

8 O mundo e a vida espiritual não são realidades paralelas, contemporâneas e indiferentes: em outras palavras, “a espiritualidade cristã não é uma espiritualidade sem mundo, mas uma espiritualidade encarnada” (José Luis ILLANES, *Tratado de Teologia Espiritual*, p.297).

9 Vicente BOSCH, *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p.407.

10 Nos primeiros séculos do cristianismo, diferentemente da compreensão contemporânea, o termo *espiritualidade* era equivalente às palavras *martírio* e *santidade* ou cristianismo vivido em plenitude, posto que o nível de santidade era elevado. A quase total identificação se dava tanto de forma prática como teórica, pois ainda que se admitia a santidade à margem do martírio, todo cristão era um mártir em potencial em razão de que estar disposto à morte cruel era considerado o mesmo que viver santamente a vida cristã (cf. Javier SESÉ, *Historia de la espiritualidad*, p.26-29).

11 No mesmo sentido, conforme Ancilli: *La santidad es la plenitud, la perfección del ser y de darse. Un ser que es vida, que es movimiento, alcanza la perfección cuando llega a su término, a su fin; tratándose de la vida cristiana, de la vida espiritual, este fin es Dios. Por tanto, la perfección de la vida espiritual tiene que consistir en la unión con Dios contemporáneo. Pero es precisamente el amor el que nos une con Dios, fin último del hombre: “Dios es amor: y quien permanece en el amor, permanece en Dios, y Dios en él”* (1Jo 4,16) (E. ANCILLI, *Santidad cristiana. In: _____ Diccionario de espiritualidad*, p.351).

12 Vitoria B. Andreatta DE CARLI, *A Espiritualidade laical e sua índole secular à luz do Concílio Vaticano II: a santidade no cotidiano*, p.91.

De sua parte a *espiritualidade cristã* é considerada como a vivência espiritual concreta do ser humano que tem como meta o ideal da vida cristã (santidade)¹³. A espiritualidade tem necessidade de ser traduzida de forma concreta na situação que cada pessoa humana é chamada a viver. É vida de comunhão tanto na dimensão vertical (vida em Cristo no Espírito Santo) quanto na dimensão horizontal que diz respeito à existência humana.

Todo cristão está chamado à santidade como a meta de sua vida (Vocação Universal à Santidade na Igreja, cap. V da *Lumen Gentium*). Portanto, a santidade é uma vocação que comporta um chamado por parte de Deus e, ao mesmo tempo, um envio. Todo cristão é chamado a viver a plenitude do amor a Deus e ao próximo que deve ser buscada em toda condição de vida ordinária¹⁴. O fiel cristão leigo desaprendeu a acreditar na sua vocação à santidade, por isso, precisa tomar consciência do convite de Deus que irrompe em sua vida, que o une a Ele e o estimula a ser como Deus¹⁵.

No âmbito da vocação se encontra a *missão* que deve cumprir e que se dá na Igreja e no mundo: tarefas complementárias e necessárias.¹⁶ Parafraseando o papa Francisco “cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspecto do Evangelho (GE 19). E mais adiante acrescenta “não é que a vida tenha uma missão, mas a vida é uma missão” (GE 27).

Prosseguindo rumo ao objetivo do presente estudo, que é o de mostrar alguns dos aspectos da santidade laical apresentados por Francisco na Exortação *Gaudete et Exsultate*, buscar-se-á compreender qual a mensagem teológica pastoral que o papa quer transmitir para explicar e vivificar a vida espiritual do cristão do nosso tempo.

Considerando a realidade do mistério de Cristo, o primeiro aspecto a ser salientado na *Gaudete et Exsultate* diz respeito à *santidade como experiência de Deus* pois “Deus quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa” (GE 1). Essa *experiência* que é o mistério da comunhão com Deus pela fé, esperança e caridade vai se forjando através da amizade com Deus, que é uma arte “de aprender a amar e ser amado por Deus”¹⁷.

Alinhado com a doutrina que, apresenta a união com Deus como uma das coordenadas centrais da santidade e da espiritualidade cristã, o Papa sublinha que o que quer recordar com esta exortação é “a chamada à santidade que o Senhor faz a cada um de nós” (GE 10), ou seja, *uma santidade para todos*. É um chamado pessoal que nasce do encontro pessoal com o Senhor para o qual é necessária “retirar-se em solidão, olhar para dentro de si e não se admirar com um mestre tão bondoso”¹⁸ como dizia Santa Teresa. Nesse sentido, prossegue Francisco, que a santidade é para todos e “é dada pela estatura que Cristo alcança em nós, desde quando, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida sobre a sua. Assim, cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo” (GE 21).

13 Para A. G. Matanic muitos são os sinônimos utilizados pelos autores para indicar espiritualidade. Nos documentos pontifícios, com frequência, são utilizados os seguintes sinônimos: caminho, método, forma, gênero de vida, doutrina, ascética, ensinamento espiritual, fisionomia ou família religiosa, espírito, escola espiritual (MATANIC, Atanasio. *Espiritualid. In: Ermanno ANCILLI, Diccionario de Espiritualidad*, p.13).

14 Vitoria B. Andreatta DE CARLI, *A Espiritualidade laical e sua índole secular à luz do Concílio Vaticano II: a santidade no cotidiano*, p.172.

15 Miguel de Salis AMARAL, *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*, p.2.

16 Para Álvaro del Portillo, prescindir de uma dessas dimensões é esquecer da condição de fiel do leigo, seria como “imaginar um ramo verde e florido, que não pertença a nenhuma árvore” e, por outro lado, esquecer daquilo que é próprio e peculiar do leigo, ou mesmo, não compreender suficientemente as características dessas tarefas apostólicas-seculares e seu valor eclesial; seria como “reduzir a frondosa árvore da Igreja à monstruosa condição de puro tronco”(cf. Álvaro del PORTILLO, *Fieles y laicos en la Iglesia*, p.171-172).

17 Miguel de Salis AMARAL, *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*, p.3.

18 Caminho de Perfeição 28,2.

O Papa Francisco demonstra que a santidade conduzida pelo modo de viver cristão (espiritualidade) não parte do ser humano após avaliar custos e benefícios, mas irrompe de um convite de Deus na vida de cada cristão, que os une com Deus e os estimula a amar como Deus ama. Se trata de descobrir a ardente presença de um Pai que ama pessoalmente, reconhecendo a paternidade de Deus que reside no âmago do cristianismo. (GE 20-21).

E desta confiança no amor paternal e pessoal de Deus, a alma do ser humano é convidada a abrir-se à alegria que o mundo não pode dar, mas que também nunca poderá tirar (GE 125). E é nesse sentido que Francisco fala muitas vezes da alegria, podendo-se dizer que a espiritualidade cristã é “alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17)” (GE 122). Assim, uma das chaves de leitura para compreender a visão de santidade e, logo, da espiritualidade cristã, que nos dá Francisco já aparece no título da exortação “*Alegrai-vos e exultai*”, citação literal de Mt 5,12¹⁹.

Outra característica que é apresentada no texto é a de uma *santidade concreta* que percebe o mundo como lugar a buscar um estado de permanente comunhão com Deus como ensina o cardeal Suenens: “Quando aceito a vontade de Deus sobre mim, sobre a minha vida e as minúncias da minha existência, tal como decorre, com limites e entraves, comungo com Deus: já não em comunhão eucarística, mas em comunhão vital, ao longo do dia, ao longo da vida.”²⁰

O crescimento da vida espiritual, considerada como a vida de encontro e trato com Deus, se dá na vida concreta de cada cristão. São as atitudes de cada dia que fazem o crente crescer sob o impulso da graça divina e, por isso, diz Francisco: “gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham, a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir” (GE 7).

Ao falar sobre a vida de oração salienta a necessidade de existir *unidade entre a fé e a vida do cristão*: “peço, porém, que não se entenda o silêncio orante como uma evasão que nega o mundo que nos rodeia”(GE 152). Dito em outras palavras, é nas circunstâncias em que se vive, que o cristão vai encontrar-se com Deus e com o próximo.

O Papa Francisco retoma uma das características fundamentais do Concílio Vaticano II, que é a *abertura da espiritualidade cristã ao mundo*. É o caráter teológico da secularidade que significa que o mundo não é apenas o cenário no qual os cristãos se movem e atuam, mas é fruto da ação criadora de Deus e ferido pelo pecado, portanto, necessita ser transformado para ser reconduzido para Deus. E esse aspecto é fundamental para os leigos que têm o mundo como objeto de sua vocação.

Importante dizer que o conceito sobre a espiritualidade dentro da Igreja quase sempre teve contornos monacais com a escassa valorização das realidades terrenas, com a separação entre o sagrado e o profano e na relação entre a vida terrena e a vida eterna. Mas o Papa, neste documento e na esteira da renovação da espiritualidade cristã do Vaticano II, usa duas expressões: “os santos ao pé da porta” (GE 7) e a “classe média da santidade” (GE 7), que podem parecer apenas sociológicas, mas que significam que Deus quer acompanhar-nos no caminho da vida²¹.

Francisco deixa claro esta nova perspectiva, desenvolvida no Concílio e difundida no pós-Concílio, de mudança do paradigma da santidade cristã: se passa do paradigma da santidade monástica ou religiosa para a santidade universal, mais integrada na vida e missão

19 Cf. Maria Clara BINGEMER, *Santidade: chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica Gaudete et Exsultate*, p.9.

20 Card. L.J. SUENENS, *Vida cotidiana, vida cristã*, p.22.

21 AMARAL, Miguel de Salis. *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*, p.5

da Igreja e do cristão e, portanto, com distintas modalidades que dão lugar a uma diferença de espiritualidades, sublinhando a universalidade da santidade para todo cristão²².

Outrossim, Francisco faz questão de explicar o que não é a espiritualidade cristã que conduz à santidade, apresenta uma “caricatura” da mesma com erros nocivos ou “ideologias que mutilam o coração do Evangelho: um compromisso social sem a união pessoal com o Senhor”(GE 100) ou uma fé que “considera o compromisso social superficial, mundano e inmanetista” (GE 101-103), materializando aquilo que é transcendente.

Denomina de ‘gnosticismo atual’ a ideologia segundo a qual só é considerado crente aquele que é capaz de compreender e, assim, que a santidade consistiria no conhecimento sem repercussão na vida pessoal e na vida dos outros. E, ainda, o erro do ‘pelagianismo’, o qual supervaloriza de forma exclusiva o esforço pessoal como se a santidade fosse fruto apenas do esforço do homem e não da graça.

CONCLUSÃO: *DAR-VOS-EI TAL ALEGRIA QUE NENHUM HOMEM VÓ-LA PODERÁ TIRAR (Jo 16,22)*

Considerando a simplificação que acompanha toda afirmação de caráter esquemático, mas objetivando responder às exigências espirituais de nossa época, que se orientam por valores concretos, vitais e existenciais, se propõe uma síntese dos principais resultados do estudo sobre a santidade laical à luz da *Gaudete et Exultate*:

a) A vocação cristã é universal tanto em sentido subjetivo (todos são chamados à santidade) como objetivo (abarca todas as circunstâncias da vida do ser humano), bem como, é realizadora do ser humano. A chamada (vocação) implica sempre uma missão, uma função ou uma tarefa a realizar como membro do Corpo de Cristo (GE 10,14,19);

b) Para alcançar a santidade – a plena configuração com Jesus Cristo que é amor – é preciso percorrer um caminho, que é o modo de viver característico do cristão, ou seja, a espiritualidade cristã (GE 11). A vida espiritual do leigo se desenvolve em duas coordenadas ou componentes irrenunciáveis: a vertical de comunhão com Deus, de união com Cristo pela fé e caridade e a horizontal, de inserção nas realidades temporais e participação nas atividades terrestres. Essas duas coordenadas constituem o núcleo da santidade laical, são elementos indispensáveis para que os leigos vivam sua vocação e missão na Igreja e no mundo (GE 26);

c) Deve-se viver a santidade no dia a dia, em todas as atividades “Gosto de ver a santidade [...] nesses homens e mulheres que trabalham para levar o pão para suas casas (GE 7); “És um trabalhador? Seja santo cumprindo com honradez e competência teu trabalho de serviço aos irmãos. [...] Tens alguma autoridade? Sê santo lutando pelo bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais (GE 7,14);”

d) É destacado o valor teológico da secularidade. A perspectiva espiritual de Francisco, que aprendeu com Santo Inácio de Loyola, é a de buscar e encontrar Deus em todas as coisas (GE 31);

e) A vida cristã não pode ser individualista, nem extramundana e nem mesmo ativista (GE 35);

f) Para estar unido a Cristo como o sarmento à vide, o leigo, como todo o cristão, necessita de oração “ainda que pareça óbvio, recordemos que a santidade é feita de uma abertura habitual à transcendência, que se expressa na oração e na adoração. [...] Não acredito em santidade sem oração” (GE 147). E junto à vida de oração é preciso uma luta decidida contra os inimigos da alma e para crescer nas virtudes. “Ninguém resiste se opta em ficar parado”(GE 162-163);

22 Cf. MARTI, Pablo. *La Espiritualidad Cristiana em el Concilio Vaticano II*, p.162.

g) A alegria é sinal pelo qual se reconhece os discípulos de Cristo e que os santos ilustram isso com sua vida e, portanto, é expressão de uma espiritualidade cristã verdadeira (GE 122-128);

h) Na espiritualidade cristã deve estar presente o mistério da comunhão com Deus, o chamado universal à santidade e à missão apostólica

i) A espiritualidade cristã acontece no mundo e para a transformação do mundo (GE 25).

O Papa Francisco percorre um caminho de aproximação na busca de Deus e que demonstra a vitalidade do sentido religioso no mundo atual, considerando que a espiritualidade cristã continha na tradicional literatura espiritual uma categoria teológica que mantinha uma atitude negativa com relação ao mundo. Retoma o impulso original do Vaticano II que é o de anunciar o Evangelho de maneira nova desde a necessidade em falar de Deus aos homens desse tempo de um modo mais compreensível²³.

Na *Gaudete et Exsultate* o mundo é considerado como missão quando o cristão o vê não com aversão, mas com amor profundo e teologal, ou seja, o contempla em Deus e desde Deus, fonte do verdadeiro amor. Deus confiou ao cristão a tarefa de restaurar o mundo em sua bondade original e portanto, o amor teologal ao mundo deve ser uma dimensão constitutiva de todo cristão na vivência de sua espiritualidade a caminho da santidade.

Uma chave de leitura deste documento esta na 'alegria' como primeiro sinal para compreender a santidade e como expressão da espiritualidade cristã. A alegria que deriva do estado de Graça de Deus na alma pois o "sorriso é um convite ao estado de graça; aliás, é da Graça que deriva, como a flor da haste"²⁴. É prova da vitalidade cristã porque, "do amor de caridade, segue-se necessariamente a alegria..."(GE 122). Francisco transmite a mensagem de forma audível, significativa e pode-se dizer até emocionante (quase pessoal). Vai no essencial: colocar Deus no centro.

Não se pode deixar de mencionar que o Papa apresenta as Bem-aventuranças como modelo para a vivência de uma espiritualidade no mundo de hoje. Verdadeira manifestação da espiritualidade cristã na vida concreta: "carteira de identidade" do cristão (GE 63). E como se faz para chegar a viver a espiritualidade e ser santo? A resposta é simples: "é necessário fazer - cada qual a seu modo - aquilo que Jesus disse no sermão das Bem-aventuranças" (GE 63).

Aqui reside o ponto de partida que Francisco utiliza ao rerepresentar as bem-aventuranças como "um programa de vida que Jesus nos propõe"²⁵: "poucas e simples palavras, mas práticas para todos, porque o cristianismo é uma religião prática: de ação e deve ser praticada não só pensada"²⁶. Nesse sentido afasta uma espiritualidade abstrata que separa a oração da ação, inserindo-a no contexto da cotidianidade.

Outros aspectos poderiam ser ressaltados, mas os apresentados já servem para abrir horizontes de reflexão no campo teológico e pastoral e trazem alguns dos desafios que temos quando queremos falar de modo adequado da espiritualidade cristã hoje, como caminho à santidade no mundo atual. O Papa nos anima, dizendo que este caminho da santidade é para todos e que não tenhamos medo de andar por ele, despertando de fato o desejo da santidade e de compartilharmos uma "felicidade que o mundo não poderá tirar-nos" (GE 177).

Por fim, Francisco deseja, como fez João Paulo II ao final do milênio, pôr de novo a programação pastoral sob o sinal da santidade (GE 11). Uma intenção que carrega muitas

23 Cf. Santiago MADRIGAL, *El giro eclesiológico em la recepción del Vaticano II*, p.21.

24 Card. L.J. SUENENS, *Vida cotidiana, vida cristã*, p.85.

25 FRANCISCO. *Meditações matutinas na Santa Missa*: O bilhete de identidade do cristão, passim.

26 FRANCISCO. *Meditações matutinas na Santa Missa*: O bilhete de identidade do cristão, passim.

consequências, entre as quais, se destaca a necessidade de reconhecer a vocação e missão dos leigos na Igreja, com a consciência da dignidade e santidade do seu caminho vocacional, descobrindo e vivendo seu chamado a renovar o mundo com Cristo.

REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Miguel de Salis. *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*. Disponível em: <https://pontosj.pt/especial/uma-conversa-confidencial-sobre-o-desejo-de-ser-santos/>. Acesso em 21 de jun. 2018.
- BENKE, Christoph. *Breve história da espiritualidade cristã*. Aparecida: Santuário, 2011.
- BINGEMER, Maria Clara Luccheti. *Santidade: Chamado à humanidade. Reflexões sobre a Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- BOSCH.V., *La vocacion Cristiana laical: renovar el mundo con Cristo. Scripta Theologica*, Navarra, vol. 50, p.422-423, 2018.
- BOSCH.V.. *La vocacion a la santidade de los laicos, a la luz de Gaudete et exsultate de Papa Francisco*. Disponível em: <https://www.almudi.org/articulos/13265-la-vocacion-a-la-santidad-de-los-laicos-a-la-luz-de-gaudete-et-exsultate-del-papa-francisco>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- CODINA, Víctor. *Seguir Jesus hoje: da modernidade à solidariedade*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*, 1965.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. 1964.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. 1965.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Fé Cristã e Laicidade*. Brasília: Ed. CNBB, 2018 (Subsídios doutrinários CNBB, 10).
- DE CARLI, Vitoria B. Andreatta. *A Espiritualidade laical e sua índole secular à luz do Concílio Vaticano II: a santidade no cotidiano*. Disponível em <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9830>. Acesso em 28 de out. 2021.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate: sobre a chamada à santidade no mundo atual*. São Paulo, Paulinas, 2018.
- FRANCISCO. *Meditações matutinas na Santa Missa: O bilhete de identidade do cristão*. 09 jun. 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco_20140609_meditazioni-68.html. Acesso em: 11 nov.2020.
- ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*. 3.ed. Pamplona: EUNSA, 2011.
- JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Novo Millennio Ineunte*. Roma, 06 jan. 2001. Disponível em: w2.vatican.va/content/john.../hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.htm. Acesso em: 19 jun. 2017.
- MADRIGAL, Santiago. *El giro eclesiológico en la recepcion del Vaticano II*. Maliaño: Sal Terrae, 2017.
- MARTI, Pablo. *La espiritualidade cristiana en el Concilio Vaticano II*. Scripta Theologica, Navarra, v. 45, p. 422-423, abr. 2013.
- PAULO VI. *Discurso a los Responsables Generales y miembros de los Institutos Seculares en la XXV Aniversario de la Provida Mater Ecclesia Estar en el mundo transformándolo desde dentro*. Roma, 2 fev. 1972. Disponível em: <https://www.cmis-int.org/pt-br/documentos-2/magisterio-da-igreja/paulo-vi/>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II. Scripta Theologica*, vol.47, p.483-506, 2015.
- PORTILLO, Alvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*. 3.ed. Pamplona: EUNSA, 1991.
- SESÉ, Javier. *Historia de la espiritualidade*. 2.ed. Pamplona: EUNSA, 2008.
- TERESA DE JESUS. *Obras completas*. 16.ed. Burgos: Monte Carmelo, 2011.
- TERESA DE JESUS. *Cartas*. 4.ed. Burgos: Monte Carmelo, 2011.
- SUENENS, Léon-Joseph. *Vida cotidiana, vida cristã*. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 1968.

SPADORO, Antonio. Gaudete et Exsultate: Terceraexhortación apostólica del papa Francisco. *Raices, estrutura y significado de laexhortación apostólica del Papa Francisco*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>. Acesso em 3/09/2018.

WEISMAYER, Josef. *Vida Cristiana em Plenitud*. Madrid: Promocion Popular Cristiana, 1990.

* Mestre em Teologia pela PUCPR (2021). Especialista em Catequese - Iniciação à Vida Cristã pela Faculdade Católica de Santa Catarina (2017). Licenciado em Matemática, Bacharel em Filosofia e Bacharel em Teologia. E-mail: ariel.philippi@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6961-2740>

** Doutora em Teologia pela EST. Mestre em Educação pela PUCPR. Professora adjunta no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado e do Bacharelado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. Pós-doutora em Fenomenologia pelo Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche e Pontifícia Universidade Lateranense – Roma. Especialista em Gestão de Escolas pela PUCPR e em Educação a Distância pela UnB. Possui Licenciatura em Pedagogia e em História; Bacharelado em Teologia. Líder do Grupo de Pesquisa Teologia, Gênero, Educação PUCPR. E-mail: clelia.peretti@pucpr.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2062-0883>

*** Especialista em Catequese - Iniciação à Vida Cristã pela Faculdade Católica de Santa Catarina (2017). Arquivista na Diocese de Chapecó. E-mail: noemiadebastiani@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0446-0349>

Recebido em 06/04/21

Aprovado em 23/08/21



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

MÍSTICA E MISSÃO DE ACOMPANHADORES

testemunhas do pertencimento à
comunidade de fé

MYSTICS AND FOLLOWERS' MISSION

witnesses of belonging to the community
of faith

*Ariel Philippi Machado**

*Clelia Peretti***

*Noêmia Fátima Lopes da Silva Debastiani****

Resumo: O presente artigo objetiva evidenciar os elementos do magistério do Papa Francisco para a atuação do catequista acompanhador, tendo como referência a vida em comunidade. Caracteriza-se por ser uma pesquisa documental-bibliográfica, extraída de fontes do magistério e outras fontes, contendo as diretrizes que tratam da importância do acompanhamento para a ação evangelizadora. Composto de três partes: a primeira aborda a contribuição de acompanhadores para a vida em comunidade; a segunda apresenta um ícone bíblico para inspirar a missão de acompanhadores nos dias atuais; e a terceira, traz a indicação de características da mística e missão de acompanhadores em processo de catequese sistemática. Concluindo que a redescoberta da importância dos acompanhadores, desde as comunidades da primeira hora, é uma ousadia, que é motivo de conversão para os estilos pastorais e estruturais da Igreja hoje.

Palavras-chave: Acompanhadores. Comunidade de fé. Catequese.

Abstract: This article aims to highlight the elements of Pope Francis' magisterium for the performance of the accompanying catechist, having community life as a reference. It is characterized by being a documentary-bibliographic research, extracted from teaching sources and other sources, containing guidelines that address the importance of monitoring for the evangelizing action. Composed of three parts: the first addresses the contribution of companions to community life; the second features a biblical icon to inspire the mission of present-day companions; and the third, indicates the characteristics of the mystique and mission of companions in the process of systematic catechesis. Concluding that the rediscovery of the importance of companions, from the communities of the first hour, is a bold move, which is a reason for conversion to the pastoral and structural styles of the Church today.

Keywords: Accompanying. Faith Community. Catechism.

INTRODUÇÃO

Em março de 2013 o mundo acompanhou a eleição de um Papa vindo do “fim do mundo”. Essa era a primeira novidade de um pontificado que vem oferecendo à Igreja novas inspirações, novas expressões e, sobretudo, novas atitudes. O arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, eleito no dia 13 de março de 2013, iniciou uma nova era para a Igreja Católica no Terceiro Milênio, a era da Igreja samaritana, que sai de si mesma e alcança as periferias existenciais e geográficas, para oferecer o óleo da cura e o vinho da alegria.

Papa Francisco é o ícone da Igreja peregrina, atenta aos detalhes, às pessoas esquecidas e deixadas à margem. Para Francisco, a missão da Igreja realiza-se numa compreensão espacial dos processos, que ele denomina modelo de poliedro (EG 236), e por meio de uma pedagogia integradora, tanto dos recursos quanto de interlocutores.

Considerando os apelos recentes do magistério de Francisco, especialmente daqueles registrados na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, publicada em 2013, o presente artigo apresenta uma reflexão a respeito da arte do acompanhamento, destacada como mística para os processos de crescimento tanto da fé quanto da humanização de nossas relações (EG 169).

Ocorrido o processo sinodal para reflexão sobre a família, celebrado em duas etapas, 2014 e 2015, acolhemos a comovente Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família, publicada em 2016, cristalizando a noção de que “[...] o trabalho da Igreja é semelhante ao de um hospital de campanha” (EG 291). A Exortação concentra, no Capítulo VIII, os pilares de uma pastoral renovada, capaz de acompanhar, discernir e integrar as fragilidades tanto das famílias quanto da sociedade.

Ainda na esteira do Papa Francisco, temos a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, aos jovens e a todo povo de Deus, publicada em 2019, pela qual imagina-se o baú de desejos dele para uma Igreja rejuvenescida, contemporânea aos desafios e às potencialidades de nossos dias, para que, despertando os adultos, atuantes nas diferentes modalidades da Igreja e da sociedade, sejam capazes de escutar e acompanhar as novas gerações. Desse modo, a Igreja cumpre com sua vocação de ser sinal da presença de Jesus Cristo (EN 6) que torna tudo novo e enche de vida todas as realidades que o acolhem (CV 1).

Diante do exposto, a reflexão será desenvolvida com o objetivo de evidenciar os elementos do magistério do Papa Francisco para a atuação do catequista acompanhador, tendo como referência a vida em comunidade.

Neste sentido, a primeira seção aborda a importância da arte do acompanhamento nos diferentes âmbitos da vida humana, mas especialmente para a vida em comunidade, tendo a fé em Jesus Cristo como referência. Celebrar com as capacidades das pessoas e ajudá-las a superar seus desafios é motivo de alegria e impulso para despertar cada membro no exercício do acompanhamento de novos filhos e filhas na fé.

Na segunda seção é apresentado o ícone bíblico de Ananias, Paulo e Barnabé, como inspiração de processos de acompanhamento nas comunidades. No agir deles, encontramos traços para a mística e missão para as pessoas que são convidadas a desempenhar o ministério do acompanhamento de novos irmãos e irmãs na fé.

Para a terceira seção está reservada a perspectiva da educação na fé, em processo sistemático de catequese, momento em que o ministério de acompanhadores tem forte expressão e surge como fator de renovação eclesial e pastoral, demonstrando a perspectiva samaritana e horizontal da Igreja.

1 A ALEGRIA DO ACOMPANHAMENTO

Acompanhar é uma necessidade evidente no contexto da sociedade plural e diversa em que estamos inseridos. A diversidade cultural é uma conquista de nossa época, ao mesmo tempo em que pode significar um risco, ameaça ou confusão de ideias. Neste espaço de ofertas distintas e de múltiplas opções, instala-se o desafio para a Igreja de oferecer recursos humanos capacitados na arte de acompanhar e guiar seus membros em um caminho de escolhas saudáveis em vista da promoção da dignidade humana.

Encontramo-nos todos neste emaranhado de caminhos possíveis, na tentativa de fazer a melhor escolha possível, tomar aquela atitude que preencha de significado os próximos passos a serem dados. E assim, tomamos consciência da importância que existe em uma tomada de decisão. Decidir é uma das maneiras de demonstrar nossa personalidade e singularidade no mundo das possibilidades.

A diversidade de rostos é a expressão visível da unicidade interior de cada ser humano; é por isso que cada pessoa reivindica, com justiça, o direito de ser identificada e chamada com seu nome. Reduzi-la a um número ou a um objeto entre os demais, seria desconhecer sua irrepetibilidade soberana¹.

Só é possível acompanhar se nos permitirmos encontrar. O acompanhamento não é realizado em uma oficina de trabalho ou na esteira de uma fábrica, mas é acontecimento progressivo, passível de surpresas, encantos e reparos. Inúmeras são as inspirações bíblicas que nos mostram o povo de Deus como itinerante na fé e, no itinerário de suas vidas, fazem a experiência de que o próprio Deus caminha, protege e dá sustento para a caminhada.

Por meio da arte do acompanhamento é possível recuperar a alegria de sentir Deus presente, caminhando conosco no dia a dia, conduzindo-nos por meio da presença e atuação e pessoas disponíveis a acolher, integrar e apontar novos rumos para nossas vidas. Deste modo, a exortação sobre o acompanhamento trazida pelo Documento de Aparecida é um imperativo para nossas lideranças comunitárias: “Requer-se, portanto, capacitar aqueles que possam acompanhar espiritual e pastoralmente a outros” (DAp 282).

O acompanhamento é uma arte porque, como resposta à sociedade que não quer perder tempo, depende do exercício da virtude da paciência. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco explica a necessidade de uma pedagogia do acompanhamento:

Por isso, faz falta uma pedagogia que introduza a pessoa passo a passo até chegar à plena apropriação do mistério. Para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa (EG 171).

A certeza de poder contar com uma pessoa, ter referência para as dúvidas e medos, para as alegrias e expectativas, é uma contribuição ímpar da missão da Igreja. Saber-se acompanhador é descobrir novas estratégias de evangelização que ultrapassam as linhas determinadas pelos planos e cronogramas institucionais. A maior contribuição de acompanhadores é agregar, por meio de suas experiências, os valores necessários à comunidade de fé e também à sociedade em geral, percebendo caminhos da plena realização pessoal.

Após a realização do Sínodo sobre a juventude, em sua mensagem final ao povo de Deus, os padres sinodais afirmaram o seguinte:

¹ Carlo ROCCHETTA, *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*, p.76.

O acompanhamento não pode se limitar ao caminho de crescimento espiritual nem às práticas da vida cristã. Igualmente frutuoso é o acompanhamento ao longo do percurso de progressiva aceitação de responsabilidades na sociedade².

Ao que seguimos refletindo sobre a contribuição social da fé, no diálogo com as culturas, sendo fermento na massa para que os valores evangélicos contribuam de maneira eficaz para a vida em plenitude de todas as pessoas.

1.1 Acompanhadores da vida e na fé

Representa um desafio para a Igreja, neste início do século XXI, refletir e promover a nova evangelização, conduzindo os seus fiéis a uma verdadeira reiniciação à vida cristã, através de um itinerário que ofereça uma formação integral: litúrgica, catequética e sociotransformadora, renovando o caráter de toda pessoa batizada. A nova evangelização depende da formação e do empenho de cristãos convictos.

A tarefa primeira de lideranças e agentes da evangelização é testemunhar o encantamento de terem encontrado o Senhor. A alegria que vem pela fé no Ressuscitado é a razão para manter nossas comunidades, lugares de transmissão da fé e da promoção da vida. Nestes contextos, algumas pessoas são destinadas ao cumprimento da tarefa de acompanhar a vida e a fé de novos membros e de tantos outros que precisam de uma presença amiga e ajuda em seus processos de discernimento.

O Documento de Aparecida lança algumas pistas para a reflexão e instituição do ministério de acompanhadores nas comunidades:

Nossa alegria, portanto, baseia-se no amor do Pai, na participação no mistério pascal de Jesus Cristo que, pelo Espírito Santo, nos faz passar da morte para a vida, da tristeza para a alegria, do absurdo para o sentido profundo da existência, do desalento para a esperança que não engana. [...] Conhecer Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir esse tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher (DAp 17-18).

Nestas linhas, percebemos que a realização de um caminho de acompanhamento realiza-se numa trajetória de partilha de vida e experiências marcantes, que entendemos como sentido de vida. O relato evangélico das bem-aventuranças ilustra essa perspectiva do acompanhamento, traçando um itinerário de vivências, onde cada gesto, cada palavra ou cada atitude da pessoa revela sua inspiração primeira: a vida de Jesus de Nazaré, crucificado-ressuscitado.

Como luzeiros para o cotidiano da vida, os acompanhadores precisam, inicialmente, de intimidade com Jesus e vida de oração, conhecer o Evangelho por dentro, lendo e meditando, sempre na relação com os fatos e experiências de seus dias. O acompanhamento acontece no tempero da espiritualidade bíblica, tendo Jesus Cristo por referência. “Jesus gostava de anunciar o evangelho como fonte da alegria do reino, como programa de felicidade e como pista para buscar a vivência da felicidade no dia a dia”³.

Esta intimidade do acompanhador com os relatos bíblicos eleva-se na condição para que as comunidades ofereçam boas experiências de cooperação mútua para iluminar os fatos da vida por meio das experiências de fé. Os padres sinodais recomendam “a necessidade de promover um acompanhamento integral, em que os aspectos espirituais estejam bem integrados com os humanos e sociais”⁴.

2 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.55.

3 Frei PATRÍCIO, *Espiritualidade do avental*, p.133.

4 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.57.

Esta compreensão do ser humano, integral e integradora, é o desafio fundamental a ser incorporado pela Igreja e seus agentes, para que respondam à vocação recebida e comuniquem em todas as partes, o dom do encontro com Jesus Cristo, transbordando de gratidão e alegria, tendo como sinal concreto a vida fraterna e comunitária.

1.2 Acompanhar a vida em comunidade

Compreender-se como acompanhador da vida e na fé significa ter vínculos profundos com outras pessoas, saber-se pertencente a um convívio maior, formar comunidade.

A vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão. Diante da tentação, muito presente na cultura atual, de ser cristãos sem Igreja e das novas buscas espirituais individualistas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial e ela ‘nos dá uma família, a família universal de Deus na Igreja Católica. A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos conduz à comunhão’. Isso significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão com os sucessores dos Apóstolos e com o Papa (DAp 156).

De onde brota a missão específica do acompanhador, enquanto vinculado e membro edificante da comunidade, sabe-se capaz de conduzir novos membros para este ritmo de vida que é fruto de comunhão, de partilha e de confiança. Acompanhar é, em primeiro lugar, ser Igreja, movimentar-se como sinal da presença de Jesus, independe de cargos, títulos ou funções. Basta assumir a proposta do Evangelho de “[...] ensinar tudo quanto foi ordenado” (Mt 28,16).

De acordo com Zacharias Heyes:

A Igreja como proclamadora e serva de Deus deveria ser o primeiro lugar em que as pessoas têm um encontro com Deus e, no encontro umas com as outras, reconhecem Deus. [...] O conceito de igreja, que provém da palavra grega *ekklesia*, significa nada mais nada menos do que a comunhão daqueles que se reúnem em torno de Deus⁵.

A tarefa da pessoa acompanhadora está em perceber a singularidade e o talento de cada membro novo da comunidade, de maneira que tudo concorra para a promoção da *ekklesia*, no sentido de espaço onde o Ressuscitado habita. Partindo de Pentecostes (At 2,1-10) é possível perceber como é rica a experiência de comunidades que compreendem os sinais de Deus, encontram na caridade a linguagem comum da fé (At 2,42-47) e partem para anunciar tamanha novidade a todos os povos (At 4,18-20; 5,40-42; 6,1-7).

Esta peregrinação da Igreja, que antecipa um caminho itinerante entre acompanhadores e aqueles que a comunidade lhes confia, é sinal para o mundo de uma nova mentalidade de relações, onde dividir a vida não é um risco nem mesmo invasão de privacidades. Acompanhar é um método novo diante de fenômenos que buscam a massa, a invisibilidade da pessoa e conceitos relativizados do bem e da justiça.

Diante dos riscos de um esvaziamento de critérios, os padres sinodais afirmaram:

No interior da sociedade e das comunidades eclesiais, cada vez mais interculturais e multirreligiosas, é necessário um acompanhamento específico no que diz respeito à diversidade, para que seja valorizada como mútuo enriquecimento e possibilidade de comunhão fraterna, contra a dupla tentação do fechamento na própria identidade e do relativismo⁶.

5 Zacarias HEYES, *Como encontrar Deus...e por que nem é necessário procurá-lo*, p.74-75.

6 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.55.

Uma breve passagem pelos textos bíblicos favorece a assimilação da importância que existe para as comunidades investirem na formação de pessoas para a missão do acompanhamento da vida e na fé. Quando a comunidade dos seguidores de Jesus começou a se espalhar havia o risco das perseguições; era eminente o risco de morte. Mas, a vida em comunidade, o testemunho e a partilha dos bens entre os irmãos e irmãs dava força e coragem, demonstrava o caráter de vida nova que a fé é capaz de gerar.

Passemos, pois, para uma consideração sobre a comunidade cristã relatada em Atos dos Apóstolos, em especial, Ananias, Paulo e Barnabé, que nos inspiram na organização de comunidades-*ekklesia* em nossos dias.

2 UM ÍCONE BÍBLICO DO ACOMPANHAMENTO: ANANIAS, PAULO E BARNABÉ

A comunidade da primeira hora foi acompanhada pelas aparições do Ressuscitado e, principalmente, pelo testemunho concreto daquelas pessoas que caminharam nas pegadas de Jesus de Nazaré. Deixando Jerusalém, os apóstolos empenharam suas vidas na difusão do Evangelho e dos valores de um novo reino instaurado pelo Messias, o Emanuel.

No livro dos Atos dos Apóstolos encontramos relatos curiosos e, ao mesmo tempo, inspiradores para novas práticas pastorais em nossos dias. Concentrando-nos no capítulo nove, podemos extrair inspirações para a organização do papel e do perfil de acompanhadores. No relato deste capítulo temos a conversão de Paulo, a conversão de Ananias e a mediação de Barnabé⁷. Uma tríade necessária no momento de pensar o acompanhamento da vida e da fé em nossas comunidades. Convertem-se a pessoa acompanhada e a comunidade que a acolhe, mediante a atuação de lideranças que exerceram o acompanhamento.

De um lado temos Paulo, que, em seu itinerário de perseguição das comunidades cristãs, é surpreendido por uma experiência de fé que modificou por completo sua vida. Na estrada de Damasco, o judeu temente vê cair por terra todo zelo pela religião dos judeus e todo o seu aprendizado sobre leis e costumes. Além do relato em Atos, na Carta aos Gálatas (1,11-24), o próprio Paulo explica sua missão de apóstolo extraordinário.

E sobre esta passagem, Mazzarolo explica:

Deus não revelou a Paulo uma Lei, um Mandamento ou Norma, mas o seu Filho (1,16), e essa manifestação se constituiu na especificidade diferencial do Apóstolo em relação aos profetas e patriarcas. O Filho, por sua vez, revelou o Pai, Sua vontade e Seu projeto. Jesus afirmava que os seus discípulos não eram mais servos, mas, amigos, porque aos amigos é dado conhecer toda a verdade e a profundidade dos mistérios divinos e, ao mesmo tempo, a grandeza e responsabilidade da missão (Jo 15,15)⁸.

Grande foi a ruptura que marcou a experiência de ser acolhido gratuitamente por Deus, enquanto ele o perseguia. Dessa experiência pessoal de Paulo é possível indicar que a pessoa responsável pelo acompanhamento precisa estar aberta para as surpresas da vida. Cada encontro é uma oportunidade de vida nova, novas descobertas e novo sentido para viver.

No itinerário do acompanhamento é preciso ter postura de equilíbrio e maturidade. Para Zacharias,

⁷ Carlos MESTERS & Francisco OROFINO, *Atos dos Apóstolos*, p.125.

⁸ Izidoro MAZZAROLO, *A vocação de Paulo Segundo Gl 1,11-2,10*, p.48.

Nenhum ser humano precisa se envergonhar da sua história, do seu caminho, do seu corpo a ponto de perder toda esperança para o futuro. Muitas vezes uma pessoa sente um grande alívio quando ela pode contar toda a história de sua vida sem ser julgada. Nas histórias de cura na Bíblia, Jesus nunca fala do passado, nunca pergunta o que a pessoa fez ou deixou de fazer. Ele interage com a pessoa como ela é naquele momento, Ele a aceita como ela é⁹.

Paulo é modelo das nossas vidas diárias, quando passamos tempo agarrados em situações que estão mais para formalismos do que para a graciosidade que existe na presença autêntica e vibrante das pessoas.

Ao mesmo tempo, Paulo é encontrado por Ananias, que representa os nossos grupos, as nossas preferências, os nossos confortos das estruturas e padrões fechados. Ananias é uma liderança de fé e, mesmo na dúvida sobre o encontro com o famoso perseguidor de cristãos, ouve o chamado de Deus e coloca-se como servidor.

Ananias vai ao endereço indicado, entra, impõe as mãos e afirma três coisas: chama Paulo de *meu irmão*, promete a ele uma nova visão e anuncia o dom do Espírito Santo. São as três coisas que acontecem com toda pessoa que entra numa comunidade: passa a ser irmã ou irmão, adquire uma visão nova das coisas e recebe o dom do Espírito Santo. Ao dizer *Saulo, meu irmão!*, Ananias recebe o perseguidor como irmão na comunidade. [...] Nasceu um novo Paulo, pronto para a nova missão! A conversão, porém, não é apenas um fato que acontece uma vez por toda. Ela é um processo que vai acontecendo no dia-a-dia e que se prolonga pela vida afora¹⁰.

A pessoa que se entrega à tarefa do acompanhamento precisa estar disponível para uma caminhada de proximidade, mas ao mesmo tempo, de confiança nos frutos que os novos irmãos e irmãs são capazes de produzir. A missão desempenhada por Paulo não foi diferente, pois, além do episódio da acolhida da comunidade cristã de Damasco precisou romper com os seus antigos companheiros. Toda conversão exige uma renúncia e para esta atividade, em específico, é necessária a presença de acompanhadores.

Ao lado de Paulo, portanto, temos Ananias que conduz a iniciação à fé. E temos também o protagonismo de Barnabé, responsável pela mediação e inserção de Paulo na comunidade cristã de Jerusalém.

Ao chegar a Jerusalém, tentava juntar-se aos discípulos; mas eles o temiam, pois não acreditavam que fosse discípulo. Então Barnabé o apresentou aos apóstolos, e conto como ele havia visto o Senhor no caminho, como lhe havia falado e com qual ousadia anunciara o nome de Jesus em Damasco. Saulo permaneceu em Jerusalém, movimentando-se livremente; anunciava corajosamente o nome de Jesus, conversava e discutia com os judeus de língua grega, que tentavam eliminá-lo (At 9,26-29).

Após os momentos de perseguição aos cristãos, Paulo teve dificuldades para estabelecer a convivência com a comunidade dos seguidores de Jesus. Barnabé reconhece a sinceridade de Paulo e, com auxílio do Espírito Santo, ajuda a comunidade a fazer o discernimento e dar oportunidade para acolher Paulo.

O legado de Barnabé para o perfil de catequistas acompanhadores é a virtude de acreditar nas pessoas. “Quem acompanha sabe reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida de graça são um mistério que ninguém pode conhecer plenamente a partir do exterior” (EG 172).

⁹ Zacarias HEYES, *Como encontrar Deus...e por que nem é necessário procurá-lo*, p.58.

¹⁰ Carlos MESTERS & Francisco OROFINO, *Atos dos Apóstolos*, p.129.

Temos então, as seguintes inspirações: Ananias, representando as nossas comunidades; Paulo, que caracteriza acompanhadores e acompanhados simultaneamente; e Barnabé, que simboliza a caminhada progressiva da transmissão e educação na fé no chão das comunidades. A partir dessas personagens, enquanto peregrinamos entre as Damascos e Jerusaléns de nossos dias, podemos investir em processos formativos para as pessoas que se dedicam em abraçar a tarefa especial de conduzir novos membros da comunidade ao encontro vivo e verdadeiro com o Ressuscitado.

3 MINISTÉRIO DE ACOMPANHADORES: MÍSTICA E MISSÃO

O contexto hodierno de vivência da fé exige experiências que expressam o sentido da comunidade, da vida fraterna e de comunhão. O apelo do Papa Francisco para que as comunidades instalem processos de acompanhamento deve-se ao fato de que:

Numa civilização paradoxalmente ferida pelo anonimato e, simultaneamente, obcecada com os detalhes da vida alheia, descaradamente doente de morbosa curiosidade, a Igreja tem necessidade de um olhar solidário para contemplar, comover-se e parar diante do outro, tantas vezes quantas forem necessárias (EG 169).

O processo de conversão de Paulo foi marcado pela participação de Ananias, como acolhida e iniciação à fé, e de Barnabé, mediador para a vida em comunidade. Fica evidente como foi importante o acompanhamento que Paulo recebeu de ambos, tendo como centralidade as experiências concretas de fé em Jesus Cristo que sustentavam as comunidades recém formadas.

Ananias, Paulo e Barnabé ajudam a compreender a estruturação do catecumenato das comunidades dos primeiros séculos, instituição que era responsável pela acolhida e condução na fé das pessoas que procuravam ser iniciadas à vida cristã. No catecumenato primitivo, as pessoas simpatizantes com a fé cristã eram acompanhadas por um introdutor ou acompanhante, escolhidas entre a comunidade dos iniciados, tendo como referência o testemunho concreto de vida e a participação ativa na liturgia. O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos explica: “O candidato que solicita sua admissão entre os catecúmenos é acompanhado por um introdutor, homem ou mulher, que o conhece, ajuda e é testemunha de seus costumes, fé e desejos”¹¹.

A vocação e missão do introdutor, de acordo com a antiga tradição catecumenal, é reconhecida como ministério, ou seja, é um serviço da Igreja para o bem dela própria e de seus membros. “Esse ministério, portanto, não se limita ao momento ritual. Trata-se de um ministério de ‘ajuda’, que começa antes do tempo do catecumenato ou catequese, é ativo em todo o seu desenrolar e é substituído pelo padrinho ou madrinha apenas no final de todo o processo”¹².

As reflexões do Sínodo para as Juventudes sobre a vida de fé e discernimento vocacional, despertou novamente o tema dos acompanhadores, que prestaram um serviço de alto nível no início das comunidades cristãs. “De muitas maneiras, os jovens pediram-nos para qualificar a figura dos acompanhadores. O serviço de acompanhamento é uma verdadeira missão, que exige disponibilidade apostólica daqueles que o prestam”¹³.

11 RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS, p.28.

12 CNBB, *Itinerário catequético: iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*, p.58.

13 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p. 59.

3.1 Mística e Missão do Catequista acompanhador

A necessidade de acompanhar pessoas é uma resposta ao sentimento de fragmentação que vemos acontecer na sociedade, tanto na esfera das instituições públicas quanto no ambiente religioso. Diante da complexidade que caracteriza nossa época, acentua a distância entre as pessoas, especialmente entre as juventudes. Mas também crianças e adolescentes, adultos e idosos são afetados pelas poucas oportunidades de encontros intergeracionais, fragmentando também os vínculos de pertença e transmissão de valores.

Impressiona o número de jovens nas comunidades juvenis que enfrentam problemas emocionais sérios. Destacam-se três marcas da juventude na atualidade: o medo de sobrar, por causa do desemprego, o medo de morrer precocemente, por causa da violência e a vida em um mundo conectado, por causa da internet¹⁴.

Sabemos que o “[...] ambiente digital caracteriza o mundo contemporâneo” (CV 86), e que “[...] a *web* e as redes sociais criaram uma nova maneira de se comunicar e criar laços” (CV 86). Mas, mesmo parecendo paradoxal, a geração nascida no ambiente digital desenvolve um terceiro medo acrescido à relação acima, que é viver conectado como fuga ao medo do isolamento¹⁵.

Em vista dessa realidade e de outras mais peculiares, próprias das regiões e comunidades, onde a fé chega e se desenvolve, sugerimos breves considerações sobre a mística e missão de catequistas acompanhadores. Catequistas, aqui, entendidos como lideranças das diferentes expressões eclesiais, que são chamadas a abraçar um estado, onde a presença, o testemunho de vida, o silêncio, a escuta e a vida de oração são fundamentais para o ministério do acompanhamento.

Aquele que acompanha caminha junto, mas não substitui o jovem. Ele o ajuda a ter os instrumentos necessários para assumir sua vida, fazer escolhas livres, permanecer firme em seus propósitos. Um acompanhador deve manter sempre viva a esperança na capacidade que o jovem tem de participar na vida da Igreja sendo protagonista e cultivar a semente da fé em seu coração sem expectativa de ver os frutos do trabalho, pois é Deus quem faz crescer e frutificar (1Cor 3,6)¹⁶.

A mística que envolve o ministério de acompanhadores é pautada pela itinerância, um ser-com, estar ao lado para as dúvidas e partilhas, para emprestar o ouvido e vibrar em cada conquista. Ao desafiar pela implantação de uma pedagogia do acompanhamento, o Papa Francisco desafia todas as pessoas constituídas de autoridade, e expõe os traços da espiritualidade da arte de acompanhar:

Neste mundo, os ministros ordenados e os outros agentes de pastoral podem tornar presente a fragrância solidária de Jesus e o seu olhar pessoal. A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta “arte do acompanhamento”, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3,5) (EG 169).

No episódio do pé descalço que toca a terra, Moisés pode sentir, fazer a experiência com o transcendente, aquele Outro que dialoga consigo. Acompanhar é estar preparado para o contato, participar da tensão das realidades, acolher o outro na sua inteireza, deixar-se tocar. Para tanto, é preciso oferecer boa formação aos ministros do acompanhamento, de modo que tenham boa capacitação para servirem na comunidade por meio da ternura e da afetividade.

14 CNBB, *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*, p.20.

15 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, p.229.

16 Denise Alves de CASTRO, *Acompanhamento e Discernimento Vocacional: o jovem à luz do Documento Preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p.28.

Reforçando a mística do acompanhador, temos a parábola do samaritano (Lc 10,25-37), que ilustra também, um caminho de acolhida, acompanhamento e desaparecimento que ensina autonomia. O samaritano foi além das boas intenções. Usou do seu azeite para suavizar a dor das feridas; usou do seu vinho para desinfetar as lesões; usou de sua montaria para carregar aquele homem assaltado; usou do seu dinheiro em favor de um pouco de conforto; usou de seu tempo quando se dispôs a voltar para pagar os gastos em excesso. E, permitiu que as feridas da vida fossem ressignificadas pela proximidade, pelo cuidado e pela dignidade.

A mística revela a missão, de maneira que presença e ausência são os passos a serem dados pelo acompanhador. “Ou seja, acompanhar exige colocar-se à disposição tanto do Espírito do Senhor quanto de quem é acompanhado, com todas as suas qualidades e habilidades e, em seguida, ter a coragem de humildemente se afastar”.¹⁷ Estar presente é assumir o chamado e fazer-se disponível para a missão de acompanhar. De igual modo, o momento de ausentar-se é também uma missão, pois, é necessário perceber os momentos de liberdade e autonomia de quem é acompanhado para que a caminhada continue, à distância com breves acenos e sinais, mas na liberdade das escolhas.

Para contribuir com comunidades que desejam investir com criatividade ao desafio proposto pelo Papa Francisco, além dos temas oferecidos pelas demais ciências, seguiremos com breves comentários sobre o perfil do acompanhador, encaminhado como pista de ação pelo Sínodo dos Bispos.

3.2 Perfil e competências do Catequista acompanhador

O Documento Final do Sínodo da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos assim se refere ao citar o perfil do acompanhador:

A consciência de que acompanhar é uma missão que exige profundas raízes na vida espiritual ajudá-lo-á a se manter livre em relação aos jovens que acompanha: respeitará o resultado de sua jornada, auxiliando-os com a oração e alegrando-se com os frutos que o Espírito produz naqueles que lhe abrem o coração, sem tentar impor-lhes suas próprias vontades e preferências. Do mesmo modo, será capaz de colocar-se a serviço, em vez de ocupar o centro das atenções e de assumir atitudes possessivas e manipuladoras que criam dependência em vez de liberdade. Esse profundo respeito também será a melhor garantia contra os riscos de desvio e abuso de todos os tipos¹⁸.

Como mencionamos, a arte do acompanhamento é um serviço e uma missão necessária à Igreja, para ser oferecida a todas as pessoas. No contexto da XV Assembleia Geral do Sínodo dos bispos, surgem pistas para o catequista acompanhador que acolherá em seu apostolado as pessoas adultas, jovens e adolescentes, idosos e crianças.

Dessa maneira,

[...] o acompanhante não pode ser qualquer pessoa de boa vontade. Essa missão tem que ser reservada para quem já fez sua opção de vida e se encontra feliz no caminho tomado para ajudar o jovem a fortalecer seu relacionamento com o Senhor, estar atento às revelações de Deus em sua vida e a decidir quais as respostas que dará a Deus¹⁹.

17 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.59.

18 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.59.

19 Denise Alves de CASTRO, *Acompanhamento e Discernimento Vocacional: o jovem à luz do Documento Preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p.27-28.

Seguimos na trilha dos elementos apontados pelo Documento Final do Sínodo para as Juventudes, a fim de caracterizar breves sinais para o perfil e consequentes competências de catequistas acompanhadores.

O primeiro elemento é a exigência do respeito pelo processo de cada pessoa e resultado da jornada. Acompanhar não existe ponto de chegada, é um estar-com e logo saber dizer até breve. O resultado não é para o acompanhador, mas é uma conquista para quem está sendo acompanhado, e cada pessoa precisa ser respeitada em seus limites e potencialidades.

Por isso, o respeito é caracterizado pela proximidade que não é invasiva nem opressora, mas desperta coragem e vigor para as decisões necessárias ao longo do caminho. De acordo com o Papa Francisco, esta competência realiza-se com o exercício de caminhar ao lado. “Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã” (EG 169).

O segundo elemento é a dinâmica e constância na vida de oração e abertura ao Espírito. É o testemunho concreto do acompanhador de que suas escolhas são pautadas pelas conversas que tem com o Senhor, a quem entrega todo seu destino com confiança operante e paciência corajosa. Ensinam os padres sinodais que, “[...] um bom acompanhador é uma pessoa equilibrada, de escuta, fé e oração, que se enxerga com as suas próprias fraquezas e fragilidades”²⁰.

A abertura ao Espírito é uma virtude de espera e fé autêntica. Na contramão do mundo acelerado e da vida que concorre à base da pressa, a vida de oração nos insere na dinâmica do tempo de Deus. E a experiência kairológica é rica de sentidos e significados para as escolhas que fazemos no cotidiano. É o que ensina o Papa Francisco na Exortação sobre o chamado à santidade no mundo atual:

A oração, precisamente porque se alimenta do dom de Deus que se derrama na nossa vida, deveria ser sempre rica de memória. A memória das obras de Deus está na base da experiência da aliança entre Deus e o seu povo. Se Deus quis entrar na história, a oração é tecida de recordações: não só da recordação da Palavra revelada, mas também da própria vida, da vida dos outros, do que o Senhor fez na sua Igreja. [...] Contempla a tua história quando rezas e, nela, encontrarás tanta misericórdia (GE 153).

A abertura ao Espírito torna o acompanhador competente para criar vínculos com a pessoa que acompanha, fortalecendo os elos de pertencimento e vida comunitária, que depois serão celebrados, isto é, comemorados em suas orações e ações litúrgicas.

O terceiro elemento para o perfil de acompanhadores é o discernimento para não ocorrer imposição de suas vontades e preferências nas escolhas da pessoa acompanhada. “Não pode exercer essa missão quem foi mandado ou obrigado a acompanhar os jovens por simples obediência a uma autoridade, mas quem tem realmente a vocação de acompanhar, pois é um serviço muito delicado”²¹.

Para o Papa Francisco, “[...] hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder em que reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar” (EG 171). Daqui decorre a competência para a liberdade de escolhas, que precisam demonstrar que existe crescimento na trajetória do acompanhamento com gestos e atitudes que revelam a opção fundamental de um caminhar para Deus, de acordo com cada estado de vida.

20 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.59.

21 Denise Alves de CASTRO, *Acompanhamento e Discernimento Vocacional: o jovem à luz do Documento Preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p.27.

O quarto elemento é a atitude de servir, com sensibilidade aos sinais da pessoa que busca o acompanhamento durante o tempo que permanecem juntos no itinerário. O serviço mais significativo em nossos dias é a escuta, que exige presença por completo do acompanhador. “Trata-se de ouvir o outro que está se revelando em suas palavras. O sinal dessa escuta é o tempo que dedico ao outro. [...] Essa escuta atenta e desinteressada indica o valor que a outra pessoa tem para nós, além de suas ideias e escolhidas de vida” (CV 292).

Neste elemento está a competência da comunicação, que exige atenção aos gestos, os movimentos e aos pequenos detalhes da vida das pessoas. Comunicar é um movimento anterior ao uso dos instrumentos e técnicas. Trata-se de comportamento. Assim, a comunicação que se dá pela escuta é uma competência ímpar para acompanhar pessoas. “Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores” (EG 171). A escuta atenta e generosa será correspondida pela confiança e entrega das pessoas, fortalecendo a vida fraterna e a espiritualidade de comunhão que caracterizam o discipulado missionário de Jesus Cristo.

O quinto elemento é o respeito pela dignidade humana. O processo de abertura ao Espírito e a escuta desinteressada, porém atenta, são oportunidades para o encontro com o barro que nos modela e iguala como matéria-prima para o amor de Deus que nos inflama de vida. Para o acompanhador, esta é a oportunidade de uma escolha decisiva em seu ministério. Colocar-se como privilegiado e em degrau acima por conta do cargo que considera ter recebido ou fazer-se um irmão de caminhada, que assume ter sido encontrado pela misericórdia divina em algum momento de sua vida.

Ter diante dos olhos o critério da dignidade humana é reconhecer as maravilhas que Deus opera ao longo da história, deixando-se encontrar no mistério da criação e no rosto de cada ser humano. Neste sentido, a competência de sentir-se parte do tecido humano, parte do encontro que fazemos com o rosto do irmão de caminhada. Para o Papa Francisco, em cada novo encontro, é preciso “[...] reagir a partir da fé e da caridade e reconhecer nele um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo. Isso é ser cristão!” (GE 98).

E, diante dessas considerações, soam forte as recomendações finais do Papa Francisco aos jovens: “Mas para acompanhar os outros nesse caminho, primeiro precisas ter o hábito de percorrê-lo tu próprio” (CV 298). Para ilustrar estas palavras todo acompanhador é, antes de tudo, uma pessoa necessitada de acompanhamento, formação constante e disponível aos caminhos novos que a comunidade de fé tem como meta para a vivência do Evangelho.

CONCLUSÃO

Propomos o caminho da continuidade e da criatividade que o Espírito é capaz de despertar. O ministério do acompanhamento é antigo, se pensarmos nas primeiras comunidades que tinham o costume de ouvir o ensinamento dos apóstolos, partir o pão e socorrer as necessidades dos empobrecidos (At 2,42-47; 4,32-35; 5,11-16).

A vida de fé é uma novidade para as realidades que caracterizam a sociedade atual, que busca a independência, a autonomia e a liberdade de expressão. Mas como recurso, isola as pessoas em perfis de redes sociais, sempre mutantes e novas, tendo como referência a área plana dos aparelhos eletrônicos. Diferentemente, a experiência de fé é multidimensional, move nossas vontades para um encontro com a realização última, que é uma pessoa, Jesus Cristo.

A redescoberta da importância dos acompanhadores, desde as comunidades da primeira hora, é uma ousadia, que é motivo de conversão para os estilos pastorais e estruturais da Igreja hoje. O paradigma da iniciação à vida cristã exige recalculer a rota das

decisões feitas pelas lideranças e respectivas comunidades, em vista do ideal de acolhida e cuidado da vida dos pequenos, do órfão e da viúva, do estrangeiro e do patrício que vive em nossas periferias.

Uma certeza que alenta é a presença do Espírito de Deus, que recorda tudo que é necessário (Jo 14,26), mas respeita a liberdade de escolha dos homens e mulheres. Neste sentido, que todas as pessoas constituídas de autoridade, que atuam nas instâncias de decisão de nossas comunidades, sejam dóceis às moções do Espírito Santo, que soprando novamente, fortalece e dá coragem para sair e dar testemunho por todos os lugares com sinais próprios (Mc 16,20) de discípulos missionários de Jesus Cristo, crucificado-ressuscitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

CASTRO, Denise Alves de. *Acompanhamento e Discernimento Vocacional: o jovem à luz do Documento Preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade São Bento, São Paulo, 2018.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Brasília: Ed. CNBB, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Itinerário catequético: iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: CNBB, 2014.

DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Evangelii Gaudium*. Brasília: Ed. CNBB, 2013.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*. Brasília: Ed. CNBB, 2016.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*. São Paulo: Paulus, 2019.

FREI PATRÍCIO. *Espiritualidade do avental*. São Paulo: Loyola, 2007.

HEYES, Zacarias. *Como encontrar Deus... e por que nem é necessário procurá-lo*. Petrópolis: Vozes, 2019.

MAZZAROLO, Izidoro. A vocação de Paulo Segundo Gl 1,11-2-10. *Ribla: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana da Universidade Metodista de São Paulo*, São Paulo, v. 76, n. 3, p. 41-60, 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/article/view/8627/6160>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Atos dos Apóstolos*. 2.ed. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/CEBI, 2002.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Evangelii Nuntiandi*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. São Paulo: Paulus, 2020.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*. Trad. Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

* Bacharel em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul (1993), Mestra em Desenvolvimento Regional Político Institucional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (1999). Especialista pela Universidade de Passo Fundo em Direito Civil e Direito Processual Civil (2015). De 1999 até 2018, docente na Universidade de Caxias do Sul e Coordenadora do Núcleo de Prática Jurídica e do Serviço de Assistência Jurídica gratuita na mesma instituição. Foi coordenadora do Curso de Direito do ano de 2013 a 2016, no Campus da UCS de Guaporé. Advogada atuante nas áreas de responsabilidade civil, administração pública, direito constitucional, processo civil, direito de família, direito do consumidor. Membro e sócia fundadora da ONG ECOPAZ de Guaporé-RS. Membro e sócia fundadora da Fraternidade da Anunciação da Cidade de Goiás-GO. Membro da equipe de coordenação do projeto circu(LAR): O mosaico dos cuidados.

Email: mari_maule@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4151-6383>

Recebido em 14/04/21

Aprovado em 26/06/21

CUIDADO, PARTILHA, RESILIÊNCIA

princípio da igualdade e a
violência de gênero

CARE, SHARING, RESILIENCE

principle of equality and
gender violence

*Mari Teresinha Maule**

Resumo: O princípio constitucional da igualdade, sedimentado no enunciado do artigo 5º, da Constituição Federal de 1988, é um marco no ordenamento jurídico brasileiro, na medida em que ao ser inserido no capítulo dos Direitos Fundamentais, foi alçado a valor supremo e fundante da legislação constitucional, carregando consigo alto grau de imperatividade, cuja violação acarreta em ilegalidade e/ou inconstitucionalidade. Este princípio traz em seu bojo a interpretação que, pessoas colocadas em situações de vulnerabilidade diferentes, sejam tratadas de forma desigual. Constata-se, que a igualdade formal, está bem distante da realidade que se vive, quando equilibrada nas relações entre homens e mulheres, o que fica demonstrado pelos altos índices de práticas violentas que as mulheres sofrem cotidianamente. Tais atos acabam por aniquilar um dos valores fundantes éticos da nossa humanidade, que é a vida, cujo ato de criação objetivou que a tornássemos digna e saudável, em todas as suas dimensões do Ser e do Conviver no cuidado de Si e dos Outros, como forma essencial para a transformação das estruturas excludentes e desiguais da sociedade. Partindo deste princípio constitucional, e utilizando-se do método da revisão bibliográfica, objetiva o presente texto, discorrer como se apresentam as relações interpessoais de gênero na sociedade, expondo o projeto chamado circu(LAR), como experiência inovadora na superação de realidades de violência. Neste sentido, os grupos e movimentos da sociedade civil e das comunidades, são elementos essenciais, e agregadores de espaços/tempo que possibilitam olhar os sentimentos, angústias e a partilha de experiências, emoções e afetos na busca da superação e transformação desta realidade, constituindo-se na concretização da sonhada Esperança e amorosidade social defendidas pelo Papa Francisco (*Fratelli Tutti*).

Palavras-chave: Igualdade. Violência. Cuidado. Partilha. Resiliência.



Abstract: The constitutional principle of equality, included in article 5º, caput of the Federal Constitution of 1988, is a legal framework in the Brazilian legal system, when it was inserted in the Fundamental Rights chapter, it was raised as a supreme and founding value of constitutional legislation, carrying a high degree of imperativity, whose violation results in illegality and / or unconstitutionality. This principle brings, with its interpretation, that people placed in different situations are treated unevenly. It appears that formal equality is far away from the reality we are inserted, when comparing the relationships between men and women, which is demonstrated by the high rates of violent practices that women experience daily. Such acts, end up annihilating one of the fundamental ethical values of our humanity, which is life. In the intended act of creating life, aimed at making it dignified and healthy, in all its dimensions of Being and Coexisting and in the care of the Self and the Others, they are considered as essentials in the transformation of the exclusionary and unequal structures of society. Starting from this constitutional principle, and using the literature review as a method, the present text has as objective to discourse about how the interpersonal gender relations are presented in society, exposing the project entitled Circu(LAR), as an innovative experience on violence superation. And, in this sense, the groups and movements of civil society and communities, are essential elements, and aggregators of spaces / time that make it possible to look at feelings, anguish and share of experiences, emotions and affections in the search to overcome and transform this reality, constituting the fulfillment of the dreamed Hope defended by Pope Francisco (Fratelli Tutti).

Keywords: Equality. Violence. Care. Sharing. Resilience.

*Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou.
Ensinou a amar a vida. Não desistir da luta. Recomeçar na
derrota. Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos. Ser otimista.
Creio numa força imanente que vai ligando a família
humana numa corrente luminosa de fraternidade
universal. Creio na solidariedade humana. Creio na
superação dos erros e angústias do presente.*

Cora Coralina

INTRODUÇÃO

Objetiva este artigo, a partir da análise do conceito de igualdade de gênero contemplado pela Constituição de 1988, em seu artigo 5º, e inserido no Capítulo dos Direitos Fundamentais, analisar e pontuar como em seu aspecto formal e material, o referido dispositivo legal, incide nas relações, na sociedade brasileira. Para tanto, busca-se retratar, por meio de números divulgados em órgãos oficiais, o índice de violência que ainda se encontra presente na sociedade, tendo por vítimas pessoas do gênero feminino. Tal fato coloca em questionamento o aspecto material e proporcional da referida norma constitucional, eis que o índice de violência que é uma realidade atemporal, enraizada, ininterrupta, e que cada vez mais se alastra em termos de modos pelos quais se manifesta coloca em questionamento, a sua efetividade.



Ocorre que, mais que no aspecto formal, a igualdade, se aperfeiçoa e se personifica, nas relações interpessoais e grupais, que tenham o olhar sensível da escuta e a prática de ações de “cuidado”, e com isso, acabam por modificar significativamente esta realidade. Saliente-se, a importância das iniciativas e investimentos dos movimentos da sociedade civil, das pastorais das comunidades, dos diversos grupos, que buscam esta transformação e assim contribuem para tornar realidade o projeto Fraternal e Solidário, que como diz o Papa Francisco, vem eivado de Esperança (FT 55).

Inicialmente, será examinado o marco jurídico constitucional, com destaque à Constituição Federal de 1988, que estabelece os direitos fundamentais de igualdade de gênero, em especial os artigos 5º e 226, em que se encontra expresso esse princípio, discorrendo brevemente sobre os mesmos.

Em um segundo momento, é objeto de análise o aspecto da violência que sempre esteve e está presente nas relações pessoais e interpessoais de nossa sociedade, aportando levantamentos elaborados pelo Poder Judiciário do Rio Grande do Sul e outros órgãos que apresentam números de pessoas do gênero feminino, que sofrem algum tipo de violência física, moral e outras.

Em um terceiro momento, defende-se que é a partir da experiência coletiva, fomentada nos diversos movimentos sociais, governamentais, pastorais, como sendo um dos caminhos possíveis e concretos de se conseguir superar as limitações, condicionamentos e materializar o que Papa Francisco nos conclama, a “uma amizade social” solidária, justa, fraterna e igualitária. Nesta direção, referencia-se à experiência com grupos de mulheres vítimas de violência, desenvolvido pela ONG Ecopaz, junto ao poder Judiciário da Comarca de Guaporé, como exemplo de ação de acolhimento e apoio de forma prática frente às situações sofridas por este grupo.

Tal experiência demonstra que somente cultivando a dimensão do autocuidado, o cuidado do outro, criando espaços de resiliência, torna-se possível superar desigualdades, exclusões, violências, opressões e injustiças históricas. Principalmente, **esperançando** que todos nós, mas em especial as pessoas que se encontram em maior vulnerabilidade social, econômica, moral e psicológica, possam efetivamente viver, o projeto da igualdade e a cultura de paz e bem viver.

1 CONCEITO DE IGUALDADE NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

O conceito jurídico de igualdade, insculpido no enunciado do artigo 5º da Constituição Federal assegura mais que uma igualdade formal perante a lei, uma igualdade material. O objetivo do legislador foi apontar uma igualdade proporcional no sentido de que não se pode tratar igualmente, situações provenientes de fatos desiguais.

Este princípio constitucional está sendo construído e conquistado no decorrer da evolução da sociedade brasileira, principalmente frente às exigências de grupos e movimentos sociais, que, através de discussões, estudos e pressões, contribuíram para que o legislador incluísse a relevante questão de gênero no rol das Cláusulas Pétreas e no Capítulo dos Direitos Fundamentais, entre outros preceitos, os direitos iguais para homens e mulheres. Melhor dizendo, direitos e garantias que são fundamentais à vida humana digna, em concordância com os ideais dos Direitos Humanos, essenciais à persecução da dignidade humana. Como observa Leila Linhares Barsted:

O movimento feminista brasileiro foi um ator fundamental nesse processo de mudança legislativa e social, denunciando desigualdades, propondo políticas públicas, atuando junto ao Poder Legislativo e, também, na interpretação da lei. Desde meados da década de 70, o movimento feminista brasileiro tem lutado em defesa da igualdade de direitos entre homens e mulheres, dos ideais de Direitos Humanos, defendendo a eliminação de todas as formas de discriminação, tanto nas leis como nas práticas sociais. De fato, a ação organizada do movimento de mulheres, no processo de elaboração da Constituição Federal de 1988, ensejou a conquista de inúmeros novos direitos e obrigações correlatas do Estado, tais como o reconhecimento da igualdade na família, o repúdio à violência doméstica, a igualdade entre filhos, o reconhecimento de direitos reprodutivos, etc.¹

Considerado como um dos principais direitos humanos e fundamentais encontra sua previsão no artigo 5º, inciso I da CF/88, e prevê expressamente a igualdade entre homens e mulheres:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição²

Já no artigo 226 da Constituição, encontra-se prevista a proteção do Estado, direcionada de forma a equilibrar, reconhecer e proteger a mulher frente à entidade familiar, assegurando-lhe igualdade, o que diferentemente das demais legislações constitucionais e infraconstitucionais anteriores à Carta de 1988, não fora contemplado. O atual artigo constitucional que versa sobre a matéria, assim firmou:

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 1º O casamento é civil e gratuita a celebração

§ 2º O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei

§ 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento

§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes

§ 5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher

§ 6º O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio

§ 7º Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas

§ 8º O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações (grifo nosso).

Quanto ao referido artigo, assinale-se a previsão do §5º, que assegura que homem e mulher igualmente, têm direitos e deveres frente à sociedade conjugal, ou seja, ambos decidem sobre a economia familiar, educação e guarda dos filhos, diferentemente das previsões normativas anteriores, bem como a garantia assegurada no § 8º, de criação de mecanismos para prevenir e coibir qualquer tipo de violência nas relações familiares.

1 Leila Linhares BARSTED, A Legislação civil sobre família no Brasil. In: *As Mulheres e os Direitos Civis*. Coletânea Traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero. p.35.

2 BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em Dezembro 2020.

Nesta esteira do § 8º, importante destacar na legislação brasileira, o grande avanço normativo de âmbito infraconstitucional, representado pela promulgação da Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha, que versa sobre a prevenção e o combate à violência contra a mulher.

No entanto, apesar de termos atualmente uma previsão normativa moderna, longos passos se fazem necessários trilhar para uma efetiva igualdade. Constatação, que se infere pela representação dos dados da realidade cotidiana brasileira (sociais, culturais, emprego e econômicos...), que invocam a distância entre os avanços normativos e as práticas sociais, e refletem um padrão discriminatório em relação ao gênero feminino, pois o que se deve atentar não é tão somente a igualdade perante a lei, mas o direito à igualdade mediante a eliminação das desigualdades na prática.

Comprova-se tal afirmativa, por exemplo, trazendo à discussão as diversas faces das violências sofridas pelo gênero feminino. Cumpre referir, que elegemos este aspecto, entre os muitos, para expor frente ao conceito de igualdade, por estar mais próximo à nossa realidade profissional, ressaltando que se impõe sejam estabelecidas diferenciações específicas práticas, como única forma de dar efetividade ao preceito isonômico consagrado na Constituição.

2 IGUALDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Abordar um tema ainda delicado, que é o da igualdade e a violência de gênero, deve necessariamente ter como base a análise de dados da nossa realidade e cotidiano, que diariamente são alimentados pelos órgãos oficiais. Neste sentido, os números nos demonstram um panorama aproximado de como se encontra esta realidade, insta observar que muitos casos não são denunciados pelas vítimas, permanecendo no silêncio e fora das estatísticas oficiais. E ainda, que não se trata de um tema tão novo, mas que acaba por se atualizar de forma permanente, infelizmente.

Ao mesmo tempo, sabe-se que diversas entidades civis, religiosas, dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, promovem campanhas de conscientização, projetos, cursos, programas com a finalidade de tomada de consciência e de modificação deste panorama.

Tomemos como exemplo, que na Campanha da Fraternidade de 2018 (CF/2018), a Igreja Católica convocou o Poder Público e a sociedade para programarem e desenvolverem ações que promovessem relações de fraternidade e contribuíssem para o enfrentamento e a superação das violências que machucam, ferem e matam pessoas, e acabam por macular a obra da criação.

Tendo passado quase três (03) anos desta provocação, por parte dos Bispos do Brasil através da CNBB, e ainda transcorridos mais de 32 (trinta e dois) anos da promulgação da Constituição Federal, comprova-se que, mesmo que esteja exposto como princípio na Carta Magna e/ou ainda a temática ter sido abordada por uma entidade de grande importância tal como a CNBB, o tema da violência de gênero é delicada e grave, agride a sociedade como um todo, e ainda é normalizada na cultura brasileira, pois que, ainda se encontra presente nas relações interpessoais, familiares, como restará demonstrado pelos números abaixo mencionados.

Segundo o Atlas da Violência 2020, do IPEA e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2018: 4.519 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que representa uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil habitantes do sexo feminino, ou seja, uma mulher foi assassinada a cada duas horas. Sendo que 68% destas mulheres assassinadas eram negras. Enquanto entre as mulheres não negras a taxa de mortalidade por homicídios no último ano foi de 2,8 por 100 mil, entre as negras a taxa chegou a 5,2 por 100 mil, praticamente o

dobro. A diferença fica ainda mais explícita em estados como Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, onde as taxas de homicídios de mulheres negras foram quase quatro vezes maiores do que aquelas de mulheres não negras. Em Alagoas, estado com a maior diferença entre negras e não negras, os homicídios foram quase sete vezes maiores entre as mulheres negras³.

Desde que a pandemia do coronavírus começou, 497 mulheres perderam suas vidas. Foi um feminicídio a cada nove horas entre março e agosto/20, com uma média de três mortes por dia. São Paulo, com 79 casos, Minas Gerais, com 64, e Bahia, com 49, foram os estados que registraram maior número absoluto de casos no período⁴.

A Secretaria da Segurança do Rio Grande do Sul, também publicou os indicadores de violência contra mulher, listados entre ameaças, lesão corporal, estupro e feminicídio tentado e consumado dentro do período de janeiro até outubro de 2020, foram registrados: 27.176 ameaças, 15.299 lesões corporais, 1.466 estupros, 67 feminicídios consumados e 288 feminicídios tentados; cabe destacar, que segundo dados oficiais inúmeras mulheres não denunciam a situação de violência que vivem, o medo é um dentre os motivos que camuflam esta realidade⁵.

Esta violência atinge diretamente as mulheres, e se personifica, conforme prevê a Lei Maria da Penha, de diversas formas: patrimonial, sexual, física, moral e psicológica e indiretamente quando atinge seus filhos e pessoas próximas. Muitas destas realidades encontram espaços dentro dos lares, o local que deveria ser de construção da subjetividade, dos afetos, torna-se “campo do medo”, da dor, das lágrimas e até da morte, como demonstrado acima.

Por outro lado, outra nuance desta realidade é que as relações fragilizadas, a desigualdade social, insensibilidade, a demanda massiva de trabalho e a falta de investimentos nas políticas sociais também são fontes de violências, que nos desafiam.

Frente a esta realidade e na perspectiva do cuidado, vislumbra-se que através da promoção de ações de escuta sensível, acolhimento, partilhas de experiências e afetos, reflexões, resiliência, olhares, informações e fortalecimento coletivo é que efetivamente mudam e endossam igualdade de gênero na prática.

3 PROJETO CIRCU(LAR): O MOSAICO DOS CUIDADOS

Neste sentido, fazemos referência a uma experiência bem sucedida, ocorrida na Comarca de Guaporé, na area da abrangência da Arquidiocese de Passo Fundo.

No ano de 2018, a ONG ECOPAZ⁶, com sede em Guaporé firmou parceria com o Poder Judiciário, na Comarca de Guaporé-RS, com a finalidade de desenvolver o projeto chamado: **Circu(LAR): O mosaico dos cuidados**.

Este projeto foi concretizado através de convênio firmado com o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul⁷, tendo sido desenvolvido e coordenado por mulheres, durante todo o

3 IPEA. *ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020*. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2020>>

4 BRASIL DE FATO. Uma mulher é morta a cada nove horas durante a pandemia. Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br>>

5 SSP-RS. *Indicadores da Violência Contra a Mulher - Lei Maria da Penha*. Disponível em: <<http://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contra-a-mulher>>

6 A ECOPAZ é uma Organização Não Governamental que foi instituída em 2007. Direciona-se desde então, ao desenvolvimento de trabalhos voltados para o protagonismo, resolução de conflitos, formação humana, construção de culturas de paz, fortalecimento da auto estima, empoderamento e promoção dos direitos humanos.

7 O Projeto Circu(LAR): O mosaico dos cuidados, foi contemplado através do Edital nº002/2017-VEC, realizado pela Vara de Execuções Criminais da Comarca de Guaporé, sendo o firmado o primeiro Termo de Convênio 01/2017, e o mesmo renovado para a continuidade do projeto no período de 2018, 2019 e 2020. Os relatórios, prestação de contas, avaliações, registros fotográficos e demais apontamentos encontram-se arquivados junto ao Fórum de Guaporé e também junto à secretaria da ECOPAZ.

ano de 2018 e 2019, e parte de 2020 (em decorrência da pandemia pelo Coronavírus, o referido projeto encontra-se suspenso).

O projeto foi desenvolvido através de encontros mensais com as mulheres vítimas de violência doméstica e de gênero, cujos registros policiais deram origem a um processo judicial que tramitava/tramita no Fórum da Comarca de Guaporé. Nas agendas mensais, foram priorizadas dinâmicas que possibilitaram a abertura e entrosamento, e consequentemente a confiança e o diálogo, além da escuta ativa como forma de manifestação de empatia para a construção de um processo coletivo. As dinâmicas desenvolvidas propiciaram também a percepção do cuidado de si e da outra, e de que a formação de laços e vínculos acabam por estimular a sororidade e a força de cada uma, amplificando assim, o poder interno do grupo.

Tendo por fundamentos metodológicos o embasamento na dialogicidade, na participação, na escuta, nas partilhas, no acolhimento e no potencial para resiliência de mulheres em situação de violência, objetivou-se o empoderamento e fortalecimento através do olhar para si e para as demais, em uma dimensão ético-estético-afetiva do cuidado, ressignificando-se a partir das (com)vivências.

Ao valorizar as histórias de vida das mulheres e ao partilhá-las com as demais, estabeleceu-se o sentido de conexão do grupo e o fortalecimento deste, pois que ao acessarem as suas histórias pessoais, visível era o sentimento externado de ligação umas às outras, encontrando seus “lares-corção”, umas nas outras, compondo um verdadeiro “mosaico” de diferentes formatos que juntos se integraram para dar forma a um todo coerente, eis que os relatos das violências sofridas encontravam eco e semelhança em cada uma das participantes.

A título de exemplo, no ano de 2019, foram desenvolvidas as seguintes temáticas, através de pedagogias ativas: 1- Ser mulher na sociedade contemporânea: a construção histórica e social da mulher, a mulher da idade média X a mulher moderna; transformações, lutas, desafios, possibilidades; 2- Mulher, resistência e luta: contextualização dos movimentos históricos de luta das mulheres, referências de mulheres que estiveram à frente de grandes movimentos de luta por direitos e a conquista de direitos (ex.filme “As sufragistas”); 3 - Mulher e a economia social solidária: os movimentos de economia solidária, o trabalho coletivo para geração de renda, a mulher que mantém a casa e a família; 4- Mulher: imagem, estereótipo e mídia: a imagem da mulher na mídia, os estereótipos construídos, padrões de beleza e comportamento, as representações e o impacto para a mulher real; 5- Mulher: liberdade, direitos e empoderamento: alternativas para a construção e promoção de ações e garantia dos direitos das mulheres, empoderamento e liberdade de ser mulher na sociedade e dona de si mesma; 6- A mulher e o sagrado feminino: a energia do sagrado feminino presente em todas as forças do universo, os ciclos da vida da mulher, a força criativa e de vida que move as mulheres, a sororidade e o cultivo do autoconhecimento feminino, como potencial de empoderamento e cuidado de si mesma e amor próprio; 7- Mulher: a arte de cuidar de si e ser cuidada: reflexões sobre cuidado, como a mulher foi se constituindo ao longo da história por este viés (aprende o cuidar dos outros desde a infância, porque ganha bonecas, panelinhas...), esta construção social de cuidado e como pode aprender a olhar para si mesma como merecedora de cuidado, desconstruir o papel que sempre foi atribuído de cuidadora e de se colocar sempre em último lugar; as questões de saúde feminina e autocuidado.

Os relatos das mulheres que participaram do projeto foram comoventes e extremamente positivos, na avaliação do projeto e dos encontros, eis que contribuíram no caminho da modificação nas relações familiares, fortaleceram as mulheres para tomadas de

decisões, nem sempre tão fáceis de serem efetivadas, eis que é raro, que não existam filhos menores imbricados nesta teia de violências e/ou de dependência econômica. Comprovou-se pelos relatos que o medo e o pavor asfixiam e paralisam, acarretando por consequência, na permanência da mesma situação, repetindo os mesmos gestos e suportando as mesmas violências, e que se fortalecidas conseguem dar um passo de cada vez, rumo à autonomia e à superação das violências sofridas.

Sentir-se parte de uma unidade com todas(os) as(os) demais, com todos os seres, tomar consciência da fraternidade e solidariedade ativa e que tudo o que existe é a forma de aperfeiçoar e verdadeiramente praticar os princípios de igualdade e da fraternidade como valor, são os objetivos de projetos desta natureza, que nas palavras de Torralba assim ressoa:

Assim, pois, a fraternidade é um valor que consiste em sentir-se ligado ao outro, porém não como um escravo ou um servente estão unidos ao seu amo, mas como um irmão se sente ligado ao outro. A Fraternidade é um valor essencial em uma sociedade que padece um forte atomismo, um excesso de individualismo. É necessário integrar o problema do outro e dar-se conta de que o problema do outro também é *meu* problema⁸.

4 IGUALDADE DE GÊNERO, FRATERNIDADE E RESILIÊNCIAS

Inúmeras mulheres, de ontem e de hoje, em épocas distintas, foram/são surpreendidas pela violência multifacetada, que conforme exposto acima, concretiza-se através do assédio, exploração sexual, estupro, indiferenças, agressões verbais e físicas, por parceiros ou familiares. O descaso, a indiferença e a violência, acabam por exterminar vidas, sonhos, projetos e o sentido do viver, o que desafia sobremaneira o agir e fazer das entidades, pastorais e movimentos sociais, entre outros.

Boff nos aponta que é o cultivo de uma dimensão de escuta, de cuidado, de sensibilidade, que transformará a realidade e o ser humano:

Essa dimensão espiritual que cada um de nós tem se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela sensibilidade, pela compaixão, pela escuta do outro, pela responsabilidade e pelo cuidado como atitude fundamental. É alimentar um sentido de valores pelos quais vale sacrificar tempo, energias e, no limite, a própria vida⁹ [...].

O exemplo de muitas mulheres que junto com outras, nos diversos grupos e movimentos que despontam na sociedade e nas comunidades de vida, nos mostra ser possível conseguir superar as limitações, condicionamentos e concretizar o que Papa Francisco chama de **uma amizade social** e que a norma jurídica conceitua como de **igualdade** de gêneros.

Defendemos que, em todos os ambientes laicos, jurídicos, mas em especial nas comunidades cristãs, igrejas, sejam criados espaços/tempos para realizar a pedagogia dos encontros que possibilitem olhar para os sentimentos, angústias e utopias, para a partilha de experiências, emoções e afetos e para o cultivo de cuidados consigo e com os outros.

O Cardeal José Tolentino de Mendonça na meditação apresentada à CNBB em 25 de novembro de 2020, nos traz uma belíssima parábola, para explicitar a importância deste gesto simbólico do cuidado, que pode ser personificado pelo “abraço”. Neste caso Tolentino, refere-se à criação da sala dos abraços, em uma casa de repouso para idosos, na Itália, para que parentes e amigos, nestes tempos de pandemia, possam com todos os cuidados e obedecendo regulamentos de saúde, abraçar os seus parentes idosos. Isso através de uma cortina especial de plástico. A respeito diz ele que:

8 Francisc TORRALBA, *Inteligência espiritual*, p.136.

9 Leonardo BOFF, *Espiritualidade um caminho de transformação*, p.51.

[...] Um abraço é uma escola de humanidade. O abraço é uma longa conversa que acontece sem palavras. Tem uma incrível força expressiva. Comunica a disponibilidade para entrar em relação com os outros, superando o dualismo, fazendo cair armaduras e desculpas. Os abraços são a arquitetura íntima da vida, o seu desenho invisível; são plenitude consentida ao afeto que reconcilia e revitaliza. Num abraço, tudo o que tem que ser dito soletra-se no silêncio, e ocorre isto que é tão precioso e afinal tão raro: sem defesas coloca-se á escuta de outro coração¹⁰.

E, nestes tipos de espaços, através de uma metodologia do cuidado e voltada ao coletivo, que é possível fazer despertar o potencial humanizador e transformador do gênero feminino; construir espaços de resiliência, sororidade; cultivar a coragem e concretizar a tão sonhada Esperança de Francisco defendida na *Enáclica Fratelli Tutti*. Materializando assim, o conceito de igualdade, cultura de paz e do bem viver com pequenas ações em pequenos grupos, nos tornando pequenas luzes de transformação das realidades e de superação dos diversos tipos de violências que machucam individual e coletivamente.

Para BOFF, trata-se na verdade da procura e do encontro. Assim:

[...] presença ativa e revolucionária de Deus dentro do universo presença cósmica, comunitária e social, pessoal, presença íntima a cada pessoa humana. Porque é dentro de cada pessoa que está o reino de Deus, é a partir do interior de cada ser humano que Deus mesmo produz transformaçõe. O Reino de Deus é a presença transformadora de um Deus que se acercou de nós e veio buscar o que é seu: seus filhos e filhas, para resgatá-los, purificá-los e assim transfigurá-los, a eles e a tudo que os cerca, a natureza e o universo¹¹.

Seremos herdeiros (as) de um projeto de fraternidade e solidariedade, se tentarmos refazer esta experiência de amor incondicional pelo outro, mulheres e homens igualitariamente colocados no mesmo patamar, tal como quando da criação descrita no Gênesis, “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1,27) objetivando o bem maior que é “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21,1) se:

[...] tentarmos continuamente refazer a experiência de Jesus, nos sentirmos filhos e filhas de Deus e, ao mesmo tempo, olharmos os outros como filhos e filhas, tratando-os com sumo respeito, como quem contempla, reverente, Deus nascendo dentro de cada um e fazendo de cada mulher, de cada homem, seus filhos e filhas, nossos irmãos e irmãs¹².

Trata-se de resgatar a imagem da Ternura Divina, que encarnada e possuidora de um profundo amor pela humanidade vem, para nos lembrar que o mais importante é o AMOR que temos pelo Outro, que não existem diferenças em direitos e que na presença do qual referenciamos como “Espírito de Mãe, Amor Divino, Amor Eterno, Fonte de todo o Amor”¹³, somos todos iguais, pois o desafio é concretizar um projeto de fraternidade coletivo

[...] onde não deve haver privilegiados que desprezam os indesejáveis, santos que condenam aos pecadores, puros que separam os impuros, varões que submetem as mulheres, ricos que abusam dos pobres... Deus não abençoa a exclusão nem a discriminação, mas a igualdade e a comunhão fraternal¹⁴.

10 José Tolentino de MENDONÇA, *Que parábolas para este tempo?* Disponível em: < <https://www.pom.org.br/que-parabolas-para-este-tempo/> >

11 Leonardo BOFF, *Espiritualidade um caminho de transformação*, p.23.

12 Leonardo BOFF, *Espiritualidade um caminho de transformação*, p.26.

13 Marcelo BARROS, *Diálogos com o Amor: com os salmos, orar o hoje do mundo*, p.20-21.

14 José Antônio PAGOLA, *É bom crer em Jesus*, p.210.

Acreditar e defender, que as ações dos movimentos da sociedade civil, religiosas, dos poderes instituídos, entre outros, devam buscar através de movimentos concretos, tais como, na experiência acima referida desenvolvida pela ECOPAZ, se dá o aperfeiçoamento diário do princípio da igualdade, e tal como definido no Gênesis e na Constituição Federal Brasileira. Para que, em cada uma das pessoas de gênero feminino possa florescer e crescer, o sentimento de completude e de unidade, de seres de irradiação junto com o Outro. O *Eu* e *Tu*, personificados, nas palavras de Buber: “O *Eu* e *Tu* desaparecem, a humanidade que, há pouco estava na presença da divindade, se submerge nela; aparecem a glorificação, a divinização e a unidade¹⁵”. É assim que cresceremos em mais humanidade e igualdade.

Incluídos neste projeto, seremos conjuntamente sujeitos de mudança das estruturas violentas da sociedade, perseguindo o objetivo de afastamento da estrutura social da realidade da exclusão tanto quanto for possível, e que ninguém fique excluída(o), homens e mulheres, do nosso mundo, da nossa comunidade, da nossa sociedade e do Divino Amor.

Concluo com a poesia de Joan Maragall, que assim traduz este grande mistério e projeto:

Viver é desejar mais, sempre mais: desejar não por apetites, mas por esperança. A esperança é a marca da vida; amar até o ponto de poder dar-se pelo amado. Poder esquecer-se de si mesmo, isto é ser o que se é; poder morrer por alguma coisa, e isto é viver. Aquele que só pensa em si não é nada, está vazio; o que não é capaz de sentir o gosto de morrer, é porque já está morto. Somente quem for capaz de senti-lo, quem puder esquecer de si mesmo, quem souber dar-se, quem ama, em uma palavra, está vivo. E, então já não tem sentido pôr-se a andar. Ama, e faz o que queres¹⁶.

CONCLUSÃO

Podemos afirmar que a Constituição Federal de 1988, foi um marco na normatização do princípio da igualdade na sociedade brasileira, trazendo consideráveis avanços, em todo ordenamento jurídico, inclusive na legislação infraconstitucional.

Necessário se faz pontuar que em que pese, o aspecto formal da lei ser considerado avançado e condizente com as legislações mais modernas vigentes em outros países, quando analisada sob o aspecto do direito comparado, o aspecto material deixa a desejar.

A realidade dos fatos, exposta em pesquisas realizadas por órgãos competentes e sensíveis à questão de gênero, demonstra que o número de casos de violência contra as mulheres é absurdamente alto, e que, por conseguinte, muitos passos se fazem necessários trilhar e muitos obstáculos devem ser transpostos para que a eficácia da norma legal se alinhe com a realidade de proteção e pacificação frente à violência impingida às mulheres, implementando assim a igualdade material na questão do gênero.

Experiências e práticas promovidas pelos diversos segmentos de nossa sociedade, a exemplo do projeto circu(LAR): o mosaico dos cuidados, acima referido, demonstram que é possível a partir do acolhimento, da escuta, da atenção, do cuidado, do auxílio, do apoio e carinho fazer superar estas violências, rumo à autonomia, dentro de um projeto maior pautado pelos valores da igualdade, esperança e fraternidade.

15 Martin BUBER, *Eu e Tu*, p.100.

16 MARAGALL apud Francesc TORRALBA, *Inteligência espiritual*, p.92.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARSTED, Leila Linhares. *A Legislação civil sobre família no Brasil*. In: As Mulheres e os Direitos Civis. Coletânea Traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero. Rio de Janeiro: Cepia, 1999.
- BARROS, Marcelo. *Diálogos com o Amor: com os salmos, orar o hoje do mundo*. 3.ed. Belo Horizonte: Ed. Senso, 2019.
- BIBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BRASIL. *CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em Dezembro 2020.
- BRASIL. *LEI Nº11.340 DE 07 DE AGOSTO DE 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em Dezembro 2020.
- BRASIL DE FATO. *Uma mulher é morta a cada nove horas durante a pandemia*. Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br>> Acesso em Outubro 2020.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.
- IPEA. *ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020*. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2020>> Acesso em Dezembro de 2020.
- MENDONÇA, José Tolentino de. *Que parábolas para este tempo?* Pontifícias Obras Missionárias. 2020. Disponível em: <<https://www.pom.org.br/que-parabolas-para-este-tempo/>> Acesso em Dezembro 2020.
- PAGOLA, José Antônio. *É bom crer em Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- FRANCISCO, Papa. *Encíclica Fratelli Tutti - Sobre a Fraternidade e a Amizade Social*. São Paulo: Paulus, 2020.
- SSP-RS. *Indicadores da Violência Contra a Mulher - Lei Maria da Penha*. Disponível em: <<http://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contra-a-mulher>> Acesso em: Outubro 2020.
- TJRS. *Coordenadoria Estadual da Mulher em situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <<https://www.tjrs.jus.br/novo/violencia-domestica/>> Acesso em Outubro 2020.
- TORRALBA, Francesc. *Inteligência espiritual*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

* Simone Furquim Guimarães, leiga, teóloga, especialista em assessoria bíblica pelo CEBI/EST; mestre em teologia pela EST; assessora e coordenadora do Cebi Planalto Central.

E-mail:

simone_furquim_guimaraes@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4743-2399>

** Luísa de Lucas é religiosa das Irmãs de Notre Dame; pedagoga; mestra em Teologia pela PUCRS.

E-mail: marialuisa@notredame.org.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1629-6814>

Recebido em 28/04/21

Aprovado em 12/08/21

LEITURA BÍBLICA SOB A ÓTICA DA MULHER

espiritualidade e
empoderamento das mulheres

BIBLE READING FROM THE PERSPECTIVE OF WOMEN

spirituality and
women's empowerment

*Simone Furquim Guimarães**

*Luísa de Lucas***

Resumo: Este texto é resultado da experiência de reflexão bíblica sobre as mulheres do Primeiro Testamento, organizado pela Itepa Faculdades, através da plataforma *Google meet*. O curso, que teve a duração de quinze encontros, foi conduzido seguindo a metodologia da leitura popular da Bíblia na ótica de gênero. O presente texto possui como objetivo partilhar impressões, e constatar através das manifestações, depoimentos e escritos das mulheres envolvidas no curso, o progressivo processo de empoderamento pessoal e do grupo. Reafirmamos nossa fidelidade a Deus que através da Palavra se fez carne “segundo as Escrituras” para salvar/libertar todas as pessoas que estão nas periferias, no ocultamente, ‘sem palavra’, excluídas da sociedade e que na sua grande maioria, são mulheres sem voz e sem vez.

Palavras-chave: Mulheres. Experiências. Desconstruções. Descobertas. Leitura bíblica. Teologia feminista.

Abstract: This text is the result of an experience of biblical reflection on women of the First Testament, organized by Itepa College, through the Google meet platform. The course, which lasted fifteen meetings, was conducted following the methodology of popular reading of the Bible from a gender perspective. The present text has as objective to share impressions, and to verify through the manifestations, testimonies and writings of the women involved in the course, the progressive process of personal and group empowerment. We reaffirm our fidelity to God who through the Word was made flesh "according to the Scriptures" to save/liberate all the people who are on the outskirts, in the hidden, 'without a word', excluded from society and the vast majority of whom are women without voice and no time.

Keywords: Women. Feminist Theology. Gender. Liberation Theology. History. Interreligious dialogue.



INTRODUÇÃO

Qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma, não acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la? E encontrando-a, convoca as amigas e vizinhas, e diz: 'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que havia perdido!' (Lc 15,8-9).

Inicia-se o ano de 2021. Um ano que já vem assinalado desde março de 2020 pela Covid-19 e todas as suas consequências, trazendo infinitas dores e sofrimentos. Dentre esses sofrimentos e dores, as mulheres são as mais afetadas, especialmente pelo aumento da violência, tanto no âmbito doméstico como no social com o aumento da fome, miséria, falta de políticas públicas que atendam às necessidades básicas do ser humano. De diferentes formas também em vários setores da sociedade, acende-se a chama da resistência e da luta por justiça e solidariedade. Esta chama se traduz nos inúmeros despertares de movimentos, de círculos de homens e mulheres que se reúnem, mesmo que virtualmente, para construir redes de apoio e solidariedade.

Diferentes experiências, nos espaços e âmbitos das igrejas, entidades, e organismos da sociedade organizada, surgiram neste contexto de pandemia objetivando manter unidos os seus integrantes e buscando ajudar as pessoas a manter-se fiéis e resistentes nos valores do Reino de Deus. As experiências que buscamos tematizar em relação ao curso “Mulheres na Bíblia no Primeiro Testamento”, promovido pela Itepa Faculdade¹, se inscreve como uma destas experiências dentro desse universo. Nesta direção, insta observar que a Igreja, através de seus vários organismos, possui uma bonita caminhada da leitura popular da Bíblia. Neste caso em particular há o apoio e as contribuições fecundas advindos dos materiais produzidos pelo Cebi².

Tendo por objetivo construir uma ponte hermenêutica entre o tempo do escrito bíblico e o momento da leitura hoje da Palavra de Deus, e como finalidade recuperar sua força recriadora de vida na prática pastoral e na vivência humano-cristã cotidiana, constatou-se, no decorrer do curso, por meio deste método de contextualização histórico e sociológico, a desconstrução do que foi instituído à séculos. Esta desconstrução acontece por meio da ‘desconfiança’ que, posteriormente gera a reconstrução e em especial nas trocas interpessoais. O empoderamento do grupo e das mulheres de hoje, de alguma forma, se concretizou. Este processo foi possível através deste método, como dito, de interpretação bíblica próprio que visa uma leitura sob a ótica da mulher: trata-se de um método utilizado no Cebi e chamado de Leitura Popular da Bíblia.

Para o que segue, o texto encontra-se assim estruturado. Em um primeiro momento retomamos a importância do método da leitura popular da Bíblia da maneira como foi proposto pelo Cebi e vivenciado no curso. No segundo momento, serão expostas e contextualizadas algumas abordagens bíblicas que foram objeto de análise e estudo durante o desenvolvimento do curso e, posteriormente refletidos em forma de trabalhos escritos por algumas cursistas. No terceiro e último, realçamos como a leitura interpretativa na ótica de gênero contribui para a valorização e reconstrução da dignidade e o empoderamento das mulheres.

1 MÉTODO DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA

É importante assinalar que, no ano em que se celebra o centenário de Paulo Freire, a Leitura Popular da Bíblia tem seu berço e fonte na educação popular, inspirada nas teorias e

1 <http://itepa.com.br/wp-content/uploads/2021/02/Projeto-mulheres-na-biblia.pdf>

2 Cebi – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos.

práticas ensinadas por esse memorável educador. O método da leitura popular da Bíblia³ possui uma trajetória de longo tempo e já foi utilizado em muitos grupos das comunidades eclesiais de base, estando assegurada sua credibilidade no universo bíblico. Entre alguns autores encontramos Frei Carlos Mesters, Ildo Bonh Gass e Elaine G. Neuenfeldt, entre outros.

Frei Carlos Mesters, frade carmelita e um dos fundadores do Cebi, explica que: “Deus fala hoje na Bíblia quando lemos na comunidade, em nossa realidade. Por isso, é importante escutar a Deus não somente na Bíblia, mas em comunidade e na realidade. É uma dinâmica que não termina nunca”⁴.

E essa dinâmica contínua de Vida e Bíblia, Bíblia e Vida, possibilita ampliar nosso olhar para as diversidades dimensões da vida. Nasce então a Leitura Bíblica na ótica da negritude, na ótica das juventudes, na questão dos grupos LGBTQIA+, na questão sócio-ambiental e na ótica da mulher; também conhecida como Leitura Feminista da Bíblia.

Conforme visto, o primeiro passo deste método é colocar a vida em primeiro lugar, qual seja a partir do cotidiano da vida das pessoas daquele tempo e fazer memória da nossa vida e da vida das mulheres de nossa realidade. Partir da experiência significa problematizar a realidade que muitas mulheres viveram e vivem. Não podemos somente aceitar o motivo da realidade dada, devemos questionar. O segundo passo é fazer a leitura bíblica questionando e suspeitando de textos, especialmente os que são violentos com as mulheres. Textos que foram claramente interpretados de forma a silenciar e culpabilizar as mulheres. No passo da suspeita, é possível fazer perguntas pela presença ou ausência de mulheres e como sua memória foi silenciada ou valorizada tanto por parte da hierarquia de poder (eclesiástica ou não), quanto por grupos marginalizados por essa hierarquia.

No terceiro passo: passo da desconstrução, na parábola da mulher que procura a moeda, nos ajudou a compreender o método da leitura bíblica na ótica da mulher (Lc 15,8-9). Aprendemos a acender nossas candeias, varrer e tirar toda a poeira histórica e do sistema patriarcal⁵ que impediu de enxergarmos o protagonismo das mulheres e a manifestação de Deus através das mulheres na Bíblia e de nossa realidade e na história da humanidade. A nossa ‘vassoura’ são os instrumentais de análise da exegese bíblica, dentre eles, o estudo do contexto sócio histórico e dos gêneros literários. Esta ciência bíblica é respaldada pela Igreja e nos ajuda a amadurecer a nossa fé, conforme o documento do Concílio Vaticano II (DV 12).

Quando, finalmente, a mulher encontra a moeda, ela celebra com as amigas e vizinhas. Este é o quarto passo: passo da reconstrução do texto. São as descobertas, o tomar conhecimento, o empoderamento das mulheres, o reconhecimento de seu potencial humano e da importância de construir redes de proteção e de sororidade⁶ que nos faz celebrar e festejar.

3 Artigo publicado no site do Cebi Nacional: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/sobre-leitura-popular-da-biblia-parte-i/> Acesso em 01/09/2021.

4 Artigo publicado no site do Cebi Nacional: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/sobre-leitura-popular-da-biblia-parte-i/> Acesso em 01/09/2021.

5 Artigo publicado no site “Catarinas”: Quando falamos de patriarcalismo, do que estamos falando? Estamos falando de um modo de entender o mundo, as pessoas, Deus, e as relações entre as pessoas e a relação das pessoas com Deus, a partir do masculino. Não um masculino amoroso, cuidadoso, solidário, igualitário. Um masculino que é patriarcal, pater famílias, pai-chefe, pai-dono, dominante, que exerce o mando sobre a esposa, os filhos, as filhas, a casa, a sociedade, o mundo. Um masculino a partir do qual todas as coisas e todas as relações no entorno se organizam. Neste tipo de compreensão, o feminino, a mulher, não está no mesmo nível que o masculino, que o homem; está num nível inferior. Sua importância, seu valor são secundários; portanto ela lhe é subalterna e lhe deve obediência. Esta é a estrutura do pensamento patriarcal. Ele cria diferenças entre as pessoas baseadas no sexo para inferiorizar o feminino e afirmar o masculino como superior (cf. Lusmarina Campos Garcia, pastora luterana). Vide in: <https://catarinas.info/seja-feita-a-tua-vontade-mulher/?fbclid=IwAR1raFudEKot6p6jQhFU0kri6tYUAIVvKV524AD39BZVYVxeIXYhLjU84Lk>. Acesso em 01/09/21.

6 Sororidade está etimologicamente ligada à palavra *sóror*, que em espanhol significa irmã, mas não a irmã de sangue somente, mas uma aliança com todas as mulheres que se encontram em uma determinada condição. É relação solidária entre humanos, formando rede de laços sociais que se transformam em força e resistência, diante das situações adversas, opressoras, violentas (cf. Verbetes do Dicionário de Cultura de paz, volumes 1 e 2. (Orgs.) Paulo César Nodari e Luis Síveres).

E foi assim que seguimos a cada encontro para estudo dos textos bíblicos. Em síntese, seguimos cada encontro partilhando a vida, suspeitando das violências que muitas vezes são aceitas nos textos bíblicos, desconstruindo essas interpretações com a ajuda das ciências bíblicas e reconstruindo os textos. Processo que ajuda a encontrar caminhos de superação das violências, bem como momento de alimentar nossa espiritualidade cristã. Fortalecer e empoderar mulheres a partir dessas descobertas e conscientizações de seu protagonismo na história humana.

O curso bíblico oportunizou uma visão mais aprofundada e crítica na releitura dos textos bíblicos. Para as cursistas, Ir. Neusa L. Luiz e Noeli Lacerda⁷:

Reconstruir a história do povo de Israel a partir da ótica da mulher, nos ajuda a compreender o importante papel da mulher na história da salvação. Cada uma, em seu tempo, ocupou seu espaço com criatividade e coragem, na certeza que Deus libertador caminha com seu povo. A ação dessas mulheres foi tão forte, não sendo possível silenciar e invisibilizar por completo seu protagonismo, pois negar a participação e ação dessas mulheres seria negar a própria história de vida e libertação do povo.

As cursistas Geni Maria Onzi Isoppo, Maria Izelda Frizzo e Marisa Virgínea Formolo Dalavechia disseram que:

Ao longo do curso percebemos que numa sociedade patriarcal, onde o poder é centrado no homem, a mulher fica excluída de qualquer participação e se vê dependente do homem (do pai, do irmão, do marido e do próprio filho). Nesta perspectiva, cabe-nos buscar entre tantas personagens, aquelas mulheres que fizeram diferença na história do povo hebreu, tentando desvelar a discreta Palavra de Deus que nos mostra a libertação.

E acrescentaram que “o desafio é conhecer melhor a história de tantas mulheres nomeadas ou anônimas, marginalizadas e discriminadas, que lutaram, resistiram tendo em comum uma convicção profunda alimentada por sua fé”. No próximo item iremos, então, expor algumas falas do grupo de cursistas que nos enviaram suas reflexões sobre o curso e sobre o protagonismo de algumas mulheres do Primeiro Testamento.

2 PROTAGONISMO DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

A teologia feminista é uma área de pesquisa acadêmica que tem crescido com rapidez e pretende refutar a “interpretação fundamentalista da Bíblia”, “ressignificar os textos bíblicos à luz dos avanços sociais e dos avanços conquistados pelas mulheres”, prega uma “interpretação sociológica das escrituras em detrimento de uma leitura literal e fundamentalista” e uma “leitura humanitária da Bíblia”⁸. A Teologia Feminista representa um desafio radical ao modo como se organizou a religião cristã na Igreja Católica, uma vez que a doutrina e a Bíblia foram desenvolvidas num ambiente patriarcal. Há feministas que acreditam ser possível resgatar a Bíblia do patriarcado e que vale a penas resgatá-la. Mas, esse resgate passa pela mudança doutrinária.

Em seus escritos Ivone Gebara sugere que é preciso “desafiar as leituras fundamentalistas e patriarcais da Bíblia e adotar uma hermenêutica da suspeita”⁹. Essa

7 Aqui faremos uma síntese de poucos trabalhos enviados, pois o espaço não conseguiria abarcar todas as riquezas partilhadas.

8 T. MATOS, O que é a 'teologia feminista' e como ela está mudando a vida das cristãs. *Huff Post Brasil*. 01 jul. 2017. Disponível em: < <https://bit.ly/2zBXAmG>>. Acesso em 12 set. 2021.

9 I. GEBARA, *Ivone Gebara: teóloga, católica e freira feminista*. 11 maio 2017. Disponível em <<https://bit.ly/2FI0WnY>>. Acesso em: 12 set. 2021.

hermenêutica da suspeita feminista é feita usando a teoria do patriarcado como moldura e a experiência feminina como lente, em relação a todo sistema conhecido de pensamento; criticar todas as suposições, ordenar valores e definições.

A partir da experiência realizada com o curso Mulheres na Bíblia, para Geni *et al*, a Bíblia interpretada pelo povo revela a presença libertadora de Deus na vida, nos fatos, na luta e na caminhada de homens e mulheres. É a Boa Nova que nutre a esperança. A Sagrada Escritura, a partir das experiências do povo, de tantas comunidades, de mulheres vai explicitando o protagonismo das pessoas e a capacidade renovadora e transformadora da Palavra de Deus.

Em seu livro, *Conceição Evangelista*¹⁰ informa que “recuperar a memória histórica dessas mulheres nomeadas ou anônimas que nos precederam na fé, no serviço e no compromisso com seu povo é contribuir para escrever uma nova história da salvação construída sobre novas relações sociais igualitárias”.

No Livro “Pilares da Igreja”, Geraldo Lopes¹¹ afirma que:

Desde o início da criação o projeto de Deus foi salvar a humanidade com igual contribuição do homem e da mulher, portanto, ambos têm dignidade e uma missão diante da criação e história da salvação. Em nenhum momento se encontra que a mulher é inferior ao homem. A mulher é criada igualmente ao sexo masculino, com uma ‘participação divina’ de ser geradora e cuidadora da vida.

As cursistas lembram que dentre as mulheres que marcaram essa história da salvação, no Primeiro Testamento, temos as matriarcas Sara e Agar, mesmo que silenciadas, construíram uma linda história na promoção e defesa da vida. Destaque aqui para Agar, que apesar das opressões sofridas por ser mulher, estrangeira e escrava, foi forte e corajosa e encontra em Deus as respostas para suas angústias e percebe que a Aliança de Deus com seu povo é mais importante e, com força e coragem, assume seu papel na história.

Geni *et al* trazem a reflexão para nossa realidade, lembrando quantas mulheres hoje, nas condições de Agar, encontram dentro de si a força e a coragem de romper com a dominação de seus maridos, seus chefes e conseguem se libertar, tornando-se donas de suas vontades, independentes financeiramente e passam a cuidar sozinhas de seus filhos!

Elas lembram também que no livro do Êxodo, conhecemos as parteiras Fua e Séfora, fiéis a Javé e ao povo. Defendem a vida contra a ordem do Faraó. Conhecemos também Mirian, que traça o futuro da história salvando o irmão Moisés que acaba sendo poupado da morte e criado pela filha do Faraó. O verdadeiro dono da vida não é o Faraó, mas sim aquelas mulheres que estão em sintonia com Deus, porque resgatam e preservam a vida. No capítulo 15, percebemos no canto de Mirian, a presença feminina na organização e fuga do povo hebreu escravizado no Egito. O canto expressa a alegria de celebrar a vitória e o caminho da libertação.

Conforme a autora Maria Cecília Domezi¹²:

Temos que buscar na Bíblia também o que Deus fala a partir das mulheres. São mulheres de fé inabalável em Deus libertador, corajosas em ajudar o seu povo. Suas histórias foram passando de boca em boca se tornaram parte da Bíblia; em importantes pedaços ou nas entrelinhas dos textos contadas só por homens.

10 Conceição EVANGELISTA, *O papel da mulher no Cristianismo primitivo a partir da Samaritana*, p.7.

11 Cf. Geraldo LOPES, *Pilares da Igreja: o papel da mulher na história da Salvação*, p.32.

12 Maria Cecília DOMEZI, *Mulheres que tocam o coração de Deus*, p.13.

Geni *et al* dizem que em todas as épocas, surgem mulheres valorosas que se lançam nas lutas cotidianas em busca de libertação. Algumas são lembradas por seus feitos e recebem homenagens, outras (a maioria), nem são percebidas. Em todos os tempos, vemos mulheres que lutam, que trabalham, que sofrem, mas que também sabem celebrar cada momento de glória, cada degrau que conseguem subir, cada conquista.

Elas lembram que no livro de Juízes 4 e 5, Débora nos aparece como uma liderança no meio de seu povo. Tinha a seu favor o senso de justiça e sabedoria nos seus conselhos. Débora tem sua força reconhecida quando Barac pede sua ajuda. Ela e Jael (também protagonista) lideraram os homens armados de Israel e derrotam o inimigo.

Débora é a mulher que, acima de tudo, confia em Javé. Acreditando em si mesma e na força do povo unido, ela acorda as tribos, convoca-as, ajuda-as a se organizarem e chama as pessoas para a responsabilidade a partir de sua fé. Ela também canta a vitória de Deus na vitória dos camponeses de Israel¹³.

As cursistas compreenderam que, assim como Débora, muitas mulheres hoje se destacam na política, nos sindicatos, nas pastorais, nas escolas, nos hospitais, nos serviços comunitários, nas ONGs, no voluntariado. Todas movidas pelo desejo de construir um mundo melhor, livre da exploração, do preconceito, e da violência.

Outra protagonista importante considerada pelas cursistas foi Judite. Disseram que o livro de Judite nos revela a lucidez e a coragem de uma mulher que exorta os anciãos a serem fiéis aos mandamentos e a confiarem no plano de seu Deus. Judite utilizou de sua inteligência para chamar a atenção deles e mostrar-lhes que não estavam sendo corretos com Deus. Ressaltamos uma fala de Judite diante do povo, sacerdotes e anciãos. No capítulo 8,32, ela diz: “Escutai-me bem. Farei algo cuja lembrança se transmitirá aos filhos de nossa raça, de geração em geração”.

Geni *et al* comenta que Judite espelha a mulher que se levanta, resiste e luta para salvar o seu povo. Quantas mulheres hoje se dedicam ao bem comum da justiça, à coletividade e à dignidade humana, aos movimentos sociais por habitação, educação e saúde. Essas mulheres não fogem da luta. Fazemos memória a Margarida Alves, Marielle Franco, Irmã Dorothy Stang e outras mais.

Momento forte no estudo bíblico foi entender que o poder, a corrupção e a violência, presentes no patriarcado estão constantes nos relatos da Bíblia, vitimiza as mulheres, os pobres e os fracos e são ainda hoje uma ferida aberta nas sociedades. Percebemos as relações de poder violento contra Tamar, em Gênesis 38, que, para alcançar o seu direito de esposa precisou lembrar a Judá que existe uma lei de Deus que preserva os direitos da mulher. É a lei do Levirato¹⁴. Também desafiador foi o protagonismo de Noemi e Rute. O livro de Rute é uma crítica contra as elites que estavam tomando terra dos pequenos camponeses e esquecendo-se da Lei do Resgate¹⁵. Assim, por trás das histórias de Tamar, Noemi e Rute, percebemos que mulheres israelitas têm um forte protagonismo de resistência e luta por seus direitos.

Na profecia, temos o papel de Samuel, em seu livro, que também foi de denunciar as violências contra as mulheres; sobretudo, a violência doméstica, o estupro que ocorreu na própria casa do rei Davi. Dentre as várias mulheres (concubinas, mulheres do harém) vítimas de estupros, destacamos Betsaida e depois Tamar, a própria filha do rei:

13 Maria Cecília DOMEZI, *Mulheres que tocam o coração de Deus*, p.14.

14 Lei do Levirato (ou do cunhado): que impõe o dever de casar com a viúva do irmão falecido. E o filho que nascer deve ser considerado filho não dele, mas do irmão falecido para garantir a posteridade e o nome da família (Dt 25,5-10).

15 Lei do Resgate: o parente mais próximo tem a obrigação de resgatar a terra, não para si, mas para o parente pobre que corria o perigo de perde-la (Lv 25,23-25). O parente que resgata passa a se chamar Go él.

Davi enviou emissários que a trouxessem [**Betsáida, esposa de Urias**]¹⁶. Ela veio a ter com ele, e ele deitou-se com ela, que tinha acabado de se purificar de suas regras. Depois ela voltou para sua casa. A mulher concebeu e mandou dizer a Davi: ‘Eu estou grávida’” (cf. 2Sm 11,4). “Ela lhe deu um filho. Mas a ação que Davi praticara desagradou a Iahweh (cf. 2Sm 11,27b).

Ele [**Amnom, filho de Davi**], porém, não quis ouvi-la [**Tamar, filha de Davi**]; dominou-a e com violência deitou-se com ela. (2Sm 13,14).

Elaine Neuenfeldt faz uma crítica importante no texto de 2Sm 13:

A violência sexual acontece no âmbito da casa, entre pessoas com ligações familiares. O perpetrador de um ato violento não é alguém desconhecido, que se esconde em lugares escuros e isolados, e atacam as mulheres que saem sozinhas. Mas, conforme dados em todo o mundo e em diferentes culturas, na maioria das vezes, o estuprador é alguém que conhece a vítima, que sabe de seus passos, que a observa e a deseja, ou a inveja¹⁷.

Importante considerar também que as interpretações e comentários bíblicos costumam somente mostrar o texto como briga entre irmãos (Absalão e Amnon) e sempre ocultou o que está gritante no texto: a violência contra Tamar. Alice L. Laffey¹⁸ diz que:

Na medida em que esse texto é interpretado, quer do ponto de vista histórico, quer do ponto de vista literário, o horror da vitimação das mulheres é banalizado. Os exegetas se apressam em mostrar como o estupro é vingado – Absalão mais tarde mata Amnon. Essa justificação, porém, não faz com que Tamar seja menos vítima.

Como bem apontam Geni *et al*, é importante aqui lembrar que as leituras bíblicas que mostram ações violentas contra as mulheres, como vistas acima, por exemplo, não são temas comuns nas igrejas. De forma velada, essas leituras muitas vezes passam despercebidas pelos fiéis cristãos e cristãs. Em contrapartida é comum assistir comportamentos violentos dos homens contra as mulheres, tanto no ambiente doméstico como no público. E estes comportamentos são muitas vezes inspirados no modelo viril e brutal dos reis e homens da corte dos reis da Bíblia, e o pior, são muitas vezes legitimados como Palavra de Deus.

Uma das saídas apontadas pelas cursistas é dar sentido e significado à Palavra de Deus, que é de amor e de libertação. Mas como fazê-lo? Começamos empoderando as mulheres. E esse empoderamento parte da consciência de que devemos ir rompendo, mesmo que aos poucos, o patriarcado que naturalizou interpretações como as mencionadas acima e que legitimou as violências contra as mulheres e a sua invisibilização no protagonismo da história humana.

A partir da conscientização de ser sujeito (grupo) histórico oprimido, e também participante de uma comunidade de fé, a mulher adquire voz própria para nomear e transmitir sua experiência de fé. Como nos diz Ana Maria Tepedino¹⁹: “É a própria tomada de consciência desta injustiça, que as leva a romper as barreiras que lhe são impostas, a enfrentar com coragem as dificuldades para ter voz e vez”. E, segundo o educador Paulo Freire (1990),

16 Grifo nosso para esclarecer quem são os personagens.

17 Elaine G. NEUENFELDT, *As mulheres e a violência sexista*. RIBLA 41. São Paulo: Vozes, 2002.

18 Alice L. LAFFEY, *Introdução ao Antigo Testamento: perspectiva feminista*. São Paulo: Paulus, 1994.

19 Ana Maria TEPEDINO & Margarida L. R. BRANDÃO, *A força mutante das mulheres: paixão e compaixão*. In: BRANDÃO, M. L. R. (org.) *Teologia na ótica da mulher*, p.9.

O processo de conscientização significa em aprender a nomear, romper silêncios e a mudar a si mesmo e sua situação. Este nomear implica passar por um processo de reviravolta de caminhos, saindo da injustiça para justiça. É um processo no qual a pessoa se torna autocrítica a respeito de sua própria história e do contexto a sua volta. É capaz de nomear a própria existência, ou seja, é capaz de ‘ler o mundo’²⁰.

3 EMPODERAMENTO DAS MULHERES

Nesse processo de ler o mundo, aprendemos o significado e sentido sobre empoderar/empoderamento. Empoderamento²¹ é conquistar mais liberdade, é ter autonomia, é ser capaz de decidir o que você quer e como quer. As mulheres se tornam empoderadas quando investem em conhecimento e educação; quando ocupam espaço de poder e decisão, por exemplo.

Neste aspecto, podemos citar bons exemplos de empoderamento que se desenvolveu a partir das reflexões das cursistas. Neusa e Noeli disseram que a leitura bíblica na ótica da mulher e na perspectiva dos pobres, das excluídas e dos excluídos, de ontem e de hoje, ampliou o olhar para a situação do sofrimento e violência contra as mulheres. A leitura e oração, confrontadas com as ações, desafiam-nos a continuar lutando para superar os limbos ainda presentes dentro de nossos próprios lares e alargando em nosso entorno. Somos desafiadas a conquistar mais mulheres para que ‘saíam’ de sua rotina de conformismo e vitimismo, ir ao encontro das mulheres silenciadas pela dor, pelo medo, pelos preconceitos de dependências de seus companheiros, para que venham para a reflexão e para novas ações. Juntas, precisamos conquistar mais espaços nos ambientes de trabalho, na Igreja, na política e nos cargos de lideranças. Somos desafiadas a encontrar ‘a moeda perdida’ de nossos valores e potencial. Vamos seguir conquistando espaços e provando nossa capacidade, até o dia que não mais precisar ‘provar’ que somos capazes, mas simplesmente respeitadas por sermos mulheres.

Segundo Geni, Maria Izelda e Marisa, a Igreja seria lugar para empoderar as mulheres se nela estivesse presente o movimento de Jesus, pois aprendemos nos Evangelhos uma relação de circularidade, de igualdade entre homens e mulheres. Quem nos exclui é o poder machista e patriarcal. Superar as incoerências entre o que se prega e o que se faz é uma das exigências transformadora da humanidade.

A Igreja precisa se humanizar e incluir as mulheres nas lideranças de poder. É o que defende o Papa Francisco. No vídeo divulgado pelo site Vatican News, em outubro de 2020²², ele disse: “Devemos promover a integração das mulheres em lugares onde são tomadas decisões importantes”. No documento: “Querida Amazônia”, produzido a partir do Sínodo, o Pontífice escreve que:

Muitas mulheres, impelidas pelo Espírito Santo, mantêm a Igreja de pé, em muitas partes do mundo, com admirável dedicação e fervorosa fé. É fundamental que participem cada vez mais em suas instâncias de decisão. Isso exige uma mudança profunda de mentalidade, exige a nossa conversão, que implica oração (QA).

CONCLUSÃO

Este texto mais narrativo do que argumentativo é fruto coletivo de mulheres e homens que expressam à vontade e fidelidade de seguir melhor o caminho de Jesus. Foi Ele que testemunho um discipulado de iguais entre homens e mulheres, superando judeus ou

20 Paulo FREIRE e Donaldo MACEDO, *Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

21 Conceito extraído do vídeo intitulado “Empoderamento das mulheres”, produzido pela ONU Mulheres (cf. https://youtu.be/6RSc_XYezi), acessado em 26/05/21.

22 <https://youtu.be/FjHFjtV9P4Q>

gregos, classes e gênero (Gl 3,28). Jesus, por meio da parábola da mulher que procura a moeda perdida nos inspira sempre a ler a Bíblia seguindo o método desta mulher: ela varre a casa para encontrar, por baixo da crosta de poeira, uma coisa de muito valor. O curso também alcançou este propósito. Por baixo da crosta de poeira das leituras e interpretações dos textos bíblicos, revelou-se uma coisa de muito valor para nós mulheres: encontramos o protagonismo das mulheres na Bíblia e também na nossa vida. A partir daí, nos encantamos, nomeamos, demos vozes às mulheres do passado e de hoje.

Outras mulheres e homens feministas nos ajudaram nessa empreitada. São teólogas/os e biblistas que estão a frente dessa leitura bíblica na ótica da mulher a muito mais tempo. Desse modo, o método da leitura bíblica na ótica da mulher foi de justamente tentar superar este silêncio e ousar 'abrir a boca', falar, denunciar violências, anunciar a vida de corpos que buscam, de corpos que anseiam vida, e vida digna. Nas ações de buscar e encontrar, descobrimos a necessidade de nós mulheres nos empoderar. Aprendemos que empoderar é tomar consciência de nossa história, nosso contexto, é ter conhecimento.

Nesse processo de empoderar, Geni *et al* demonstraram essa tomada de consciência da necessidade de um estudo científico da Bíblia, que está respaldado pela nossa igreja. Elas dizem que uma das saídas é incentivar cada vez mais círculos bíblicos na ótica da mulher. Conhecer o percurso de elaboração da Bíblia e os papéis femininos presentes nela nos ajuda a compreendê-la um pouco mais.

Em sua conclusão de trabalho, Marlise Ritter nos exorta a refletir e se espelhar na protagonista bíblica, Rute:

Rute protagoniza que a libertação é possível, que é necessário se colocar a caminho, não desistir nunca dos sonhos, reconstruir a identidade, descobrir maneiras de encurtar distâncias e dialogar com o diferente, buscar os direitos e viver intensamente. Nos ensina a importância de não estar sozinha, se colocar no caminho com outras mulheres, pois uma é espelho da outra, uma se encontra na outra, no diálogo, na sabedoria, na partilha. Juntas encontram o melhor lugar, o melhor momento de se fazerem presentes na história e de fazerem a diferença. Elas não esperaram e nem lamentaram, foram à luta, se tornaram visíveis e protagonistas.

Geni *et al* nos provocam a pensar:

O que, afinal, a Bíblia expressa para gente? A Bíblia é a história do povo de Deus. Nela, Deus se manifesta. Está claro que o texto bíblico está num contexto de uma sociedade altamente patriarcal. Ela expressa a vida no seu contexto. O patriarcado não vem da revelação. É necessário interpretar a mensagem de Deus e o que é roupagem contextual histórica. Nessa roupagem histórica estamos ainda sofrendo as desigualdades geradas pelo patriarcado, expresso nos textos bíblicos e assumido pela Igreja.

As mulheres na Bíblia têm muito a nos ensinar. É preciso partir, anular fronteiras, derrubar as cercas, rasgar os horizontes fechados do racismo e abrir caminhos novos de esperança com os pobres do mundo inteiro. Foi essa a práxis que as matriarcas e tantas heroínas bíblicas vivenciaram, dinâmica de toda existência feminina.

Encerramos o curso e o presente artigo com um envio de esperar de uma mulher que já percorreu muito esse caminho (método) e pode nos animar a prosseguir:

Cada vez que olho para a vassoura, ela me cochicha: 'Paciência! Teimosia! Muitas coisas não foram perdidas para sempre! Saíram apenas da nossa vista, foram esquecidas ou estão bem escondidas que dá um trabalho danado para encontrá-las de novo. Mas esse trabalho vale a pena! Lembra-te daquelas três parábolas sobre algo que foi perdido – na do meio, a mulher que varre a casa,

‘pacientemente’, para encontrar a moeda perdida, é um símbolo da própria divindade! Não desistas de exercer a qualidade divina dentro de ti, procurando conhecimentos acerca do mundo e de sua história, sobretudo da história das mulheres e da história das ideias sobre a divindade!²³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2003.
- NODARI, Paulo César e SÍVERES Luis. *Dicionário de Cultura e Paz*. Curitiba: Ed. CRV, 2021.
- DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres que tocam o coração de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- EVANGELISTA, Conceição. *O papel da mulher no Cristianismo primitivo a partir da Samaritana*. Série A Palavra na Vida. São Leopoldo: CEBI, 2018.
- FIORINZA, S. Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria*. Uma introdução à interpretação feminista da Bíblia. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- GEBARA, I. Ivone. *Gebara: teóloga, católica e freira feminista*. 11 maio 2017. Disponível em <<https://bit.ly/2FI0WnY>>. Acesso em: 12 set. 2021.
- LAFFEY, Alice L. *Introdução ao Antigo Testamento: perspectiva feminista*. São Paulo: Paulus, 1994.
- LOPES, Geraldo. *Pilares da Igreja: o papel da mulher na história da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MATOS, Thaís. O que é a 'teologia feminista' e como ela está mudando a vida das cristãs. *Huff Post Brasil*. 01 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2zBXAmG>>. Acesso em 12 set. 2021.
- NEUENFELDT, Elaine G. *As mulheres e a violência sexista*. RIBLA 41. São Paulo: Ed. Vozes, 2002.
- OTTERMANN, Mônica. Gênero e Bíblia: uma ciranda sem fim. In. *PJ a caminho*, 93. Porto Alegre: Instituto Pastoral da Juventude, 2003.
- FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Querida Amazônia*. Brasília: Ed. CNBB, 2020.
- Site Catarinas: <https://catarinas.info/seja-feita-a-tua-vontade-mulher/?fbclid=IwAR1raFudEKot6p6jQhFU0kri6tYUAIvKV524AD39BZVYVxelXYhLjU84Lk>. Acesso em 01/09/21.
- Site Cebi Nacional: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/sobre-leitura-popular-da-biblia-parte-i/>. Acesso em 01/09/21.
- TEPEDINO, Ana Maria & BRANDÃO, Margarida L. R. *A força mutante das mulheres: paixão e compaixão*. In: *Teologia na ótica da mulher*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1990.
- Vídeo: https://youtu.be/6RSc_XYezi, acessado ONU Mulheres, em 26/05/2021.

23 Artigo de Mônica OTTERMANN: *Gênero e Bíblia: uma ciranda sem fim*, p.19-28.

* Professora permanente e atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca/SP. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (2014). Realizou estágio doutoral em Toulouse (França) na Université de Toulouse II - Le Mirail como parte de seu projeto de doutoramento. Tem Mestrado (2010) em Linguística e Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Espanhola, pela mesma instituição (2001). É membro do grupo de pesquisas LABOR-Laboratório de Discurso Político (CNPq: 401122/2010-7) da UFSCar desde 2007, e líder do grupo GTEDI - Grupo de Estudos do Texto e do Discurso da UNIFRAN desde 2016. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Unifran e membro do Comitê de Integridade na Pesquisa da mesma instituição. Desenvolve pesquisa na área de Teoria e Análise Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: análise do discurso, semiologia história, discurso político, televisão, gênero, minorias, maternidade. Atua como docente nas áreas de Linguística Geral, Teoria e Análise Linguística, Análise do Discurso, Políticas Públicas e Educação Infantil, Educação Não-Formal. Atual Embaixadora do Movimento Parent in Science - Região Sudeste.

E-mail: luciana.manzano@unifran.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-5280-4444>



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

A ESPIRITUALIDADE NO CRISTIANISMO

A essência do ser

SPIRITUALITY IN CHRISTIANITY

The essence of being

*Luciana Carmona Garcia**

*Aline Eloisa Da Silva***

Resumo: A Espiritualidade é inerente ao ser humano. O termo surgiu no período renascentista³ no século XV, baseado em algumas ideias de Platão, filósofo do século IV a.C., que postulava sobre o dualismo corpo-alma, em que a alma estaria aprisionada pelo corpo. Esse pensamento evoluiu para a ideia do ser humano trinário, formado pelo Corpo, pela Mente e pelo Espírito, de forma inseparável, contidos numa única unidade, que é o corpo, criado por um Ser Divino e, portanto, ligado a Ele. Nos textos bíblicos do Novo Testamento, Paulo exorta a comunidade de Coríntios a reconhecerem que são templos do Espírito de Deus, que habitam toda criatura, A palavra espiritualidade cuja raiz etimológica vem da palavra espírito – latim “spiritus”, que significa “respiração” ou “sopro” e também “coragem” e “vigor”, consiste em uma íntima experiência do ser, uma busca por descobrir o sentido da vida e da existência. Este artigo visa contribuir com as pesquisas relacionadas à temática, trazendo apontamentos sobre a importância e os benefícios que uma vivência espiritual a partir da ótica cristã, pode proporcionar ao ser humano. A relevância dessa pesquisa se justifica devido à instabilidade da atual sociedade gerada pela crise de valores como respeito, solidariedade, a ética, a humildade, o senso de justiça. Por outro lado, a globalização, o capitalismo e o consumismo têm criado uma falsa concepção de que o homem é sujeito passível de ser medido pelo que possui de bens e valores tangíveis, e não pelo que é afastando-o cada vez mais da sua identidade e dignidade de ser único criado à imagem e semelhança do criador. Igualmente, a cultura educacional, até meados do século XX, definia como inteligente a pessoa que tinha uma alta capacidade de resolver problemas de ordem técnica, relegando a segundo plano a capacidade de gerenciamento da emoção, o altruísmo, a capacidade de mediação e resolução de desafios com resiliência, interação e engajamento nas relações interpessoais. Foi aí que estudos do final na década de 90, apontaram que não bastava ser apenas inteligente no aspecto cognitivo sem levar em conta os aspectos que envolvem os sentimentos, sensações e emoções do ser humano, o que levou esse mesmo ser a busca pelo equilíbrio. Mas ainda parecia que a

1 Renascentismo: Movimento artístico, cultural e científico que surgiu na Itália, no século XV e se expandiu por toda a Europa, trazendo renovação nas áreas de filosofia, política, economia, cultura, artes, ciência, dentre outras

** Mestranda em Linguística, na área de Análise de Discurso. Possui graduação em Letras- Habilitação em Português e Inglês pela FESP-UEMG - Faculdade de Ensino Superior de Passos- Universidade Estadual de Minas Gerais. Possui Graduação em Pedagogia pelo CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST. Possui especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade de Franca, em Gestão e Supervisão Escolar pela Faculdade Barão de Mauá, em Psicopedagogia- Alfabetização e Letramento pela Faculdade de Educação São Luís, em Orientação, supervisão e Inspeção Escolar, pela Faculdade de Educação São Luís. Atualmente compõe o quadro de professores efetivos da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, ministrando aulas de Língua Portuguesa, na Escola Estadual Clóvis Salgado, é coordenadora pedagógica da secretaria municipal de educação de São Sebastião do Paraíso, em efetivo exercício na Escola Municipal Hilda Borges Pedrosa.

E-mail: aline.eloisa@educacao.mg.gov.br

 <https://orcid.org/0000-0001-5165-642X>

Recebido em 07/03/21

Aprovado em 01/07/21



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

busca por esse equilíbrio não tinha finalizado na conquista de uma inteligência e maturidade emocional. Nesse contexto surgiram no ambiente acadêmico, o interesse e a compreensão de uma terceira inteligência, que vai de encontro a respostas para o sentido da existência humana, colocando ações e experiências num contexto mais amplo de sentido e valor. Trata-se do QS, quociente de Inteligência Espiritual. O foco do QS é a alma. Danah Zohar, uma física e filósofa americana foi a primeira a defender essa bandeira na Academia, não obstante, já seja uma experiência e realidade de fé, na vida de centenas de pessoas desde tempos remotos e de forma rotineira. O QS é a inteligência que busca dar sentido à vida, traz propósito as ações realizadas e direciona às duas outras inteligências onde investir suas energias. Estudos de Leonardo Boff, Theilhard de Chardin foram essenciais para uma compreensão melhor acerca do assunto. O estudo trará um breve percurso da visão holística da espiritualidade, na integração entre si, o outro e o universo, e da visão cristã, como sendo a mola propulsora para uma vivência espiritual completa. A Espiritualidade é nuclear ao Cristianismo, uma vez que, por meio da presença do Espírito Santo, isto é, o próprio Espírito de Cristo, o homem é capacitado para o Bem e para toda Boa Obra, como a justiça social, a solidariedade, o exercício da cidadania e o amor.

Palavras-chave: Espiritualidade. Cristianismo. Vivência. Prática.

Abstract: Spirituality is inherent to the human being. The term appeared in the Renaissance period in the 15th century, based on some ideas of Plato, a philosopher from the 4th century BC, who postulated about the body-soul dualism, in which the soul would be imprisoned by the body. This thought evolved into the idea of the triune human being, formed by the Body, Mind and Spirit, inseparably, contained in a single unit, which is the body, created by a Divine Being and therefore linked to Him. of the New Testament, Paul urges the community of Corinthians to recognize that they are temples of the Spirit of God, who dwells in every creature, The word spirituality whose etymological root comes from the word spirit – Latin “spiritus”, meaning “breath” or “breath” and also “courage” and “vigor”, consists of an intimate experience of being, a search to discover the meaning of life and existence. This article aims to contribute to research related to the theme, bringing notes on the importance and benefits that a spiritual experience from a Christian perspective can provide to human beings. The relevance of this research is justified due to the instability of the current society generated by the crisis of values such as respect, solidarity, ethics, humility, a sense of justice. On the other hand, globalization, capitalism and consumerism have created a false conception that man is a subject that can be measured by what he has of tangible goods and values, and not by what is increasingly distancing him from his identity and dignity of being unique created in the image and likeness of the creator. Likewise, the educational culture, until the mid-twentieth century, defined as intelligent the person who had a high ability to solve technical problems, relegating to the background the ability to manage emotion, altruism, the ability to mediate and solve problems. challenges with resilience, interaction and engagement in interpersonal relationships. It was there that studies from the end of the 90's pointed out that it was not enough to be just intelligent in the cognitive aspect without taking into account the aspects that involve the feelings, sensations and emotions of the human being, which led to this same being the search for balance. But it still seemed that the search for this balance had not ended in the conquest of an emotional intelligence and maturity. In this context, the interest and understanding of a third intelligence emerged in the academic environment, which meets the

answers to the meaning of human existence, placing actions and experiences in a broader context of meaning and value. This is the SQ, Spiritual Intelligence quotient. The focus of QS is the soul. Danah Zohar, an American physicist and philosopher, was the first to defend this flag in the Academy, however, it is already an experience and reality of faith, in the lives of hundreds of people since ancient times and in a routine way. The SQ is the intelligence that seeks meaning in life, brings purpose to what we do and directs the two other intelligences where to invest their energies. Studies by Leonardo Boff, Teilhard de Chardin were essential for a better understanding of the subject. The study will bring a brief journey of the holistic view of spirituality, in the integration between itself, the other and the universe, and of the Christian view, as being the driving force for a complete spiritual experience. Spirituality is core to Christianity, since, through the presence of the Holy Spirit, that is, the Spirit of Christ himself, man is enabled for Good and for every Good Work, such as social justice, solidarity, the exercise of citizenship and love.

Keywords: Spirituality. Christianity. Experience. Practice.

INTRODUÇÃO

Questões relacionadas ao ser humano, quanto à existência de um espírito, de uma alma, permeou a sociedade de todas as épocas e em todas as camadas sociais. A esse respeito, o padre jesuíta, de origem francesa, Teilhard de Chardin (1970) escreveu: “Não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual. Somos seres espirituais vivendo uma experiência humana”. A espiritualidade pode ser entendida como a tentativa mais íntima de fazer a experiência do Ser. Parte de uma necessidade pessoal, na busca de compreender as experiências humanas em sua essência, de encontrar respostas para questões existenciais, para o sentido da vida, se libertando da autossuficiência, do egoísmo, dos medos, num despojamento e desapego de tudo o que possa prejudicar essa busca.

As narrativas bíblicas mostram que essa necessidade surge no ser humano, devido ao impulso e o sopro de vida que Deus inscreveu no coração do homem. Em Gênesis (2,7), primeiro livro bíblico, que relata a criação, a partir da perspectiva criacionista, já se encontra essa alusão. O Senhor Deus, formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida, e o homem se tornou um ser vivente. Igualmente, no novo testamento, as cartas paulinas endereçadas a comunidade de Gálatas e dos Romanos há essa menção: “A prova de que sois filhos é que Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu filho, que clama: “Aba, Pai!” (Gl 3,6). “Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, ele, que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,11). Vivência e práticas religiosas como Batismo Sacramental, a confissão de fé em Deus, no seu Filho e no Espírito Santo, na oração, as experiências litúrgicas, fundamentam a espiritualidade Cristã.

Teilhard de Chardin (1965) considera a Espiritualidade essencialmente “crística” e observa que ela se edifica em três bases: a encarnação, a fé e a evolução. Para o autor, a encarnação é a base do universo, uma operação biológica que conecta o humano ao divino.



De acordo com Lucarelli (2019), a encarnação se concretizará a partir da alma espiritualizada e em sintonia com Jesus Cristo. A fé é o elemento que estabiliza e diviniza o humano. A evolução é a continuação da criação, que nasce, cresce, evolui sob a égide da “onipotência Divina”.

Conforme Boff (2001), a Espiritualidade é uma das fontes primordiais de inspiração do novo, de esperança, de geração de um sentido pleno de capacidade de autotranscendência do ser humano, o que permite que ele se vivencie como projeto infinito, numa dimensão para além de sua natureza material que é finita. A Espiritualidade se demonstra em atitudes que favorecem a expansão da vida em sua essência. Ela é capaz de potencializar qualidades tão válidas como a inteligência, a confiança, o afeto e tão positivas quanto amar a vida, ser capaz de perdão, misericórdia, de indignação diante das injustiças, e do cultivo do que é próprio do Espírito. Uma disposição interior para a Verdade, para o Absoluto e para o Bem Supremo. No Novo Testamento, o livro Bíblico de Gálatas, escrito pelo apóstolo Paulo, por volta de 49 d.C. já trazia essa abordagem sobre os frutos do Espírito “o fruto do Espírito é a caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança!” (Gl 5,22-23).

ESPIRITUALIDADE COMO TRANSCENDÊNCIA

A transcendência diz respeito a algo que está além do mundo material, de conceitos concretos e do plano físico. De acordo o filósofo Mondin, citado por Figueira (2014), enumera três possíveis concepções de transcendência - egocêntrica, filantrópica e teocêntrica, que compreendem diferentes feições do ser humano. No mundo físico, o ser humano tem autoridade para exercer as suas potencialidades, habilidades e capacidades, tudo está ao seu dispor: Dentro do plano da criação, ele exerce domínio sobre os outros seres vivos (Gn 1,27-30). Contudo, chega um momento em que experimenta uma incompletude, percebe-se carente, frágil, imperfeito. Analisando-se assim, sente a necessidade de se aperfeiçoar, de buscar aprimoramento, novos conhecimentos, ou ainda, melhorar seu bem-estar pessoal, seja físico ou mental. Essa sua percepção individualista é positiva na perspectiva de torná-lo uma pessoa melhor, porém, se considerada isoladamente, de forma egocêntrica, não irá satisfazê-lo plenamente, uma vez que o ser humano não foi projetado para viver só para si, basta analisar o elo vital que nos une ao outro.

De posse dessa compreensão, deixa de lado essa posição à qual se volta para si mesmo, e lança-se em direção ao outro. Parte em combate às desigualdades, que afligem a sociedade em geral. Sua luta é válida, porém, assim como em outros movimentos, o sentido tende a ser temporário e a se esgotarem em determinado período de tempo, pela sua própria condição de ser não permanente. Mesmo voltando-se para o outro, na esperança de achar nele o significado da existência, a situação tende a se repetir.

Dessa forma, o homem entende que nem o eu e nem a humanidade são capazes de fornecer um sentido para sua vida, de conferir significado a sua existência. Abre-se,então, a uma força superior, compreendendo, portanto, que só uma presença imaterial no seu interior pode explicar esse seu poder de exercer tantas e variadas atividades pela sua capacidade de superação diante do mundo do qual faz parte.

[...] A singularidade do homem entre todos os produtos da natureza está em que nele a natureza busca superar conscientemente os seus limites, não mais através de uma atividade automática ou inconsciente, mas através de um esforço mental e espiritual. [...] A única doutrina que pode jactar-se de possuir uma linguagem antiquíssima intelectual é a que se baseia na ideia de que a condição ordinária do homem não é a sua essência mais íntima, de que há nele um em Si mais profundo, quer se chame sopro vital ou espírito, alma ou mente. Em cada ser habita uma luz que nenhuma potência pode atingir um espírito imortal, benigno e tolerante, um testemunho silencioso nas profundezas do seu coração².

RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

A experiência da Espiritualidade nem sempre se dá com a adesão a uma confissão religiosa formal ou na participação de uma instituição organizada. As religiões se mostram como meio de acessar o Sagrado, o Divino. Existem pessoas espiritualizadas que não são necessariamente religiosas, entretanto, a religiosidade está no escopo da realidade espiritual. Nesse sentido, Silva (2014) ressalta que a questão fundamental do ser humano não é compreender sua religião, e sim sua Espiritualidade, caracterizada pela intimidade do ser humano com algo maior.

Está no santuário do ser, mesmo sem uma fórmula explícita. Ela é o “gene da criação”, presente em cada criatura, quer tenha ou não uma religião. Viver a espiritualidade é a forma apaixonada de sentir o tempo é ser capaz de ver Deus, o mistério último, em toda parte³.

A Religião pode ser entendida como um conjunto de sistemas culturais e de crenças, além de visões de mundo, relacionando o homem a sua espiritualidade e seus próprios valores morais. De origem latina do verbo religar, a interpretação teológica é que a religião religa o homem a Deus. Para Pereira⁴, a Religião pode ser definida como um conjunto de crenças e práticas desenvolvidas no seio de uma comunidade, com rituais nos quais o ser humano aproxima-se do sagrado.

As diversas expressões de religiosidade são formas de praticar a Espiritualidade, entretanto, existem pessoas espiritualizadas que não são necessariamente religiosas, ainda que a religiosidade esteja no escopo da realidade espiritual. Nesse sentido, observa-se que as religiões nascem com o intuito de manter e consolidar certa forma de espiritualidade no grupo de pessoas de fé e seguidores. É o senso da pertença com uma realidade maior, superior, senso de fazer parte de algo maior do que si mesmo, mais profunda, e repleta de significação. Para Silva (2014), a religião nos leva a aprender com as experiências de nossas comunidades e é por meio da Espiritualidade que essas experiências são estimuladas e saboreadas.

A religião tem uma dimensão cognitiva, e a Espiritualidade emocional. Os termos estão ligados, contudo, não apresentam necessariamente as mesmas características. A religião é uma forma de se praticar a Espiritualidade. Não obstante, haja uma diferença entre as duas o fenômeno religioso, as manifestações religiosas, as práticas são capazes de aproximar o homem da espiritualidade, contudo, são as experiências espirituais íntimas, por meio de um mergulho interior, um encontro com o divino na essência, torna o homem um ser espiritualizado.

2 Adriana B. dos Santos FIGUEIRA. *A Espiritualidade na contemporaneidade: Uma busca do homem mergulhado em sua subjetividade*, p.76.

3 João Bernadino SILVA & Lorena Bandeira SILVA, *Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida*, p.204.

4 Valdelene N. de A. PEREIRA. *Medicina e espiritualidade: a importância da fé na cura de doenças*, p.34.

A ESPIRITUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

De acordo com Pereira⁵, a espiritualidade está ligada tanto à busca do sagrado, por meio de meditação e orações compenetradas, quanto à solidariedade destinada aos irmãos. Este último pensamento se opõe ao panorama político civilizacional contemporâneo, cujas bases privilegiam o predomínio do individual sobre o universal. As condutas, os modos de produção, têm mostrado que grande parte da população vive um momento caracterizado pela lógica do consumo excessivo, da mercantilização e da individuação.

De acordo com Bauman⁶, o consumo é uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, já o consumismo é atributo de uma sociedade cuja capacidade profundamente individual de querer, almejar e desejar é tal como a capacidade de trabalho dos produtores, responsáveis por manter a máquina em funcionamento, ou seja, a sociedade do consumo em movimento a mantém em curso, como uma forma de convívio humano, ao mesmo tempo em que estabelece as leis, regras e normas, criando estratégias eficazes que manipulam as probabilidades de escolha e condutas individuais.

O consumismo está atrelado a uma tentativa de saciedade de desejos humanos, por meio de bens não-duráveis e que excedem sobremaneira àqueles necessários a sobrevivência. Nesse sistema, o consumismo, materializado nas relações do mercado, é uma aguda oposição à vivência da Espiritualidade, pois associa a felicidade e a satisfação à realização de um volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes, implicando no uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-los⁷.

A sociedade atual está fortemente marcada pelo materialismo, pelo consumismo e pelo excesso da exposição nas redes sociais, provocando uma limitação e alienação em grande escala. Uma sociedade individualista cujas bases estão alicerçadas no mercado e no consumo. Percebe-se aí, uma abordagem que vai ao encontro da idolatria do mercado: o ter em detrimento do ser e que se afasta de uma concepção de vivência da espiritualidade no seu sentido pleno, uma vez que a felicidade é um estado durável de plenitude, satisfação e equilíbrio físico e psíquico, não podendo ser mensurada ou quantificada, por meio de bens não duráveis que uma pessoa possui. Nas palavras de Bauman:

Numa sociedade de consumidores, de maneira correspondente, a busca da felicidade- o propósito mais invocado e usado nas campanhas de marketing destinados a reforçar a posição dos consumidores para se separarem do seu dinheiro tende a ser redirecionada do fazer coisas ou de sua apropriação para sua remoção, tão logo seja necessário. Sim, é verdade que na vida “agorista” dos cidadãos da era consumista, o motivo da pressa é, em parte, o impulso de adquirir e juntar. Mas o motivo mais premente que torna a pressa de fato imperativa é a necessidade de descartar e substituir⁸.

Esse individualismo crescente, o consumismo, aliados ao excesso de informação, têm provocado uma alienação de grande parcela da sociedade, levando a um automatismo, um círculo vicioso, uma busca desenfreada pela satisfação a todo custo. Para Bauman (2009), a realidade, na contemporaneidade, revela uma situação que denuncia a necessidade de uma nova ordem, pois se está diante de um círculo vicioso em que a indústria do consumo se apresenta disposta a satisfazer as necessidades humanas, como também a criar outras. Esse processo, associado à urbanização, ao imediatismo e à individualização, leva o homem a viver na superficialidade.

5 Valdelene N. de A. PEREIRA. *Medicina e espiritualidade: a importância da fé na cura de doenças*, p.40.

6 Zygmunt BAUMAN, *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*, p.22-24.

7 Zygmunt BAUMAN, *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*, p.22-24.

8 Zygmunt BAUMAN, *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*, p.50-52.

Nesse cenário, que a sociedade aponta para várias direções, mas não se detém particularmente em nenhuma, com valores deslizantes e instáveis o homem contemporâneo, buscando compreender-se e compreender melhor o mundo em que vive também se aproxima de questões relacionadas à sua própria espiritualidade, o que tem gerado um renovado interesse pelas religiões e por experiências concernentes à espiritualidade. Aproximações espirituais e religiosas diversificadas, voltada para a metafísica de influência oriental, de crenças espiritualistas, animistas e paracientíficas, geralmente, propondo um novo modelo de consciência moral, psicológica e social, para a relação do meio – da natureza, do cosmo, da física quântica etc. Na visão de Figueira (2014) essas diferentes formas de expressão têm colocado à disposição das pessoas uma infinidade de opções de escolha e a possibilidade de migrar de uma para outra, caso não se sintam satisfeitas.

A física moderna caracterizada como orgânica, holística e ecológica, traz uma visão voltada para a totalidade resultante da interdependência orgânica entre tudo tem, onde o universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico. Essa é uma concepção holística que, de acordo com Júnior (2006) tem como base o esforço de surpreender o todo nas partes e as partes no todo. Tal maneira leva sempre a descobrir uma síntese que organiza, ordena, regula e finaliza as partes num todo e cada todo em outro todo maior.

A ecologia holística funda teoria e prática que relacionam e abrangem todos os seres uns com os outros e com o meio ambiente, no ponto de vista imensamente pequeno das partículas elementares, imensamente grande do espaço cósmico, imensamente e infinitamente complexo dos sistemas vivos, do profundo universo do coração humano e do mistério infinito do oceano de energia originária que é gerador do provir de tudo⁹.

De acordo com Faria¹⁰ a Espiritualidade holística se define como sendo um modo de viver a fé e a relação com o Sagrado, para além dos modos convencionais das religiões institucionalizadas, isto é, de forma corpórea, integrada e afetiva. Nesse sentido, o Sagrado passa a ser revisitado sob novo olhar, novas perspectivas. Uma espiritualidade holística é aquela que considera a integração entre a razão, o corpo e os sentimentos, o modo de ver a si mesmo, os outros e o mundo como um todo interligado, em relação e não separado.

A VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE AUXILIANDO A SAÚDE

A saúde é antes de tudo, harmonia do indivíduo, em corpo e espírito, com o ambiente físico, social e cultural e que a doença é o oposto, ou seja, a desarmonia, o desequilíbrio, a comunicação perturbada entre indivíduo e meio ambiente. De acordo com Pereira¹¹, a saúde pode ter seu conceito ligado à consciência de bem-estar, advindo do processo de harmonização entre os comportamentos psíquicos, orgânicos, socioculturais, ambientais e espirituais; A doença por sua vez aconteceria como resultado da fragmentação do ser em: mente e corpo, visão de mundo e organização social.

Estudos empíricos ligados à área da saúde demonstraram que a vivência da espiritualidade traz benefícios para a saúde física e mental, consistindo numa poderosa

9 Silvío Luiz JUNIOR & Wolitz de Almeida. *Holismo e Espiritualidade Cristã*, p.26.

10 Silvío Luiz JUNIOR & Wolitz de ALMEIDA. *Holismo e Espiritualidade Cristã*, 2021.

11 Valdelene N. de A. PEREIRA, *Medicina e espiritualidade: a importância da fé na cura de doenças*, p.42-43.

aliada no tratamento de doenças cardiovasculares e de outros órgãos. De acordo com a cardiologista Lucélia Magalhães e outros profissionais da medicina, Ciência e Espiritualidade se somam quando o assunto é saúde, visto que esta proporciona sentimentos como perdão, gratidão, empatia e otimismo, responsáveis por produzir e a liberação de substâncias antiestresse, como serotonina e endorfina, que são benéficos à saúde - vascular.

Um estudo desenvolvido no ano de 2000, pelos estudiosos Pargament, Koenig e Perez foi responsável por criar o conceito de “*Coping*”, que é a busca por definir como a utilização da religião, espiritualidade e da fé para o manejo do estresse, representa um importante aspecto na área da saúde com possíveis implicações no tratamento de doenças.

De acordo com Pereira (2015), o *Coping* é um vocábulo de origem inglesa, sem correspondente literal na língua portuguesa, mas que diz respeito ao enfrentamento, manejo e adaptação. Para Panzini e Bandeira¹² entendem que o *Coping* Religioso Espiritual positivo é o estabelecimento de estratégias que proporcionam efeito benéfico ao praticante, como por exemplo, procurar amor/proteção em Deus, buscar ajuda na literatura religiosa, buscar perdoar e ser perdoado, orar pelos outros, resolver problemas com o auxílio de Deus e ver no sofrimento uma oportunidade de crescimento espiritual e religioso.

Por meio de estudos empíricos, Andrew Newberg neurocientista americano, e professor de Medicina Integrativa em uma abordagem neurológica pesquisou sobre os rastros da espiritualidade no cérebro. Na pesquisa, utilizou-se a imagem cerebral, que evidencia a influência da meditação e oração no processo cerebral. Usando imageamento cerebral, observou o que acontece quando alguém medita ou reza. Medindo o fluxo da corrente sanguínea dos voluntários, avaliou que áreas eram responsáveis pela sensação de transcendência. Ele chegou à conclusão de que quanto mais as pessoas se aprofundam nessas práticas de meditação e oração mais ativos ficam o lobo frontal e o sistema límbico. O primeiro é onde se localiza nossa capacidade de concentração e atenção; o segundo é onde sentimentos poderosos, como a resiliência, superação, aceitação são processados. Ao mesmo tempo em que o lobo central e o sistema límbico ficam mais ativos. O neurocientista postula que “Deus não é resultado de um processo de raciocínio, Ele foi descoberto misticamente, pelo próprio maquinário cerebral. O homem não inventou Deus, o experimentou”.

Do mesmo modo outros estudiosos, cientistas de diversas partes do mundo, chegaram à conclusão que há uma parte em nós que responde pelo cultivo dessa totalidade. Eles observaram que a base biológica da espiritualidade se situa no lobo frontal do cérebro, eles a denominaram de “ponto Deus”, que é acionado, provocando uma aceleração das vibrações dos neurônios aí localizados, sempre que há uma experiência significativa de totalidade, ou quando há uma abordagem de realidades últimas, ou realidades carregadas de sentido e que produzem atitudes de adoração, veneração, devoção e respeito, em experiências de meditação, contemplação e oração, ou ainda àquelas relacionadas ao exercício e manifestação da criatividade.

De acordo com Boff¹³ salienta que o “ponto Deus” se revela por meio de valores intangíveis: mais compaixão, mais solidariedade, mais sentido de respeito e de dignidade, não é apenas pensar Deus, mas senti-lo mediante esse órgão interior. O autor ainda coloca que delimitar um lugar não significa dizer que Deus esteja apenas nesse ponto dos neurônios, pois Deus abarca o todo.

De acordo com Kearns (2021, p.25), a finalidade de toda espiritualidade é facilitar uma experiência de Deus e de seu amor em nossa vida. Para ele a espiritualidade é um

12 Valdelene N. de A. PEREIRA, *Medicina e espiritualidade: a importância da fé na cura de doenças*, p.32.

13 Leonardo BOFF, *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

processo em que descobrimos um Deus pessoal nos amando, que espera uma resposta de amor e que desemboque no amor próximo.

“ponto Deus” é um órgão interno pelo qual percebemos a presença de Deus em todas as coisas e em nós. Assim como a evolução caminhou de tal forma a produzir em nós os vários órgãos – os olhos para ver, o olfato para captar os odores, os ouvidos para ouvir, o tato para sentir, a boca para comer e falar –, e com todos eles internalizarmos o universo para dentro de nós, ela também criou essa capacidade interna que nos abre o acesso a Deus¹⁴.

Foi com base nesses estudos que a física e filósofa Danah Zohar desenvolveu uma pesquisa sobre a existência de uma inteligência capaz de ampliar os horizontes das pessoas: a Inteligência Espiritual. A respeito do “ponto Deus”, a autora afirma se “tratar de uma espécie de órgão interior pelo qual se capta a presença do Inefável dentro da realidade” (2004).

Ainda de acordo com Zohar, o que caracteriza uma pessoa com uma Inteligência Espiritual altamente desenvolvida é a capacidade de ser flexível, um elevado grau de autopercepção, a capacidade de ser resiliente, de utilizar a dor e o sofrimento como oportunidade de crescimento, e a qualidade de ser inspirado por valores positivos como solidariedade, empatia, senso de justiça, ética. Um indivíduo com inteligência espiritual, possivelmente também será um líder inspirado pelo desejo de servir, responsável por trazer e agregar esses valores ao próximo e lhe mostrar como usá-los.

A ESPIRITUALIDADE NUCLEAR AO CRISTIANISMO

Até a Idade Média¹⁵, a sociedade era essencialmente teocêntrica (Deus no centro de tudo), orientada e voltada para Deus em todas as suas ações, experiências e procedimentos. Todas as perguntas para as quais o homem não tinha respostas se relacionavam ao misticismo¹⁶, a sua crença e fé em Deus.

Esse pensamento foi abalado de forma profunda pelo Renascimento, pelo Humanismo e pela Revolução Científica, ocorrida no século XV E XVI. A mudança do estilo de vida, e as transformações ocorridas nesse período desenvolveram o

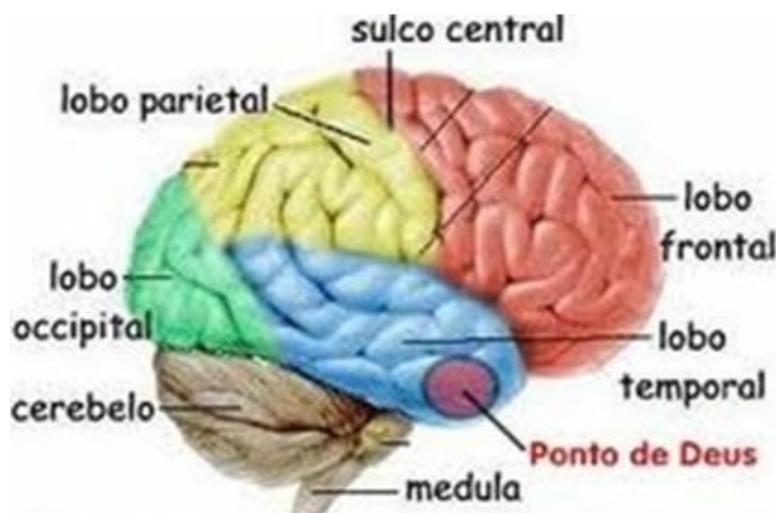


Figura 1: O cérebro humano e a localização do “ponto Deus”
<https://institutedelongevidademag.org/longevidade-e-comportamento/ponto-de-deu>

14 Leonardo BOFF, *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ética e na espiritualidade*, p.1.

15 Idade Média: período medieval na Europa, entre os séculos V e XV. Inicia-se com a queda do Império Romano do Ocidente e termina durante a transição para a Idade Moderna.

16 Misticismo: Contato com o espiritual.

antropocentrismo. Essa concepção de mundo atribuiu ao ser humano uma posição de centralidade a todo o universo, sugerindo que o homem deveria ser o centro das ações, das expressões culturais, históricas e filosóficas, afastando o homem da ligação forte que mantinha com o Sagrado, buscando assim, dar uma resposta racional para todas as coisas.

Atualmente, percebe-se uma quebra de valores e paradigmas, gerando mudanças em diversos âmbitos da sociedade, levando o homem pós-moderno a sensação do vazio existencial, e a procura de práticas espirituais diversas que o ajude a encontrar um sentido para a existência.

Do ponto de vista cristão, homens espirituais são aqueles que estão cheios do Espírito de Cristo, esse sopro de vida que preenche todo o ser da pessoa. A vida de Jesus é a boa notícia, o verbo encarnado do qual procede dentro da fé cristã, à raiz de toda espiritualidade. No Cristianismo, Jesus é o centro da Espiritualidade, porque a manifestação máxima da expressão do Espírito, sua característica, seu parâmetro e fonte estão na pessoa de Jesus, em sua vida e ensinamentos: “Mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até os confins do mundo” (At 1,8)

A Espiritualidade Cristã é atribuída a todo homem que crê em Jesus Cristo. (Jo 3,34; 14,12). Uma dimensão da Espiritualidade Cristã que merece destaque é a Dimensão trinitária: A vida do cristão procede e tende à comunhão com um Deus trino: Pai (criador de todas as coisas), Filho (redentor do universo) e Espírito Santo (a união entre o Pai e o Filho). Essa dimensão passa a ser vivida no recebimento do batismo sacramental, sacramento que foi instituído por Cristo (Mt 3,11; 28,19).

O Encontro pessoal com Jesus reflete numa conversão de atitudes e valores. Acolher Jesus no coração e direcionar a vida para Ele implica em buscar constantemente o Bem, o perdão, a justiça, a solidariedade, a caridade, a paz, a brandura, a temperança e o amor. Caminhar com Jesus, implica contribuir na construção de uma sociedade mais justa, igualitária, que proporcione uma vida digna a todas as pessoas, essa vivência no Cristianismo só é possível por meio da presença do Espírito de Jesus Cristo em nós. Nas Suas palavras: “*Sem Mim nada podeis fazer*” (Jo 15,1-5)

De acordo com Kerns¹⁷, a espiritualidade autêntica sempre termina na prática da caridade. A espiritualidade cristã não é intimista, não é fechada apenas nas necessidades de quem a pratica. Ao desenvolver a Espiritualidade, o ser humano também desenvolve a sua fé. De acordo com Kerns¹⁸, sem a experiência do amor de Deus não há fé, e sem fé não há espiritualidade nem a possibilidade de uma experiência de intimidade mútua.

A vista disso, James William Fowler, pesquisador e estudioso americano do desenvolvimento humano e religioso elaborou, por volta de 1992, uma teoria que contemplasse os estágios da fé. De acordo com Silva¹⁹, Fowler parte da concepção de uma fé humana, como fundamental para o desenvolvimento de uma fé religiosa. A fé é interativa, parte integrante da personalidade e emerge das primeiras experiências da vida humana. As sementes da fé favorecem a busca do sentido da vida e do crescimento da espiritualidade no ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da humanidade é marcada pela construção de valores, cosmovisões e paradigmas na tentativa de responder questionamentos sobre a condição existencial: de onde viemos, para onde vamos, porque estamos aqui, qual o sentido da nossa vida. Por

17 Maria E.A. SILVA, *O processo de desenvolvimento da fé e a formação docente, a partir de James. W. Fowler*, p.26.

18 Maria E.A. SILVA, *O processo de desenvolvimento da fé e a formação docente, a partir de James. W. Fowler*, p.26.

19 Maria E.A. SILVA, *O processo de desenvolvimento da fé e a formação docente, a partir de James. W. Fowler*, p.32.

meio das narrativas bíblicas, sobretudo, no livro de Gênesis, compreende-se que Deus é o criador de todas as coisas, “O Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1,1). “E ao criar o ser humano, inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida” (Gn 2,7). As histórias bíblicas relacionadas ao plano da criação da redenção, do chamado de Abraão, Moisés e outros profetas bíblicos nos mostram a vivência dessa espiritualidade da Criatura com o Criador. É Deus quem vai ao encontro do ser humano, que o chama a fazer uma aliança, a viver na amizade e na liberdade para com Ele.

O ensinamento, por mais imaginativo e popular que seja, é denso e profundo: Deus é o criador do mundo e é distinto do universo. O mundo é bom. A finalidade da Criação é a paz de Deus, figurado no repouso do sétimo dia. O homem foi criado da terra, mas animado de um sopro de vida. Destina-se ele a viver na amizade com Deus, que lhe concedeu a liberdade²⁰.

Jesus Cristo, centro de toda espiritualidade cristã, filho de Deus, perfeito por excelência, se fez Homem, a fim de ensinar os homens, a se encontrarem com Ele, por meio de uma vivência espiritual autêntica e geradora de vida plena. Jesus ensinou seus discípulos e seguidores e continua passando pelos caminhos, chamando a todos que o escutam a viver essa proposta, arraigada no amor, na compaixão ao próximo, numa vida de doação e intimidade com Deus.

Um chamado que vai ao encontro da vivência de uma espiritualidade plena, que combata o egoísmo, a superficialidade, e o individualismo. Que valorize e se comprometa com a vida; que saia do vitimismo e encontre no sofrimento uma oportunidade de ressignificação da vida. Uma espiritualidade enraizada no Cristo, é aquela que promove o Bem, a justiça social, a solidariedade, a ética, que está firmada no Reino Celeste, podendo ser vivida concretamente no plano terreno, mas que extrapola a realidade terrena, uma vez que seu seguimento implique em cada vez mais se tornar um com Ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN. Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BAUMAN. Zygmunt. *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BOFF. Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BOFF. Leonardo. *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ética e na espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- Espiritualidade. *Cardiologia Comportamental e Social*. Revista *SOCESP*. Vol. 30, n.3, 2020. Disponível em <https://issuu.com/larissadigitalsolvers/docs/revistasocesep>
- FIGUEIRA. Adriana Barata dos Santos. *A Espiritualidade na contemporaneidade: Uma busca do homem mergulhado em sua subjetividade*. Recife: Tede, 2014.
- JUNIOR. Silvio Luiz & Wolitz de Almeida. *Holismo e Espiritualidade Cristã*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5230> Acesso em: 15/03/2021.
- NEWBERG. Andrew & Eugene G. D'aquili. Rause. Vince. *Why GOD won't go way*. Brain Science e the Biology of belief. (Porque Deus não vai embora. Ciência do cérebro e a Biologia da crença), E.U.A. Ed. Ballantine Books. 2002.
- OLIVEIRA. Michael. *Como desenvolver a Inteligência Espiritual*. Junho 2018. Disponível em: <https://liderhd.com/como-desenvolver-sua-inteligencia-espiritual/>
- PEREIRA. Valdelene Nunes de Andrade. *Medicina e espiritualidade: a importância da fé na cura de doenças*. Aparecida: Ed. Santuário. 2015.

20 *BÍBLIA Sagrada*, Edição Ave-Maria, p.17.

SILVA. João Bernadino & SILVA Lorena Bandeira. *Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida*. Revista Logos & existência. Revista da associação brasileira de logoterapia e análise existencial v.3 n.2, Paraíba, 2014.

SILVA. Maria Eliane Azevedo. *O processo de desenvolvimento da fé e a formação docente, a partir de James. W. Fowler*. X Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. Pontifícia Universidade católica do Paraná. Curitiba. 7 a 10 de novembro de 2011.